UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Milena Callegari Cosentino

**A memória coletiva e a construção da identidade em famílias da
Sociedade Israelita de Ribeirão Preto**

RIBEIRÃO PRETO – SP

2013

MILENA CALLEGARI COSENTINO

**A memória coletiva e a construção da identidade em famílias da
Sociedade Israelita de Ribeirão Preto**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Área de Concentração: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Cosentino, Milena Callegari

A memória coletiva e a construção da identidade em famílias da Sociedade Israelita de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2013.

213 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação.

Orientadora: Massimi, Marina.

1. Memória Coletiva. 2. História Oral. 3. Construção da Identidade.
4. Descendentes de Imigrantes Judeus.

Nome: Cosentino, Milena Callegari

Título: A memória coletiva e a construção da identidade em famílias da Sociedade Israelita de Ribeirão Preto

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura: _____

Ao povo judeu, o qual me inspirou e ensinou que:

“Os costumes são mais poderosos que as leis.”

(Textos Judaicos)

AGRADECIMENTOS

“Sábio é aquele que de todos aprende.”

(Textos Judaicos)

Agradeço primeiramente a Deus, porque Nele estão as fontes da sabedoria e do conhecimento. Ele é o autor da vida, meu refúgio e minha fortaleza.

Ao meu esposo, Asael, pelo amor, cuidado, compreensão, incentivo e incansável ajuda!

Aos meus pais, Sinésio e Lúcia, por terem me criado e ensinado grandes valores e, inclusive, a importância dos estudos. Obrigada por investirem em mim!

Ao meu irmão, Fábio, pela amizade e companheirismo ao longo de toda a vida!

À minha nova família – os Cosentino e agregados – pelo carinho e apoio de sempre!

À minha querida orientadora Prof. Dra. Marina Massimi, por apostar em mim, sonhar comigo e me ajudar a ir além.

Aos meus amigos do grupo de pesquisa, por me ajudarem a olhar novos horizontes, desenvolver um pensamento crítico-reflexivo e amadurecer academicamente. Agradeço especialmente ao Sandro, à Carol, ao Gabriel e à Gabriela que me ajudaram mais de perto. Mas também à Maira, Carmen, Eneida, Rodrigo, Adair, Zé Maurício, Sérgio, Lidiane, Nayara, Lívia, Giovana, Clara, Suzana e Josimar. Muito obrigada, pessoal!

Agradeço especialmente à Prof. Dra. Carla Guanaes Lorenzi e à Prof. Dra. Kátia de Souza Amorim pelas direções, correções, dicas e pelo incentivo dado no meu exame de qualificação. Seus apontamentos me ajudaram enormemente!

Também sou grata à Prof. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich por confiar a mim a leitura da sua tese ainda não publicada de Pós-Doutorado, a qual me despertou para uma escrita mais envolvente!

Agradeço à Sociedade Israelita de Ribeirão Preto pelas informações fornecidas e também pelo contato, confiança e respaldo. Espero poder contribuir com este trabalho.

Às minhas amigas Renata e Nívea que, mesmo de longe, estão presentes e me incentivam a superar cada nova etapa. Vocês me ajudaram a crescer!

À Míriam, meu muito obrigada pela ajuda com os contatos dos participantes, pela confiança depositada e por seu entusiasmo inspirador!

Agradeço à Pra. Elaine e sua equipe, pela amizade, orações e apoio!

Às minhas amigas-discípulas, que me inspiram a nunca desistir de ir além!

Agradeço à CAPES e à FAPESP pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa.

Na procura de conhecimentos,
o primeiro passo é o silêncio,
o segundo ouvir,
o terceiro relembrar,
o quarto praticar
e o quinto ensinar aos outros.
(Textos Judaicos)

RESUMO

Cosentino, M. C. (2013). *A memória coletiva e a construção da identidade em famílias da Sociedade Israelita de Ribeirão Preto*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

As mutações da sociedade atual e a aceleração do tempo histórico levam a um impulso de coesão *com e no* passado, de arraigo às origens, buscando pistas de identidade contidas nesse passado coletivo. Os fenômenos da globalização parecem conduzir a uma necessidade de enraizamento e de continuidade; necessidades preenchidas pela memória. Esta, na perspectiva de Maurice Halbwachs, possui ao mesmo tempo um caráter individual e um coletivo, sendo, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais. Revela tanto aspectos da identidade pessoal como social e aponta qual lugar os indivíduos e os grupos ocupam na sociedade. A tradição judaica é a tradição da memória por excelência e a história do povo judeu ilustra os mecanismos da memória e da lembrança. Nesta tradição os rituais e os relatos são canais que transmitem a memória através dos tempos. O objetivo desta pesquisa foi estudar como membros e familiares de uma comunidade judaica vivem a memória coletiva e o que isso significa em suas vidas cotidianas, visando apreender o processo de construção da identidade individual. Entrevistamos 13 pessoas, de cinco famílias diferentes, descendentes de judeus que imigraram para o Brasil. O contato foi proporcionado pela Sociedade Israelita de Ribeirão Preto. Para entrevistar, utilizamos o método da história oral, uma narrativa linear e individual do que os participantes consideram significativo. Neste método, a memória é uma forma de evidência histórica e deve ser analisada como tal. Considerando que na memória as pessoas constroem um sentido do passado, a reflexão ocupa um lugar fundamental para a ressignificação deste passado recordado. As entrevistas, gravadas e transcritas, são apresentadas na íntegra. Os participantes são categorizados em grupos, por família e grau de parentesco. Família 1: Maria (filha), Fernando (neto) e Calebe (neto); Família 2: Patrícia (filha) e Iracy (neta); Família 3 : Antônio (filho), Josy (neta) e Alex (neto); Família 4: Vânia (filha) e Talita (neta); Família 5: Zélia (filha), Daniel (neto) e Raquel (neta). Os nomes são fictícios visando preservar sua identidade. Nas entrevistas notamos uma riqueza pela diversidade e semelhança: são pessoas da mesma família ou de famílias diferentes, que percebem e elaboram a experiência de suas famílias de modos distintos, particulares, complementares e às vezes parecidos, que enriquece a análise e favorece a reflexão, servindo de modelo para alguns aspectos da vida. Também percebemos um processo de construção da identidade: necessidade de contar ou silenciar; como enfrentam eventos traumáticos; como preservam ou não a religião e as tradições; as mudanças ao longo das gerações; a relação com o trabalho e o meio em que vivem; os valores herdados e transmitidos para as próximas gerações, entre outros aspectos que surgiram nas narrativas. O conceito de memória coletiva iluminou a maneira de olharmos para os participantes e seus relatos. Possibilitou que notássemos o que ficou do passado no grupo estudado e o que o grupo fez com o passado. Mais do que conclusões ou pressupostos, alertamos que as entrevistas possuem infindáveis conteúdos para serem explorados e apenas alguns destes aspectos foram abordados neste estudo.

Palavras-chave: Memória Coletiva; História Oral; Construção da Identidade; Descendentes de Imigrantes Judeus.

ABSTRACT

Cosentino, M. C. (2013). *The collective memory and identity construction in families from Israeli Society of Ribeirão Preto*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Changes in society and the current acceleration of historical time lead to a impulse and cohesion with the past, to root of the origins, seeking identity clues contained in this collective past. The phenomena of globalization seem to lead to a need for rootedness and continuity; these needs are filled by the memory. From the perspective of Maurice Halbwachs memory has both an individual and a collective character, being partly shaped by family and social groups. It reveals both aspects of personal and social identity and points which place individuals and groups occupied in society. The Jewish tradition is the tradition of memory by excellence and the Jewish people's history illustrates the mechanisms of memory and remembrance. In this tradition rituals and accounts are channels that transmit memory through the ages. The aim of this research was to study how members and relatives from Jewish community live the collective memory and what it means in their everyday lives, in order to apprehend the process of individual identity construction. We interviewed 13 people from five different families, descendants of Jews who immigrated to Brazil. The contact was provided by the Israeli Society of Ribeirão Preto. To interview, we used the oral history method, a linear and individual narrative of what the participants considered significant. In this method, the memory is a way of historical evidence and should be considered as such. Considering that in memory people build a sense of the past, reflection occupies a key place to resignification this past remembered. The interviews were taped and transcribed, are presented in full. Participants are categorized in groups by family and parentage. Family 1: Maria (daughter), Fernando (grandson) and Calebe (grandson); Family 2: Patricia (daughter) and Iracy (granddaughter); Family 3: Antônio (son), Josy (granddaughter) and Alex (grandson); Family 4: Vânia (daughter) and Talita (granddaughter); Family 5: Zélia (daughter), Daniel (grandson) and Raquel (granddaughter). The names are fictitious to preserve their identity. In the interviews we noticed a wealth of diversity and similarity: they are people from the same family or different families, who realize and elaborate their families experience in different, particular, complementary and sometimes similar ways, which enriches the analysis and encourages reflection, serving as a model for some aspects of life. Also realize a process of identity construction: need for tell or silence; how they face traumatic events; how preserve or not religion and traditions; changes over the generations; the relationship with the work and the medium in which they live; values inherited and transmitted to the next generations, among other aspects that emerged in the narratives. The concept of collective memory illuminated the way we look into the participants and their accounts. Enabled us to observe what became from the past in the group studied and what the group made with the past. More than conclusions or assumptions, we caution that the interviews have countless content to be explored, and only some of these aspects were approached in this study.

Keywords: Collective Memory; Oral History; Identity construction; Descendants of Jewish Immigrants.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Motivações e Escolhas	12
1.2. Objetivos	13
1.3. Breve apresentação da Sociedade Israelita de Ribeirão Preto (SIRP)	14
1.4. A Memória Coletiva	16
1.4.1. Algumas definições de memória	17
1.4.2. Memória e história	18
1.4.3. Memória coletiva	20
1.4.4. Memória coletiva e fontes orais	23
1.4.5. Os judeus e a memória coletiva	24
2. O CAMINHO TRILHADO	27
2.1. O contato com os participantes	27
2.2. Coleta dos dados: O método da história oral	28
3. OS PARTICIPANTES E SEUS RELATOS	32
3.1. Família 1: Maria, Fernando e Calebe	32
3.1.1. Filha: Maria	33
3.1.2. Neto: Fernando	60
3.1.3. Neto: Calebe	69
3.2. Família 2: Patrícia e Iracy	76
3.2.1. Filha: Patrícia	76
3.2.2. Neta: Iracy	94
3.3. Família 3: Antônio, Josy e Alex	108
3.3.1. Filho: Antônio	108
3.3.2. Neta: Josy	114
3.3.3. Neto: Alex	118
3.4. Família 4: Vânia e Talita	122
3.4.1. Filha: Vânia	122
3.4.2. Neta: Talita	143
3.5. Família 5: Zélia, André Daniel e Raquel	150
3.5.1. Filha: Zélia	150
3.5.2. Neto: André Daniel	167
3.5.3. Neta: Raquel	176

4. A MEMÓRIA COLETIVA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.	181
4.1. A memória do silêncio.	186
4.2. As mudanças no decorrer das gerações.	190
4.3. Orgulho x Medo.	194
4.4. O pertencer ao povo judeu.	198
4.5. Envolvimento com a SIRP.	205
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	209
ANEXOS	1
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para maiores de idade.	1
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menores de idade.	2
ANEXO C – Roteiro das Entrevistas.	3

A MEMÓRIA COLETIVA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM FAMÍLIAS DA SOCIEDADE ISRAELITA DE RIBEIRÃO PRETO

1. INTRODUÇÃO

“A recompensa do estudo é a compreensão.”
(Textos Judaicos)

1.1.Motivações e Escolhas.

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu em uma viagem que fiz a Israel¹ no ano de 2008. Lá conheci alguns judeus² e inclusive um jovem casal, que estava com o casamento agendado. Eles contaram que percebiam que, em Israel, a maioria dos jovens não queria se casar e constituir família, pois tinham medo de perderem os que amam em guerras. Este medo resultava dos traumas que haviam sofrido ao longo da história, incluindo o Holocausto³. Este tema me instigou muito, pois eles não viveram a época do Holocausto e provavelmente nem mesmo seus pais viveram, mas eles carregavam consigo essas “lembranças”, esses acontecimentos do passado que dizimaram milhões de judeus, e, conseqüentemente, o medo de se apegar a alguém e perder essa pessoa permanecia.

Voltando de Israel, me propus a conhecer um pouco mais de perto este grupo de pessoas: os judeus. Conheci a Sociedade Israelita de Ribeirão Preto (SIRP) e participei

---

¹ Israel: País do sudoeste da Ásia situado a parte mais oriental do Mar Mediterrâneo. Historicamente é o primeiro nome que aparece no Velho Testamento da Bíblia como uma denominação adicional dada por Deus a Jacó, ancestral dos hebreus, cujo nome foi mudado para Israel, que significa “aquele que lutou com Deus”. Os hebreus que ocuparam a Palestina nos séculos 12 e 11 a. C. chamavam-se a si mesmos “filhos de Israel” (Folha de S. Paulo, 1996, p. 510).

² Judeus: Povo que descende historicamente dos hebreus e cuja a religião, ou identidade cultural e política, é o judaísmo (Folha de S. Paulo, 1996, p. 532).

³ Holocausto: Termo utilizado para descrever a tentativa de extermínio dos judeus na Europa nazista de 1933 a 1945 (Folha de S. Paulo, 1996, p. 459).

de alguns eventos, festas culturais e religiosas e de algumas das reuniões semanais (Shabats) realizadas por eles.

Não contente, propus um projeto de Iniciação Científica, no qual estudei quatro autores da Psicologia Contemporânea que eram judeus e viveram no período da Segunda Guerra Mundial – Kurt Lewin, Viktor Frankl, Bruno Bettelheim e Edith Stein – no intuito de observar se havia alguma influência de suas vivências e cultura em suas obras (Callegari, 2010a; Callegari e Massimi, no prelo). Em um segundo momento deste trabalho, entrevistei um judeu sobrevivente da Segunda Guerra Mundial e seus descendentes, buscando ver se a experiência traumática se mantinha ao longo das gerações (Callegari, 2010b; Callegari e Massimi, 2012).

Terminando esse trabalho, me deparei com a necessidade de ampliar o tema. Julguei ser necessário entrevistar outras famílias de membros da SIRP, que eram descendentes de imigrantes judeus, os quais vieram para o Brasil em diferentes momentos históricos, não restringindo apenas ao Holocausto, mas a outras dificuldades que enfrentaram no decorrer de suas vidas.

1.2. Objetivos.

Diante do percurso realizado anteriormente, o principal objetivo desta pesquisa é estudar como os membros e familiares de uma comunidade judaica⁴ vivem a memória coletiva e o que isso significa em suas vidas cotidianas, considerando a diversidade das experiências individuais, visando apreender o processo de construção da identidade individual.

A memória coletiva e a memória social ajudam a ter uma visão mais integrada dos participantes, pois ao elaborarem suas narrativas, a memória tem papel fundamental e auxilia a uma análise mais “global”, uma vez que nos permite “ver a pessoa por inteiro”. Por isso, o conceito de memória coletiva é muito pertinente para o enfoque da análise dos dados desta pesquisa, uma vez que o objeto do estudo são indivíduos que fazem parte de uma família, vinculados a um povo: o povo judeu. Vale ressaltar, que este povo é característico de transmitir as experiências e vivências do passado às próximas gerações e preservar a cultura e as tradições.

---

⁴ Judaico (a): que diz respeito aos judeus (Fernandes, Luft e Guimarães, 1997).

Em sua tese de pós doutorado, Elaine Pedreira Rabinovich (2013) ilustra sua situação com o texto de Mário Vargas Llosa – “O falador” – em que, em uma tribo de índios, o antropólogo se identifica imensamente com os nativos, ao ponto de se tornar um deles e ser o “falador”, que contava as histórias do povo. Rabinovich remete a si este papel de “falador” ao contar a história da sua família, imigrantes judeus que se instalaram no Rio Grande do Sul. Estaria eu neste papel de “falador”? Contando aqui uma história que não é a minha, e de um povo que não é o meu, mas pelo qual me apaixonei?

“O coração vê melhor do que os olhos.”
(Textos Judaicos)

1.3. Breve apresentação da Sociedade Israelita de Ribeirão Preto (SIRP).

A SIRP⁵ é uma associação sócio-cultural e religiosa que congrega a comunidade judaica de Ribeirão Preto: aproximadamente 80 pessoas. Ela foi fundada no ano 2000 por alguns israelenses que passaram a morar em Ribeirão Preto para trabalhar na empresa de irrigação Netafim. Estes localizaram alguns judeus que viviam nesta cidade, os quais também haviam mudado para estudar ou trabalhar.

Começaram realizando o *Shabat*⁶ na própria Netafim, depois passou a ser na casa de um dos membros fundadores da SIRP. Atualmente, há uma sede da instituição localizada na Rua João Godoy.

O *Shabat* é regularmente conduzido por um *Hazan*⁷ (F. H.), que tem mais de 90 anos e que é o símbolo da preservação das tradições judaicas na cidade. Atualmente ele conta com a ajuda de outros associados para a celebração das orações. A SIRP possui uma classe de educação judaica infantil, que transmite conteúdo judaico de forma lúdica e moderna; comemora as datas de *Pessach*⁸ (Páscoa Judaica) e *Rosh Hashaná*⁹ (Ano

---

⁵ SIRP (2012): Conteúdo fornecido pela própria Sociedade Israelita de Ribeirão Preto. Contato: sirp.informativo@gmail.com

⁶ Shabat: Celebração do dia de descanso semanal, do anoitecer de sexta feira ao entardecer de sábado, em respeito ao dia em que Deus descansou no sétimo dia após criar o mundo (SIRP, 2012).

⁷ Hazan: Oficiante das orações da cerimônia do shabat, recitadas com melodia musical (SIRP, 2012).

⁸ Pessach: (em português, “passagem”) celebra a libertação dos filhos de Israel depois de mais de dois séculos de escravidão no Egito, no segundo milênio antes de Cristo. Marca o renascimento dos judeus como um povo livre (Congregação Israelita Paulista, 2013).

Novo Judaico), realizando os ofícios religiosos seguido de um jantar comunitário e de confraternização. Também comemora as outras datas do calendário judaico, como *Purim*¹⁰, *Sucot*¹¹, *Chánuca*¹², entre outras.

A SIRP participou diversas vezes do Festival Carmel de danças israelenses, com o grupo de danças (Dor Va Dor), teve aulas de Cultura e Religião Judaica com um professor de São Paulo (Z. Z.), o qual também ministrou aulas de *Bar Mitzvá*¹³ para os adolescentes de 13 anos. Atualmente outro professor ministra aulas de *Bat Mitzvá*¹⁴ para as meninas de 12 anos.

A SIRP tem assumido uma postura ativa na comunidade. Em conjunto com a Casa de Cultura de Israel e a FISESP¹⁵, a SIRP realizou um seminário de capacitação de professores sobre o Holocausto, o Projeto Lembrar, que foi aplicado nas escolas públicas municipais para as classes do ensino fundamental II e ensino médio. Além disso, Ribeirão Preto foi uma das primeiras cidades do interior de São Paulo a aprovar o Dia da Lembrança, para recordação das vítimas do Holocausto, passando o dia 29/11 a fazer parte do calendário oficial da cidade.

---

⁹ Rosh Hashaná: literalmente “cabeça do ano” em hebraico, marca o início de um período de dez dias de orações e introspecção, que culmina no Iom Kipur, o Dia do Perdão. Em Rosh Hashaná, costuma-se cumprimentar as pessoas ou enviar mensagens com o seguinte conteúdo: “Que você seja inscrito(a) e selado(a) para um bom ano” (Congregação Israelita Paulista, 2013).

¹⁰ Purim: é a data mais alegre do calendário judaico, a festa das crianças. Comemora com muita algazarra a vitória dos judeus da Pérsia – o atual Irã – contra uma tentativa de aniquilação encabeçada pelo vilão Haman, ministro do rei Achashverosh (Assuero). Os heróis são a rainha Ester, esposa judia de Achashverosh, e seu tio Mordechai, líder da comunidade judaica (Congregação Israelita Paulista, 2013).

¹¹ Sucot: A peregrinação dos judeus durante 40 anos, rumo à Terra Santa, após a libertação do Egito, onde eram escravos, é o motivo central da festa de Sucot, que significa, em hebraico, “tabernáculos” ou “cabanas”. O termo relembra o tipo de moradia que os judeus utilizavam no deserto (Congregação Israelita Paulista, 2013).

¹² Chánuca: é também conhecida como “Festa das Luzes” porque recorda o milagre do óleo que deveria durar apenas uma noite, mas manteve a chama acesa por oito noites, no Templo de Jerusalém (Congregação Israelita Paulista, 2013).

¹³ Bar Mitzvá: Cerimônia que marca a maioridade religiosa do menino de 13 anos, quando ele lê a Torá em público pela 1ª vez (SIRP, 2012).

¹⁴ Bat Mitzvá: Cerimônia que marca a maioridade religiosa da menina de 12 anos, quando ela estuda a Torá (SIRP, 2012).

¹⁵ FISESP: Federação Israelita do Estado de São Paulo (SIRP, 2012).

Dentre as principais realizações da SIRP pode-se destacar: a) A comemoração dos 60 anos de Israel, na Câmara Municipal, com a presença de vereadores e apresentação de Coral e dança folclórica israelense; b) A presença do Rabino Sobel em uma palestra sobre Direitos Humanos, no Teatro Pedro II, com 1200 lugares ocupados; c) O show com o Grupo Carmel da Hebraica no Teatro Municipal com grande arrecadação de alimentos para um orfanato da cidade; d) A participação na Feira das Nações representando Israel com apresentação de danças, objetos e comidas típicas israelenses; e) Participação nas reuniões de Direitos Humanos representando a *B'nei Brit*¹⁶ e nas manifestações de Paz no Oriente Médio, apresentando informações realísticas e imparciais sobre essas questões.

Em 2010 a SIRP completou 10 anos de existência e de realização de várias atividades para seus associados e para o público em geral. Houve uma comemoração que reuniu a comunidade judaica da cidade e diversos representantes da sociedade civil.

Além disso, conta com o apoio da FISESP em todas as atividades desenvolvidas, e atualmente tem o apoio da União Mundial do Judaísmo Progressista (WUPJ) e da Congregação Israelita Paulista (CIP), as quais estão realizando o Projeto Alcance nas pequenas comunidades e colaborando para a realização do Shabat com uma equipe de São Paulo.

1.4. A Memória Coletiva.

*“Sem as nossas tradições, somos tão instáveis
como um violinista no telhado.”*
(Filme: O violinista no telhado)

De acordo com Pierre Nora (1931-), as mutações da sociedade atual e a aceleração do tempo histórico que elas refletem, parece levar, simultaneamente, a um impulso de coesão *com* e *no* passado, de arraigo às origens, buscando algumas pistas de identidade contidas nesse passado coletivo. Os fenômenos da globalização parecem levar consigo uma necessidade de enraizamento, de continuidade, de sucessão, de encadeamento; necessidades estas que a memória preenche, em muitos casos (Cuesta, 2008).

---

¹⁶ B'nei Brit (Filhos da Aliança): Pacto de Deus com os descendentes de Abraão, que passaram a crer em um único Deus Onipresente e Onipotente (SIRP, 2012).

Neste sentido, “as transformações da sociedade de fim de século deixam ao homem sem pontos de referência e sem raízes” (Coenen-Huther, 1993, citado por Cuesta, 2008, p. 40, tradução nossa). O “novo narciso” se volta ao passado para encontrar nele uma âncora, uma identidade e também uma autenticidade, que desapareceu no mundo (idem).

Esta necessidade de enraizamento está relacionada aos traumas da segunda metade do século XX, os quais resultaram em um desenraizamento e uma perda dos referenciais coletivos. As gerações do presente são arremessadas à universalização de um “pensamento único” e de uma “realidade total”. Logo, os indivíduos e os grupos buscam ou inventam suas raízes, se arremessam em suas lembranças, se submergem no passado, no silêncio, no vazio, ou inventam suas tradições. Desta forma, a memória e as identidades coletivas se tornam o mastro a que se apegam (Cuesta, 2008).

“Se uma comunidade reconhece que viveu acontecimentos traumáticos e os utiliza na constituição de sua identidade, a memória coletiva perdura e a memória individual pode encontrar um lugar, ainda que transformada, dentro da paisagem” (Schwarzstein, 2011, pp. 80 e 81, tradução nossa).

1.4.1. Algumas definições de memória.

De acordo com Edwards, Potter & Middleton (1992), a memória normalmente é definida como retenção, armazenamento de informações e experiências; “a diferença entre o que entra e sai e do que se aprende ou reaprende” (p. 441, tradução nossa).

Para Le Goff (1992), a “memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (p. 423).

Já Ruosso (1993), apresenta a memória como uma reconstrução psíquica e intelectual que supõe uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é do indivíduo sozinho, mas de uma pessoa inserida em um contexto familiar, social, nacional. Nesse sentido toda memória é “coletiva” (Cuesta, 2008).

Josefina Cuesta (2008), professora de História Contemporânea na Universidade de Salamanca, Espanha, e que escreve sobre as relações entre memória e história, afirma que a memória revela tanto aspectos da identidade pessoal como social e aponta qual

lugar os indivíduos e os grupos ocupam na sociedade. De acordo com a autora, Maurice Halbwachs estabeleceu as bases do que seria a sociologia da memória desde os anos 30. As obras de Halbwachs, junto com as de H. Bergson e E. Durkheim, são fundamentais para adentrar-se neste conceito (Cuesta, 2008).

Para Halbwachs, a memória está associada a uma consciência coletiva, sujeita a variações, não só de uma sociedade a outra, mas também de uma classe social a outra. “Quando o agente e depositário é um grupo, a necessidade de memória vem impulsionada pelo reforço da própria identidade que, apoiada na lembrança, une o grupo e o potencia para pedir justiça ou o capacita para evitar algo ou consegui-lo” (Cuesta, 2008, p. 40, tradução nossa).

Nos trabalhos sobre a memória, a lembrança, o esquecimento e o silêncio estarão presentes em alguma das fases do fenômeno estudado. A memória também é capaz de produzir a emergência de um mito, um personagem ideal, ou de um contramito, de um personagem rejeitável. De acordo com Cuesta (2008), a história contemporânea está cheia de mitos e contramitos: o estrangeiro, o emigrante, o diferente, o “outro”.

1.4.2. Memória e história.

Durante muito tempo a história esteve associada à memória. O mérito da delimitação da memória como um objeto específico no campo das ciências sociais é dado ao sociólogo durkheimiano Maurice Halbwachs, que apontou a memória como o vivido, enquanto a história estaria restrita ao conceitual, marcada pelas divisões de tempo. Ele afirmava que “no desenvolvimento contínuo da memória coletiva não existem linhas de separação claramente traçadas como na história” (Halbwachs, 1997, p. 134, citado por Cuesta, 2008, p. 35, tradução nossa).

A memória de uma pessoa se apoia muito mais no passado vivido do que no aprendido por livros, pela história escrita. Há uma distinção entre a história vivida e a história escrita: a primeira possui todos os elementos necessários para construir um panorama vivo sobre o qual se baseia o pensamento para conservar e reencontrar a imagem do passado (Halbwachs, 2006).

Vale ressaltar que a memória coletiva se distingue da história pelo fato de ser uma corrente de pensamento contínuo e por viver na consciência do grupo que a mantém, não ultrapassando os limites desse grupo. Além do mais, a lembrança é

reconstrução do passado apoiada em dados do presente que foram preparados por outras reconstruções feitas em épocas precedentes, de onde a imagem anterior já saiu bastante alterada (Halbwachs, 2006).

Em vários aspectos a memória difere da história. A primeira está do lado da pluralidade, enquanto a segunda da unicidade. Além disso, a memória tem um olhar “de dentro”, enquanto a história tem um olhar mais distanciado do tema. Para Le Goff a memória é a matéria prima da história. A memória é apresentada por Cuesta (2008) como a “história vivida” e a história, por sua vez, como a “história contada” (p. 41). Hobsbawm (1989) também enuncia a história e a memória como dois conceitos diferentes e diferencia a memória escrita da oral, da coletiva e da individual (Cuesta, 2008).

Para Armando Valladares, o presente é o horizonte da memória e Le Goff afirma que “a memória não busca salvar o passado além do que para servir o presente e o futuro” (1993, citado por Cuesta, 2008, p. 50, tradução nossa). De acordo com Paul Ricoeur, a representação do passado começa com a memória e não com a história (Cuesta, 2008). Além disso, a memória não está presa no passado, mas recorre em um ir e vir mais ou menos coerente ao passado, presente e futuro (idem).

Gérard Namer, professor emérito de sociologia na Universidade de Paris VII em 2004, afirma que ambas, história e memória, se amparam no passado, mas a primeira para analisar e a segunda para sacralizar o passado, dar a ele uma coerência mítica em relação ao próprio presente para ajudar o grupo ou o indivíduo a viver ou sobreviver (Cuesta, 2008). De fato, ao se olhar para o passado, as dificuldades, desavenças, e más lembranças ficam menores, mais distantes, dando a impressão de uma realidade idealizada.

Josefina Cuesta aponta que “o eixo do tempo, e a relação entre passado e presente, é tão consubstancial às relações entre memória e história, que quando surge um passado intemporal estamos diante da presença do mito” (Cuesta, 2008, p. 50, tradução nossa). Neste sentido, a autora complementa que a memória é o “presente do passado”, tendo como identidade a função de estruturar e analisar (idem, p. 122). Além do mais, “Se a história generaliza para poder dar conta da complexidade do real, a memória singulariza, já que pertence, antes de tudo, ao indivíduo concreto que recorda” (J. Maurice, 2002, p. 13, idem, p. 32).

Por fim, a história faltaria a sua tarefa se, subjugada pelas fontes, sejam elas orais, escritas ou de outra natureza, sucumbisse aos barulhos da memória de outros e caísse nas armadilhas da subjetividade, sem um método crítico (Cuesta, 2008).

1.4.3. Memória coletiva.

De acordo com Cuesta (2008), a história da memória se concentrou, sobretudo, na memória dos grupos e seu papel na consolidação de uma identidade coletiva.

No que se refere à memória coletiva, Leroi-Gourhan afirma que “a história da *memória coletiva* pode dividir-se em cinco períodos: o da transmissão oral, o da transmissão escrita com tabuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica” [itálico nosso] (1964-65, p. 65, citado por Le Goff, 1992, p. 427). Nadel (1942) a apresenta como uma “história ideológica” (Le Goff, 1992, p. 428), por tender a confundir a história com o mito ou a tradição; enquanto a história objetiva seria a série de fatos investigados e descritos pelos pesquisadores. Já Pierre Nora (1978) aponta que a memória coletiva seria como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” (Le Goff, 1992, p. 472).

Noiriel (1998), apresenta três ideias fundamentais sobre a memória coletiva: 1) Se escreve sempre no presente; o passado se apreende sempre em função das necessidades do presente; 2) O caráter concreto, sensível da memória; 3) A memória coletiva é subjetiva, no sentido que não aspira a universalidade, mas pretende manter, perenizar a identidade coletiva do grupo, exaltando os elementos comuns a seus membros (Cuesta, 2008).

É importante destacar que “a memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas” (Le Goff, 1992, p. 472). Neste sentido, a sociologia teve uma importante função para desenvolver este conceito e, como dito anteriormente, um autor de destaque nesta temática foi Maurice Halbwachs (1877-1945).

Halbwachs define três níveis de memória, que são apresentados de uma forma sintetizada por Noiriel:

“As *lembranças individuais* (que estão em relação com as experiências vividas); a *memória coletiva*, que se constrói, por sua vez, das

lembranças comuns a todos os indivíduos de um grupo, que conheceram os mesmos acontecimentos e guardaram os rastros deixados por estes acontecimentos (no espaço, nas instituições, nos arquivos escritos ou nos relatos relativos a esse passado); a *tradição*, que emerge quando os atores dos acontecimentos considerados desapareceram. Os rituais, os mitos, os relatos coletivos, as peregrinações ocupam então o lugar de lembrança” [itálico do autor] (Noiriel, 1998, p. 198, citado por Cuesta, 2008, p. 63, tradução nossa).

Com relação à tradição, Cuesta (2008) aponta que o costume é um instrumento de poder que permanece depositado na memória das pessoas durante séculos, independente da classe social. Além, disso, para Nora e Namer, a comemoração é um lugar de encontro entre a institucionalização e a memória (idem). Em outras palavras, a memória coletiva se perpetua através das comemorações, dos costumes e das tradições de um grupo ou sociedade.

De acordo com Robert Frank (1992), a memória coletiva é a condição primária da memória individual e como para Halbwachs a memória é antes de tudo coletiva, são os indivíduos que se lembram, dentro dos marcos da sociedade que estão inseridos (Cuesta, 2008).

Sob a perspectiva de Maurice Halbwachs (2006), a memória possui ao mesmo tempo um caráter individual e um coletivo, sendo, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais. Nesta perspectiva, Noiriel (1998) afirma que nossas lembranças permanecem mais vivas à medida que os grupos, dos quais pertencemos, perduram. Além disso, uma das principais modalidades do esquecimento se encontra na desvinculação do grupo (Cuesta, 2008).

Em seu livro “A Memória Coletiva” (1968/2006), Halbwachs escreveu sobre a influência da história dos pais nos filhos: os acontecimentos históricos influenciam no modo de vida e nos hábitos dos indivíduos, uma vez que os pais “só eram o que eram porque viviam em tal época, em tal país, em tais circunstâncias políticas e nacionais” (Halbwachs, 2006, p.77).

A criança, ao ter contato com os avós, tem acesso a um passado ainda mais remoto. Assim, através dos relatos dos pais e/ou avós, os descendentes podem penetrar às sociedades em que seus antecedentes viviam, pois não deixam de estar ligados a elas e isto pode ser acrescido por informações buscadas. Além disso,

a vida de uma criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais pelos quais ela entra em contato com um passado mais ou menos distanciado, que é como o contexto em que são guardadas suas

lembranças mais pessoais. É neste passado vivido, bem mais do que no passado aprendido pela história escrita, em que se apoiará mais tarde a sua memória (Halbwachs, 2006, p. 90).

Neste sentido, Ecléa Bosi, em seu livro “Memória e Sociedade: Lembranças de velhos” aponta:

a criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (Bosi, 1994, p. 73).

Para Halbwachs (2006), são as repercussões, não o acontecimento em si, que entram na memória de um povo e cada grupo tem a sua memória e uma representação própria do evento e do tempo. Pouco importa se os fatos ocorreram no mesmo ano, se esta simultaneidade não foi observada pelos contemporâneos. Para se recorrer à memória do grupo, não necessariamente um ou mais de seus membros precisa estar presente. Além disso, é possível sofrer a influência de uma sociedade mesmo que se tenha afastado dela.

O autor acrescenta que “à medida que cedemos sem resistência a uma sugestão externa, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que em geral a maioria das influências sociais a que obedecemos permanece desapercibida por nós” (Halbwachs, 2006, p. 65).

Muitas vezes a pessoa atribui a si mesma ideias, reflexões, sentimentos e emoções que lhe foram inspiradas pelo grupo ao qual pertence, sem perceber que é apenas um “eco”.

É claro, a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social *atual*, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem [itálico do autor] (Halbwachs, 2006, p.12).

As lembranças do indivíduo permanecem coletivas e são lembradas por outros, ainda que somente a pessoa tenha participado do evento, pois mesmo que esteja sozinha, os outros fazem parte de suas percepções e lembranças, e, estão presentes em suas representações: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas

por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (Halbwachs, 2006, p. 30). Além disso, por ter participado de um grupo com outras testemunhas no momento lembrado, a pessoa pensava sobre alguns aspectos em comum com o grupo e, ao permanecer em contato com esse grupo, ainda é capaz de se identificar com ele e de confundir o seu passado com o dele.

Assim, o indivíduo participa de dois tipos de memória: a memória individual, em que as lembranças têm lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal e a memória coletiva, que evoca e mantém lembranças impessoais, que interessam ao grupo ao qual faz parte (Halbwachs, 2006). Para Halbwachs a memória não é só um fenômeno de interiorização individual, mas uma construção social e um fenômeno coletivo. Vale acrescentar que a memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva. Além do mais, a pessoa traz consigo uma bagagem de lembranças históricas que pode aumentar por meio de conversas ou de leituras, mas esta é uma “memória tomada de empréstimo”, que não é a dela (Halbwachs, 2006, p. 72).

Além disso, este autor afirma que por uma parte da personalidade da pessoa ela está envolvida no grupo, de modo que o que acontece no grupo enquanto ela faz parte ou até mesmo quando não fazia ainda não lhe é completamente estranho.

Contudo a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que *cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva*. Que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes [itálico nosso] (Halbwachs, 2006, p. 69).

1.4.4. Memória coletiva e fontes orais.

Alguns pesquisadores tenderam a aproximar a memória a conceitos relacionados à área das ciências sociais e humanas. Um deles, Pierre Janet (1859-1947) considera que o comportamento narrativo é fundamental para o ato mnemônico e se caracteriza por sua função social já que é através da comunicação de determinada informação ao outro que se constitui o objeto (Le Goff, 1992).

As fontes orais tem uma virtude inconfundível, entre outras “obrigar ao historiador a admitir que estuda o tempo tanto como o passado” (J. P. Rioux, 1945, p. 29, citado por Cuesta, 2008, p. 115, tradução nossa).

Gérard Namer, que editou o livro “A memória coletiva” de Halbwachs, propõe uma maneira de aproximar-se à complexa relação da memória individual com a coletiva, a social e a histórica ou oficial: mergulhar em uma rede de memórias que se entrelaçam em cada testemunho individual (Cuesta, 2008).

O testemunho é o resultado da ação do tempo sobre a memória, desde a *percepção* da sena vivida, à retenção da lembrança sobre ela “para focalizar-se na fase declarativa e narrativa da *restituição* dos traços do acontecimento” (Ricoeur, 1981, citado por Cuesta, 2008, p.128, tradução nossa). Mas é fruto também da superação e combinação de diferentes memórias das quais o sujeito é portador: a memória pessoal, social, coletiva, e dentro desta, a familiar, de classe, nacional, política ou ideológica, entre outras (Cuesta Bustillo, 1996, *idem*). Neste sentido, a testemunha individual colabora para a criação de um testemunho coletivo.

Para Dulong (1998), é importante observar as reações das testemunhas frente o acontecimento, assim como os sentimentos expressos, tais como a emoção, angústia, entre outros, pois distinguem a posição sincera de um narrador que optou pela verdade além da ideologia que possa ter reelaborado do acontecimento (Cuesta, 2008).

A testemunha à qual se solicita a memória individual oferece um testemunho revelador de uma memória coletiva, ela mesma fruto da interpenetração de diversas memórias e da tensão entre elas, bem seja memória de grupo – coletiva –, ou a memória difusa – social –, ou a oficial, histórica ou a memória comum (Frank, 1992, p. 72, citado por Cuesta, 2008, pp. 119,120, tradução nossa).

De acordo com Cuesta (2008), Ricoeur resume essa importante dimensão do testemunho:

“A credibilidade concedida à palavra de outro faz do mundo social um mundo intersubjetivamente compartilhado”. E acrescenta: “o intercâmbio de confiança mútua especifica o vínculo entre seres semelhantes” e reforça tanto sua interdependência, quanto a semelhança da humanidade; intercâmbio que recíproco consolida o sentimento de existir entre outras pessoas (1981, p. 107, citado por Cuesta, 2008, p. 125, tradução nossa).

1.4.5. Os judeus e a memória coletiva.

Um dado interessante é que o criador do conceito de memória coletiva – Maurice Halbwachs – era judeu e viveu no período da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Além disso, foi preso pela Gestapo e morto em 1945 no campo de concentração de Buchenwald. Isso sugere que suas tradições familiares e culturais possam tê-lo ajudado a entender ou até mesmo criar o conceito de memória coletiva, além das circunstâncias externas da sociedade e da época em que vivia.

A memória, nas culturas antigas, foi sempre associada às experiências religiosas e, principalmente as religiões judaico-cristãs, são caracterizadas como “religiões da recordação”, uma vez que além da tradição histórica presente nas escrituras sagradas, há, em alguns aspectos, a necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental; lembrar-se da salvação, dos feitos de Deus para com o povo, as ordens e do próprio Deus – *Yahweh* (Le Goff, 1992).

O reconhecimento de *Yahweh* é a memória fundadora da “identidade judaica” (Le Goff, 1992, p. 443) e na Torá há trechos dizendo para não se esquecer de *Yahweh*, negligenciando Suas ordens, e para não se esquecer que Ele os tirou da servidão do Egito, entre outras dificuldades e vitórias. Além disso, na própria escrita, na raiz das palavras em hebraico, há significados de lembrança: por exemplo, a palavra Zacarias significa “*Yahweh* recorda-se” (idem, p. 444). Isso torna o judeu um homem da tradição, cuja memória e a promessa mútuas o ligam ao seu Deus. Em suma, “o povo hebreu é o povo da memória por excelência” (idem).

A tradição judaica é, desde suas origens, a tradição da memória por excelência. A Bíblia é o livro da lembrança; cento e sessenta e nove vezes repete a palavra “lembra” e sintetiza temor ao esquecimento. O mandato bíblico é um imperativo para todo o povo. É um duplo mandato: recordar e, seu antônimo, não se esquecer, pois este verbo tem um sentido negativo na Bíblia e é sempre o oposto da memória (Yerushalmi, 1984 e 1991, citado por Cuesta, 2008, p.107, tradução nossa).

Há estudiosos, como J. H. Yerushalmi e A. Wiewiorka, que se empenham em mostrar como a Bíblia¹⁷ e o Talmude¹⁸ são paradigmáticos para ilustrar a memória e o

¹⁷ Bíblia: o livro sagrado do cristianismo. Todas as igrejas cristãs reconhecem duas partes distintas da Bíblia: as escrituras hebraicas, designados como Antigo Testamento, e os escritos especificamente cristãos, chamados Novo Testamento (Folha de S. Paulo, 1996, p. 113).

¹⁸ Talmude: (do hebraico *Talmud*, ‘estudo’), compilação das interpretações e comentários da lei oral judaica, codificada na *Mishná* (tratado de ética e leis baseado na tradição oral do cinco séculos que vão da época dos últimos profetas bíblicos até o fim do século 2º d.C.) (Folha de S. Paulo, 1996, p. 919).

esquecimento, cujo dinamismo transcende o próprio povo judeu. A história do povo judeu ilustra os mecanismos da memória e o conteúdo da lembrança, que não consiste em rememorar todo o passado. Em outras palavras, os rituais e os relatos transmitem, através do tempo, “o eco dos acontecimentos fundamentais cujos feitos principais por acaso se perderam para sempre” (Yerushalmi, 1996, p. 27, citado por Cuesta, 2008 p. 108, tradução nossa).

Na tradição judaica os rituais e os relatos são dois canais fundamentais que transmitem a memória através dos tempos. As festas possuem um importante papel nos rituais e os relatos pela poesia oral, através das canções (Cuesta, 2008).

Essa necessidade de fixar os relatos e de dar continuidade à memória impulsionou à consolidação escrita da tradição e gerou uma verdadeira literatura histórica. Além disso, “o Holocausto atuou como catalisador da lembrança desde os primeiros momentos e gerou projetos, organizações, comemorações e suscitadores da lembrança sem comparação com nenhum outro grupo social neste meio século (Cuesta, 2008, pp. 41,42, tradução nossa).

A existência dos campos de concentração pôs em relevo como as experiências traumáticas vividas podem arrastar a necessidade da lembrança, em alguns casos, e do silêncio, em outros. Alguns sobreviventes sentem necessidade de contar imediatamente sobre o acontecido, como se tivessem um “dever de memória”, enquanto outros necessitam esquecer por um tempo e resgatar a lembrança no futuro (Cuesta, 2008).

Além disso, com as muitas tradições associadas, pela mistura de povos e crenças que ocorre nas imigrações, aparece uma diversidade e pluralidade de memórias, tanto nos indivíduos, como nas sociedades. A Segunda Guerra Mundial é um exemplo de pluralidade e diversidade de memórias (Cuesta, 2008).

No entanto, é importante destacar que os acontecimentos traumáticos voltaram a ressaltar a emergência de uma memória judaica, concentrada em torno do Holocausto e a criação do Estado de Israel (Cuesta Bustillo, 1998, citado por Cuesta, 2008). De acordo com a autora, no judaísmo pós-bíblico, o sentido de memória e a escrita da história não seguem caminhos paralelos. A memória coletiva é transmitida mais ativamente pelos rituais que pela crônica (Cuesta, 2008).

2. O CAMINHO TRILHADO.

“Somos sempre levados para o caminho que desejamos percorrer.”
(Textos Judaicos)

2.1. O contato com os participantes.

Como dito anteriormente, conheci alguns dos participantes na própria Sociedade Israelita de Ribeirão Preto, desde 2008, em festas comemorativas e/ou em algumas das reuniões semanais, das quais participei. Os demais foram indicados pela SIRP, por amigos ou por seus próprios familiares.

O contato para realizar as entrevistas seguiu da seguinte forma: foi-me passada uma lista com o telefone da maioria das famílias de membros da SIRP. Liguei para a maioria deles e marquei uma conversa com os que se encaixavam no recorte da pesquisa (descendentes de judeus imigrantes). A partir destes, entrevistei os demais membros de cada família, que aceitaram participar da pesquisa. Com este recorte, entrevistei treze pessoas, dentro de cinco famílias diferentes. Por isso, optei por separar as entrevistas de acordo com as famílias e apresento as famílias de acordo com uma ordem mais ou menos cronológica das datas das entrevistas.

Vale dizer que nem todos os familiares de membros participavam da SIRP e até alguns dos membros também estavam meio “ausentes”, mas constavam na lista. Isso indica que, apesar dos participantes terem sido indicados ou contatados através da SIRP, nem todos são membros e/ou participam de suas atividades. Portanto, apesar de ter o viés da Sociedade Israelita, há também uma variedade de experiências, crenças e envolvimento (ou não) com a tradição e cultura judaica.

É importante ressaltar que como eu já conhecia alguns dos participantes antes da pesquisa, o contato com eles foi mais fácil e mais informal. Já alguns outros, conheci pelo telefone e, pessoalmente, no dia da entrevista, o que pode ter tornado a entrevista um pouco mais “formal”. No entanto a maioria, se não todos os participantes, foi muito receptiva e pareceu ter certa liberdade para conversar comigo, enquanto pesquisadora. Além do mais, a grande maioria das entrevistas foi feita nas casas das pessoas, o que mostra abertura, confiança e receptividade.

Alguns apresentaram receios quanto à divulgação, justificados pelo medo de “cair na mão de alguém que não gosta dos judeus”. No entanto, expliquei os objetivos da pesquisa e assinamos o termo de consentimento. Já outros não se importavam e até gostariam que suas identidades fossem relevadas. Esta é uma questão delicada em termos éticos, portanto optamos por não identificá-los e todos os nomes que serão apresentados neste trabalho são fictícios.

2.2. Coleta dos dados: O método da história oral.

Para a realização das entrevistas foi utilizado o método da história oral, que é uma narrativa linear e individual daquilo que o participante considera significativo (Levy, 2006). Mais especificamente, utilizamos o método da história oral temática, pois, diferentemente das histórias de vida, ela possui um questionário que recorta e conduz para assuntos mais objetivos. Este método se diferencia das entrevistas tradicionais, já que os procedimentos que o determinam não se restringem apenas ao ato de apreensão das entrevistas, mas a todas as etapas previstas no projeto: “elaboração do projeto; gravação; estabelecimento do documento escrito e sua seriação; sua eventual análise; arquivamento e devolução social” (Meihy e Holanda, 2007, p. 38).

É importante lembrar que a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas. Assim, “a memória, a identidade e a comunidade são matérias-primas da história oral” (Meihy e Holanda, 2007, p. 09).

Neste mesmo sentido, Queiroz (2008) distingue as histórias de vida e apresenta a técnica do “Depoimento Oral”. Nesta técnica, o entrevistador lista uma série de temas que serão tratados durante a conversa e deixa que o participante fale acerca dos mesmos. O roteiro, feito antes da realização da entrevista, exige que o entrevistador conheça a história e o participante, a fim de que os assuntos mais relevantes sejam abarcados. Embora a lista de temas deva ser a mesma para todos os entrevistados, podem surgir novos temas durante as entrevistas.

Neste trabalho, especificamente, o tema a ser discutido foi sugerido pela seguinte proposta: “Eu gostaria de saber se você se considera judeu e, se você se considerar, o que significa ‘ser judeu’ para você? Levando em conta as dificuldades deste povo ao longo da história, como guerras, perseguições, e até mesmo o Holocausto,

que é mais recente.”. Obviamente, ao se fazer uma proposta do tema, as respostas serão, de alguma forma, conduzidas por este caminho. Por outro lado, há certa liberdade para os participantes relatarem sobre e da maneira que eles quiserem. Não necessariamente irão “responder” à minha “pergunta”.

Vale destacar que a intenção da pesquisa que utiliza a história oral não é comprovar se os fatos relatados e seus pormenores são verdadeiros. Principalmente por se tratar de uma abordagem em que

a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral. Conseqüentemente, a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não estão essencialmente voltadas para a checagem das informações e para a apresentação de elementos que possam se constituir em contraprova, de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. As distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central (Ferreira, 2002, p.328).

Além disso, tem-se em vista manter o foco na escuta do indivíduo, daquele que relata, não se importando apenas com o conteúdo que esteja narrando, mas como estará revivendo o que estiver contando, observando como estes terão contato com as lembranças, bem como seus gestos e silêncios (Levy, 2006).

Para a história oral, a memória é uma forma de evidência histórica e, portanto, deve ser analisada como tal. Considerando a memória como um conceito em que as pessoas constroem um sentido do passado, o qual se relaciona com o presente na ação de recordar, a reflexão passa a ocupar um lugar fundamental para a ressignificação do passado que se recorda. Assim, visamos que os dados obtidos nas entrevistas não só complementassem, aprofundassem e ilustrassem acontecimentos pouco estudados, mas, também, mostrassem o significado que determinados acontecimentos tiveram para os entrevistados (Benadiba, 2007).

Ainda, de acordo com Meihy e Holanda (2007), a história oral é:

um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do **tempo presente** e também reconhecida como **história viva** (p.17, grifos dos autores).

Nesse sentido, visa dar voz a pessoas que não participaram da “história oficial”, que é apresentada em livros e aprendida nas escolas, mas realizar uma “história do

tempo presente”. A história oral é um meio de manter a experiência passada em estado de “presentificação” (Meihy e Holanda, 2007, p. 26).

Através da história oral minorias culturais e discriminadas encontram espaço para validar suas experiências, oferecendo sentido social aos acontecimentos vividos em diversas circunstâncias, uma vez que a memória, a identidade e a comunidade são matérias-primas desta técnica (Meihy e Holanda, 2007).

Em história oral, o “grupal”, “social” ou “coletivo” não corresponde à soma dos particulares. O que garante unidade e coerência às entrevistas enfileiradas em um mesmo conjunto é a repetição de certos fatores que, por fim, caracteriza a memória coletiva. A observância em relação à pessoa e sua unidade, contudo, é condição básica para se formular o respeito à experiência individual que justifica o trabalho com entrevista, mas ela vale no conjunto. Nesse sentido, a história oral é sempre social. Social, sobretudo porque o indivíduo se explica na vida comunitária. Daí a necessidade de definição dos ajustes identitários culturais (Meihy e Holanda, 2007, p. 28).

De acordo com Koselleck (Dosse, 2001), a narração é a mediação para fazer a obra histórica e assim ligar o espaço de experiência com o horizonte de expectativas. Dosse complementa dizendo que “o presente reinveste o passado a partir de um horizonte histórico desligado dele e transforma a distância temporal morta em transmissão geradora de sentido” (Dosse, 2001, p. 50). Acreditamos que, através das narrativas e da memória coletiva, podemos acessar lembranças passadas, que são carregadas de sentido e perpassam as gerações. Além disso, como entrevistadora, passo a ocupar o papel de mediadora, por considerar que a “história é recriação, e o historiador é o mediador, o conduto dessa recriação” (Dosse, 2001, p. 51).

É importante ressaltar que o testemunho não é história. É necessário refletir sobre ele, para poder entender e inseri-lo na narrativa histórica. Apenas desta maneira torna-se possível transformar memória em história (Schwarzstein, 2011).

Embora as entrevistas foram feitas com pessoas mais jovens, que, salvo uma exceção, não viveram no período da Segunda Guerra Mundial, a partir de seus relatos podemos ter acesso à história de seus antepassados, o que não deixa de fazer parte de suas histórias e sua constituição enquanto seres sociais.

Baseado em uma perspectiva hermenêutica, o tempo não será visto como um abismo que deve ser transposto, mas o fundamento, o suporte do processo no qual o presente se enraíza. “A distância temporal, portanto, não é um obstáculo que deve ser superado. Na realidade, o que importa é ver na distância temporal uma possibilidade

positiva e reprodutiva que se oferece à compreensão” (Gadamer, 1976, citado por Dosse, 2001, p. 56). A pertença a uma tradição possibilita a compreensão e acreditamos que os atores dos acontecimentos são os primeiros a interpretá-los, não sendo meros objetos de interpretação. Além disso, atentamos para a intencionalidade, levando em conta as vivências e a dimensão do sentido contido nas entrevistas (Dosse, 2001).

De acordo com Koselleck (Dosse, 2001), a história não coincide com o modo como a linguagem a capta ou como a experiência a formula. O historiador deve buscar fazer com os relatos uma história objetiva da subjetividade, daquilo que é particular do objeto de estudo. Por meio das entrevistas, as fontes orais permitem que a memória seja erguida como um objeto histórico, nos possibilitando criar uma “história da memória” (p.95).

Por fim, almejamos que as entrevistas proporcionem um movimento de abertura e de resgate da memória dos entrevistados, a fim de esta não se recolha na fossilização da compulsão repetitiva e se abra para a memória do outro, uma vez que “a história pode retroagir positivamente sobre a memória ao pôr a memória coletiva, nacional, em situação de abertura, de discussão, de controvérsia” (Dosse, 2001, p. 68).

3. OS PARTICIPANTES E SEUS RELATOS.

“Não é a semelhança ou dessemelhança dos indivíduos que compõe o grupo, mas a interdependência dos destinos.” (Kurt Lewin)

A seguir apresentamos as entrevistas completas. Optamos por colocar um breve resumo antes de cada uma para situar melhor o leitor. Vale lembrar que os nomes são fictícios e ocultamos os demais nomes de pessoas e/ou instituições citadas nos relatos, visando preservá-las. Logo de início proporcionamos uma tabela, visando facilitar a visualização dos participantes dentro de suas famílias, os quais são apresentados pela nacionalidade dos antecedentes, em seguida pelos nomes, cidade onde nasceram e suas profissões. Atualmente, todos moram em Ribeirão Preto.

Família 1	Família 2	Família 3	Família 4	Família 5
Pai: Romeno Mãe: Brasileira (desc. poloneses)	Pai: Romeno Mãe: Polonesa	Pai e Mãe: Egípcios.	Pai: Iugoslavo Mãe: Iugoslava (não era judia)	Pai e Mãe: Romanos
Filha: Maria São Paulo, 52 anos, Psicóloga	Filha: Patrícia São Paulo, 65 anos, Aposentada (Relações Públicas)	Filho: Antônio São Paulo, 51 anos, Corretor Imobiliário	Filha: Vânia Franca, SP, 55 anos, Psicóloga	Filha: Zélia São Paulo, 82 anos, Aposentada (Prof. ^a Universitária)
Neto: Fernando São Paulo, 18 anos, Estudante	Neto: não quis participar.	Neta: Josy São Paulo, 21 anos, Estudante de Arquitetura	Neta: Talita Itajubá, MG, 24 anos, Estudante de Nutrição.	Neto: André Daniel São Paulo, 51 anos, Tradutor de Inglês
Neto: Calebe São Paulo, 13 anos, Estudante	Neta: Iracy São Paulo, 39 anos, Representante de Cobrança e Negócios	Neto: Alex São Paulo, 18 anos, Estudante de Jornalismo	Neto: não quis participar.	Neta: Raquel São Paulo, 49 anos, Funcionária Pública

Tabela 1: Apresentação das famílias e dos participantes pela nacionalidade dos antecedentes, o nome (fictício), cidade onde nasceu, idade e profissão.

3.1. Família 1: Maria, Fernando e Calebe.

3.1.1. Filha: Maria, nascida em São Paulo, 52 anos, Psicóloga.*Resumo:*

Maria começou relatando sobre a história da sua família, a história de seu pai, bem como as dificuldades enfrentadas por ele, que era judeu, proveniente da Romênia e adolescente no período da Segunda Guerra Mundial. Segundo ela relata, as dificuldades enfrentadas por seu pai ao longo da vida favoreceram para que ele tivesse uma saúde mais frágil. Após um tempo escondido na Itália ele se mudou para Israel e ajudou na reconstrução e na constituição do Estado de Israel, depois se mudou para o Brasil, onde se casou e constituiu família. Sua esposa era judia, brasileira, filha de judeus poloneses que mudaram para o Brasil ao fugirem da perseguição contra os judeus na Primeira Guerra Mundial. A família de Maria seguia a religião judaica, mas essa tradição era mantida pela presença dos avós maternos, que eram mais religiosos. Para sua mãe, ser judia era manter a tradição herdada dos seus pais. Já para seu pai, a identidade judaica era mais a questão do sionismo¹⁹, da constituição do Estado de Israel, não tanto vinculada à religião. Neste sentido, sua família era liberal com relação à religião, mas não com relação à tradição da cultura judaica. Na adolescência Maria passou por um período de questionamentos quanto à religião judaica, pois sua mãe não permitia que ela namorasse um não judeu. A partir disso surgiu uma fase que ela relata ter sido complicada, de questionamentos e ruptura com a tradição e religião dos pais e avós. Acabou se casando com um católico. Mas, como a família do marido morava em outra cidade, o casal teve mais contato com a família de Maria e seus filhos foram educados na tradição judaica, embora estejam inseridos no contexto brasileiro e tenham a influência católica da família do pai. Eles conhecem e questionam as duas religiões: judaica e católica. Por fim, a participante apontou que pelo fato do pai dela ter sofrido perseguições, não ter compartilhado muito com a família, e, também, a forma como ela fora criada, levaram-na a, em um segundo momento, buscar suas próprias raízes e preocupar-se na maneira de criar seus filhos, oferecendo-lhes liberdade para suas escolhas.

Entrevista Maria 21/05/2012

E: entrevistadora (Milena)

---

¹⁹ Sionismo: movimento que defendia o retorno do judeus à Palestina. Iniciou-se, em 1897, sob a liderança de Theodor Herzl (Folha de S. Paulo, 1996, p. 890).

MARIA: participante

Entrevista realizada na clínica de psicologia da participante.

E: Bom, como estava te dizendo, a minha pesquisa é sobre as maneiras de elaborar o trauma na memória, na vivência e na cultura, pensando no trauma de uma maneira não, é... caricata, como as vezes as pessoas vêm ou assustam, mas pensando nas dificuldades enfrentadas na vida, algo que gera as vezes tristeza, ou insegurança...

MARIA: Uhum

E: Alguma coisa neste sentido mais abrangente... e... levando em conta também, como que é pra você fazer parte de um povo, que ao longo da história sofreu perseguições, e as vezes até hoje tem bastante...

MARIA: Uhum

E: é... tem... essas dificuldades, né?

MARIA: Uhum.

E: e eu queria que você ficasse livre pra falar sobre o que você quiser nesse sentido (sorrindo)

MARIA: hum... ta... então, deixa eu começar contando um pouco... assim, a história da minha família, a história do meu pai, como que foi na época da Segunda Guerra. Ahn assim, meu pai nasceu na Romênia, então antes da Segunda Guerra o país era comunista, ahn...e assim, tinha problemas... país pobre, muitos problemas, assim, de... de sobrevivência, trabalho, educação, tudo isso. A família do meu pai era pobre, eles trabalhavam assim, no comércio com coisas assim bem simples. Então tinha meu pai, eles eram em seis filhos. É... cinco irmãos, então meu pai mais quatro homens e uma mulher.

E: Uhum

MARIA: Na época da guerra meu pai era menor de idade, então assim, os filhos mais velhos tiveram que se esconder pra não entrar no exército, porque teriam que entrar no exército e... por serem judeus iam ter... problemas.

E: Uhum

MARIA: E... eles acabaram assim, se dispersando. E... ahn... meu pai conta que eles tinham muitos amigos, católicos, e acho que isso aconteceu com todo mundo, e os amigos católicos ajudavam, falavam “olha, fica na casa de fulano, na casa de ciclano, não sei quem ta viajando pra tal outra cidade, lá não ta tendo guerra, não ta tendo

perseguição nem nada”, então um acabava ajudando o outro e eles acabaram se escondendo, ahn... não foram presos na Romênia.

E: Uhum

MARIA: mas muitos romenos foram presos, então eles fugiram da Romênia... e foram indo pela Europa, passaram pela Itália, ahn...e meu pai falou que viveu alguns anos na Itália, ficou lá, mas assim, toda família já tava ahn... espalhada.

E: Uhum

MARIA: ahm...

E: Você lembra quantos anos seu pai tinha?

MARIA: ele tinha 15 pra 16 anos nessa época.

E: Uhum

MARIA: Ahn... depois...ahn... teve... então, assim, ele conta que passou fome, frio, ficava sozinho, ficava preocupado, ahm... ele conta que nessa época meus avós, os pais dele, foram presos, eles, assim.. ficaram naqueles trens que levavam pra Polônia ou pra Alemanha, mas é... na Romênia eles prenderam muita gente, a comunidade judaica na Romênia era muito grande, então os trens passavam muito lotados e, então, não entrava todo mundo e nessa de não entrar todo mundo, ficar pro próximo, pro próximo, quando chegava o trem, ele conta que o... os meus avós fugiram, então eles não foram deportados nem pra Polônia nem pra Alemanha, porque muitos dos que foram para campos de concentração acabaram morrendo, né.

E: Uhum

MARIA: é... e... mas ele falou que ficou muito tempo sem ver todo mundo da família, aí, toda a guerra ele passou escondido, mas aí teve, assim, um movimento sionista... é... de mandar os judeus que tavam perdidos durante a guerra pra Palestina, Oriente Médio, que ainda era um domínio inglês, né, a Inglaterra que dominava a Palestina antes da partilha, antes da criação do Estado de Israel. E... ahn... então ele falou “bom, eu to perdido por ai mesmo, eu vou pra Palestina pra pelo menos eu ajudar” no esforço que os sionistas do mundo todo tavam fazendo, porque eles sabiam assim da perseguição que tava tendo dos judeus, pelos judeus, né, lá de Hitler, do nazismo, né, tudo... Então ia-se, tentava-se escapar pra criar... unir esforços pra criar um Estado judeu.

E: Uhum

MARIA: Ahn... então ele conta que ele foi pra Israel, que na época do Estado, da criação do Estado de Israel, hum...ele lutou lá, que ai teve problema de guerra com os árabes, enfim, como todo mundo das fronteiras ali, é... Egito, Síria, Líbano, todo

mundo! Os próprios palestinos, teve um conflito muito grande entre eles... e ele conta que ele lutou na guerra, tudo... ahn... mas ele não tinha muita noção de... ahn... se ia ter ou não ia ter o Estado de... o Estado de Israel.

E: Aham

MARIA: Ele só tinha noção de que ele não tinha pra onde ir, onde quer que ele fosse ele não era aceito, então sabia-se que lá no Oriente Médio era um pedaço de terra que um dia quem sabe poderia ser do povo judeu, então meio que os perdidos meio que tavam indo pra lá. Mas tinha o movimento oficial também do sionismo judeu de tentar a criação do Estado de Israel. Bom... aí meu pai se alistou no exército, ahn, ele era paraquedista, então nessas guerras que teve lá no começo ele tava, tava no exército não, na viação né?

E: Aeronáutica

MARIA: Aeronáutica, tava na aeronáutica... então ele tava no paraquedista. Então assim, ele não conta muito, não conta muito, minha mãe não sabe muito dessas histórias, ele não conta muito, depois ele não conta muito de como foi a vida dele em Israel, que ele ficou lá muito tempo, então, na criação do Estado de Israel ele tava lá, então ele ajudou na construção, assim, tinha os kibutz, os kibutzim, né, que era assim o ideal socialista, então eram fazendas comunitárias, trabalhavam todos juntos e organizavam junto a vida social, comunitária, econômica, tudo... então trabalhavam em conjunto, produziam em conjunto e dividiam os lucros e os prejuízos...

E: Uhum

MARIA: entre eles. Bom, não deve ter sido fácil, acho eu não foi uma experiência boa, acho que tava muito difícil esse período lá né, é... uma irmã dele ahm... saiu de Israel e veio pro Brasil...

E: Ele tinha ido com a família pra Israel?

MARIA: Não, ele foi sozinho, mas assim, os irmãos acabaram indo pra lá e eles se encontraram depois, então... mesmo os pais também... depois todos se encontraram lá. Então, é, eu tenho primos que estão lá até hoje. Os irmãos todos já faleceram. Meu pai faleceu também, meu pai faleceu fazem três meses, no final do ano ele ficou muito doente, janeiro inteirinho ele ficou no hospital, na UTI, aí em fevereiro ele faleceu, recente... então, é, assim, nesse momento do falecimento dele a gente, assim, retomou muitos vínculos com o pessoal no exterior, que a gente falava uma vez por ano no aniversário de cada um...

E: Uhum

MARIA: mas do fim do ano pra cá a gente tem se falado muito, né...

E: nesse ponto foi bom...

MARIA: é, por um lado foi bom... isso...

E: mas é difícil né...

MARIA: é, difícil... então, é, os irmãos que... é... se encontraram em Israel, tava muito difícil aquele período, então, é... minha tia na época... ela tinha casado lá e o marido dela sabia que no Brasil tavam vindo muitos judeus de muitas partes do mundo, e tavam fugindo... a guerra já (?). Muitos vieram na época da guerra, mas a guerra já tinha acabado... muitos acabaram vindo pra cá, aí minha tia veio e falou pro meu pai “vem pra cá, o Brasil é uma terra maravilhosa, tem tudo pra ser feito, o povo é... receptivo, tem trabalho etc.”, então ele veio, minha tia já tava aqui, já tava trabalhando... meu pai veio, é... começou a trabalhar com comércio, tal ahn... só que assim, ele... ele... pelo fato de ele ter passado a adolescência fugindo, ter passado muitas dificuldade, ele tinha uma saúde meia frágil, o fato de passar guerra e lutar e todo trabalho pesado no kibutz, que é de lavoura mesmo, trabalhar na agricultura, ele veio pro Brasil ele já era meio doente, eu lembro, que minha mãe contava, e a vida toda eu lembro da história da minha mãe falando da saúde do meu pai que não era boa. Ahn... então assim, eu acho que... ta certo que são muitas dificuldades que eles passam, né, mas o fato também de, não querer lembrar, não falar do que aconteceu, de guardar tudo isso pra ele, ele não compartilhava com a minha mãe, eles não contavam muito as coisas do que aconteceu pra gente e eu acho que isso também ajudou ele a ficar mais frágil.

E: Uhum

MARIA: Ahn... bom, então... assim, aí veio pra cá, começou a vida, conheceu minha mãe, casou, aí teve família, teve filhos, criou os filhos e tudo... enfim... e... a vida inteira...

E: Vocês são em quantos irmãos?

MARIA: É... eu.. eu tenho mais dois irmãos, eu sou a mais velha. Ahn... então assim, ahn... por um lado, todas as dificuldades que meu pai passou, e essa fragilidade de saúde, tudo, eu vejo que, tem esse ponto, mas por outro lado, ele, talvez por não encarar as dificuldades que ele passou como uma coisa muito problemática, meu pai tinha um senso de humor muito assim... desenvolvido!

E: Uhum

MARIA: tanto é que às vezes eu fico pensando “como é que ele podia ser tão alegre, tão feliz, tão brincalhão, tão... espírito pra cima, tendo passado por tudo o que ele passou?”

E: Uhum

MARIA: Nunca a gente via ele resmungando, lamentando, sabe, sempre aceitando as coisas e tentando ver o que fa... tipo assim, eu falo, meu pai pegava o limão e fazia uma limonada, sempre dava um jeito de...de.. fazer alguma coisa de...de útil, de... de diferente de algum problema que aparecia.

E: Uhum

MARIA: ahm... acho que um pouco é essas coisa da resiliência que acaba ficando em algumas pessoas

E: Uhum

MARIA: que talvez facilite, mas sei lá, depende muito também, né, ahn... bom, aí assim, ahn... essa é um pouco a história dele. Aí como que isso... veio como judaísmo, né, porque isso é muito a história do antissemitismo, da perseguição, da guerra em Israel, o lado difícil... e... como que veio então a vivência do judaísmo? Pelo fato do meu pai ter passado todas essas dificuldades... ahn... pra ele não era fácil a questão do judaísmo, porque ele sentiu na pele.

E: Uhum

MARIA: Então, por mais que... ahn... ele não negava, a questão da... da história do judeu, ele também não fazia muita questão de que a coisa é... continuasse com muita intensidade, acho que pra ele ficou muito mais a questão do sionismo, de ter participado da criação do Estado de Israel, do que a questão da religião, do judaísmo em si...

E: Uhum

MARIA: porque de alguma forma acho que ele se perguntava “como é que Deus permitiu isso acontecer?” ahn... então a gente nunca teve uma religião judaica muito tradicional, muito intensa, da parte do meu pai, teve mais da parte da minha mãe.

E: Sua mãe é judia?

MARIA: Minha mãe é judia e os pais dela, meus avós, são poloneses, vieram fugidos da Primeira Guerra Mundial, da Polônia, porque na Polônia também na Primeira Guerra Mundial também teve perseguição, eles vieram pro Brasil, aí minha mãe é brasileira, ela nasceu aqui. Então assim, minha mãe recebeu muito da tradição religiosa do meu avô, que ele era religioso e tal... e aí a minha mãe passou um pouco, mais pelo lado da minha mãe, o meu pai num... num fazia tanta questão, sabe?

E: Uhum

MARIA: Ahm... então a gente estudou em escola judaica no primário, aprendemos hebraico, a seguir as tradições... então, eu lembro, meus avós sempre faziam todas as

festas, minha vó fazia Shabat, ela fazia, assim, as regras de alimentação, não pode misturar leite com carne, de não comer... a carne tem que ser preparada de tal modo, tem umas regras todas, né?

E: Uhum

MARIA: e tinha assim a questão da convivência da comunidade judaica, então lá em São Paulo, no bairro Bom Retiro, tinha muit... a... co... a comunidade judaica era muito grande, o Bom Retiro primeiro era de imigrantes italianos, daí depois eles saíram e vieram os judeus e ficaram no Bom Retiro. Então a gente tinha amizade com a turma lá, tinha os colégios judaicos, ficava assim, a turma entre si. Então eu lembro assim, a integração era muito... tranquila. Tinha a José Paulino, que tinha o comércio, tinha o comércio no Brás, meu pai tinha confecção de roupa, tinha ali no Brás os turcos, os árabes, então todos faziam negócio, era tudo primo, tudo amigo (rindo) não se discutia nada. Eu lembro, tinha... é engraçado, tinha assim, o Bom Retiro tinha... também tinha alguns árabes, lá, até na José Paulino, então quando tinha notícias de guerra em Israel (conta “animada”), com os árabes, não sei o que... eu lembro que tinha aquelas lojas com televisão, tipo Casas Bahia, que ninguém quase tinha televisão em casa, então, juntava todo mundo na rua pra ouvir as notícias, os judeus e os árabes ficavam falando (respira fundo) que... que tristeza (chorando), né, tipo assim, por que que isso tá acontecendo lá? E... e... assim, e por que que aqui se convive...

E: Uhum

MARIA: de uma forma tão é... pacífica?

E: Uhum (dou um lenço)

MARIA: (sorri) obrigada. Então isso eu tenho de lembrança, sabe? De todo mundo ficar escutando notícias e ficar triste, porque sabia que o seu vizinho árabe tinha uma família lá que tava na guerra e você era amigo do seu vizinho

E: Uhum

MARIA: e eles tinham a mesma preocupação também.

(Curto silêncio)

É... bom, enfim... essa é uma coisa assim que eu lembro. É... tinha coisas também assim, de que a gente... ahm... da escola (assoou o nariz) desculpa (rindo)

E: Imagina!

MARIA: é... então, assim, na escola... ahm... o primário eu fiz em escola judaica, tal, daí o ginásio, o colégio eu fiz em escola pública, porque na minha época escola pública era boa...

E: Uhum

MARIA: Não sei se você pegou ainda a época em que escola pública era...

E: na época dos meus pais...

MARIA: então, escola pública o ensino era bom, quem estudava em escola particular é porque era muito mal aluno e tinha que pagar pra passar de ano era ao contrário (risos)

E: Uhum

MARIA: Bom, aí assim, ahn... aí já no ginásio eu lembro que eu comecei a me dar conta de que... a... a relig... a religião judaica era diferente da religião católica

E: Uhum

MARIA: porque até então, quando eu era criança, não percebia. É... então eu percebi assim, o desconhecimento dos meus colegas do que era a religião judaica, ahn... o interesse de perguntar coisas e ahn... o interesse nosso de querer saber, também, porque... aí eu lembro assim, que a gente comemorava Páscoa católica e Páscoa judaica

E: Uhum

MARIA: comemorava ahm... as festas todas do calendário normal católico e tinha as festas todas do calendário judaico que a gente comemorava.

E: Uhum

MARIA: e quando tinha Natal, a gente comemorava Natal, meu pai dava presente pra gente... então, eu sinto assim, eu, minhas amigas, a gente meio que respirava o ar das duas coisas

E: Uhum

MARIA: É... acho que mais a comunidade judaica entendia o que era viver num país católico do que talvez ahn, a... o contexto maior entendesse o que era a comunidade judaica, porque a comunidade judaica é muito fechada, hoje acho que nem tanto, acho que há um tempo atrás era mais... então era muito fechado, não se abria muito, então a turma não tinha muita informação de como que funcionava a questão da tradição... da cultura. Mas como a gente tava inserido numa sociedade maior, a gente respirava tudo, então se comemorava tudo, era muito divertido, eu lembro, porque tinha dois feriados sempre, que a gente participava,

E: Era o dobro de festas...

MARIA: é, o dobro de festas... é... então, eu lembro assim que enquanto infância, adolescência, eu não sentia muita diferença dessas coisas. É... na adolescência, quando eu comecei a entender algumas coisas, eu comecei a perguntar pro meu pai o que era, o que tinha acontecido, como é que foi, porque na escola você começa a estudar, né,

perguntando da guerra, tudo, e eu senti que eles não tinham muita abertura pra contar essas coisas. Se discutia muito em algumas reuniões, então, em reuniões um contava do ou... pro outro como que era, da família, tudo, mas dentro de casa não se contava muito de o que é a coisa da perseguição, o que é fugir, se esconder, ser preso... meu pai não falava muito. Mesmo meus avós também não falavam nada, minha mãe tem menos informação ainda de como foi a vida dos meus avós na Polônia, assim, eu também num... num tenho muito isso...

E: Uhum

MARIA: Mas então, na adolescência a gente começa a questionar as coisas, então começou a coisa a ficar complicada porque aí então eu tava na escola, que não era da comunidade judaica, tinha escola... escola judia, judaica, lá no Bom Retiro, mas a gente não tava nessa escola, então começa a ter paquera, começa a ter namorado, começa a querer sair em outros ambientes e aí começa “não, aí não pode”, “mas por que que não pode?”, “ah, porque tem que namorar com quem é judeu”, “mas porque tem que namorar com quem é judeu?” “ah, porque sempre foi assim e sempre vai continuar sendo”

(risos)

E: Manter a tradição...

MARIA: É... mas aí começou a cair a ficha: “mas por que tem que ser separado?” aí começou a vir a coisa de “porque os judeus eram perseguidos, porque tem que se fechar pra se preservar”... “e porque que eram perseguidos?”. Então eu fui buscando as coisas, querendo saber de onde vem tudo. Então, assim, é mais recente a história do Nazismo, a história do Hitler, a questão da raça pura e não sei o que, mas indo mais pra trás aí vem a questão... hum... da Inquisição, ahm.. as Cruzadas, conversão... dos cristão novos... etc. e indo mais pra trás então a questão toda de Jesus Cristo, né, a história de Jesus, a crucificação... então eu fui buscando as coisas do “por que que isso tudo aconteceu, por que que hoje se fecha? Por que que hoje não pode se... se misturar?”, isso tudo eu me... me questionando na minha adolescência, porque eu queria namorar com meu amigo da classe e minha mãe não deixava, né...

E: Uhum

MARIA: E isso foi uma fase complicada (curto silêncio), porque... porque assim... é... na religião judaica se mistura muito religião, com tradição, com cultura, com povo, com Estado, então você imagina o no que não é!

E: Uhum

MARIA: Ahn... então que nem eu tava te falando, pro meu pai, ser judeu era muito mais ser sionista e lutar pela existência do Estado de Israel.

E: Uhum

MARIA: Pra minha mãe, ser judeu era...é...ter a tradição dos meus avós que vieram da Polônia, que meu avô era religioso, a questão toda da cultura, de tá inserida na comunidade judaica, escola judaica, amigos judeus, tudo no meio do judaísmo... é... pro meu avô, a questão da religiosidade, que ele rezava muito pra Deus e seguia muito o Antigo Testamento, a Torá e fazia todas as regras como se devia fazer, né, da religião... Então são muitos fatores envolvidos e aí começou a dar um nó na minha cabeça!

E: Uhum

MARIA: E aí, assim, teve um momento ahn... que foi complicado pra mim, né, a questão da identidade judaica, porque até a adolescência a coisa tava vindo normal, como um fluxo normal,

E: Uhum

MARIA: e... aí depois teve uma quebra nisso, ta? Bom, não sei se até aí ta ok, você quer perguntar alguma coisa, quer retomar alguma coisa? (rindo)

E: Ah, depois, pode continuar, que ta interessante!

MARIA: É?

(risos)

E: Eu quero saber, como que foi essa quebra, essa ruptura...

MARIA: É? (rindo) Bom, aí nisso, nesse meio tempo, eu perguntava muito pro meu pai da minha família, dos meus primos, dos meus tios que estavam em Israel, dos meus primos... é... nesse meio tempo, quer dizer, ainda antes quando eu era pequena, minha tia, que tinha vindo aqui pro Brasil, que trouxe meu pai, eles saíram do Brasil, eles foram pra Alemanha, por quê? Por incrível que pareça, depois da guerra, quando o Mundo descobriu o que aconteceu, nos campos de concentração e tudo, teve um movimento muito grande assim de... de... de reparação. Os alemães levaram um susto, teve um... um movimento assim, tipo “como que... que se fez isso e não se percebeu?”

E: Uhum

MARIA: E aí começou a ter um processo assim de... de reparação e de indenização com... as famílias judias. E o marido da minha tia tinha família na Alemanha, tinham morrido todos, então ele tinha ido pra lá porque eles tavam dando indenização, tudo, até hoje ainda tem pessoas que recebem indenização do governo alemão

E: Uhum

MARIA: de ter perdido casa, perdido bens, etc. e tal. Aí eu lembro que eles acabaram indo pra lá.

E: ?

MARIA: A minha tia, a irmã do meu pai.

E: Ah tá.

MARIA: Então... eu tenho primos lá, que moram na Alemanha. Então, por incrível que pareça, hoje os judeus na Alemanha tem... acho que tem menos preconceito do que em qualquer outro lugar, apesar dos movimentos neonazistas

E: Uhum

MARIA: tem muito movimento neonazista lá, como tem em qualquer lugar, no Brasil também tem, no Sul também tem movimento neonazista.

E: Uhum

MARIA: É... bom, ahn... e... então eu começava a... a querer saber dos meus pais, do meu pai, onde que tava tudo isso

(bebi água)

MARIA: ai, eu tenho água aqui, quer? Apesar que essa água aqui é de sexta feira (rindo) dar um gole, péra aí, rapidinho (e foi pegar água)

E: Não, tranqüila, fica à vontade! (rindo)

MARIA: (continuou falando, pegando a água) Aí eu sei que... meu pai não falava muito. então... vieram alguns tios meus pra cá, com uns primos meus pra cá de viagem, que a gente se con... assim, vieram conhecer o Brasil, a gente se conheceu, mas a gente nunca foi pra lá, meu pai nunca mais voltou pra Israel. Então alguns irmãos vieram pra cá e alguns irmãos ele nunca mais viu. Assim,

E: Não teve mais contato?

MARIA: A gente tinha contato, mas era só de... por telefone, por carta,

E: Uhum

MARIA: mandar foto, essas coisas, tá? Ahn... aí...eu sei que... na época eu comecei, na adolescência, a questionar muito essa coisa da religião, acho que mais em função, não pela religião em si, mas pela questão da tradição e dos “não pode”

E: Uhum, de não ter mistura?

MARIA: é, então a crise da adolescência pra mim foi muito intensa em relação a... a... a ser contra isso que minha mãe falava “não pode namorar com quem não é judeu, não pode ir num lugar que não tenha judeu”

E: (desvirei o gravador para captar melhor o som)

MARIA: ah ta (risos). Aí, Milena, eu sei que assim, eu... teve uma época que, simplesmente eu... eu... eu não seguia mais nada do judaísmo

E: Uhum

MARIA: e isso é uma coisa que eu lembro que aconteceu com muita gente, na adolescência. Quando eu entrei na faculdade, a coisa se identi... assim, se identi... se intensificou um pouco mais, porque aí, assim, na faculdade, principalmente na PUC, e... em psicologia, é até engraçado, porque a PUC, né, por ser uma faculdade católica

E: Uhum

MARIA: talvez pudesse ter alguma coisa mais assim de... sei lá, de...de... informação de religião, mas não se tinha nada de religião na PUC, tinha assim, muito a questão política, de movimentos estudantis e tudo, então quando eu entrei na Psicologia lá, só se falava de Comunismo, é... não se falava em Deus, em religião muito menos, em psicologia se falava muito menos, eu falei “nossa, eu achei o meu lugar! Não tem religião, não tem Deus, não tem essa coisa de ‘não pode’, de moralismo, de não sei o que”, então, aí que teve menos do meu envolvimento no judaísmo. Teve de seguir algumas coisas da família, porque tem muita festa, então as festas eram pra encontrar todo mundo, pra saber da vida de todo mundo, pra... conversar, o que você fez, o que você não fez... eram momento sociais.

E: Uhum

MARIA: Então, ahh... assim, três, quatro vezes por ano as grandes festas, que é o Ano Novo, o Dia do Perdão e a Páscoa, se reúne todo mundo, você vai Sinagoga²⁰, você encontra a turma, quem você não viu durante o ano, bota os assuntos em dia, as meninas aproveitam e paqueram os meninos, então é uma festa! Então, assim, tem muita perda da questão da espiritualidade, eu acho!

E: Uhum

MARIA: Hum... ahh... nessa coisa do coletivo, ta?! A não ser em algumas famílias... que seguem... em casa... mas como meu pai não fazia muita questão, minha mãe ahh... tentava... segurar um pouco, a gente se reunia sempre nesses grandes momentos... ainda quando meus avós eram vivos a gente fazia o Shabat em casa,

E: Uhum

---

²⁰ Sinagoga: (do grego “casa de reunião”), local destinado à oração entre os judeus (Folha de S. Paulo, 1996, p. 887).

MARIA: quando eles faleceram minha mãe não continuou fazendo. Então... ela acende velas até hoje, mas ela não faz mais aquela coisa do jantar, das rezas, não sei o que...

E: Uhum

MARIA: Ahm... então assim, a minha família era “liberal”, entre aspas, na questão da religião, mas na questão da tradição, do povo, não! Ainda tinha que ficar meio ali, no contexto dos judeus...

E: Uhum

MARIA: Ahm... mas eu acho que assim, pelo fato... de São Paulo a colônia judaica ter se integrado cada vez mais num contexto maior,

E: Uhum

MARIA: né, no trabalho, nos estudos, na... nas artes, na cultura, cada vez mais a coisa de se fechar foi se diluindo, foi tendo uma abertura muito grande

E: Uhum

MARIA: de absorção, de... de costumes, dos dois lados, sabe?

E: Uhum

MARIA: Ahm... então, ahm... ao mesmo tempo que eu fui me afastando, ao mesmo tempo, foi-se diluindo essas barreiras

E: Uhum

MARIA: ta? Ahm... isso assim, no coletivo. Então também já não tinha mais aquela coisa dos meus pais falarem “não pode, não deve”... também porque já tava quase me formando, já trabalhava, tinha dinheiro, tinha minhas coisas, então não dependia muito deles interferirem na minha vida, né? Ahm... nisso eu tive assim, namorados que eram judeus, namorados que não eram judeus... já não tinha mais a... a... a... a minha mãe já não tinha mais como interferir nessas escolhas

E: Uhum

MARIA: né? Ahm... e... nisso, eu já tinha entrado assim numa busca... da espiritualidade... que ia... pro budismo, pro hinduísmo, pro esoterismo, pra tudo... todos os “ismos” que pode ter imaginado na sua vida! Por quê? De alguma forma eu sentia falta de algumas respostas pra algumas perguntas que eu num... num tava encontrando nessa coisa é... da comunidade judaica misturada com povo, com tradição, com religião, com cultura...

E: Uhum

MARIA: algumas coisas me davam respostas, e outras não. Ai eu fui buscar essas coisas... ah... em outras filosofias... espirituais. Então foi muito bom, eu conheci muita

coisa, muita coisa me acrescentou, algumas coisas me deram as respostas... mas... é... ainda... a... acho que até hoje eu ainda to buscando algumas coisas em relação a isso (rindo). É... ahm... assim, de alguma forma, eu acho que meus pais perceberam isso, tanto em mim, nos meus irmãos, nas minhas colegas, toda essa geração e, eu vejo assim, que a geração dos netos, por exemplo, eu sou neta dos meus avós que fugiram da perseguição da Primeira Guerra,

E: Uhum

MARIA: e sou filha do meu pai, né, que fugiu da perseguição da Segunda Guerra, quer dizer, essa geração que nasceu no pós-guerra teve mais facilidade pra assimilar o contexto da Diáspora

E: Uhum

MARIA: a gente não sentiu tanto o preconceito, nem a discriminação, nem a perseguição,

E: Uhum

MARIA: eu acho que a geração que tá aí... tá mais integrada nas comunidades, sabe?

E: Uhum

MARIA: e... acabou que tem um pouco mais de liberdade de falar o que é o judaísmo e até de querer saber outras religiões, de onde estão vivendo, né, do cristianismo, hoje em dia, né, muito dos evangélicos, dos protestantes, dos espíritas... e... e das outras, todas, né? Agora, nesse meio tempo, ao mesmo tempo que teve essa abertura, também teve, é... uma radicalização, porque também surgiu muito o movimento dos judeus ortodoxos.

E: Uhum

MARIA: porque eu acho que como teve uma abertura, o medo de... de ir muito, levou a um fechamento.

E: Uhum

MARIA: Então, teve muito o movimento dos judeus ortodoxos ganharem espaço. Hoje também, eles tem um espaço muito grande, sabe? Até aqui em Ribeirão Preto, ahm... a gente teve visita várias vezes ahm... dos judeus ortodoxos de São Paulo, querendo converter os judeus daqui que são liberais (rindo), querendo converter a gente pro... pro... judaísmo ortodoxo! Que a gente volte a seguir a Torá ao pé da letra, seguir as regras todas, né, que... que a gente não tem mais como seguir. Eu não seguiria, por exemplo, no sábado, no Shabat não andar de carro, não andar de elevador, né, como é que a gente faz isso hoje em dia? Né? Em Israel também é difícil, a maioria lá dos israelenses também não tem como. Como é que você vai parar o país que, um pa... um

país turístico, né, que assim, é... é... um berço de todas as religiões e recebe gente de... de... todo o... o mundo! Como vai parar de funcionar no sábado? (rindo)

E: Eu lembro que no hotel, no sábado, o... elevador parava de andar em andar e você não tinha que apertar o botão...

MARIA: É, pra não ter que apertar o botão. Quer dizer, então a tecnologia hoje até ajuda já, nessas questões, né? Mas é complicado! Ahm... então, assim, aqui em Ribeirão Preto, hoje, quer dizer, dando um pulo, né, da... da... da época lá de quando eu tava terminando de me formar até eu vir parar aqui hoje é... eu vejo assim que... ahm... aqui em Ribeirão, a gente se juntou um pouco enquanto comunidade judaica, porque também eram pessoas que vieram ou de São Paulo ou do Rio ou de outras cidades e não se... não se conheciam aqui, porque aqui não existia um núcleo que tivesse alguma tradição judaica e há uns doze... que... há uns doze anos atrás, alguém resolveu tentar localizar pessoas que tivessem a... essa afinidade de cultura, juntou meia dúzia, que foi sabendo de um, de outro, tal, que se reuniu, então hoje tem aqui em Ribeirão um núcleo

E: Uhum

MARIA: mas são de pessoas que tiveram a mesma vivência que eu também, que eu acho que, assim, acabaram se integrando de uma forma bem ampla no... a... a... assim, no ambiente do Brasil, maior

E: Uhum

MARIA: tá? Então, por exemplo, eu vejo assim, ahm... eu hoje lembrando tudo isso, dos meus pais, dos meus avós, de tudo isso que passou, eu falo, é... eu... eu penso assim, (toca o celular, ela dá uma risadinha), é... co... como que, como que se poderia imaginar... agora foi aniversário de 65 anos da Independência de Israel

E: Uhum

MARIA: como há 65 anos a... há 70 anos, vai, na época da guerra, ahm, que o objetivo de Hitler era exterminar com os judeus, é... como que alguns escaparam? Como que alguns sobreviveram? Como que alguns constituíram família, deram continuidade à tradição? E que... assim, em todos os lugares do Mundo, no Brasil, até em cidades do interior, ainda tem alguma coisa que, ahm, assim, resgata isso, né? Então, nesse sentido eu falo assim, ahm (silêncio, chorou), ahm... o... é uma coisa que não dá pra explicar. Mas assim, é... é uma homenagem a todos aqueles que morreram no... no campo de concentração (chorando) a gente ter conseguido preservar alguma coisa, sabe? Eu acho que não é nem só, assim, essa questão do povo judeu, da religião, da tradição judaica ter sobrevivido, mas assim, de todos os que sofreram algum tipo de... de... de perseguição,

ou violência, todas as minorias. Eu acho assim que... ahm... todas as minorias tem que... de alguma forma, ahm... preservar ou sei lá... homenagear a luta dos que... dos que... tentaram sobreviver e... e... e demonstrar que... assim, no fundo todo mundo é igual, no fundo não tem porque você ahm... discriminar alguém ahm...por religião ou por origem territorial ou cor de pele ou por preferência a... sexual, ou por classe social, né? Quer dizer, é... é um... é um processo que... um dia o homem vai ter que se dar conta que... todas essas discriminações, perseguições de minoria não levam a nada.

E: Uhum

MARIA: É... enfim... aí assim (rindo) em algum momento o homem vai ter que se dar conta que... ou ele muda a postura ou... não vai sobrar um pra contar, como eu to falando que aqui em Ribeirão Preto a gente sobrou pra contar dos que lutaram e perderam a vida na época da Segunda Guerra, mas se... se o homem continuar perseguindo a ele mesmo vai chegar o dia que não vai sobrar ninguém, pra contar história, né? Ahm (suspirando) sei lá! É um pouco isso...

E: E como que é pra você saber dessa história toda, da sua família, do seu pai, dos seus avós, do seu povo?

MARIA: Então, é... isso, continuando então esse processo todo, nesse meio tempo eu... ahm, casei, o meu marido não é judeu, então ahm... a minha família falou “ta bom, você quer casar com ele, então ele tem que se converter”, por quê? Todo mundo que casava com quem não era judeu a... a pessoa se convertia. Porque assim, aconteceu dois momentos...

E: Uhum

MARIA: nisso da educação falar que não pode se casar com quem não é judeu, só que muitas pessoas estavam casando porque não tavam aceitando esse tipo de discriminação, quer dizer, a minha geração, percebeu o quanto a geração dos pais foi discriminado, então assim, por que que a gente ia ia fazer uma discriminação com o outro? Aí a gente acabou que não aceitou e a gente acabou tendo... alguns casamentos fora da comunidade judaica. Só que de outra forma a comunidade tentou então trazer pra dentro de no... de volta essa coisa “então ta, casa com quem não é judeu mas essa pessoa tem que se converter” aí eu falei com... com meu marido “olha, a questão é essa, é pura forma, porque meus avós não entendem, meus pais não entendem, é toda essa questão, o que que você acha?” ele falou “ah, tudo bem, é pro forma, vamos conversar com o rabino”. Aí fomos falar com o rabino, aí o rabino chegou e falou assim “olha, é pro forma mesmo, você vai deixar de acred... de acreditar em Jesus Cristo se você for se

converter ao judaísmo?” meu marido falou “não, eu não vou deixar de acreditar em Jesus Cristo”, então o rabino falou “Você não precisa se converter, você gosta da sua esposa, vocês vão fazer família, e ninguém é obrigada a...a...a... deixar de ser o que é por causa de um amor”. Esse rabino foi muito legal falando isso, sabe?

E: Rabino liberal...

(risos)

MARIA: é... e então a gente conversou com meus pais, e meus pais falaram “ta bom, se o rabino falou isso”

E: se o rabino falou, ta falado!

(risos)

MARIA: Foi o rabino H. S. que falou isso, o que depois teve tudo aqueles problemas, sabe?

E: Uhum

(celular dela tocou)

MARIA: deixa eu só ver o que é... péra aí...

(combinou com o filho que eu a levaria de volta para casa)

E: Ele tirou carta já?

MARIA: É, ele tirou carta!

E: Eu lembro que, na época, um tinha 12 e o outro tinha 15, então agora o de 15 deve ter 18 (rindo)

MARIA: Tem 18, você vê

E: E o outro deve ter 15

MARIA: É isso aí!

(risos)

MARIA: Ele ta trabalhando com meu marido na imobiliária.

...

MARIA: Bom, então esse rabino H. S. falou isso...

E: Uhum

MARIA: e aí a gente conversou com os meus pais e nós casamos só no civil. Eu falei assim “bom, a gente... ensina uma tradição pros nossos filhos”... como a família do [meu marido] toda é do interior de São Paulo, e a gente morando em São Paulo tava muito mais perto da minha família

E: Uhum

MARIA: então... acabou que ele participava de tudo da tradição, meio que ele, assim, entrou no esquema, né

E: Uhum

MARIA: então ele participa de todas as festas, de todas as... coisas e... então assim, formalmente não participou de nenhum processo de conversão, tudo... mas informalmente ele, assim, se inseriu no contexto.

E: Uhum

MARIA: e aí os nossos filhos a gente ass... educou na religião judaica. É, só que assim, já é um fenômeno que eu acho que acontece com essa terceira geração: pelo fato deles participarem da educação da tradição judaica e tem toda a tradição católica da família do meu marido

E: Uhum

MARIA: dos avós, tios e sobrinhos, e o contexto de escola e... e... o Brasil, onde a gente vive, então eles tem muito mais presente um referencial desde pequeno dessas duas coisas e eles questionam essas duas coisas, e eles tão indo por um caminho deles muito interessante! Depois você vai conversar com eles e (rindo) você vai descobrir o que tá saindo dali!

E: Dessa mistura...

MARIA: É! (rindo) E aí, então, o que aconteceu, é... eu, é... eu senti falta de achar algumas respostas aos questionamentos que eu tava me fazendo

E: Uhum

MARIA: que eu não tava achando na religião formal. E... eu tinha ido buscar nessas outras coisas todas e também não tava achando. É... eu não sei se pela convivência com meu marido, que é de uma tradição cristã, mas, por exemplo, a mãe dele é espírita, o irmão dele é pastor evangélico, o que é uma coisa muito do Brasil também, eu acho (rindo),

E: Uhum

MARIA: que é um sincre... sincretismo religioso, que se fala? Então também não tinha muito do... do catolicismo na história do meu marido, de ir em igreja, de rezar, de nada

E: Uhum

MARIA: é... e aí que acabou de... sei lá, eu também não tinha referência de... do catolicismo pra me dar muitas informações sobre isso, né? É... mesmo porque o meu marido num...num tem essa mesma busca que eu, ele resolve essas questões do jeito dele, de outra forma, e é muito mais prático, objetivo, no concreto, mas eu não, eu

acre... eu tenho necessidade de... até a minha formação, do jeito de se questionar muito... bom, Milena, eu sei que aí eu acabei indo buscar o misticismo judaico,

E: Uhum

MARIA: eu entrei pra buscar de onde que vem a espiritualidade no judaísmo, e aí eu fui achar a Cabala

E: Uhum

MARIA: e aí eu me aprofundei nisso (tosse) e acabei voltando pras raízes do judaísmo (tosse).

E: Uhum

MARIA: Mas assim, a Cabala é muito diferente ahn.... do judaísmo tradicional ou judaísmo liberal ou mesmo judaísmo ortodoxo, ele segue muito a fonte do antigo testamento, assim, da palavra de Deus. Então é... é buscar na fonte mesmo, na origem, o que é Deus, o que é o homem, e o que é que a gente ta fazendo aqui no mundo

E: Uhum

MARIA: o que é, o que é que a gente pode fazer com nosso trabalho, enquanto ser humano e como se comunicar com Deus.

E: Uhum

MARIA: Então isso pra mim foi uma descoberta muito... muito profunda!

E: Uhum

MARIA: (tosse) E aí superou tudo, superou tudo, em relação a... a... aquelas ahn... aquelas questões do judaísmo enquanto tradição, enquanto povo, enquanto religião, enquanto cultura... porque ta muito ahn... muito antes, assim, supera tudo isso, né

E: Uhum

MARIA: então é uma busca do homem, ahm,... enquanto agente de mudanças no mundo

E: Uhum

MARIA: e aí res... ahn é assim, ahn é assim, eu respondi umas perguntas, não todas, ainda tenho perguntas, ainda to buscando, acho que é sempre assim, né

E: Uhum

MARIA: e aí eu consigo ver o judaísmo de uma forma diferente... e consigo conversar com meus filhos quando eles me perguntam ahm “o que é Deus, o que é a religião judaica, o que é a religião cristã, o que que eles são?”... eu consigo conversar com eles diferente

E: Uhum

MARIA: né, ahm... mas, é... é.. assim, eu vejo que é uma liberdade da minha busca, que eu... tive.. pra... encontrar meu caminho e que é uma liberdade que eles vão ter que ter na vida deles no momento deles, pra buscar também as respostas deles, que eles não vão achar também nem no meu esquema, nem no esquema do meu marido, e realmente, eles tão indo por outro caminho, né... (respira fundo)

E: Eu to curiosa!

MARIA: É? (rindo) Eu não sei nem o que vai dar... isso, mas eles são jovens, eles tem a vida pela frente e eles vão achar também... é... agora... o que eu sinto, assim, ahm... no judaísmo, por exemplo, em São Paulo, quando eu vou lá, minha família, meus irmãos, tudo... ahm... não sei se depois você vai conversar com os meus irmãos em algum momento...

E: A gente vê...

MARIA: é... ahm... eles também tem outros caminhos, o meu irmão também teve outro caminho, ahn... ele... também acabou...buscando conhecimentos diferentes, mas tem as minhas, o meu... meu irmão menor, e.. e... as minhas sobrinhas, que eles tão, assim, no judaísmo tradicional, no liberal, no judaísmo liberal, mas hoje em dia tem tantas alternativas de...de... resposta do..do.. que é a identidade judaica, que...assim, eu falo que é um arco-íris, é... é muito cacique pra pouco índio (rindo) porque cada um acaba fazendo o que quer, mesmo lá em Israel, a questão da identidade judaica também, é... a forma como eles lidaram com a... com a constituição do Estado de Israel, a forma como eles absorveram os imigrantes que vieram da guerra, a forma com o eles convivem com os... os países vizinhos e com os árabes que moram e trabalham dentro de Israel, é um mosaico, é um quebra-cabeça, é uma colcha de retalhos, sabe, é muito complicado. E... ahn... ahn... assim, o contato que eu tenho com os meus primos que moram lá, a forma como eles vivem o judaísmo, ahm... também é diferente,

E: Uhum

MARIA: ta? Então, lá ahn... por eles terem em Israel e terem nascido lá, eles também acham, quer dizer, da minha família, eles acham que eles não precisam de seguir tudo ao pé de letra, porque eles não vão deixar de ser judeus porque não vão... seguem o Shabat

E: Uhum

MARIA: isso é um ponto de vista, mas tem o ponto de vista dos judeus ortodoxos que vivem lá, que acham que... Israel... tem que seguir ao pé da letra as regras da Torá e que... o... o povo todo tem que fazer como eles querem, e que os estrangeiros que

moram lá tem que seguir as regras deles... que também não dá, né? Eles acham que dá, mas não dá! Então (?) pra eles, mas não é certo obrigar os outros a fazerem o que eles fazem, cada um faz do jeito que quer! Então, tem todas essas variáveis eu acho, é... na realidade hoje, tanto aqui no Brasil, quanto lá em Israel, de todos os descendentes ahm... das pessoas que passaram pela guerra, porque se você for ver, em Israel basicamente o povo é... de quem fugiu! Né, da perseguição na guerra. Quem morava lá...

(E: Só vou olhar pra ver se ta gravando...)

MARIA: quem morava lá na época... no domínio britânico, os palestinos, na criação do Estado de Israel, eles acabaram saindo, assim, o... o... os judeus que entraram, então acabaram que expulsando os palestinos, o... e daí é a guerra de hoje, deles quererem retomar um espaço que era deles, então assim, é um problema que também vai ser... é um nó porque... como fazer que um... assim, duas pessoas, que se consideram donas do mesmo espaço.

E: Uhum

MARIA: Então... eles tem que se desdobrar em dois mesmo pra achar um... um caminho pra resolver esse conflito, né, não é falar “daqui pra lá é seu, daqui pra cá é meu”, eu acho que é achar uma forma de conviver num espaço que era o mesmo pros dois, né, é uma coisa complicada, que eu não imagino como que é pra quem vive lá, sabe? Deve ser... muito complicado... ahm... e é um desafio! Então tem todas essas questões, porque... é diferente, por exemplo de... d’eu morar aqui, eu me considero brasileira! Me considero brasileira, que segue uma religião judaica, num país onde tem brasileiros que ahm... a maioria são católicos, mas se tem também outros tipos de religião, que o Brasil é um país aberto nesse sentido, mas eu fico imaginando como é morar em outros países onde tem preconceito e discriminação,

E: Uhum

MARIA: né? Ahm... então... são questões, eu acho que... assim, que a gente não se coloca no dia a dia, mas são questões importantes, ne?

E: Uhum

MARIA: A se considerar...

E: E como que é pra você ser judia...

MARIA: Aham

E: no contexto que você vive? No trabalho, na família...

MARIA: É... é assim, ahm... é uma coisa que... hoje... eu... administro melhor... do que a um tempo atrás... eu digo administro por quê? Ahm... na época que eu ahm... tava na

faculdade ou tava recém-formada, quando eu tava em contextos novos, eu não falava que eu era judia. Ahm... porque eu não via isso como parte da minha identidade, eu achava que era uma coisa que me era im... me era imposta pela minha família, que eles queriam que eu seguisse. Interessante isso. Ahm... mas assim, dian... de... enfim, de... depois que eu tive filho, depois que você começa a se questionar, né, o... que tipo de educação você vai dar ou deixar de dar...eu comecei... e depois dessa minha busca pelas origens da espiritualidade dentro do judaísmo e...e de eu conseguir ter uma aderência com essa tradição, que ela começou a corresponder pra mim em alguns pontos, é... isso começou a fazer parte de mim e eu comecei a me colocar em alguns locais onde antes talvez eu não me apresentaria como fazendo parte da religião judaica. É... eu já não consigo ver eu me colocando de forma diferente. E aí eu comecei a ter uma atuação maior dentro até da comunidade judaica, tanto é que a gente é... organizou esse grupo da colônia judaica aqui em Ribeirão Preto, eu ajudei a organizar é... as reuniões, eu... eu... ahm... teve uma época que eu ahm... coordenei, eu era a representante da Sociedade Israelita, aqui em Ribeirão Preto, é, ahm... depois vieram outras pessoas, a Elaine, o Moacir, tal, mas eu participo, a gente faz atividades todas... então, hoje já é uma coisa que ta inserida na minha vida,

E: Uhum

MARIA: né? E as coisas que eu faço ahm... também tem um pouco a visão de o que é ser judeu, como é funcionar como um judeu no contexto. Que contribuição o judaísmo pode ter ahm... pra melhorar a... as coisas, que a gente vê de problema na frente? Né? É... então eu... eu me vejo como... como uma judia, inserida num contexto maior, de pessoas preocupadas em colaborar com o desenvolvimento do país, da comunidade que eu to, a gente ta...

E: Uhum

MARIA: e... tenho um pouquinho de... de contribuição a dar, uma visão de mundo que pode também colaborar, o mesmo objetivo comum,

E: Uhum

MARIA: de outras pessoas. Então nesse sentido, ahm... isso, ahm... tem favorecido até a forma que eu me posiciono no mundo, nos meus relacionamentos, no meu trabalho e etc.

E: Uhum

MARIA: né, e que é diferente de um tempo atrás, que pra mim não fazia diferença, se eu falasse que era judia, porque eu não sabia como... é... funcionar, dentro é da religião judaica de forma a que isso acrescentasse alguma coisa de... de... de positivo

E: Uhum

MARIA: né? Então eu acho que, eu ter retomado um pouco as minhas raízes me ajudou nesse sentido, até dum... dum reposicionamento mais positivo frente às coisas que eu ando fazendo, né?

E: E... você acha que as pessoas tem essa abertura também, essa receptividade? Ou você sente algum tipo de... mesmo no Brasil, que... é... tem... essa tendência maior de aceitação, de...

MARIA: Aham

E: Conviver com as diferenças, mas você acha que é bem recebida pelas pessoas que você convive?

MARIA: ahm... então, eu acho que ainda tem um pouco... eu acho que em alguns locais, talvez, ainda tenha um pouco de desconhecimento, um pouco de... de... discriminação e de preconceito por falta de conhecimento do que é o judaísmo.

E: Uhum

MARIA: Ahm... então oh, vou te contar uma história: ahm... pelo fato de eu ta participando aqui da comuni... da Sociedade Israelita, a gente tem vínculo com a Federação Israelita em São Paulo, com a Congregação... Latino-Americana Judaica e... com o Congresso Judaico Mundial. E aí a gente fica sabendo de ações que eles fazem, de diálogo inter-religioso, com várias denominações de crenças, ahm... com a preocupação de... de... difundir ahm... o diálogo e conhecimento das várias religiões pra diminuir os preconceitos, até em relação aos muçulmanos, que hoje em dia tem, na verdade hoje em dia, acho que em relação aos muçulmanos tem mais discriminação do que em relação aos judeus. Ahm... em função dos atentados todos que tiveram

E: Uhum

MARIA: etc. Ahm... bom, então, por que eu to falando isso? Porque nas instituições, formalmente, ta tendo o... a... o movimento de diálogo

E: Uhum

MARIA: e eles tem percebido que isso precisa descer, pras comunidades onde eles estão

E: Uhum

MARIA: porque é ótimo os líderes... os líderes conversarem e entenderem o que é um e o que é outro, mas o... o povo onde eles vivem também precisam entender isso

E: Uhum

MARIA: então, por exemplo, a minha empregada vê, ahm... ali coisas escritas em hebraico, aí ela me pergunta “Dona Maria o que é isso?” aí eu explico pra ela e ela fala “nossa, mas isso eu não sei o que que é, isso não é aquela coisa dos judeus, da época de Cristo e num sei o quê?” eu falo “é, isso mesmo”. “E o que que é? A Senhora me explica?” Aí eu explico e ela fala “nossa, mas então é assim? Eu não sabia...” eu falo “é, assim, que mai você quer saber?” “ah, e como que era assim assim assado?” daí eu vou contando pra ela. Aí ela fala “ah, poxa que interessante e tal”, aí depois ela conversa com não sei quem na casa dela, daí outro dia ela me conta “ah, conversei com a minha vizinha aquilo que a senhora me contou, ela falou que não sabia, que achou interessante, que, é... ta entendendo as coisas de outra forma”. Então, eu acho assim, que é falta de informação, tem que se conversar, tem que se trocar informação. É... porque se não fica aquela coisa sabe? É... de “não sei quem que dizia assim e etc.” e você não sabe de onde veio e pra que que é.

E: Uhum

MARIA: né? Então eu sinto que é muito mais nesse sentido, de desconhecimento, do que... de...de...de preconceito por algum motivo, eu acho que hoje num...num tem mais motivo pra se ter discriminação e preconceito acho que por nada mais no mundo, mas a gente chega lá!

(risos)

MARIA: um dia as pessoas entendem! Mas... eu acho que tem já esse... esse movimento. Eu acho que hoje é muito menos do que na época dos meus pais, na época dos meus avós, ta? Então oh, outro exemplo: o... os meus filhos estudam... aqui em Ribeirão, né, num colégio... particular. Então na época que se estuda... no pequeno... no primário nem no ginásio não, mas o meu maior já é formado, né? No segundo colegial que estuda a Segunda Guerra, então queriam saber como é que foi e... perguntavam pra ele ou o professor queria que ele falasse, ele meio envergonhado, ele não fala muito, ele é meio tímido, então assim, ele... não sabia muito o que falar e tal, mas, assim, o que ele fala é que ele percebe que as pessoas tem curiosidade, querem saber, buscam informação, até que... se ele soubesse mais o que falar, ele até ia transmitir mais coisas

E: Uhum

MARIA: mas, por exemplo, a E., ahm... num outro colégio que os... filhos dela estudam, também surgiu isso na época que eles estavam estudando a Segunda Guerra, e

aí ahm, o filho dela não sabia falar, mas a professora pediu então pro filho trazer informações, e aí a E. levou o F. lá

E: Uhum

MARIA: e o F. deu uma palestra de o que é que aconteceu na Segunda Guerra. Então era pra ser, a primeira aula era pra ser meia hora, e lá o F. falou a manhã inteira, chamou todas as classes, no colégio xxx. Acho que quando você for conversar com a E. ela vai te contar. É... e foi uma coisa assim que você percebe que as pessoas tem ahm... curiosidade, é falta de informação, de não saber onde buscar, né? Então eu acho que assim, cada vez mais, ahm... essa coisa... da separação vai ta diminuindo, né? Ta? Ahm... então é isso!

E: Só mais uma pergunta!

MARIA: Diga! (rindo)

E: você acha que essa história da sua família, do seu povo e até mesmo da sua vida, te influencia hoje de alguma forma na maneira de ser, de ver de... de tudo?

MARIA: Eu acho que influencia. Então oh, por exemplo, uma coisa que eu lembro que desde pequena, que ficava, é assim, a preocupação com o estudo

E: Uhum

MARIA: e que...vinha muito também dos meus avós, eu sempre via o meu avô com um livro na mão. Era a Torá, o Antigo Testamento, ele rezando, em hebraico, ele entendia muito hebraico, mas eu via ele com um livro, eu via ele estudando. A coisa da minha mãe ter estudado, na geração da minha mãe ela ter estudado, ter se formado, ter diploma, entre mulheres, era uma coisa muito difícil, e... ela sempre falava “gente, vocês tem que estudar, tem que... ter um foco na vida, vocês tem que aprender mais, desenvolver...” isso eu acho que é muito assim, do povo judeu

E: Uhum

MARIA: Ta? É... um pouco talvez pelas dificuldades, onde passaram, de não ter outra forma, é... de se estabelecer, de... de não ter muitas raízes em termos de patrimônio... enfim de formas matéria... de bens materiais, então se... se prezava muito ahm... o quê? O que você pode levar com você a hora que você tem que sair correndo do lugar porque estão atrás de você, que é: o seu conhecimento

E: Uhum

MARIA: então a questão do estudo é... é sempre muito presente, acho que, assim, por isso que tem na... na comunidade judaica essa coisa muito forte do estudar, ta? Ahm... e... então isso eu acho que faz parte muito da minha formação, ta?

E: Uhum

MARIA: É... outra coisa que... que... é... Fez muito parte da mi... da formação, que eu vejo um pouco do la... pro lado positivo, é a coisa... de ta junto, de ta em grupo, de ta sempre ahm...no coletivo

E: Uhum

MARIA: Não tem muito a coisa do individual, ta? Então se você lev... se você levar isso pro lado positivo é bom, ta? Porque isso eu... eu vejo muito, ta? De sempre ta atento ao outro e... e... tentar ver o que o outro precisa e em que medida você pode ajudar. Ta certo que isso é um pouco fechado entre a comunidade judaica, de se ajudar muito entre si, mas é uma coisa que a gente aprende. Então se você tem abertura de olhar pra fora, né? Então aí há um aprendizado, de você ta antenado com o que todo mundo ta precisando e em que medida você pode ajudar. Isso eu percebo muito, na minha formação. Ahm...é... e assim...é... eu acho que é um pouco também ahm... essa busca de... de Deus, porque a gente escuta muito falar de Deus e não sei o que, mas eu lembro que quando eu era pequena era muito um Deus assim do “que pode e do que não pode”

E: Uhum

MARIA: “fazer isso porque é certo e se não fizer isso é errado, não pode, não sei o que, Deus castiga...” é um “Deus castiga” diferente da... da... religião católica, mas... também tem, um pouco. Quero dizer, acho que tem muito mais! Ahm... do... do... castigo, né? Da severidade de Deus na religião judaica, tem mais. Ahm... mas ahm... eu assim, fui tentar buscar o caminho de... “o que é esse Deus?” e aí descobri um Deus muito mais é... bondoso, do que.... é... severo, né? Então assim, isso levou um pouco a minha busca de... de... querer saber, de querer um vínculo um pouco maior com... com o universo, né? Agora, isso é muito particular meu, Milena, sabe? Eu percebo assim, que muitas pessoas da comunidade judaica é... não deram um passo a mais! Ahm... aqui em Ribeirão Preto, como tudo era muito disperso, pra ele, o importante é: ter esse coletivo, de se encontrar, de se juntar, de fazer o Shabat, de comemorar as grandes festas, e isso é algo que é importante, dessa coisas do...do... ta junto, que eu te falei

E: Uhum

MARIA: então algumas pessoas tem essa necessidade do “a mais”, outras não. Eu acho que... pr... pra maior parte, da comunidade judaica, o estar junto, o seguir algumas festas, algumas tradições assim, em comunidade, ahm... é...o... o principal

E: Uhum

MARIA: e alguns subgrupos então buscam alguns caminhos mais individuais, né? Eu percebo isso. Mesmo aqui. Tem eu e mais meia dúzia de pessoa, que de vez em quando a gente senta pra conversar, o que é Deus na nossa vida, né? Mas não é todo mundo, não é com todo mundo que da pra conversar sobre isso.

E: Uhum

MARIA: né, então... então tem... essas coisas!

E: Ok, muito obrigada! Se você quiser falar mais alguma coisa...

MARIA: É... assim, eu fico pensando as vezes, da...da questão de... o que é que é... meu pai passou, né? Por que que... pra ele era tão difícil? Ahm... transmitir essas coisas pra gente? É... como ele educou a gente? Eu e meus irmãos... é... assim, a... forma como eu fui criada, e como isso me levou a... num segundo momento, buscar as minhas raízes, né? E aí eu fico pensando na forma como que eu to criando meus filhos, né? Também o contexto e o momento que eu to em função da família que eu construí, que é um pouco... assim, é, aberta, nessas questões, mas... a forma que ahm... pros meninos, a questão da religião ainda não é presente, né? E... ahm... que eles ainda não precisam fazer... eles ainda não tem essa necessidade dessa busca, que eu acho que em algum momento da vida deles eles vai ter, né? É... e aí eu me pergunto assim: é... é... essa busca de saber o... o... o... o mais essencial da gente, ahm... ela acontece... assim, por menos que a gente se dê conta, em algum momento, ela acontece, né? E eu to muito curiosa pra saber como vai ser com os meus filhos

(risos)

MARIA: Né? E... e isso é uma coisa assim... que... que me deixa, como diz o [professor de BH], assim, curiosa e... e atenta pra surpresa que vai ser o momento, que isso acontecer.

E: Uhum

MARIA: Ta? E aí assim, acho é uma coisa muito particular minha, acho que independente do caminho que se segue, em algum momento a gente se dá conta, né, que... que tem algo a mais, além de... de isso daqui, né? Desse momento, dessas coisas... todas materiais... né?

E: Uhum

MARIA: então... eu não sei, acho que no fundo é isso! Aí acho que quando a (?) pros meus filhos vai ser muito bom também, né? (rindo)

E: Poder compartilhar...

MARIA: É... é isso!

E: Ok, obrigada!!

MARIA: Imagina! Eu acho que assim, eu dei muita informação pra você, e de repente a gente tem que sentar e aprofundar mais algum ponto

E: Uhum

MARIA: Ta? Pensa, dentro dessas coisas que você... bu... dos conceitos teóricos, das abordagens que você ta fazendo... de tudo isso que eu falei, alguma coisa que você quiser entrar mais, mais detalhes, aí você me fala e a gente retoma...

E: Ta, deixa eu digerir tudo... escrever... ler...

MARIA: Ta bom...

(risos)

E: Refletir... refletir... aí eu te falo

MARIA: É...

E: Aí a gente já combina também, se eu puder entrevistar os meninos...

MARIA: Ta, aí você conversa com eles...

3.1.2. Neto: **Fernando**, nascido em São Paulo, 18 anos, Estudante.

Resumo

Fernando começou relatando que se considera judeu por ter sangue judaico, mas não segue a religião judaica. Acha interessante alguns aspectos da religião, mas não é algo que faça diferença em sua vida. Em alguns momentos ele pensa que seria importante transmitir, dar continuidade ao nome da família judia, mas não pensa em transmitir a religião e os ensinamentos para as gerações futuras, mesmo porque sua mãe nunca o obrigou a seguir o judaísmo. No entanto, ele acha “legal quando reúne a família”. Na época que o avô era vivo, essas reuniões eram mais frequentes e o avô contava as histórias da época que morava em Israel, da guerra, perseguição dos nazistas, perda de contato entre os membros da família, do período que ele serviu o exercito de Israel, entre outras. Fernando gostava de ouvir as histórias diferentes e que assinalam a superação do avô. Fernando optou por não seguir o judaísmo quando começou a fazer as aulas de Bar Mitzvá, aos 13 anos, e começou a se questionar sobre a existência de Deus. Não sabe dizer se é ateu ou não, apenas não fica pensando se Deus existe ou não.

Entrevista Fernando - 04/07/2012

E: Entrevistadora (Milena)

FERNANDO: Participante

A entrevista foi realizada na casa do participante.

Conversas de “quebra-gelo”. Falamos sobre a Psicologia da USP. Ele entrou na UNESP de Bauru este ano, mas não quis continuar, vai tentar USP no final do ano.

E: Bom, como eu falei, o objetivo da minha pesquisa é ta sabendo, ta estudando as maneiras de elaborar o trauma, na memória, na vivência e na cultura, e eu queria saber como que é... primeiro, se você se considera judeu, né, por s... pelo fato de ser descendente e como que é pra você isso? Se você acha que isso tem alguma influência na sua vida, no seu modo de viver a vida, no seu dia a dia, e... tudo o que você quiser me falar a respeito disso...

FERNANDO: Ta... ta gravando já?

E: Ta gravando.

FERNANDO: Ah, assim, tipo, eu tenho sangue né, judaico, que fala... só que... eu nunca fui ligado à religião assim, não me considero... mas... tem umas coisas que são interessantes na religião, até minha mãe as vezes fala, os negócios da Cabala e tal, mas eu nunca tipo me interessei pra estudar a religião e virar um judeu praticante

E: Uhum

FERNANDO: Mas... eu acho interessante até, mas não é uma coisa que tipo faz diferença na minha vida, sabe?

E: Não é uma coisa...?

FERNANDO: Não, eu não me considero, tipo... tipo até é importante assim as vezes eu penso “ah, sou judeu eu tenho que se... continuar é... levando pelo menos o nome do meio né? Que é nome dos meus avós, o sangue pra frente” mas não de tipo passar ensinamento da religião assim,

E: Uhum

FERNANDO: porque tipo, eu não cresci com minha mãe me obrigando a ter que fazer o... tem tipo uma primeira comunhão, esqueci o nome... como é que é...

E: Não é Bar...

FERNANDO: É Bar Mitzvah, tipo, minha mãe queria que eu fizesse, eu até queria fazer, tipo, um curso preparatório na... na SIRP, que é a Sociedade Israelita só que... não andou pra frente

E: Uhum

FERNANDO: Eu que me desinteressei e... eu acho que isso assim... tem... eu não penso muito em seguir a religião também, não é algo tipo fator determinante na minha vida

E: Uhum

FERNANDO: Tipo, ter uma religião e tal, não passa muito pela minha cabeça isso, mas é legal quando reúne a família inteira assim, na época do meu vô que tava vivo ainda que ele contava as histórias e tudo, de quando ele morava em Israel e tal, era bem interessante de ouvir... eu não me vejo como um judeu praticante da religião.

E: Uhum... e como que era pra você saber das histórias do seu avô? O que ele contava?

FERNANDO: Ah era legal assim, na maioria das vezes era história tipo da guerra quando ele fugiu, da perseguição dos nazistas e tal, aí também tinha... tinha os irmãos dele que acabaram... acho que não conseguiram sair alguns de Israel, na época que meu vô veio pro Brasil né, alguns acho que ficaram na Romênia também, aí a família meio que se perdeu, só que ele tinha contato com alguns, aí ele contava as histórias

E: Uhum

FERNANDO: de quando ele serviu no exercito de Israel, na Palestina e tinha as histórias... e... ah, eu achava interessante na época né, eu era menor, acho que até uns dois anos atrás ele me contava algumas, mas era bem legal, assim, de saber

E: Uhum

FERNANDO: é diferente da maioria dos relatos de história de avô, né, da guerra... aí é interessante

E: Você acha que saber dessas histórias tem alguma influência na sua vida? No seu jeito de viver a vida?

FERNANDO: ahm... eu acho que nunca parei pra pensar nisso direito... assim, nesse ponto de vista, mas... não, não sei se teria, porque também a realidade que ele viveu é muito diferente da minha, né? Então não sei se daria pra botar alguns valores na minha vida recente, mas...acho que o que mais ficou é a história de superação dele. Ele foi pra Israel, veio pro Brasil... e tipo, ele chegou aqui com... nada! Aí ele conheceu minha vó, montaram negócio, tal, teve minha mãe, meus tios e foi levando a vida, né

E: Uhum

FERNANDO: teve sucesso... aí... é bem legal, né, tipo, superação. Nunca pensei muito nisso...

E: E que que você sente quando você lembra? Disso, das histórias... fica alguma impressão, alguma coisa?

FERNANDO: Ah, eu sinto saudade, tipo, dele contando as coisas... tem muita coisa que ele não contou, tipo, algumas vezes eu perguntava alguma coisa da guerra, ele meio tipo mudava de assunto, ou...continuava no assunto que tava, sabe? Como se eu não tivesse... ou fingisse que não escutou.

E: Uhum

FERNANDO: Eu acho que tinha alguma coisa traumática, pelo que passou, como se não queria lembrar... mas é interessante assim, era... é uma coisa totalmente diferente, assim, se você for ver, comprando as realidades de antigamente pra hoje, é bem diferente o que ele passou... tipo, tendo que fugir por causa que ele acreditava numa religião diferente... que alguém, tipo Hitler botou na cabeça que o problema da Alemanha era... os judeus.

E: Uhum

FERNANDO: Então era meio que... eu acho que... ele se sentia... não é envergonhado, mas... como é que fala? Acho que ele deve ter se sentido uma época um pouco mal por ser um judeu e ter que deixar tudo pra trás, né?

E: Hum...

FERNANDO: Não sei se ele se sentiu assim ou se algum judeu na época se sentiu, mas é uma grande... mudança na vida das pessoas, né, tipo, meu vô sofreu essa mudança e... veio pra cá e tal, e... acho que era mais isso...

E: Uhum... e... eu ia te perguntar uma coisa... esqueci!

(risos)

E: É... ah... você se considera judeu? Sem considerar a religião, por ser descendente,

FERNANDO: Descendente... (falou ao mesmo tempo)

E: e tal...

FERNANDO: Ah, acredito que sim, porque... tipo, ser judeu é uma raça, né, ao invés de religião, porque... vem lá dos tempo do Antigo Egito e tal, é a base da sociedade cristã,

E: Uhum

FERNANDO: falam que Jesus era judeu e tal, então acho que virou tipo, um clã, assim, mais isso que uma religião, você faz parte de um grupo selecionado que... acho que as vezes até se você quiser se converter pro Judaísmo, dependendo do lugar acho que as pessoas não vão aceitar ou te olhar de um jeito... estranho, sei lá! Acho que eu meu considero judeu assim...

E: Eu não entendi, as pessoas vão te olhar de um jeito estranho por querer se converter ao judaísmo?

FERNANDO: É... porque, sei lá, ela pode pensar “ah, esse cara não tem descendente, né, não sofreu, eu sofri, meus descendentes sofreram”, não tá no sangue dele

E: Uhum

FERNANDO: Então às vezes pode ter um... uma certa repulsa de quem é judeu de sangue

E: Uhum

FERNANDO: com relação a quem se converteu. Acho que olhando por esse aspecto de descendência, dá pra considerar que eu sou judeu, mas do ponto de vista religioso... eu não me vejo

E: E você acha que por ser judeu nessa questão de descendência, você... isso interfere em alguma coisa na sua vida? Preconceito...

FERNANDO: Ah, mais ou menos (rindo), tipo, meus amigos zu... tipo, às vezes ficam brincando “ah, judeu, não sei o que...tal e tal”... tipo, antigamente, né, era mais comum assim, principalmente quando alguém falava, tipo, algum amigo seu falava pra tal pessoa “ah ele é judeu”, aí a pessoa “nossa sério? Não sei o que...” e começa a fazer um monte de perguntas... e tinha umas perguntas nada a ver

E: (ri)

FERNANDO: Uma certa ignorância do pessoal, que às vezes confundia até com Alá, “você reza pra Alá?” e tal... não tem nada a ver (rindo)

E: Quase o oposto (risos)

FERNANDO: É... totalmente oposto, mas eu nunca sofri preconceito preconceito, tipo “ah, ele é judeu, não vou falar com ele” nunca encontrei também nenhum neonazista, querendo fazer alguma coisa comigo e tal

E: E você fala que você é? Tipo pros seus amigos, pras pessoas?

FERNANDO: É... se perguntam assim... muitas vezes perguntam o nome “[sobrenome] de onde que é?” eu falo, do meu vó, né, romeno e tal... “ah, você é judeu, alguma coisa?” “ah, eu sou”

E: Uhum

FERNANDO: Mas normalmente tem reação tipo “nossa que legal”, de alguma coisa diferente, né,

E: Uhum

FERNANDO: e... acho que é mais uma surpresa pra maioria das pessoas, assim, e eu já acostumei. Antigamente eu até não gostava porque era visto tipo “ah, olha o judeu”,

tipo, não é o Fernando, é o judeu, mas já passou, aí... as vezes é... por brincadeira de amigo, tipo “ô judeu, que não sei o quê...”

E: Uhum

FERNANDO: É isso

E: Ta... então, só retomando a minha pergunta... o que significa ser judeu pra você,

FERNANDO: Uhum

E: levando em conta que esse povo ao longo da história sofreu e sofre perseguições, traumas... né, considerando também o mais conhecido, né, que é o Holocausto, que é mais recente, e grande, né... e tudo isso?

FERNANDO: Hum... o que muda pra mim?

E: É, o que significa pra você...

FERNANDO: Significa

E: ... ser judeu considerando toda essa história... toda...

FERNANDO: Ah, acho que as vezes eu.... as vezes eu sinto que é alguma coisa, como se eu tivesse que continuar, passando para as próximas gerações, porque... parece que virou tipo... uma religião que... se lá, foi quase destruída, né, na época da Segunda Guerra e agora, tipo, não tem muitos judeus, aí, que eu teria que com minha... tipo, como se fosse uma obrigação eu é... eu viver como judeu, né, passar pros meus descendentes, tal... mas... sei lá, eu não me preocupo muito, assim, acho até legal, a idéia de poder passar e tal, mas não sinto que é algo que a minha família impõe em mim, na parte da minha mãe,

E: Uhum

FERNANDO: né, que tem meus tios, minha vó, sei lá, pelo menos, hoje em dia já ta meio que... já ta passando aquela fase, tipo... judeu casa com judeu,

E: Uhum

FERNANDO: que antigamente tinha, na época da minha mãe tinha, né

E: Uhum

FERNANDO: meus avós não queriam deixar ela casar com meu pai, que meu pai é católico,

E: Uhum

FERNANDO: então tinha bastante essa coisa, né, não pode misturar com outro sangue, judeu com judeu e ponto final, tem que seguir as tradições. E hoje isso ta passando e... ah, pelo menos eu nunca fui obrigado a nada

E: Uhum

FERNANDO: em relação à religião, como eu tinha falado... não sei, acho que significa como... ah... mais como um clã, que... eu tenho que fazer parte e dar continuidade nele, parece mais isso pra mim...

E: Uhum, só no sentido de... assim, ter filhos e por o nome da família nos filhos

FERNANDO: é...

E: não tanto de transmitir a...

FERNANDO: os ensinamentos? Não...

E: os ensinamentos, tradições...

FERNANDO: Não, até porque eu nem tive isso... então... eu teria que aprender pra transmitir

E: Uhum

FERNANDO: pelo menos não é da minha vontade querer aprender,

E: Hum...

FERNANDO: Então, nesse ponto aí de... passar o conhecimento e a Cabala, eu num... não me importo, assim,

E: Uhum

FERNANDO: Não é algo importante... é isso!

(risos)

E: tem mais alguma coisa que você queira me falar? Relacionado a tudo isso que nós conversamos? (rindo)

FERNANDO: Não... acho que é tudo...

E: Alguma história que você lembrou... da escola (?)

FERNANDO: Eu acho engraçado como tem tipo escola pra judeu, assim, que mostra bem, tipo, é como se os judeus não quisessem que o judaísmo acabasse né?

E: Uhum

FERNANDO: Então... acho que até tá certo, né, por praticante da religião, né, quer espalhar uma palavra que acredita, mas eu estudei numa escola em São Paulo, [nome da escola], não sei se já ouviu falar?

E: É jud...

FERNANDO: É judaica, é famosa, acho que é a mais famosa que tem, e era engraçado, tipo, acho que era toda sexta, tinha o Shabat, aí tomava vinho, comia uma coisinha no... no intervalo da aula, tipo, os professores faziam todo um ritual, né, e eu devia ter uns seis anos assim, então, eu nem sabia do que era, né, eu ia porque era legal tomar vinho, né, o gosto era bom...

E: Hum...

FERNANDO: Mas é engraçado... e aí continua até hoje, né, tem também as colônias de férias judaicas, né... então... quando você entra, assim, de cabeça nesse mundo, né, você meio que, acho que... bota uma parte da sua vida nele também, porque começa a se envolver com pessoas que são judaicas, né, nos acampamentos, festas, tal...

E: Uhum

FERNANDO: É interessante isso... como se fosse... um grupo isolado também... agora eu acho que tem isso também no catolicismo, evangélico, tudo, acho que, acho que quase todas as religiões devem ter tipo, uma forma de tentar unir o pessoal que crê na mesma coisa, atividade...

E: Uhum

FERNANDO: Mas é bem... interessante... engraçado, na época eu nem fazia noção, não tinha idéia, né, não tinha noção, depois, que eu fui me tocar...

E: Você estudou até que série nessa escola? Quantos anos você tinha?

FERNANDO: Ó, foi a primeira escola que eu entrei, eu lembro que eu vim pra cá pra Ribeirão na primeira vez, eu já entrei no COC, acho que era no Jardim II, eu ia pro Pré. Só que aí tiveram que me botar no Jardim II de novo porque eu não tinha visto um montão de coisa... era diferente da [escola judaica].

E: Então você...

FERNANDO: É... um período curto assim... tinha uns cinco... dois anos de escola

E: Uhum

FERNANDO: Dois, três anos de escola, não é muito além disso não...

E: Entendi... e... quando você optou por não seguir o judaísmo? Você lembra?

FERNANDO: Eu acho que foi na época que eu tive... que eu fui meio que forçado de ver umas aulas de Bar Mitzvah, aqui em Ribeirão, que a Sociedade Israelita tem...

E: Uhum

FERNANDO: E tipo, sei lá, eu não queria... aí começou a passar na minha cabeça “Deus existe? Porque todo mundo quer pensar que Ele existe ou não? Fica se importando com isso e tal...” aí eu meio que deixei... comecei a deixar de lado... aí eu lembro que até tinha umas vezes que eu ficava “ah, Deus por favor, faz alguma coisa pra mim, faz eu passar de ano e tal, ou... eu não ficar de recuperação...” era o que eu mais pedia (rindo)

E: (ri)

FERNANDO: aí... não dava muito certo (rindo), aí eu acho que associei que... não tava dando certo, que Deus não gostava, ou não existia, sei lá! Mas eu... meio que me desliguei dessa parte, ou parei de pensar nela...

E: Uhum

FERNANDO: Até hoje eu não fico pensando “Deus existe?”... não sei nem se pode considerar que sou ateu ou não... que eu realmente num... não sei assim, se existe ou não, tudo aquela coisa de.... energia espiritual, que transcende, coisas que a ciência não pode explicar e tal, mas também eu não sei se isso significa que tem alguma força super poderosa que existe. Aí eu... tento não me focar nisso, penso nas coisas... mundanas mesmo

E: Uhum

FERNANDO: Acho que a partir dessa época assim, dos 13 anos de idade talvez, eu... meio que cortei da minha vida e parei de ficar me preocupando... tipo, “eu tenho que ter uma religião porque meus amigos tem, eu não posso falar que não acredito em Deus, se não eu vou ser zuado na escola”, essas coisas...

E: Uhum

FERNANDO: Aí eu meio que me desliguei, até hoje assim... (?)

E: Etão você não se considera... você se considera ateu? Não se considera ateu?

FERNANDO: Eu num....

E: Você não se considera...

FERNANDO: Eu não sei... as vezes eu penso que pode existir Deus, porque tudo é muito perfeito, o Universo, as Evolução, tal, mas ao mesmo tempo sei lá, eu sinto que tem uma parte de mim que quer prova, tipo, precisa ter uma equação matemática pra eu ver que Ele existe, né, sei lá, eu começo a pensar muito nisso, aí eu falo “é melhor eu parar de pensar e... sei lá, vou estudar o comportamento humano em psicologia que é mais interessante, que eu sei que existe” (rindo)

E: (ri)

FERNANDO: Ah, sei lá, tem umas teorias loucas da física que eu curto assim que... depois eu fico pensando... deve ter alguma coisa maior pra... fazer isso acontecer

E: Uhum

FERNANDO: Mas não sei... acho que é... acho que... pode falar que eu sou ateu... agora, tem alguma definição, tipo ateu não acredita em Deus mas acredita em alguma força superior? Não sei se existe isso...

E: Tem, algumas...

FERNANDO: Tipo, que não tem o nome Deus... eu não sei...

E: Acho que agnóstico...não sei

FERNANDO: Eu já ouvi isso, agnóstico, é, eu já ouvi falar em alguma coisa desse jeito, não sei... eu falava pras pessoas que eu era ateu, mas hoje se alguém me perguntar se eu acredito em Deus ou não eu vou falar “cara, não sei, vou tentar explicar porque eu não sei e vou ficar num... sei ou não sei, sei ou não sei, talvez”...

E: Uhum

FERNANDO: Mas é... uma coisa eu penso muito complexa pra gente entender, mesmo se Ele existir, a gente não consegue ver Ele, sentir Ele, as coisas do espiritismo também que fala, que a pessoa tem que ser especial, tipo Chico Xavier pra ver os espíritos e tal, as vezes é uma limitação nossa também, por isso que a gente acredita ou não... as vezes tem um... super poder pra ter uma fé super... grande e consegue sentir... eu... nunca senti nada assim relacionado, a ta conversando com Deus ou coisa parecida, então, eu também tento não pensar muito assim...

E: Uhum

FERNANDO: É isso

E: Ok, tem mais alguma coisa que você queira falar?

FERNANDO: Não, acho que não, acho que eu desviei um pouco o assunto nessa última parte

(risos)

FERNANDO: Acho que é só isso...

E: Ta... obrigada pela sua contribuição!

FERNANDO: De nada...

E: Se você lembrar de mais alguma coisa e depois quiser falar... também fica livre

FERNANDO: Uhum.

3.1.3. Neto: **Calebe**, nascido em São Paulo, 13 anos, Estudante.

Resumo

Calebe disse que se considera judeu por descendência, mas por opinião, escolha própria, é ateu. Para ele, o fato do avô ter lutado, fugido da Romênia e vindo para o Brasil não influenciam sua vida no dia a dia. Quando ele participava do Shabat, essas questões eram mais presentes e o influenciavam um pouco mais, mas depois parou de frequentar e pensar nisso. Ele ia às reuniões de Shabat porque sua mãe o levava, mas não

gostava de ir e não fazia muito sentido. Calebe acredita que, se seguisse a religião judaica, a história do povo judeu teria mais influência em sua vida. Ele relata que há preconceito e discriminação, e, por ser judeu, seus amigos o tratam como “diferente”. No entanto, não acredita que esse preconceito ou discriminação dos amigos seja algo ruim, pejorativo, mas apenas o consideram diferente.

Entrevista Calebe - 04/07/2012

E: Entrevistadora (Milena)

CALEBE: Participante

Entrevista realizada na casa do participante.

E: Bom, então, é... diante do que eu tava te explicando, eu queria saber de você, como é ser judeu, se você se considera judeu, primeiro, como descendente, né, e... como que é pra você, se você se considerar, levando em consideração que ao longo da história este povo sofreu trauma ao longo da história, pensando no trauma como situações difíceis que são enfrentadas, que as vezes geram dor, sofrimento, né, e se isso tem alguma influência na sua vida hoje, no seu jeito de viver a vida, no seu dia a dia... ta claro?

CALEBE: então, é... eu não me considero judeu assim, eu sei que tipo eu sou por descendência judeu,

E: Uhum

CALEBE: mas eu por opinião, escolha própria e sou ateu.

E: Uhum

CALEBE: E... eu sei que, meu amigos, e eu também sei que os judeus, o povo judeu sofreu, tipo, sempre foi meio... sempre sofreu na história, tipo, desde a criação deles, de religião, até... da guerra, até hoje em dia, né, ta tendo guerra

E: Uhum

CALEBE: E... assim, eu não sei falar se eu tenho alguma influência, se me afetou de algum jeito, porque assim, eu, pra mim, não sei se faria muita diferença

E: Uhum

CALEBE: eu ter sido judeu ou não

E: Uhum

CALEBE: Só isso

E: E você conhece... seu avô contava histórias é...

CALEBE: De guerra...

E: Histórias da vida dele, da guerra?

CALEBE: É, sim, meus bisavós, eles fugiram da guerra né,

E: Uhum

CALEBE: e... meu... meu vô, daí ele fugiu da Romênia, ele mesmo veio pro Brasil e minha vó, ela nasceu aqui no Brasil só que os pais dela fugiram da Polônia, eu acho

E: Uhum

CALEBE: da guerra também, daí eles se conheceram aqui e meu vô... ele lutou um tempo na guerra

E: (tosse)

CALEBE: e ele contava algumas histórias assim de... tipo do quartel e tal, de ter que lutar na guerra... que era...

E: Uhum

CALEBE: bem tenso, assim, que ele contava. Pra mim ele nunca falou muito, mais pro meu irmão, meu irmão que sabe mais disso.

E: Uhum

CALEBE: Dessa parte da guerra, dele, né?

E: E como que era pra você saber dessa história, ouvir...

CALEBE: Sim, eu pensava, tipo, “nossa, que droga, meu vô lutou na guerra e tal, horrível isso” mas... é... assim, é claro que se ele num... se ele tivesse morrido na guerra minha mãe não ia nascer, nem eu mas, assim, agora, não sei se faz muita diferença não

E: Uhum

CALEBE: pra mim, ne, pra ele com certeza fez!

(risos)

E: Uhum. Então você acha que não tem muita diferença esse passado, essa história toda?

CALEBE: É, assim, tem claro, eu...eu... assim, se não tivessem judeus, eu não seria judeu, lógico, mas eu não sei se faz muita diferença pra mim hoje em dia

E: Uhum

CALEBE: Fez, tipo, é, fazia quando eu ainda ia em Shabat, frequentava essas coisas, mas agora eu não... não vou mais, não penso mais nisso...

E: Uhum... e como que era pra você participar dessas coisas, quando você participava?

CALEBE: Assim, eu sempre achei um pouco entediante, nunca... e também muitas coisas que os rabinos falavam nunca fazia muito sentido pra mim, eu sempre ficava...

assim... num... num... num tem sentido e tal...e... era meio estranho, porque também eu não entendia o que eles falavam em hebraico,

E: Uhum

CALEBE: eu não gostava muito de ir, mais minha mãe que me arrastava, a maior parte das vezes

E: Uhum... e agora você optou por não ir mais?

CALEBE: É...

E: Entendi. Deixa eu ver se tem alguma coisa mais que eu quero saber... e você acha que... não pensando só na parte de religião, mas na parte de cultura... das características do povo judeu...e tal, isso tem alguma influência na sua vida hoje? Ou mesmo a história, do passado, tudo?

CALEBE: Ah, deve ter... porque, assim, é um povo diferente, tem costumes diferentes, obviamente, então talvez tenha mudado alguma coisa na minha criação, na minha personalidade, talvez, e, assim, algumas coisas que eu tenho certeza que fazem diferença é, por exemplo, é... meu amigos, as vezes tipo, todo mundo sabe que eu sou judeu, as vezes eu sou chamado de judeu (rindo)

E: hum...

CALEBE: Mas... é, são coisas assim... não são muito importantes, mas...deve ter... alguma influência nisso de... da criação

E: E você sente algum tipo de preconceito, alguma coisa, por ser judeu, ou não?

CALEBE: Sim, tem com certeza... um pouco assim de discriminação, é.. sempre que tem alguma história e tal de aula de religião, eu... sei... meus amigos sempre falam “ah, o Calebe é judeu” e tal, eles sempre gostam de ressaltar isso e, assim, eles consideram que eu sou... “diferente” entre aspas né, que tipo, eles sabem que eu sou judeu, essas coisas, mas não é um preconceito ruim assim, não tem nada de...

E: Uhum

CALEBE: discriminar assim, de ruim...

E: E o que que tem de diferente de você para eles, pra assim, ter essa característica? O que você acha?

CALEBE: ahm... as vezes eu não sei alguma coisa tipo... eles vão em igreja católica a grande maioria dos meus amigos

E: Uhum

CALEBE: Então... eu não sei praticamente nada sobre o catolicismo, assim,

E: Uhum

CALEBE: Eu sei, mas menos, com certeza e... e... eu ia falar alguma coisa, esqueci!
(baixinho)

E: Fugiu...

CALEBE: ah, péra aí... (curto silêncio)

E: Sobre os costumes?

CALEBE: É... então.... ah, lembrei, lembrei! Assim, a minha família de São Paulo

E: Uhum

CALEBE: eles... eles são todos judeus, né, a maioria pelo menos que eu conheço e eles são um pouco diferentes, assim, como eles levam o... a religião tipo, mais a sério do que eu, pelo menos eles vão tal em Shabat, frequentam sinagoga, essas coisas... então eles tem costumes mais diferentes sim

E: Uhum

CALEBE: Por exemplo o que eles comem, por exemplo eu tenho família que só come comida Casher²¹. E... eu imagino que pros amigos deles é uma coisa estranha assim, tipo, uma coisa fora do comum.

E: Uhum... mas vocês aqui comem... comem de tu...

CALEBE: Eu não consigo pensar assim em nenhum costume, assim,

E: Uhum

CALEBE: que eu tenha que seja diferente de uma pessoa... só porque eu sou judeu. Pelo menos não consigo pensar agora...

E: Uhum... ta... bom, tem mais alguma coisa que você queira me falar de... com relação a isso... de tudo que a gente conversou?

CALEBE: Assim, eu imagino que se... o preconceito da... da época, assim, da Segunda Guerra Mundial, se esse preconceito não tivesse mudado, aí a minha vida seria beem diferente. Tipo... Se... por exemplo, meus... meu vô, ele fugiu da guerra, se... essa guerra, assim, se os judeus ainda fossem considerados é... tipo ruins assim, do mesmo jeito que antigamente, seria bem diferente... pra todos judeus, com certeza

E: Uhum

CALEBE: porque aí ia ser um “povo” entre aspas bem excluído assim, não ia ter direito, essas coisas

---

²¹ Casher: Comida casher é a dieta da nutrição espiritual para a alma judaica. Isso é designado para trazer refinamento e purificação ao povo judeu. Para um judeu, toda comida não-casher diminui a sensibilidade espiritual, reduzindo a habilidade de absorver conceitos da Torá e mitsvot. Tanto a mente quanto o coração são afetados (Chabad, 2013).

E: Uhum... mas você não sente nada disso? De excluído, de preconceito...

CALEBE: Não, não sinto não, assim, como eu falei, meus amigos tipo sabem, eles falam “ou, o Calebe é judeu... ó o judeu chegando aí” e tal, mas não é nada que afeta negativamente,

E: Uhum

CALEBE: Só... eles sabem, eles meio que... que... eles meio que, não que separam, mas eles...eles... sabem, sempre pensam, assim, uma vez aconteceu de... um menino novo, a gente começou a conversar, tal, daí ele um dia falou assim “nossa que droga, to com mó preguiça hoje, eu não quero ir na...crisma” eu acho, crisma né? “eu não quero ir na crisma”... daí eu: “crisma, que é isso?”, “crisma mano, como assim você não sabe? Você nunca foi na crisma?” daí eu: “que que é?” aí ele “igreja mano, aula, você nunca foi?” “não, eu sou judeu cara”, daí eles “ah...”

E: Você fala então que você...

CALEBE: É sim, pra mim... até porque eu não sou judeu judeu mesmo, eu sou ateu, mas assim, eu sei que eu sou judeu, sabe? Deu pra entender o que eu quis dizer, né?

E: Mais ou menos

CALEBE: Assim, pra mim eu não penso “ah, eu sou judeu, tal, eu tenho que ir no Shabat, essas coisas”, porque eu não escolhi seguir o judaísmo

E: Uhum

CALEBE: Mas eu sei que por descendência, assim, minha família é judeu e tal, então, pra maioria das pessoas que eu conheço eu falo que sou judeu, porque realmente eu meio que sou realmente judeu, né, todos os meus descendentes são, mas...

E: Você só não segue a religião...

CALEBE: É, eu não sigo a religião.

E: Mas você reconhece... você considera...

CALEBE: É...

E: a sua...

CALEBE: É... minha família é judia...

E: o povo...

CALEBE: Eu sou... só não sigo a religião mas...

E: Uhum, entendi... ok... (curto silêncio) só reforçando, você então considera ou não considera que a sua... o fato da sua família ou da sua origem ser judia (ou judaica?)

CALEBE: Eu também não sei (sussurrando)

E: Ta bom (sussurrando)

(risos)

E: É... influencia na sua vida, no seu jeito de viver a vida? Ou...

CALEBE: Eu acho que influenciaria bem mais se eu seguisse a religião

E: Uhum

CALEBE: porque daí eu ia ter outros costumes, eu ia pensar de um jeito diferente, mas eu acho que não muito por causa da minha opção assim.

E: Uhum

CALEBE: Eu acho que se eu seguisse eu ia pensar bem diferente algumas coisas

E: Entendi... ok... e tem mais alguma coisa que você queira falar?

CALEBE: Não... é isso aí...é isso...

E: Uhum... então acho que é só (risos)

CALEBE: Só? Rápido até...

E: Foi... rapidinho...

(desliguei o gravador)

Perguntei há quanto tempo tinha parado de ir freqüentar a religião judaica. Perguntei se poderia ligar o gravador novamente, disse que sim.

E: Faz tempo que você parou de ir?

CALEBE: Faz um pouco, faz uns... um ano e pouquinho, talvez mais até, talvez dois, por aí...mas... na verdade foi meu irmão que... que primeiro... tipo, parou

E: Uhum

CALEBE: E foi ele que... decidiu primeiro parar de...de acreditar, de seguir, mas depois de um tempo, mais ou menos um ano assim eu ainda ia... no Shabat, sinagoga, participava e tal, mas eu não... não... sei lá, eu ia mais por causa da minha mãe, porque sei lá, eu imagino né, não tenho certeza, mas eu imagino né que quando meu irmão falou pra ela que não tava mais afim, né num... ela deve ter ficado um pouco... sei lá, um pouco abalada, né, porque na época ela levava bastante a sério... e também por causa do meu vô, que eu demorei um pouco pra... tipo, assumir, por causa do meu vô, porque... o meu vô sempre quis que...que meu irmão fizesse... ahm... Bar Mitzvah, que meu irmão fizesse Bar Mitzvah porque ah... é tipo primeira comunhão, é como se fosse quando faz 13 ou 14 anos,

E: Uhum

CALEBE: que o menino tem que... fazer lá e tal, pra passar de menino pra homem.

E: Uhum

CALEBE: E o meu vô sempre quis que meu irmão fizesse, mas ele não fez na época, e... eu também não tava muito afim, assim, mas eu... eu pensava “não, eu vou continuar, assim, indo, fazendo, querendo aprender” por causa do meu vô, que ele é realmente, tipo, o mais judeu assim da família, e... e eu pensava... por causa dele, que eu queria fazer, mas depois eu fui crescendo, amadurecendo mais um pouco a ideia de que... se eu realmente acredito naquilo ou não, e tinham algumas coisas que eles falavam nos Shabats assim, que era meio que contra o que eu já pensava.

E: Uhum

CALEBE: Por exemplo, a coisa mais, assim, mais óbvia, é a criação do mundo. Eu sem... assim, pelo menos, tipo, pelo tempo que eu consigo lembrar, eu sempre pensei, sempre acreditei na teoria científica do criamento, tudo, só que eles sempre falavam que não, que foi Deus e tal, e eu as vezes falava isso com meus amigos, se eles, a maioria dos meus amigos também acredita na parte religiosa, e eu não, assim, eu nunca gostei desse pensamento, então, quanto eu fiquei, quando eu cresci mais um pouco eu me toquei que eu num... acreditava, assim, no que era falado.

E: Seus amigos... é... judeus?

CALEBE: Não, católicos, católicos.

E: Entendi...

CALEBE: É isso, por isso que eu parei... de acreditar.

E: Entendi... então você não acredita em nada... de religião, assim?

CALEBE: Não...

E: Uhum

CALEBE: Não... acredito na ciência!

(risos)

CALEBE: Pronto (baixinho)

E: Quer falar mais alguma coisa?

CALEBE: Dessa vez não

E: Ok. Obrigada!

3.2. Família 2: Patrícia e Iracy.

3.2.1. Filha: **Patrícia**, nascida em São Paulo, 65 anos, Aposentada (Relações Públicas).

Resumo

Patrícia começou contando que os filhos dela não seguem o judaísmo, mas que eu “tive sorte” que sua neta vai fazer o Bat Mitzvá. Disse que no “livrinho do Shabat” fala que deve transmitir o judaísmo aos filhos e netos para que nunca “morra”. O pai de Patrícia era judeu, proveniente da Romênia (Rússia) e sua mãe da Polônia. Eles se conheceram em São Paulo e, como tinham vindo com medo da guerra, procuravam sempre pessoas em famílias judias para se casarem. Seu pai faleceu aos 59 anos de idade, quando ela estava grávida da segunda filha. Por isso sua filha chama Iracy, em homenagem ao nome do avô, mantendo a tradição de preservar na família o nome dos que faleciam. Patrícia conta que antigamente as mulheres não iam muito à sinagoga e agora que está com mais idade ficou mais religiosa, pois se casara aos 17 anos com um não judeu, espanhol, dez anos mais velho do que ela. Na época seus pais não aceitavam o casamento, temendo que ela se afastasse do judaísmo. Ela diz que realmente se afastou. Mas, embora tenha ficado um pouco revoltada na época, depois ficou decepcionada por ter magoado os pais e disse que casou muito iludida e a realidade é diferente. Depois de 30 anos de casada se separou. A participante relata que seus pais não conversavam muito sobre a guerra com os filhos, pois, a seu ver, eles não queriam transmitir uma imagem ruim da vida para eles. Patrícia não gosta de saber da história, nem de assistir filmes sobre o nazismo, pois fica muito chocada. Ela fica indignada ao ver pessoas sofrendo ou na miséria e diz que fica revoltada porque vê “que é muita maldade e geralmente quem faz o mal é que ganha”. Ela participa da SIRP desde o começo e até conta um pouco da história do surgimento da SIRP. No entanto, se sente um pouco impotente pelo fato dos filhos não seguirem a religião. Para ela, “ser judia” sempre tem um pouco de influência em sua vida. Ela gostaria de contar a todas as pessoas que é judia, mas tem medo de se deparar com alguém que “detesta” os judeus.

Entrevista Patrícia 18/07/2012

E: entrevistadora (Milena)

PATRÍCIA: participante

Entrevista realizada na casa da colaboradora.

Conversas “quebra-gelo”, sobre o gravador, expliquei meu trabalho da Graduação, os objetivos do trabalho do Mestrado.

E: Meu objetivo é ta entrevistando os filhos e os netos dos sobreviventes da Segunda Guerra,

PATRÍCIA: Certo

E: E aí, eu queria saber, se tudo bem de você estar participando?

PATRÍCIA: Não, tudo bem, não tem problema, só que os meus filhos, por exemplo, eles não seguem.

E: Uhum

PATRÍCIA: Mas você teve a sorte que a minha neta, vai fazer Bat Mitzvah!

E: Humm

PATRÍCIA: Ela ta estudando agora, então, né, quer dizer... então... pra gente não ficar assim... porque você, que já frequentou a SIRP, você reparou que lá na Bíblia, né, ou seja, no livrinho do Shabat, ta escrito que a gente tem que transmitir aos filhos, aos netos, pra que nunca morra o... o judaísmo, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: então eu falei com ela. A princípio ela “ai vó, não sei...” depois eu falei “olha, filha, você, querendo ou não querendo, você é uma judia, porque a sua vó é judia, que é mulher, a sua mãe é judia também”, apesar dela não... né, mas ela já foi até vice-presidente da SIRP, né,

E: Ah é?

PATRÍCIA: Não sei se você soube...

E: Não...

PATRÍCIA: É, na época do Z., né, só que o Z. faleceu, não sei se você sabe,

E: não...

PATRÍCIA: então, ele faleceu faz um ano já, e... ele que dava aula de... de Cabala e assim, ele era um Rasam, um cantor, que nem o F.

E: Uhum

PATRÍCIA: Então ele sabia muito sobre judaísmo, os filhos dele moram em Israel, né, ele também, acho que já morou um tempo lá... então a gente sempre tem que, né, assim, procurar fazer alguma coisa pelo menos, né, pra que os nossos filhos tenham uma ideia do que é ser judeu, né

E: Uhum

PATRÍCIA: Então, como eu te falei, eu tenho uma irmã que mora em Israel, em Beer Sheva, ela vai vir em outubro pra cá, e... e eu, meus pais, tanto meu pai e minha mãe, como a da Maria também, são judeus, né

E: Uhum

PATRÍCIA: eles vieram, o meu pai veio da Romênia, da Rússia, né, e a minha mãe da Polônia, mas em São Paulo que eles se conheceram, né, porque naquela época como vinham, assim, com medo da guerra, né, eles procuravam sempre procurar as famílias judias pra se casarem né,

E: Uhum

PATRÍCIA: pra você ter uma idéia, minha mãe se casou em três meses (rindo), que ela falou brincando, ele foi na ca... que soube, né, da família, que era a família da minha mãe, e... falou assim “você quer casar comigo?” ela falou “ ah, se você arrumar os papéis em três meses eu caso”

E: (ri)

PATRÍCIA: e ele então arrumou, né, e se casaram e foram felizes até que a morte os separasse, quer dizer, felizes em termos, porque ninguém é totalmente feliz, você sabe disso, né

E: Uhum

PATRÍCIA: uns trancos e barrancos (rindo), mas tiveram cinco filhos, né, graças a Deus todos vivos ainda, né

E: Uhum

PATRÍCIA: E... mas eles já são falecidos há muito tempo, por exemplo, meu pai morreu com 59 anos

E: Uhum

PATRÍCIA: E... eu tava grávida da minha filha. Então ela vai fazer 40, então fazem 40 anos que ele faleceu, e inclusive ela tem o nome dele

E: Hum...

PATRÍCIA: porque antigamente, agora não muito, mas antigamente a gente sempre procurava por o nome da pessoa que faltou pra que ia nascer, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: como no meu caso eu chamo Patrícia porque minha avó paterna chamava-se Patrícia, né

E: Hum...

PATRÍCIA: E a minha filha também eu pus, né, e o meu filho chama S., porque o irmão do meu pai tinha falecido quando eu tava esperando ele e aí eu prometi pra ele que ia dar o nome do irmão dele.

E: Uhum

PATRÍCIA: Mas hoje em dia não se usa mais isso, né

E: Uhum

PATRÍCIA: fazem assim mais ou menos, mas a maioria não faz.

E: Uhum

PATRÍCIA: Então, como os meus netos, por exemplo, nenhum tem nome de ninguém (rindo), né

E: Uhum

PATRÍCIA: a minha neta chama G. e o meu netinho chama E., e eu agora tenho uma netinha mais nova que fez um ano e 18, aliás, e um mês, né, é que ela nasceu no dia 18 de maio, eu ia falar 18...

E: Ah ta...

PATRÍCIA: E... ela chama-se L., ta? Então é isso, né, agora eu fui criada na... na religião judaica, como os meus pais, os dois eram, né, e antigamente também tinha uma coisa, as mulheres não iam muito à Sinagoga, a não ser em algumas ocasiões mais específicas, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: Como no dia do Perdão, na... na Festa da Torá, né, que eu me lembre, né, que mais? Acho que é isso aí, assim, de sábado nós não íamos, assim, as mulheres quase não iam, eram mais os homens que iam rezar.

E: Uhum

PATRÍCIA: Por isso que eu acho que acabaram fazendo as sinagogas, você já deve ter oportunidade de ter ido em alguma, né, que as mulheres ficam separadas,

E: Uhum

PATRÍCIA: pra que os homens... se dediquem realmente a Deus, né, porque... por mais que não queira, né, é sempre uma... assim, como é que se fala? Desvia a atenção, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: Vendo as mulheres bonitas, cheirosas...

(risos)

PATRÍCIA: Sei lá! Você assistiu “O violinista no telhado”?

E: “O violinista no telhado” acho que não, eu assisti “O pianista”,

PATRÍCIA: Ah, “O pianista” é muito lindo também, mas é, né, chocante porque é de guerra, agora o... “O violinista no telhado” também é muito bom porque fala do Shabat, tudo, só que aí depois no casamento o... o... acho que os russos também, né, acabaram

com tudo, foi muito triste, aí eu não gosto nem de ver, só que, assim, pela música, pelo... eles falam muito em tradição, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: Então é tradicional o Shabat, a gente guardar, e tudo né, agora... não sei mais o que que eu poderia dizer...

E: Ta, então posso fazer umas perguntas?

PATRÍCIA: Você fazendo umas perguntas eu te respondo né, porque as vezes fica mais fácil...

E: Eu queria saber...

PATRÍCIA: Hum...

E: O que significa ser judia pra você, levando em conta, né, que ao longo da história esse povo sofreu guerras, perseguições,

PATRÍCIA: Uhum

E: e... até o Holocausto, né

PATRÍCIA: Ah, sim...

E: E como... o que significa isso pra você hoje, no seu dia a dia, na maneira de você viver a sua vida...

PATRÍCIA: Então, agora que eu to mais velha... é... a gente ficou assim, mais religiosa, vamos dizer assim, né? Porque uma, que eu casei, assim, com 17 anos, com um não judeu

E: Uhum

PATRÍCIA: então eu fiquei até um pouco revoltada assim com meus pais, né, porque eles não queriam porque aí já vai afastando, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: como afastou realmente, né (rindo) então eu, por exemplo, eu casei com um não judeu, espanhol ainda, um homem mais velho do que eu dez anos, né, que não tem muita importância, mas sempre tem, né, de outro nível, essas coisas, né, que os pais sempre querem o melhor para os filhos

E: Uhum

PATRÍCIA: E... demorou muito, a minha mãe, por exemplo, ficou três anos sem conversar comigo, de jeito nenhum, não queria saber, falou “olha, quando você casar com esse moço, você morreu pra mim”, agora meu pai era uma pessoa mais assim pacata, mais inteligente talvez, né, e ele, sabe, ele, assim, abençoou a gente, falou “não adianta, eu sei que quando a gente gosta de alguém o amor num... não é... não tem

fronteiras, não se deve proibir, nem nada, porque quanto mais proíbe, como eu vi que você... foi casar com ele, né, querendo ou não querendo, sendo menor de idade, né”

E: Uhum

PATRÍCIA: Então eu... sabe, eu passei muito assim, fiquei muito decepcionada, né, porque além de magoar meus pais, eu vi que não era nada daquilo, né, porque nós também tínhamos diferenças de... econômicas, né, meu pai tinha uma loja lá, eu sou de São Paulo, né

E: Uhum

PATRÍCIA: E então, eu acho assim, né, ele era, né, não tinha nem casa própria, uma coisa assim muito diferenciada da minha... vida, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: Porque eu tinha de tudo, sempre estudei em escolas particulares, a perua ia me buscar em casa e me levar na escola, eu estudei hebraico,

E: Uhum

PATRÍCIA: estudei em escola Israelita, né, então eu via que o nível realmente era beem diferente em todos os sentidos, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: e qualquer coisa que eu falasse para ele, ele falava que eu era ambiciosa, né, porque as vezes eu não tinha nem o que comer em casa, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: Não sei se eu devo falar isso, mas...

E: Não, fica tranqüila!

PATRÍCIA: Né, se você achar meio chato de falar, você tira

E: Não!! Ta super interessante!

PATRÍCIA: E então graças a Deus meu pai apoiava a gente, pra ele eu nunca falava que ele era ruim, né, falava que era muito bom, não sei o que... então meu pai ajudou a gente, assim, né, deu apoio, e... isso daí foi contribuindo pra que eu ficasse (tocou a campainha)

PATRÍCIA: desculpa, é um problema, se você quiser desligar.

E: Não, fica tranqüila!

(encanador – problema no banheiro)

Pausei.

PATRÍCIA: Pode ligar, pode ligar... que que eu tava falando mesmo?

E: Que seu pai ajudava, apoiava vocês...

PATRÍCIA: Bom, agora eu espero outra pergunta, né, deixa, se não...

E: (ri)

PATRÍCIA: Então, aí a gente foi indo melhorou de vida, eu arrumei um emprego, né, de funcionária pública e... a gente foi assim, seguindo, mas nunca assim, eu falava pros meus filhos depois de três anos que eu tive meu primeiro filho, né, que é o S., eu sempre falava que eu era judia, tudo, assim, enquanto meus pais tavam vivos a gente ia sss... comemorar o... a Páscoa na casa deles, todas as festas,

E: Uhum

PATRÍCIA: mas depois ele faleceu, né, depois de cinco anos e meio acho que meu filho tinha, aí ele faleceu, então a coisa já ficou meio... mais... assim, difícil da gente.... apesar que a minha mãe né, continuava fazendo, mas já sem o... o homem da casa, que era o meu pai, o avô, né, tão maravilhoso, ficava mais difícil, né, e.... e a gente foi indo, tudo, eu fiquei casada com ele 30 anos, até onde deu, né, quando não deu mais eu me separei (rindo)

E: Ah, vocês se separaram...

PATRÍCIA: Me separei, meus filhos já estavam grandes... é que a gente sempre fica “ai, os filhos vão...” mas não tem idade, os filhos sempre ficam meio chocados e, ao mesmo tempo, eles querem e não querem, né, porque... porque eles falam “ah, mas a senhora sempre tava brigando...” mas eu já reparei que todos os casais brigam né (rindo) é dificilmente, infelizmente eu casei com muita ilusão, achei que ia ser super feliz, como a gente vê muitas histórias de fadas, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: Mas na realidade é... é outra coisa...

E: Uhum

PATRÍCIA: Tem casais que não brigam, mas é muito difícil, né? A maioria... se desentende como eu te falei, por fal... por... assim, eu acho

E: Pessoas diferentes, né, tem que se ajustar...

PATRÍCIA: É, exatamente! Você vê, as vezes até com o próprio irmão a gente não se dá muito bem, né

E: Uhum

PATRÍCIA: Que foi criado da mesma forma, imagina uma pessoa totalmente diferente, de outro lugar, e de outra... religião, e de tudo o mais, né

E: Uhum... e seus pais contavam, eles é... eles viveram o período do Holocausto?

PATRÍCIA: Então, olha, os meus pais vieram pro Brasil por causa da guerra, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: Quer dizer, eles nunca, sabe, conversaram muito a respeito comigo porque eu acho que eles não queriam que a gente tivesse uma imagem ruim da vida

E: Uhum

PATRÍCIA: mas o que eu me lembro muito bem, é que, por exemplo, eu tenho uma... tinha uma tia também, que são já todos mortos, né, por parte da minha mãe, eu só tenho uma tia por parte de pai, que... mas não é irmã, é cunhada, né, dele, que... que ela tinha muito medo na... no dia de, do sábado de aleluia, porque eles malhavam o Judas, né, como se fossem os judeus, ela dizia isso, ela falou “ai, eu não vejo a hora de ir pra Israel, se eu puder, eu gostaria de ir pra lá porque eu morro de medo de andar pelas ruas no dia...” como é que fala? Sábado de Aleluia, né, acho que é, então eu ficava assim, tinha uma, ir... uma amiga, também judia, né, que ela falava muito mal dos alemães, que eles faziam aquelas atrocidades, mas meus pais nunca falaram nada disso pra mim.

E: Uhum

PATRÍCIA: E eu sei, depois de muitos anos que o, não sei que conversa saiu que o, a minha irmã mais velha falou “nossa, você não sabe o que eles fizeram com a nossa vó”, que seria a minha vó que chamava Patrícia, né

E: Uhum

PATRÍCIA: Mas eu, sabe, eu não gosto nem de saber, eu não gosto nem de ver os filmes, que eu acho que é muito muito... terrível, sabe? Eu acho que uma pessoa que não é judia, ela assiste e acha ruim, mas uma pessoa que é judia, ela assiste aquilo lá, que nem eu vi o filme Olga, nossa, aquilo lá, nossa, sabe? Eu não agüentei, eu vim em prantos pra casa e aquilo me chocou muito, eu fiquei muito tempo assim, né? Eu não consigo! Eu começo ver o filme, mas eu não consigo ver até o fim.

E: Uhum... e sua irmã chegou a te contar o que que eles fizeram com a sua vó?

PATRÍCIA: Então, ela falou assim por cima, mas eu, sabe, eu achei melhor não saber, né, falou que aproveitaram dela, sabe, que faziam assim porque ela era judia... então sabe, é uma coisa muito degradante, assim, uma coisa terrível, né, pra uma pessoa, invadiram a casa dela e... sabe? Que eles faziam mesmo... que eu vi uma vez o depoimento de uma senhora, não sei se ela ainda tá viva, na televisão, que eles pegavam a baioneta com crianças quase recém-nascidas e enfiavam nas crianças, assim, rasgava as crian... nossa aquilo lá eu acho que é muita, muita maldade, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: E olha, e me pergunta, eu li também “se Deus é bom, né porque que existe tanto essas coisas?” mas até hoje eu não consigo entender tantas coisas... ca... onde que tava Deus, né? Porque lá tinha rabinos, né, gente que era muito... é como no Nordeste, desculpa falar, porque que tem tanta seca lá se o povo é tão crente em Deus, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: cê me desculpa, eu sei que você não tem nada a ver com isso, mas eu fico revoltada, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: Eu fico, que nem eu falo, nossa se acontecesse alguma coisa com a minha neta, com meus netos, eu não sei se eu vou... assim, eu acredito muito em Deus, tenho, sou assim,. né, crente Nele

E: Uhum

PATRÍCIA: mas eu... eu tem certas coisas que eu não entendo... já desde o começo, eu fico revoltada com Caim e Abel, até eu peguei um livro aqui, eu vou ler, né, ta vendo? Não tem nada a ver, mas é, assim, como se fosse, né, história, eu comprei num Sebo, você vê que custa um real...

E: Hum

PATRÍCIA: Mas eu já... essa história, eu já fico indignada porque era só Caim e Abel e, como é que chama?

E: Adão e Eva?

PATRÍCIA: A Eva e o Adão... como é que Deus só com dois filhos naquela época não impediu dele...? Eu sei que é o livre-arbítrio, mas eu não entendo isso, porque eu também tenho dois filhos

E: Uhum

PATRÍCIA: e eu acho assim, se o meu filho me der um carro e a minha filha me da um... uma flor, por exemplo, eu não vou deixar de gostar dela por causa disso, cê ta entendendo? Eu... é... imagina, nem por nada, cê ta entendendo? Eu acho que cada um dá aquilo que acha que a mãe merece e... como é que Deus admitiu que um fi... um... um irmão matasse o outro por causa da... que ele tava oferecendo o melhor pra Ele, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: As primícias, as coisas, então, sei lá, eu sou muito chata com isso, sabe? E vejo muita... sabe, não consigo ver uns com tantas casas, outros, morando em baixo da ponte, sabe? Muita crueldade, crianças que não conseguem estudar, porque tem os pais assim, né, ai, eu, eu fico muito revoltada, sinceramente. Nem novela eu assisto, né, mas

eu fico...assim, muito nervosa, (começa a rir) meu filho fala “mãe, mas a senhora fica nervosa com tudo”, mas eu fico porque eu vejo que é muita maldade e geralmente quem faz o mal é que ganha, sabe, assim,

E: Uhum

PATRÍCIA: sai... vencendo, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: Como os políticos, né, que fazem, assim, tanta coisa e um que rouba uma...uma caixinha de..de.. sei lá, de goiabada ou de manteiga vai preso

E: Uhum

PATRÍCIA: e eles lá, numa boa, né? Então é isso, sabe, não é só dos judeus, é... em tudo que eu... eu acho que sou no fundo um pouco comunista, se bem que o meu pai também me explicou que o comunismo não é como a gente pensa, né, eles falam que é assim, mas não é, você vê Cuba, não sei se você teve oportunidade de ver

E: Uhum

PATRÍCIA: que as pessoas... (riu) lá é comunista, é comunismo, e eles não vivem bem, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: quer dizer, só os poderosos lá que tão bem, os outros tão passando à míngua, né?

E: É...

PATRÍCIA: Bom, acho que não é... se não não dá tempo de você me perguntar nada (rindo)

E: Mas como que é pra você ser judia, diante de toda essa história? Você acha que isso...

PATRÍCIA: Então eu...eu...

E: tem implicação pra sua vida?

PATRÍCIA: Ah, eu... ah, então, né, eu tava falando e me perdi, né, que chegou o homem... eu comecei a freqüentar a SIRP porque... por uma coincidência... que eu tinha chegado de Israel, né, que eu trabalhava numa ótica, e quando eu cheguei lá a minha colega falou “nossa, veio um moço de Israel aqui, né, ele vai vim buscar o óculos...” aí eu falei “então, por favor, né, quando ele vier buscar o óculos você me chama que eu quero... conversar com ele”

E: Uhum

PATRÍCIA: Aí foi justamente, conversei com ele e ah, tava perto de Pessach, né, que é a nossa Páscoa, e ele falou que ia convidar todos os judeus pra comparecerem lá, que eles tavam vendo pela lista telefônica.

E: Hum...

PATRÍCIA: Coisa que muita gente que morav... que morou aqui muito tempo, nunca teve essa ideia, né, acho que eles já vieram com essa intenção, porque eles já vieram trabalhar na [empresa], né

E: Uhum

PATRÍCIA: Então pra aproveitar, né? Aí eu comecei a freqüentar a SIRP né, fui no jantar e... e depois, né, já começamos a alugar a... uma... ali na... na Álvares Cabral, um apartamento, né, seria... como se fosse uma Sinagoga pra nós, né, e já fazem, o que? Uns... 15 anos quase... que só lá na... o endereço onde ta agora já tem 10...

E: Uhum... e... você acha que... que isso, que toda essa história, essas perseguições, que elas tem alguma influência na sua vida hoje?

PATRÍCIA: ah, sempre tem um pouco, né, sempre tem, a gente fica com medo, né, assim, eu gostaria de falar pra todo mundo que eu sou judia e eu falo, na maio... a maioria das pessoas, mas eu sempre fico, “nossa, será que né, não é uma pessoa, assim, que detesta?” que nem, já houve, uma vez eu até (rindo) namorei com um moço, né, que parecia ótimo, inteligente, engenheiro, só que ele tinha sofrido um acidente, né, ele sofreu um acidente, ficou com... assim, com poucos... como é que se fala? Ele anda, fala, mas fala um pouquinho... ruim, né, porque ele ficou nove meses em coma, né? E aí depois ele se recuperou, ele teve que aprender a falar, andar, tudo mais e... então, eu fiquei com ele, namorando, acho que assim uns seis meses, mais ou menos, e uma vez lá no chorinho, né, que eu vou todos os domingos, o meu irmão mais velho esteve lá e eu né, fui apresentar, eu...eu já tinha desmanchado com ele, mas eu apresentei, né, “olha, esse é meu irmão mais velho, esse é um amigo...” ele falou assim “ah, foi esse aí que ajudou matar Jesus?”. Nossa, aquilo me chocou muito, sabe, eu fiquei muito magoada.

E: Uhum

PATRÍCIA: Porque você sabe da história né (rindo), não é bem assim, né, todo mundo culpa o povo judeu, mas por uma pessoa?! Então nós também... também deveríamos culpar um monte né, porque, por exemplo, onde é o Vaticano, que eram os romanos que... bom, você sabe, não quero entrar em detalhes... Então é isso, sabe, sempre tem

alguém que, por mais que a gente não queira, sempre tem alguém que ainda acha coisas assim, ignorante, né, não procura saber, nem nada e fala mal dos judeus.

E: Entendi...

PATRÍCIA: Então é que nem os negros também né.

E: Uhum

PATRÍCIA: Você vê, os negros, por mais que eles estejam bem, tudo, sempre tem alguém “ah, negro né”, sabe, né, do ditado? (rindo) a minha mãe falava isso e os espanhóis são muito... porque lá na Espanha eu estive também lá na Espanha agora, né, fa... faz três anos, é... você quase não vê negros, é...muito poucos, né, e eles trabalham em... em tabacaria, essas coisas, mas eles... quando meu marido, por exemplo, porque ele é da Espanha, como eu falei, ele veio pra cá, ele até se assustou de ver tantos negros aqui, porque lá na Espanha não tinha, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: e eles tem assim, um preconceito muito grande com eles... desculpa, não to...(rindo) acho que não to respondendo o que você quer...

E: Não, não, ta sim... era mais isso que eu queria saber, né, o que significa ser judia pra você... levando em conta a história...

PATRÍCIA: Ah, eu me sinto judia porque meus pais...

E: Uhum

PATRÍCIA: e outra coisa, depois de muito tempo, como eu te falei, eu tive a oportunidade de ir... numa Igreja Universal, bom, assim, porque eu sou curiosa, não gosto de falar mal de ninguém, sem... sem ver né, sem... foi lá que eu me senti mais judia, porque eu vi que, nossa, não desmerecendo as.... eu sei que você é Evangélica, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: mas lá, eu senti que lá era um teatro, porque o... como é que chama? O... o que faz lá a palestra.... o...como é que chama?

E: Pastor?

PATRÍCIA: É, o pastor, o pastor falava tantas vezes em demônio, demônio, demônio, coisa que eu nunca escutei na... no judaísmo, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: e batia o pé e não sei o que e depois começou pedindo mil reais pra todo mundo, assim, quem quiser... eu achei aquilo, sabe, um comércio, uma coisa muito... né, eu falei “nossa! Eu acho que é melhor eu ser judia mesmo” (rindo) pensei comigo né, que eu fui convidada por uma vizinha que é professora e tudo mais. Então, eu acho, ali

que eu via a diferença, né, porque, o meu pai soube nos instruir muito bem, diz que a gente quando dá as ciosas pros outros num..num... dá de coração, não fazer diferença pra ninguém, meu pai tratava um engraxate, que naquela época tinha muitos né, como um médico, a mesma coisa, só que aquele engraxate num teve a oportunidade de estudar, então, mas é gente como a gente, num tem demérito nenhum, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: Então eu acho assim que... eu fico um pouco assim, chateada de ver como existe tantas diferenças das coisas, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: Você vê que eu casei com um homem também assim por causa acho que mais pena, né, de ver que ele não tinha os recursos que eu tinha, sei lá, não sei. Gostei dele lógico, né, também, mas é, assim, eu vejo que é muita diferença de pessoa pra pessoa assim, de... de termos aquisitivos e... como é que se fala, também de... cultura, né.

E: Uhum

PATRÍCIA: Então... eu acho assim, acho assim, também a minha filha teve também oportunidade de estudar numa escola pública, e que um dos professores era... antissemita, né, quer dizer, era anti judeu e falava claramente... então ela também se sentiu assim, sabe, meio sufocada, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: E a gente tem medo, né? Porque as vezes você vai falar, a outra pessoa “ah, ele tem razão” ou qualquer coisa, sei lá né (rindo) a gente sempre fica mais, humilde, né, assim, humilhado, por... por ver que ainda tem pessoas que acham que os judeus não prestam, tudo... eu acho que todo mundo, todos, né, não é... eu acho que todo mundo tem o seu lado podre e o seu lado bom, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: Não sei se eu to certa, mas... não é? Ninguém é... só Deus mesmo que é único e poderoso e... mas falhas todos nós temos, né?

E: Uhum... e tem mais alguma coisa que você queira me falar nesse sentido?

PATRÍCIA: Não... não sei... eu me sinto um pouco poten...IMpotente (com ênfase no “im”), né, por não conseguir que meus filhos seguissem a religião.

E: Uhum

PATRÍCIA: Mas é por eles também tem influência do pai, né, que é católico, mas não assim, fervoroso, ele é católico porque também os pais deles eram, é, né, o pai deles, né,

a minha filha parece que se interessou mais, mas depois, sabe, ficou, assim, também desmotivada...

E: Uhum

PATRÍCIA: É... sei lá! Mas graças a Deus ela não proibiu da minha neta fazer o Bar Mitzvah que eu acho muito interessante, como eu falei pra você, falei pra ela “você não tem nada a perder, você querendo ou não querendo você é judia”

E: Uhum

PATRÍCIA: “e isso só vai acrescentar à sua... sabedoria ou... o seu modo de viver, né? Você tem livre-arbítrio depois pra você... ver o que é melhor pra você, se é essa religião ou outra, né?”

E: Uhum... e... pra você, ser judia significa fazer parte de um povo? De uma religião?

PATRÍCIA: É...

E: Do quê?

PATRÍCIA: De um povo, de uma religião, né, porque a religião é israelita, né, e antes eu até achava, assim, muito pejorativo falar “judeu”, sabe? Eu sempre falava que eu era israelita,

E: Uhum

PATRÍCIA: porque a religião nossa é israelita, né, mas agora todo mundo fala judeu, judia, né, tá tão comum assim que a gente acaba falando pra pessoa entender mais, ou sei lá.

E: Uhum

PATRÍCIA: Se cê fala israelita “que que é isso?”, né, não sabe nem o que é (rindo)

E: Então tá totalmente relacionada a religião com o povo?

PATRÍCIA: É, eu acho que si... mais ou menos, né, mais ou menos. Não posso te afirmar porque, como eu te falei, eu tenho sangue judeu, né, de pai e mãe, então eu sou judia pura, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: eu não tenho como dizer que eu não sou

E: Uhum

PATRÍCIA: né, apesar de que eu já conheci pessoas judias há muitos anos atrás quando eu fui na Argentina, eu conheci a sogra de um... de um... de uma pessoa, não, é... a sogra da moça, né, que casou com o primo do meu ex-marido, que ela era judia polonesa, mas ela optou pelo catolicismo por causa da... da perseguição, né.

E: Uhum

PATRÍCIA: Sabe, que tem aqueles judeus novos ou novos... não sei como é que é...que falam direito, né.

E: Uhum

PATRÍCIA: Então é isso. Então eu... eu acho assim, que também no judaísmo tem mais prós do que contra, porque por exemplo, eu sou ajudada por um tio que era irmão do meu pai, até hoje ele já é falecido, mas ele deixou uma carta, deixou avisada pros filhos e pra esposa

E: Uhum

PATRÍCIA: pra continuar me ajudando, que faz isso uns 12 anos já, né? É... desde que a minha netinha nasceu, porque ele viu que eu tava mesmo necessitada (rindo) entende? Então eles ajudam um ao outro e esse mesmo meu tio ajuda outras pessoas também, não é só eu não...

E: Uhum

PATRÍCIA: e ele é muuuito rico. Que Deus abençoe que cada vez que eu recebo a contribuição que ele me dá eu também peço a Deus pra que multiplique em mil aquilo lá que ele me dá...

E: Uhum

PATRÍCIA: e nunca falta. Por isso que eu falo, a pessoa tem que ser mesmo bondosa, dar pras pessoas, isso eu aprendi quando eu era menina, uma vez a minha mãe foi visitar uma tia dela, irmã da mãe dela, né, e eu falei “ah, porque a senhora ajuda tanto essa senhora, né, essa tia?” Daí ela falou assim “olha, filha, porque a gente tem que ajudar primeiro os da gente, os... os mais próximos, depois os de fora”, que a gente tem mania de ajudar os outros (rindo)

E: Uhum

PATRÍCIA: e os de fora não tomar muito conhecimento, né, então... eu fiquei com aquilo na cabeça, né? Foi uma explicação boa que ela me deu...

E: Uhum

PATRÍCIA: E eu to sendo ajudada, né, graças a Deus eu sei que ele ajuda uma prima minha também, e... outras pessoas, né, então é muito... eu acho que muito bacana! Não fica esperando que a gente agradece, nem nada, sabe?

E: Uhum

PATRÍCIA: Ele me manda todo mês... agora mo... faleceu mas a minha tia me manda todos os meses e... sabe assim, já é... normal,

E: Uhum

PATRÍCIA: entende? É como se... sei lá, é como uma conta que ela tinha que pagar, vamos supor, né

E: Uhum

PATRÍCIA: Então isso daí me deixa muito feliz porque eu vejo que não é todo mundo que faz isso, não é verdade? Então... que mais? (riu)

E: É mais isso...

PATRÍCIA: Que eu poderia dizer?

E: Você acha que essas histórias de guerra, né, ou do povo judeu, que mesmo do Holocausto ou da Segunda Guerra Mundial... você acha que tem alguma influência na sua vida hoje?

PATRÍCIA: Ai, sempre tem, né, um pouco, por mais que a gente queira esquecer, tá muito... ainda, né? Ainda mais agora, nós conseguimos o dia da lembrança, né, não sei se você sabe, pra que isso nunca mais aconteça, com ninguém, né, eu não quero com ninguém,

E: Uhum

PATRÍCIA: não é só com o povo judeu... eu acho que essas guerras... não vira nada né? (relógio tocou) Bom cê vai saber quantas horas cada... (rindo) é de 15 em 15 minutos que ele bate...

(risos)

PATRÍCIA: Mas acho que nem uma hora... ah, uma hora, não, você não chegou as quatro, chegou quatro e meia, né... Então, é... eu acho que é isso, né, eu acho que a gente procura fazer com que isso nunca mais aconteça, como aconteceu também umas coisas aqui no Brasil, né, da Revolução, dessas coisas, porque... matar as pessoas não tá no nosso conceito, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: O que mais também me aflige são as coisas tão horríveis que acontecem todos os dias, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: das pessoas matarem umas as outras, pra... por bobagem, né, a troco de um tênis, de uns trocados, né, não é por aí, né, então, o meu pai que deu sem (?) em um lugar, ele sempre nos transmitiu muita paz, pra não fazer mal a ninguém, ele falou pra gente nunca roubar, nem que fosse um centavo, porque aquele centavo que você roubasse de alguém, vai te fazer muito mal.

E: Uhum

PATRÍCIA: Então, a gente, sabe, tem até... aversão por, né, o que é da gente é da gente, Deus sabe o que a gente necessita e da de acordo, como diz, né, “Deus dá o frio conforme o cobertor”.

(risos)

PATRÍCIA: Então, Deus dá o suficiente pra gente viver bem. É... que tem pessoas que são invejosas, que sempre quer mais, é gananciosa, né, eu graças a Deus, eu agradeço muito a Deus todos os dias o que eu tenho, porque eu já passei também por privações como eu te falei, quando eu casei, e... eu acho que eu tenho o suficiente pra viver e estou bem!

E: Uhum

PATRÍCIA: Graças a Deus e à minha tia também que me ajuda, né? Porque se eu fosse viver só de salário mínimo, eu também não conseguiria viver, né?

E: Uhum

PATRÍCIA: Que é... que eu já estou aposentada com um salário mínimo, né?

E: aham

PATRÍCIA: Porque a gente também trabalha muito, mas nunca pensa no futuro, né? Acha que vai... assim, né, mas não é bem assim, né, que nem eu, sempre trabalhei, mas eu nunca assim, a maioria do tempo, nunca fui registrada, né, ou trabalhava por conta, né, e a gente não tinha essa, né, pelo menos eu quando era jovem não tinha essa noção, né, de que no futuro eu poderia precisar, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: mas felizmente eu me aposentei, também não me arrependo, só... só acho assim, que tem pessoas que são muito... é... esperta, agora eles tão acabando com isso, né, porque houve uma época quando o... o meu ex-esposo é... é... se... como é que se fala? Se aposentou, então ele já pagou uma quantia assim, 10 salários ou 20 salários, não sei quanto, pra poder ter uma aposentadoria melhor, né, assim, pagou bastante mas pra ter essa recompensa. E depois não é bem assim, né, tão recebendo menos do que pagaram,

E: Hum

PATRÍCIA: porque sabem muito bem que foi esperteza, né,

E: Uhum

PATRÍCIA: que pagaram uns dois ou três anos essa quantia e depois já se aposentavam com o máximo e a gente sabe que não é possível pagar todo mundo o máximo.

E: Uhum

PATRÍCIA: Como tem pessoas, não sei se é do teu conhecimento, que as mulheres e filhas de... de presidente, né, há um tempo atrás, elas não se casavam porque elas recebiam uma pensão, muito... muito assim gratificante (rindo), então elas viviam junto com alguém, mas não falavam que eram casadas, porque se não eles suspendiam a...

E: pensão...

PATRÍCIA: a pensão, né... você tem conhecimento disso?

E: É... né...

PATRÍCIA: E outras coisas que eu fico também revoltada é de uns velhinhos que as vezes recebem só um salário mínimo por ele estar casado, né, a mulher não tem direito de receber. Eu soube por um... uma pessoa conhecida, né,

E: Hum

PATRÍCIA: Só depois que ele morre que ela pode rece... quer dizer, um absurdo isso, né, tem que viver de favor dos filhos, quando tem, ou... sei lá, continuar trabalhando, né

E: Uhum... é... as desigualdades, né...

PATRÍCIA: Não é? Pois é... e você? Bom, tem mais pergunta?

E: Não...

PATRÍCIA: Então você desliga aí, que eu quero, EU fazer umas perguntas pra você (rindo)

E: Ah ta...

(perguntou do meu casamento, se meu noivo é da mesma religião que eu, se trabalha, se fez faculdade... porque é importante...)

3.2.2. Neta: **Iracy**, nascida em São Paulo, 39 anos, Representante de Cobrança e negócios.

Resumo

A participante começou contando que o judaísmo não depende só da religião. Filhos de mãe judia são judeus. A mãe dela é judia e o pai não, mas eles sempre deram liberdade para que os filhos escolhessem, embora a mãe ensinasse sobre a religião judaica, contasse histórias e falasse dos significados. Em certa época, ela estudou várias religiões, para tentar entender e mesmo porque em Ribeirão Preto há poucas famílias judias e quando se mudaram não tinham um local para se reunirem. Além disso, nesta cidade as pessoas não tem muito conhecimento sobre a religião judaica. Embora tenha medo de falar que é judia, Iracy tem orgulho de ser judia, por conta do Holocausto e considerar que os judeus são sobreviventes, “não se perderam nisso tudo” e afirma que

teve a sorte de nascer em uma família que preservou a fé e a cultura judaica, pois muitos foram obrigados a negar a religião e a descendência para sobreviver. Como ela não teve muito contato com os avós, sabe dos acontecimentos do passado porque estudou sobre o assunto. Na SIRP eles também faziam reuniões e falavam da importância de dar continuidade, sempre respeitando o livre-arbítrio dos filhos. Embora trabalhe aos sábados, ela tenta seguir o judaísmo na maneira do possível e diz que “ser judia” influencia em sua vida, pois tem uma bagagem, uma história toda de luta e seus pais e avós batalharam muito para conquistar o que conquistaram.

Entrevista Iracy 25/07/2012

E: entrevistadora (Milena)

IRACY: participante

Entrevista realizada na casa da colaboradora.

A entrevista começou na casa da participante. O filho mais novo de três anos estava um pouco manhoso, tivemos dificuldades para conversar. Ele ligou desenho na sala, tive dificuldade para ouvi-la. Iracy pediu para a filha mais velha chamar a avó (Patrícia) que mora no mesmo condomínio para ficar com os netos e podermos conversar. O menino não quis ir para a casa da avó, saímos da casa, sentamos em uma mureta na garagem do prédio para continuar a entrevista. Começou falar antes de assinar o termo de consentimento, então pedi para ligar o gravador.

IRACY: Então... é... se você tiver alguma pergunta...

E: É que você tava falando dos descendentes...

IRACY: É... que é mais assim, história mesmo, né, porque você sabe que o judaísmo é... ele depende muito, assim, não é a pessoa, não é exatamente uma religião, é... é muito mais do que isso é... os filhos de mãe judia são judeus, né, é... então, assim, a minha mãe é judia e meu pai não, e... assim, eles sempre deram muita liberdade pra gente escolher e... assim, nunca... assim, minha mãe sempre passou o que era a religião dela, o que era, assim, é... todo significado, contou as histórias e... deixou sempre tudo muito claro, assim, tudo que a gente perguntava... e eu tive uma época que eu estudei várias religiões

E: Uhum

IRACY: pra entender, pra saber, o porquê, o porquê... mesmo porque aqui em Ribeirão, são poucas famílias, quando a gente veio pra cá a gente não conhecia um...outras famílias que fossem, é... de judeus, então a gente ficou assim, meio que né, é, tateando (filho ligou um filme na sala), ficamos, é, assim, ter um local onde se reunir e os costumes não são tão...

(briga dos filhos, menino não queria sair da sala, pediu para a filha mais velha ligar para a avó ir ficar com eles. Filho continuou assistindo filme na sala)

IRACY: E... então, aí, eu já ouvi que agora eu ouvi que isso, daqui de Ribeirão, o pessoal não sabe... não tem noção do que que é... “ah, qual sua religião?” “sou judia” “nossa, você judia? Você que matou Jesus?” Sabe? Assim, aí você já fica assim, né, fala poxa, num... num... não sabe... ainda em São Paulo o pessoal tem mais conhecimento, sabe, mas (fala com o filho que ficou chamando por ela) então, mas, assim, no mais... ai... é... eu passo os costumes assim como a minha mãe me passou, eu passo pra eles, mas eu deixo assim, o livre arbítrio pra que eles escolham, eles também, da mesma maneira, se tem curiosidade em saber, ou referente a outras, eles tem total liberdade pra escolher o que eles querem fazer

E: Uhum

IRACY: E... assim, aqui, nós somos judeus liberais, tem os ortodoxos que são... eles seguem ao pé da letra.

E: Uhum

IRACY: Mas aqui em Ribeirão é muito difícil ser um judeu ortodoxo, porque, mesmo porque a comida é diferente, é... os hábitos são totalmente, assim, são diferentes e... e não tem muito como é... os liberais sim, porque a gente é maleável quanto aos costumes, né, agora o ortodoxo já é mais difícil... e você tem alguma curiosidade? Do que você queira...

E: É... como eu falei, o objetivo da minha pesquisa é ta entrevistando os descendentes, filhos e netos de judeus que... que... (me perdi, o menino aumentou o som do filminho)

IRACY: sobreviveram

E: Sobreviveram ao Holocausto e Segunda Guerra, e eu queria saber, primeiro, se você se considera judia, né?

IRACY: Sim

E: Por ser descendente... é... como que é pra você ser judia diante de toda essa história, né?

IRACY: Eu tenho orgulho referente a isso, porque eu acho que antes de mais nada são sobreviventes

E: Uhum

IRACY: E eles num... num... se perderam nisso tudo, porque é... que que acontece, é... depois que houve o Holocausto, é... houve é... a imigração, né, o pessoal fugia, né, porque houve os campos de concentração pegar, então, foram mui... muito poucos aqueles que conseguiram sobreviver àquele horror

E: Uhum

IRACY: e fugir a tempo e se salvar, então os que vieram pro Brasil, a grande maioria conseguiu se salvar, e por isso que eu to aqui, né, porque se não não estaria e teria acabado.

E: Uhum

IRACY: É... e... eu acho que não se perderam assim, porque a fé que a gente tem, porque a gente, é... muitos, teve os novos cristãos, foram obrigados, em outros lugares, eles foram obrigados a negar a... a sua descendência, a sua religião, pra se manter vivos, né, e pra poder continuar vivendo. Aí são os novos católicos né, e... e... e... eu tive a sorte de... aqui no Brasil e nascer numa família que eles continuam, né, não deixou morrer isso, nós continuamos e preservamos e é, eu acho que é a fé mesmo, a crença é acreditar num Deus único, é seguir os 10 mandamentos, assim, da, né, né, de tentar da melhor maneira possível seguir os dez mandamentos assim, e... o que da pra gente fazer a gente faz, o que não dá a gente não faz,

E: Uhum

IRACY: dentro dessa doutrina de... de... não... não não somos ortodoxos, entendeu? Eu não, sinceramente, tenho primos que moram em Israel que são ortodoxos... é... mas assim, não me enquadro, não tem como, não me enquadro, nessa vertente dos ortodoxos.

E: Aham

IRACY: E sim nos liberais que eu acho que é mais, o que eu penso e o que eu concordo, e assim, nada obrigatório, a minha mãe sempre deixou a gente livre pra... pra seguir o que a gente quer acreditar naquilo que a gente quer né, acreditar naquilo que a gente quer, né, e eu busquei isso por um tempo, né, na adolescência eu falei “vou estudar um pouco de cada uma pra saber se... o que que eu quero ser, o que que eu...” embora, é... filhos de mãe judia são judeus, né.

E: Uhum

IRACY: Isso independente de... não é... assim, é igual, por exemplo, não é uma religião “ah, eu quero ser judeu, eu vou lá, vou começar a frequentar”, não é assim

E: Uhum

IRACY: é muito difícil uma pessoa se tornar um judeu

E: Uhum

IRACY: por justamente ter esse... esse... é... é assim, a mãe que é judia e os filhos são, por exemplo, meu irmão, ele é judeu, mas os filhos dele não são judeus, porque não nasceram do ventre de uma mãe judia.

E: Uhum

IRACY: Então é assim...

E: Transmite pela mãe...

IRACY: É, pela mãe.

E: E... como é pra você, assim, você sabe? Seus avós contavam as experiências que eles tiveram? Ou sua mãe, seus tios...

IRACY: Os meus avós, assim, no caso, eu não tive muito contato porque, o meu avô morreu 20 dias antes d’eu nascer, por isso que o meu nome é Iracy, porque meu avô se chamava I.

E: Hum...

IRACY: Então, como uma homenagem, isso também é de costume é... assim, quando uma pessoa morre a... a... a que nasce, a próxima que nasce leva o nome daquela que faleceu.

E: Uhum

IRACY: Isso é um costume Ídiche, né, assim, mais... e... é... aí eu... e a minha vó, como a gente já morava no interior, e ela em São Paulo, não tinha muito contato,

E: Uhum

IRACY: mas assim, assim, eu vi filmes, é... estudei, sei da história... lá na SIRP a gente sempre fazia reuniões, tudo, eu sei o quanto é importante passar isso pros filhos e... assim, dar continuidade, dessa maneira que eu te falei, assim, deixando o livre-arbítrio deles também escolherem o que eles querem, porém a gente passa informação, tudo que veio pergunta a gente tenta responder da melhor forma possível, se não sabe a gente vai perguntar pra uma pessoa que saiba, pra poder passar da melhor maneira possível, então, eu acho assim, muito, é... acho assim, é lamentável o que aconteceu porque cê vê ser humano matando ser humano,

E: Uhum

IRACY: né, e... por interesses pessoais, políticos, ou... de poder, né e... como que pode, assim, eu acho que... eu acho um absurdo matar... da maneira que foi feito, né, o Holocausto, assim, porque você vê, eram milhares de... de judeus e... e... poucos, poucos assim, armados, e eles escravizaram o povo, assim, do nada, eles tiraram tudo o que eles tinham, tiraram, separaram as famílias, né, criança, mulheres, homens e... e foi um... um... horror, uma coisa horrível, e... e mesmo assim o povo judeu não... não... não se... não... não perdeu a... a sua fé, a sua conduta, né, eles passaram por tudo aquilo e... continuam...

E: Uhum

IRACY: Né, seguindo e... muitos, assim, é... sei lá, eu acho que que... isso é a... a provação mesmo, né (rindo), provação, porque você é... ser julgado, morrer por causa do que você acredita, do que você pensa, assim, sem você tá fazendo mal a ninguém, né,

E: Uhum

IRACY: você tem o costume e... e você não pode seguir aquilo, você é obrigado a... a ter, a viver em condições que eles viveram como escravos

(tocou a campainha – a mãe/avó foi buscar os netos. O menino não quis ir. Eu e a participante descemos e sentamos na mureta da garagem do condomínio para conversar. Ela estava com os termos de consentimento na mão, foi ler e assinar)

IRACY: pode perguntar... se você tiver uma canetinha...

(assinou o termo)

IRACY: Se tiver mais alguma coisa...

E: Aham

IRACY: pode falar que vou... (assinando)

E: Eu queria saber,

IRACY: Hum?

E: É... como que é pra você saber dessa história, do povo judeu, a questão do Holocausto e da Segunda Guerra, mas também as perseguições ao longo da história...

IRACY: O que que é pra mim?

E: Como é pra você...

IRACY: Então, foi o que eu falei, pra você, eu acho assim, é triste, porque é... eu acredito que é uma mente insana

E: Uhum

IRACY: Né? De uma pessoa que possa ter é... ter feito o que ele fez como o próprio ser humano

E: Uhum

IRACY: porque... nem com... com... com bicho, nem com... com... sei lá! Eu acho muito terrível um ser humano matar outro ser humano.

E: Uhum

IRACY: Mesmo porque dentro da nossa religião isso já é... assim, se ta dentro dos mandamentos que a gente não pode fazer isso, que ta errado, né

E: Uhum

IRACY: a gente não pode matar, não pode roubar, a gente não pode dar falso testemunho,

E: Uhum

IRACY: tem várias coisas dentro daquilo que tem que seguir

E: Uhum

IRACY: e que... assim, o que que eu tenho muito, assim, pode ser até uma coisa pessoal, mas acredito que dentro de todos judeus, a gente sabe que o que a gente faz um dia a gente paga por aquilo, se a gente faz o bem a gente vai ter o bem, se a gente faz o mal, a gente vai ter o mal de volta, então, assim, hoje eu eu lamento de mais pelo que aconteceu, porque a gente sabe que isso...é... pode acontecer!

E: Uhum

IRACY: E, assim, a gente vê isso em pessoas assim, que a gente... eu temo por isso,

E: Uhum

IRACY: porque... é... por exemplo, se eu trabalho num lugar onde tem muitas pessoas e tem o que são contra, a gente vê lá... gente fazendo suástica, não sabe nem o que si... sabe?

E: Uhum

IRACY: significa e acha bonitinho fazer... aqui, que é um lugar onde moram muitas pessoas as vezes no elevador tem

E: Uhum

IRACY: Sabe? E eu acredito que são pessoas assim, que num... não saibam direito o que é...

E: Uhum

IRACY: o judaísmo... ou tem uma... uma... um pensamento deturpado a respeito disso... foi o que eu te falei, é... a falta de informação, a falta de conhecimento leva a pessoa a cometer atos assim, que não tem explicação, né.

E: Uhum

IRACY: Não tem como você explicar porque que um Bin Laden, né... joga um avião pra matar... um monte de gente! Ou o porquê do Hitler matar mais de seis milhões, não tem como você explicar a insanidade dessas pessoas, a gente explica o que a gente faz, eu tento criar os meus filhos da melhor maneira possível, com dignidade, trabalhando honestamente,

E: Uhum

IRACY: entendeu? E passando valores morais pra eles, assim, do que eles devem ou não devem fazer

E: Uhum

IRACY: então, eu acho assim, eu tenho orgulho, mas tenho medo

E: Uhum

IRACY: tenho medo... tenho orgulho da religião que eu tenho, sigo, tenho fé, acredito, mas... eu tenho medo, assim, de publicar, de divulgar, de falar “ó...” eu num...num... num chego é... falando quem eu sou, assim, mesmo porque eu acho que um rótulo, é... e ruim, né...

E: Uhum

IRACY: Assim, então, eu sou uma pessoa normal, sou um ser humano como qualquer outro.

E: Uhum

IRACY: Assim como tem é... o... como tem os negros, como tem japoneses, como tem né?

E: Uhum

IRACY: é... como eu te falei, eu acho que o judaísmo não é só uma religião

E: Uhum

IRACY: é como se fosse “ó, sou negra? Não, sou judia”

E: Uhum

IRACY: entendeu? Porque se... por exemplo, é... eles fizessem uma lista ou... uma seleção, como foi feita, de quem é ou quem não é, eu sei que eu estaria na lista de quem é...

E: Uhum

IRACY: Entendeu? E não só por opção,

E: Uhum

IRACY: por descendência, ascendência... e eu me orgulho disso, estaria...

E: Uhum

IRACY: passaria por tudo, se fosse preciso, novamente...

E: Uhum

IRACY: Entendeu? Não voluntariamente, porque, né? (rindo) embora eles te... te... tenham, né, se entregado voluntariamente, sem guerra, sem... sem... sem... mas eles iam fazer o que, também?

E: Uhum

IRACY: Né? Assim como os negros também num... num... num... qui... num... num queriam ser escravos, né, porém era a situação deles naquele momento, que eles tiveram que enfrentar e superar aquilo. E nós superamos, acho que de uma maneira brilhante!

E: Uhum

IRACY: Né? Assim, sem perder o... a dignidade, e...e... a fé, e... tudo mais, e os costumes, dentro do que a gente pode fazer.

E: Uhum... você segue? Né, que você falou que não é ortodoxa, mas liberal, mas que... mas você costuma ir nas reuniões?

IRACY: sim, quando tem as vezes eu vou... não vou sempre como deveria ir, mas as vezes eu vou nos Shabats acendo as velinhas pra agradecer a semana e alguns, do que eu posso fazer, os rituais que eu posso fazer, rituais assim, né que é

E: Uhum

IRACY: de agradecimento, como o Shabat, essas coisas, eu tento preservar, mas, por exemplo, eu trabalho de sábado,

E: Uhum

IRACY: entendeu? E eu não posso chegar no meu trabalho e falar assim “olha, eu sou judia, a minha religião não permite eu trabalhar de sábado” eles vão falar “olha, seu trabalho não permite que você não trabalhe de sábado, então ou você sai ou você...”(rindo)

E: Uhum

IRACY: Então... eu vou (rindo) fazer o que, né?!

E: É, faz de domingo (rindo)

IRACY: Vou me adaptando, né (rindo)

E: Vai se adaptando...

IRACY: É...

E: Deixa eu ver se tem mais alguma coisa... você acha que essa história ou o fato de você ser judia tem alguma influência na sua vida hoje? Dos acontecimentos do passado...

IRACY: Ah eu... eu acho que sim, né, porque eu acho que...que...que eu sou jud... que eu sou...tem uma bagagem, assim,

E: Uhum

IRACY: é... uma história toda que eu sei, de luta, e...e assim, eu sei que é... pra conseguir as coisas os meus avós batalharam muito e que os meus pais também.

E: Uhum

IRACY: E... e isso vai, continua assim, é...vai passando, né, assim, os valores, é, a gente valorizar, assim, o que tem valor realmente, né, porque eu acho que poder, cargos, é... e assim, dinheiro, isso vem e vai.

E: Uhum

IRACY: Agora, assim, o caráter, o que você acredita, os valores do que você passa, do que é certo, do que é errado, isso não tem dinheiro que compre, não tem...

E: Uhum

IRACY: Acho que é conhecimento, que, né, um avô passa...como...”ó, como é que você vai fazer pra sobreviver, pra ganhar o seu pão de cada dia, se você prosperar, se você é... tiver sucesso naquilo” entendeu?

E: Uhum

IRACY: “melhor, mas siga esse caminho, faça a coisa...”

E: Uhum

IRACY: “dessa maneira, trabalhando, conquistando, subindo um degrauzinho de cada vez, né, não puxando o tapete de ninguém” (rindo), né?

E: Uhum

IRACY: Os valores, assim, eu acho que isso vem daí, do judaísmo, né, assim, que meu pai também é assim, porém ele não é... católico, mas ele sempre... é... também foi muito... assim, deixou a gente muito livre, sempre concordou com tudo assim,

E: Uhum

IRACY: da religião da minha mãe, nunca... sabe? Nunca... sempre deixou seguir direitinho, se ela tinha vontade de fazer as coisas... é... sempre... respeitou.

E: Uhum

IRACY: E eu acho que isso também é fundamental, o respeito, porque, igual, é... o judaísmo, ele respeita todas as outras religiões.

E: Uhum

IRACY: Não tem “ah... ai aquele é... sabe, não é, então...” não é uai, todos são... somos irmãos, todos somos seres humanos,

E: Uhum

IRACY: né, e aí eu acho que a gente vive uma democracia, graças a Deus

(risos)

IRACY: pra poder, né, pensar e agir conforme a gente queira

E: Uhum

IRACY: e acredita...

(curto silêncio)

E: E você acha que saber dessas histórias do passado influenciam de alguma forma

IRACY: talvez, assim, eu acho que si... – boa tarde – (para o vizinho que passou). Eu acredito que sim, também, por a gente saber que do mesmo jê... assim, que tem pessoas que pensam diferente, que agem de maneira diferente,

E: Uhum

IRACY: que... não seguem os mesmos padrões, entendeu?

E: Uhum

IRACY: Que a gente segue, que não tem os mesmos valores, né de respeito... eu respeito, né?

E: Uhum

IRACY: Desde que essa pessoa não... não... interfira no meu e eu não interferindo no dela, assim,

E: Uhum

IRACY: é respeito, eu acho, “cada um no seu quadrado”

(risos)

IRACY: Assim, cada um tem o livre-arbítrio pra... mas eu acho que assim, influencia no sentido da gente passar, assim, porque a gente não pode confiar e ser tão assim, achar que todo mundo pensa como a gente e age como a gente, porque tem gente que é ruim, tem gente que mata só por saber, “ah, você é judeu? Então tá, ‘pá!’ (som de tiro), você vai morrer”.

E: Uhum

IRACY: Entendeu? E... e eu tenho...tenho... a minha tia mora lá em Israel e lá isso é muito nítido, assim,

E: Uhum

IRACY: muito... eu lembro da minha mãe escrevendo cartas, mandando paçoquinha pra minha vó, o... pra minha tia e minha tia falando “não manda essas coisas porque eles acham que é... sei lá, uma bomba, abre tudo!” sabe?

E: Uhum

IRACY: São todos... porque tem...é assim lá, né.

E: Uhum

IRACY: Aqui, nem... aqui não é nem... nem... nem 1%, a gente não sabe o que que é a perseguição e lá é muito... é luta por território, né.

E: Uhum

IRACY: Então, assim, aqui a gente vive, graças a Deus, muito bem, assim, né,

E: Uhum

IRACY: tranqüilo, tudo, assim, só lido com esse fato da falta de conhecimento, das pessoas não saberem o que que é, se vêem um ortodoxo eles falam “Que isso? É teatro?” (rindo) sabe? “É ator? É o que? Que que é isso?” né, porque os ortodoxos andam com as roupas, né,

E: Uhum

IRACY: características e... mas eu acho muito bonito, assim o judaísmo, tem muitas coisas que eu acho muito legais e que eu concordo, igual, não sei se você chegou ou alguém te falou a respeito disso, no... quando... no cemitério, né, eles não, né, é... se morre um judeu, eles não... não tem o velório como é nas outras religiões, não se vê a pessoa morta, por quê? Pra você lembrar dela com vida!

E: Uhum

IRACY: E... e... realmente, se você vê uma pessoa, assim, morta, se você vai a um velório, você vai lembrar daquela pe... a última imagem que você teve daquela pessoa que é ela morta,

E: Uhum

IRACY: e no judaísmo não tem isso, você vai lembrar da pessoa com vida, eu acho isso legal, acho isso bonito.

E: Uhum

IRACY: E outras coisas, assim, porque eu acho que também, é... a... as religiões que existem tem suas raízes, né, tudo começa com... com uma e vai puxando, vai enraizando, assim como o cristianismo veio depois que Cristo e Cristo, é... Jesus Cristo era judeu,

E: Uhum

IRACY: Ele é de uma família que é... né,

E: Uhum

IRACY: Então... eu acho que uma coisa vai puxando a outra e tudo tem... tem a sua raiz, né.

E: Uhum

IRACY: Tem várias coisas muito interessante no judaísmo, e acho que tudo, tudo que se vive, que se passa, é importante, importante pra gente ser o que se é hoje, assim, pra gente ter o conhecimento que tem hoje, os valores de hoje

E: Uhum

IRACY: E... viver como a gente vive hoje, assim.

E: Uhum

IRACY: E é o que eu vou passar pra minha filha, pro meu filho, porém, nunca também vo... vo... assim obrigar eles a nada, eles fazem se eles querem, seguem o que eles querem, que eles acreditam.

E: Uhum

IRACY: Assim como minha mãe me deixou livre pra seguir o que eu... quando eu quis estudar “ah, vo... vou saber um pouco do espiritismo, vou saber um pouco do... é... referente à igreja católica, vou saber um pouco do candomblé... eu quero saber, vou investigar... pra seguir aquilo que eu acredito”

E: Uhum

IRACY: Ela achou isso interessante.

E: Como que foi essa volta ao judaísmo?

IRACY: Na verdade eu nunca sai, né, eu só tive a escolha e a liberdade de, assim... eu acho isso...

E: “bisbilhotou” (rindo)

IRACY: É... não, curiosidade, eu sou muito curiosa.

E: Uhum

IRACY: E isso é bom e é ruim, né, porque as vezes a curiosidade te leva prum... pra um lado não muito bom, porém, assim, eu acho que a gente tem que dar base, que foi o que minha mãe fez, sempre ela, sempre acreditou muito, sempre teve muita fé e tudo pra... quanto... assim, em qualquer situação ela sempre deixou muito... muito forte a fé dela, a crença dela, e sempre deixou isso muito bem claro “Deus ta sempre com a gente, não faça nada de errado porque eu não to vendo, mas Deus ta vendo” (rindo) entendeu?

E: Uhum

IRACY: Então... aquilo sempre ficou comigo, desde pequena, você vai fazer arte, tudo bem, minha mãe não ta vendo, mas (rindo) sabe? Deus ta vendo... e eu sabia que se eu

fizesse alguma coisa errada eu ia acabar, né, pagando... uma hora ou outra a verdade sempre aparece, sempre...

E: Uhum

IRACY: Sempre passou isso, mas sempre foi sossegado isso, de... de... e eu falei “poxa, eu estu... cheguei a estudar em escolas...” estudei no [colégio católico].

E: Uhum

IRACY: Mas... aí eu me lembro que... que a... as irmãs lá falavam “ó, você tem que passar na frente da capela e você tem que fazer o sinal da cruz” eu falei “mas por que que eu tenho que fazer?”

E: Uhum

IRACY: Aí elas falavam assim “porque tem que fazer e pronto”, não tinha um... elas não me davam uma resposta que eu queria.

E: Uhum

IRACY: Queria saber o porquê. “Não, porque você é obrigada a fazer” e essa palavra obrigada já é uma coisa meio complicada, porque, quando você explica, dá um sentido àquilo,

E: Uhum

IRACY: é de uma maneira, agora, quando uma pessoa fala “você tem que fazer pronto acabou e pon... ponto final” aí cê... né...

E: Aí que não faz mesmo (rindo)

IRACY: Não é? Sei lá, eu pelo menos sou assim eu gosto de saber das coisas “porque disso, porque daquilo...” algumas coisas concordo, outras não

E: Uhum

IRACY: mas aí é isso aí!

Uma vizinha veio reclamar de uma moto parada em um lugar proibido. O gravador acabou a bateria. Seguem alguns tópicos da entrevista, transcritos logo após, buscando ser o mais fiel possível ao que a participante falou.

Iracy pegou o roteiro para ler, para ver se faltava alguma pergunta. Disse que os avós não contaram as histórias, mas a mãe contava e sempre ensinou as tradições e que agora ela ensina e transmite para os filhos. Como a mãe dela não a forçou a seguir, ela também não força, eles tem liberdade para escolher, tem livre-arbítrio, mas ela ensina. Acredita que quando se é obrigado as coisas não funcionam, não tem sentido, perde a essência. Não adianta acender velas se não sabe o porquê. Embora os filhos sejam judeus pela descendência transmitida pela mãe, eles tem que escolher seguir ou não o

judaísmo. Ela ensina, mas não força. A filha dela vai fazer o Bar Mitzvah. A avó paterna disse para ela fazer catecismo, e a materna disse para fazer Bar Mitzvah, ela optou pelo Bar Mitzvah.

Filho de judia é judeu. Os filhos dela são judeus.

É bom judeu casar com judia pra dar continuidade.

Contou da avó que casou em três meses. O avô descobriu a família dela, foi lá pedir a mão da filha, ela disse que se ele arrumasse os papeis em três meses casaria.

O judaísmo é diferente do catolicismo, pode separar, se não dá certo.

O pai das crianças (?) é “cristão novo” (Os cristãos novos são os que tem sobrenome de árvore, profissão ou animal), mas ele não se considera judeu. Para estes a descendência ou ascendência foi se perdendo. Eles não se consideram, nem seguiram as tradições.

Iracy disse: “Eu tive a sorte que a família da minha mãe manteve as tradições”.

Agradei pela participação.

Pedi desculpas pelo inconveniente do filho (“criança pequena é uma caixinha de surpresas”).

Pedi desculpas pela situação constrangedora.

Até a próxima!

3.3. Família 3: Antônio, Josy e Alex.

3.3.1. Filho: Antônio, nascido em Cairo, Egito, 51 anos, Corretor de Imóveis.

Resumo

O participante começou dizendo que para ele ser judeu é ser “predestinado”, diante de todas as dificuldades que já passaram, ter sobrevivido a tudo isso, é um “povo escolhido por Deus”. O judaísmo “é uma religião bonita, que segue a Deus”, com todos os preceitos, os Dez Mandamentos e focada no bem. Toda a sua família é proveniente do Egito, são judeus Sefaradi, isto é, judeus árabes, e não chegaram a sentir muito a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, porque quando a guerra estava chegando ao Egito, já terminou. No entanto, eles sofreram uma perseguição política no Egito, do presidente da época, que estatizou todos os bens dos judeus e, consequentemente, forçou a saída dos judeus do Egito. Antônio considera enriquecedor saber de toda esta história, porque, apesar de todo o sofrimento que seus pais passaram na época, eles conseguiram vencer e aumentar a família e diz que se eles conseguiram vencer, ele

sente a obrigação de conseguir também. Como saiu do Egito muito pequeno, ele não se lembra muito, mas o que sabe é de ouvir sua mãe contar. Sua família sempre seguiu o judaísmo, “mas nada muito religioso”. Seu avô, pai da sua mãe, que era o mais religioso e depois que ele faleceu a família “deu uma relaxada”. Ele e sua família (esposa e filhos) seguem, fazem o Shabat em casa quando não vão à SIRP e participam das festas.

Entrevista Antônio – 16/07/2012

E: entrevistadora (Milena)

ANTÔNIO: participante

Entrevista realizada na sala de reuniões da empresa onde o participante trabalha.

Na conversa inicial, quando eu apresentei o tema, Antônio começou contando que achava que a história de sua família não serviria para a pesquisa, pois eram do Egito e contou toda a história. Pedi para ele repetir depois, pois inicialmente o gravador não estava ligado, já que eu ainda nem tinha dito que ia gravar a entrevista, mas como ele “disparou” a falar, eu não tive como interromper, então depois pedi para que ele me contasse novamente, para poder gravar.

E: A minha pergunta central do mestrado é o que significa, como é ser judeu pra você, considerando todas essas histórias do passado, levando em conta o Holocausto, a Segunda Guerra, e a experiência da sua família... queria que você me contasse, né, de novo, um pouco da experiência da sua família...

ANTÔNIO: Uhum

E: E como que é ser judeu pra você considerando a história, né, o passado, as perseguições e tudo mais...

ANTÔNIO: Ta, bom, pra mim, ser judeu, é... a princípio, é ser predestinado, porque como você falou, diante de todas as dificuldades que nós já passamos, ter sobrevivido a tudo isso, como se diz, é um povo escolhido por Deus.

E: Uhum

ANTÔNIO: Então pra mim é isso, é ser predestinado. É uma religião bonita, que segue a Deus, tem todos os preceitos, os Dez Mandamentos, e... é uma religião focada no bem, claro, todas são, mas a gente tenta seguir ao máximo

E: Uhum

ANTÔNIO: Agora, quanto à minha família, nós somos judeus Sefaradi, porque existe duas vertentes do judaísmo, que é o Sefaradi e o Asquenazi, os Sefaradi são judeus árabes e os Asquenazi são judeus Europeus. A minha família toda é do Egito e... como eu te falei, a gente não chegou a sentir muito a Segunda Guerra e o Holocausto, porque quando a Guerra tava chegando no Oriente Médio e no Egito a Guerra tava acabando, foi bem no final, a guerra praticamente acabou logo depois. Quem sentiu mais foram os judeus europeus, né, da região da Polônia, Iugoslávia, da... da Rússia, que foram perseguidos e mortos, mas os judeus árabes não tiveram muita... muita participação. Eu lembro que, minha mãe conta que... que os vizinhos protegiam a nossa família, minha mãe era criança né? E pela amizade que eles tinham no prédio, os vizinhos eram quase todos muçulmanos, católicos, mas mesmo assim pela amizade protegiam nossa família, então escondiam nas casas, escondiam nos... nos... porões dos prédios... mas isso foi por pouco tempo, porque logo depois a guerra acabou mesmo. É... a perseguição que nós, que nós é... sentimos no Egito foi política mesmo, a perseguição do atual presidente da época, o Nasser ^G, que estatizou todos os bens dos judeus. Então todos os bens é... tanto residenciais, como comerciais, o Governo, é... tomou conta. Então os judeus, vamos supor de... de... proprietários passaram a ser inquilinos, de donos passaram a ser funcionários, (meu tio mesmo era dono de uma fábrica e da noite pro dia passou a ser funcionário. Meu pai inclusive trabalhava nessa fábrica, na fábrica do meu tio... – esta parte havia dito anteriormente). Então com isso ele forçou a saída dos judeus do Egito. Hoje praticamente não existem mais judeus no Egito, é... toda a nossa família saiu, a partir de... de 1960, 1961, foram saindo aos poucos, a minha família foi uma das últimas a sair, nós saímos de lá em 1964 e chegamos no Brasil em 65 e... e assim, a gente saía de lá com uma mão na frente e a outra atrás,

E: Uhum

ANTÔNIO: tinha que chegar num país totalmente desconhecido, sem falar a língua, sem um dinheiro, um tostão no bolso,

E: Uhum

ANTÔNIO: começar realmente do zero. E foi isso que aconteceu com a minha família e todas as famílias judias da época, né? Que saiu do Egito... Minha família... é... nós ficamos um período de tempo na França antes de vim pro Brasil, quase um ano mais ou menos, e... e a família se dividiu, uma parte veio para o Brasil e a outra parte foi para os Estados Unidos, que até hoje eles estão lá também.

E: Uhum

ANTÔNIO: Então... mas não só a nossa família, como amigos, primos, amigos, todos tiveram que sair do Egito.

E: Uhum

ANTÔNIO: E hoje parece que inclusive só existe uma sinagoga lá no Cairo, minha mãe teve lá uns anos atrás e diz que só sobrou uma Sinagoga, parece...é isso...

E: E como que é pra você participar e saber dessa história?

ANTÔNIO: Não, é.... enriquecedor, né, porque apesar de todo o sofrimento que meus pais passaram na época, nós tamo aqui né? Tamo aqui, conseguimos vencer, conseguimos formar família, aumentar a família, né?

E; Uhum

ANTÔNIO: Porque eu nasci no Egito, tive uma irmã que nasceu lá também, mas tenho uma irmã que nasceu aqui no Brasil, então nós saímos de lá praticamente bebês, eu saí com três anos e a minha irmã com 40 dias, praticamente recém-nascida, né? E mesmo assim tiveram força pra... mudar de vida completamente. Ir pra um país que a língua é... não tem nada a ver, né,

E: Uhum

ANTÔNIO: e foi difícil, na época eu lembro que foi difícil, em casa eu fui o primeiro a aprender português, então tudo que tinha que comprar, tudo era eu, porque meus pais não falavam nada de português (rindo).

E: Uhum

ANTÔNIO: Mas foi difícil, mas foi legal, assim, tudo que é, que você luta pra conseguir, tem mais gosto né?

E; Uhum, é...

ANTÔNIO: E, não só eu, toda a minha família, assim, graças a Deus, praticamente todos estão bem no Brasil, tanto no Brasil como nos Estados Unidos e tudo isso graças ao trabalho e esforço de cada um, né,

E: Uhum

ANTÔNIO: nada cai do céu pra nós,

E: É... e...

ANTÔNIO: Que mais?

E: E como você se sente quando lembra dessa história?

ANTÔNIO: Ah, eu, como eu sai de lá muito pequeno, eu não tenho muita lembrança de lá, não lembro muita coisa. O que eu sei é o que minha mãe me conta,

E: Uhum

ANTÔNIO: mas eu mesmo não tenho muita lembrança, tenho fotos da época, tenho bastante fotos, mas num... não tenho muita lembrança mesmo. As minhas lembranças todas são do Brasil mesmo, de eu pequeno no Brasil.

E: Uhum... vocês já vieram direto pra Ribeirão?

ANTÔNIO: Não, pra São Paulo, nós chegamos em São Paulo em 1965

E: Hum...

ANTÔNIO: eu vim pra Ribeirão em 1997, mas esse tempo todo nós moramos em São Paulo.

E: Uhum. E sua família sempre seguiu a religião judaica?

ANTÔNIO: Sempre seguiu a religião judaica. Nunca... assim, minha mãe conta que os pais dela era bem religioso, na casa dela só comida Casher e o pai d... o pai da minha mãe era bem religioso mesmo.

E: Uhum

ANTÔNIO: Aí depois que ele faleceu, parece que a família deu uma... deu uma relaxada um pouco, assim, e aqui no Brasil a gente sempre seguiu o judaísmo, mas também nada muito religioso. É mais as principais festas que a gente segue, né.

E: Uhum

ANTÔNIO: E, assim, a gente fazia Shabat em casa mesmo, até hoje faz, quando não vai na SIRP faz em casa,

E: Uhum

ANTÔNIO: mas assim, as principais festas, a gente não segue o Cashrut ^G, né? Pela dificuldade de morar em Ribeirão Preto, vamos supor, vamos dizer, né?

E: Uhum

ANTÔNIO: Mas... eu na verdade tive uma ligação maior com a religião aqui em Ribeirão do que em São Paulo, por incrível que pareça, em São Paulo tem um monte de Singoga ^G e eu só ia nas festas,

E: Uhum

ANTÔNIO: e aqui em Ribeirão com a SIRP que eu tive mais proximidade da religião. Meu filho fez Bar Mitzvah ^G aqui em Ribeirão,

E: Uhum

ANTÔNIO: teve as aulas aqui e tudo, né, e... é isso, a gente segue a religião e tal mas não é nada muito ortodoxo.

E; Uhum, mais liberal...

ANTÔNIO: Mais liberal.

E: E você acha que essa história, mesmo sendo contada pela sua mãe ou o que você lembra, tem alguma influência na sua vida hoje?

ANTÔNIO: Ah... a única coisa que que... assim, que eu penso dessa época é.. é nunca... nunca desistir com as...com as dificuldades, assim,

E: Uhum

ANTÔNIO: né, sempre ta lutado, mesmo com as dificuldades, sempre ta lutando e seguindo em frente, porque pior do que eles passaram eu sei que eu não vou passar, então se eles conseguiram (tosse), eu acho que eu tenho a obrigação de conseguir alguma coisa também

E: Uhum

ANTÔNIO: de não desistir com as dificuldades. Assim, a principal lição de tudo isso, de toda essa história, eu acho que é essa...

E: Uhum... ok, tem mais alguma coisa que você lembra ou das coisas que sua mãe conta?

ANTÔNIO: Ah, o que ela conta, assim, é que eles tinham uma vida boa lá no Egito, assim, uma vida relativamente confortável, se divertiam bastante, passeavam bastante,

E: Uhum

ANTÔNIO: saíam de férias, viajavam nas férias, e... assim, eles eram muito felizes lá, né, não que aqui não sejam, mas lá eles parece que levavam uma vida mais... mais tranquila, vamos dizer assim,

E: Uhum

ANTÔNIO: e infelizmente tiveram que... que abandonar tudo isso, né?

E: Uhum.. seu pai também ainda...?

ANTÔNIO: Não, meu pai faleceu, meu pai faleceu em 1989

E: Hum... e sua mãe mora em São Paulo?

ANTÔNIO: Minha mãe mora em São Paulo com a minha irmã. Ela costuma vir pra cá nas férias... e ela ta aqui agora...

E: Que bom!

ANTÔNIO: Então, talvez eu acho que ela pode te passar mais coisas, mais detalhes da época e tudo.

E: Uhum

ANTÔNIO: Até que por ela ser criança ela lembra bastante coisa.

E: Uhum... ok, tem mais alguma coisa que você queira falar?

ANTÔNIO: Não...

E: Então ta, obrigada pela participação...

ANTÔNIO: Imagina...

E: E pela contribuição...

ANTÔNIO: Espero ter ajudado!

3.3.2. Neta: Josy, nascida em São Paulo, 21 anos, Estudante de Arquitetura.

Resumo

A participante inicia dizendo que se considera judia por ter nascido em uma família judia. A família toda do seu pai é judia e sua mãe é convertida. Além disso, ela segue o judaísmo, na medida do possível, não é ortodoxa, mas sempre que pode vai ao Shabat, segue todas as festas e as lembranças. Quanto à história da família, eles nasceram no Egito, inclusive seu pai e sua tia, que saíram de lá muito pequenos, sem nada, pois foram expulsos. Por um lado, é forte e ruim saber desta história, mas por outro lado é bom saber que eles sobreviveram, conseguiram continuar, saber que tem uma “família guerreira”. No dia a dia, ela não sente influência da história da família, mas em sua vida sim: carrega consigo não desistir e sempre enfrentar as dificuldades, pois “o povo judeu é um povo de muita força, sempre, na história inteira, desde a escravidão, até o Holocausto”.

Para ela, ser judia, não é só nascer em uma família judia ou fazer parte de uma religião, mas “entender a história”, ter fé, a essência, mesmo que não consiga seguir tudo, mas conhecer e gostar da religião. Josy visitou Israel em 2010/2011 por um programa para jovens judeus e relata que aprendeu muito. Além disso, costumava participar de acampamentos judaicos em Campinas, onde fez amizade com o pessoal judeu e aprendeu muito, chegando a se tornar monitora dos mais novos e disse que isso é muito comum: a família, os amigos, passam os ensinamentos para as crianças, para próximas gerações.

Entrevista Josy – 01/08/2012

E: entrevistadora (Milena)

JOSY: participante

Entrevista realizada na sala da casa da participante.

E: Bom, eu conversei com seu pai, conversei com seu irmão, o título do meu trabalho é “as maneiras de elaborar o trauma na memória, na vivência e na cultura...” e aí eu queria primeiro saber se você... se você se considera judia, pela descendência... e... saber um pouco da história da sua família.

JOSY: É... eu me considero judia primeiro por nascer numa família... judia, né, meus a... a família inteira do meu pai e a minha mãe que é convertida, e... e também porque na medida do possível, eu sigo todos os costumes, lógico que não dá pra ser uma ortodoxa, nada, mas é... sempre que dá eu vou no Shabat, sigo todas as festas, as lembranças, essas coisas e... quanto à história da minha família (riu do gato, que subiu na cadeira) quanto à história da minha família, eu sei que eles nasceram no Egito, até... o meu pai e a minha tia, a minha tia saiu de lá ela era muito pequena e o meu pai também, e eu sei que... eles saíram, eles foram expulsos do Egito e... também saíram de lá sem nada... num... eu nunca fiquei sabendo qual o motivo, sabe, mas eles sempre me falaram isso, desde pequena, minha vó sempre falava que eles foram expulsos do Egito e... e saíram sem nada, tiveram que reconstruir tudo de novo e tal, mas eu sei que ela gostava bastante de lá.

E: Hum... e como que é pra você saber dessa história?

JOSY: Ai, é... é forte, é ruim por um lado, porque... saber que eles podiam ter construído toda uma vida lá e terem crescido lá, meu pai principalmente, minha vó sempre fala que ela gostava muito de lá, ela até hoje mantém bastante costume, tipo, é... culinária, o sotaque dela você percebe que ela não perdeu até hoje, assim, só que... é ruim por esse lado, mas é bom saber que eles tiveram força, continuaram e até hoje tão... tão aí, a família inteira, sabe? Não perdeu e tal... é bom saber que eu tenho uma família guerreira, mas... é ruim porque... é ruim (rindo) ninguém gosta de ser expulso e sair assim, perdendo tudo.

E: Uhum... você acha que essa história tem alguma influência na sua vida hoje?

JOSY: Ai, no dia a dia não...num... num é uma coisa que eu fico pensando sempre, mas é uma coisa que eu levo, assim, é... como, como vida mesmo, sabe? Nunca desistir, sempre que... você tomar uma rasteira, assim, levantar e... continuar de novo, sempre ter força, sabe? Porque acho que o povo judeu é um povo de muita força, sempre, na história inteira, desde escravidão, até o Holocausto, tudo, sabe?

E: Uhum

JOSY: Então eu acho que no dia a dia não, né, mas... mas na vida sim.

E: Uhum... e o que significa ser judia pra você?

JOSY: Ai eu acho que não só nascer numa família judia, porque tem muita gente que gosta da religião e... não é judia, ta se convertendo e as vezes é mais judeu do que uma pessoa que nasceu e não segue nada, não sabe nada, não sabe nem o que é Shabat direito, então... eu acho que muito mais do que nascer numa família judia ou se converter pra religião judaica, é você entender a história, saber... é, ter sua... sua fé, sabe? Tipo, ah, não sei, acho que é isso, de... ter a essência mesmo e querer, gostar, ir atrás, mesmo que você não possa seguir tudo, mas, no seu alcance... acho que isso é, ser muito mais judeu do que alguém que nasce e não ta nem aí, igual qualquer outra religião, sabe?

E: Então pra você ta mais associado a seguir a religião do que fazer parte de um povo, por exemplo.

JOSY: Eu acho que sim, pra mim é, não seguir, mas conhecer e gostar, sabe?

E: Uhum... e... levando em conta, pensando a nível de povo, que ao longo da história, né, teve várias guerras, perseguições, o Holocausto é a mais... recente, assim, que aparece mais, mas mesmo a história da sua família essas... que esse povo ao longo da história, passou por várias situações difíceis, né?

JOSY: Uhum

E: Como que é isso pra você? Você acha que isso tem alguma influência na sua vida?

JOSY: Ai, eu acho que assim, é... mexe muito, acho que quem, pra quem se considera judeu, acho que tudo isso mexe muito, igual, as vezes, do Holocausto mesmo, eu não tenho ninguém na minha família que passou por lá e tal, mas é uma coisa que... igual, eu fui pra Israel, em... de 2010 pra 2011 eu acho, ou 2009 pra 2010, não lembro, mas... e... eu fui no Taglit ^G, que é um programa de judeus, e lá eles explicam tudo, tanto em relação a Israel é... geograficamente assim, como em relação à religião judaica, e foi muito legal, e como experiência e pra aprender sobre a religião, porque lá em Israel é tudo muito... espiritual, sabe? Qualquer lugar que cê tá tem um pedaço de história do povo judeu e tal, e acho que essa viagem fez eu me sentir mais... mais forte isso em mim, sabe? Igual, a gente foi num... no museu do Holocausto lá e é muito pesado, é muito legal, o dia que você tiver oportunidade... e até, tinha umas meninas lá, elas tinham o sobrenome Levy e o tanto de lista de Levy que tinha morrido lá e el... o tanto que elas choravam, porque “ai, o meu bisavô, o meu tataravô...” sabe?

E: Uhum

JOSY: Você chorava junto só de ver, de se emocionar pra ver tipo, nossa, sofreu

E: Uhum

JOSY: e... tinha muita gente que foi comigo na viagem também que... não sabia nada e saiu de lá, assim, mega emocionado “nossa, quero voltar, quero morar aqui” e... aí é legal, eu acho que influencia muito na minha vida assim, nessa questão de... lembrança, sabe, de... ver como é que foi o passado, como foi sofrido, isso dói, mesmo que eu não tenha passado por lá, mesmo que ninguém da minha família tenha passado, as vezes você vê alguma piadinha no facebook, de judeu, assim, e não é legal, sabe?

E: Uhum

JOSY: Eu não gosto, alguém que fala mal... mas é difícil, hoje em dia é difícil acontecer isso...

E: Você já passou por alguma situação desagradável, assim, difícil?

JOSY: Não...

E: Você fala que você é...?

JOSY: Falo, normal, meus amigos até... acham legal... eu falo numa boa

E: Ok... tem mais alguma coisa nesse sentido? Que você lembrou... ou da história... o de diferentes assuntos?

JOSY: Ah, não... não, só acho que quando eu to com as minhas amigas de São Paulo, porque eu também já fui Madrihah ^G, Madrihah ^G é monitora de... assim, lá em Campinas tem um movimento juvenil a Laor ^G, então os jovens ensinam as crianças sobre religião, sobre a cultura judaica, etc.

E: Hum...

JOSY: E desde que eu mudei pra Ribeirão que eu conheci a SIRP, tem a... a E., não sei se você conhece, ela indicou pra gente, “ai o [filho] sempre vai pra Campinas, sempre vai pra lá, tem acampamento...”, que é chamado Mahaneh, né, “tem acampamento tal e... vai ser legal pra eles...” e eu acho que foi aí que eu comecei a aprender mais e a gostar mais, porque eu ia pra Campinas direto, fiz muita amizade com o pessoal judeu e... aprendi muito, aprendi um pouco de hebraico, aprendi dança e tudo e aí você vai chegando numa idade, igual, com 15 pra 16 anos, assim, você já vira Madrihah ^G, que é monitora, aí você tem... começa a passar pras crianças, é uma coisa que vai passando assim, de geração pra geração, sabe, tem muitos pais de crianças que foram lá, que também já foram da Laor, sabe, do movimento, então é uma coisa que... eu acho que... isso que tem na religião judaica é legal de... passar todos os costumes de pais pra filhos, sabe?

E: Uhum

JOZY: E não necessariamente tipo ir numa igreja, aprender lá e tal, as vezes é muito da família passar, sabe? Dos amigos passarem... então eu acho que... quando... aqui no dia a dia não muito, as vezes eu não... não tenho muito esse contato com a religião, pela correria de trabalho e tal, mas sempre que eu vou pra Campinas, que eu vou pra São Paulo, que eu vejo minhas amigas, igual quando eu fui pra Israel, aí eu tenho bastante contato com a religião, mesmo que... é... as vezes a gente sente pra conversar, acaba falando de... ai, alguma guerra que ta tendo em Israel, sabe, sempre surge algum assunto assim, e... ai, acho que esse é o contato que eu tenho com... com a religião e tal, porque aqui não muito... e também não passo por nenhuma situação de... constrangimento, alguma coisa assim, não...

E: Ok...

JOSY: Ok?

E: Mais alguma coisa?

JOSY: Não... só isso?

E: Só isso...

Terminada a entrevista assei um tempo conversando com a família (Josy, Alex e a mãe deles) e contaram que Josy é professora de dança hebraica na SIRP.

3.3.3. Neto: **Alex**, nascido em São Paulo, 18 anos, Estudante.

Resumo

O participante começou contando que a família do pai é toda judia, provenientes do Egito. Já a família da mãe não é judia, mas ela se converteu ao judaísmo para se casar. Ele se considera judeu porque ela se converteu, se não ele não seria, já que é a religião da mãe que é transmitida aos filhos. Alex fez Bar Mitzvá quando tinha 13 anos e segue a religião, “o máximo que dá”, embora não vá muito à SIRP porque estuda (as reuniões são de sexta a noite). Para ele ser judeu é uma religião, um estilo de vida, de orgulho pelo passado. Ele acha que a história do povo judeu não tem influencia em sua vida. No entanto, por ser a história da sua religião, se preocupa com o que aconteceu no Holocausto, mesmo não tendo nenhum parente que foi vítima. Já, saber da história de sua família tem certa influência em sua vida, pois também sofreram e, por terem batalhado e estarem vivos até hoje, diz: “é um exemplo de vida, que eu levo dos meus avós”.

Entrevista Alex –01/08/2012

E: entrevistadora (Milena)

ALEX: participante

Entrevista realizada na sala da casa do participante.

Liguei o gravador.

ALEX: Tenho que tomar cuidado com o que eu falo (rindo).

E: Não, é só porque se não depois eu não lembro os detalhes... eu vou escutar e depois eu digito... transcrevo, né... mas (?)

ALEX: (riu)

E: Bom... seu pai te falou um pouco sobre...?

ALEX: Ele só falou que era sobre o Holocausto, mas o que exatamente eu não sei.

E: é... na verdade, assim, não é só sobre o Holocausto, o título é “as maneiras de elaborar o trauma na memória, na vivência e na cultura numa comunidade judaica”, na verdade, quando eu falei com ele eu ainda tava meio em dúvida e eu ia usar só gente mesmo descendente do Holocausto ou se eu ia ampliar pra outros tipos de descendentes também, de outras épocas, de outros países e tal e a minha orientadora tava viajando, aí eu num... tava esperando ela chegar (rindo).

ALEX: (riu)

E: Aí, é.... a gente achou mais interessante entrevistar todo mundo mesmo, né

ALEX: Uhum

E: E ampliar o tema e... aí eu queria saber de você, se você sabe da história da sua família, né, se você se considera judeu, se você é descendente...?

ALEX: Uhum

E: E como que é pra você isso, como que é pra você ser descendente? Se você se considerar (rindo)

ALEX: Ah, a família do meu pai é toda judia, né, eles são do Egito

E: Uhum

ALEX: e meu pai nasceu lá né, e uma tia minha, aí eles tiveram que sair de lá, eles foram expulsos em 60... que ano mãe? (pergunta para a mãe que estava na sala ao lado)

Mãe: 65

ALEX: 65 (1965). Aí eles foram expulsos de lá, aí eles foram morar na França um ano e depois vieram pro Brasil

E: Uhum

ALEX: mas eles continuaram seguindo a tradição judaica

E: Uhum

ALEX: mesmo aqui, né e... e a família da minha mãe não era, mas minha mãe se converteu, pra casar com meu pai. Aí teoricamente eu sou judeu porque ela se converteu, se não eu não ia ser, porque é a religião da mãe e... e eu só virei judeu porque ela se converteu, mas eu me considero judeu,

E: Uhum

ALEX: eu fiz Bar Mitzvah ^G, né, que é com 13 anos o menino faz e a menina com 12 e eu sigo, o máximo que dá né (rindo) eu não vou muito na SIRP, né, mas...

E: Como que é seguir o máximo que dá?

ALEX: Ah, as festas judaicas assim eu costumo comemorar, eu ia antes mais no Shabat, mas eu parei mais por causa da faculdade mesmo, porque eu estudo a noite, né, de sexta, aí não da pra ir mesmo.

E: Entendi.

ALEX: Mas antes eu ia... mas as festas, assim, eu comemoro

E: Uhum

ALEX: não vou na sinagoga porque não tem aqui, né?

E: é...

ALEX: A SIRP não sei se é... não é considerada uma sinagoga

E: Uhum

ALEX: Mas a família toda do meu pai segue, tem uns que são bem religiosos, tem uns que são casher ^G, né, bem religioso, que não come carne de porco.

E: Uhum

ALEX: E da família da minha mãe só minha mãe mesmo é judia.

E: Entendi, e... o que significa ser judeu pra você?

ALEX: Ah, é uma...uma religião, assim, um estilo de vida e... de orgulho também, pelo passado dos judeus, né,

(a irmã chegou e nos cumprimentou)

ALEX: Então, não sei...

E: E pensando a nível... de povo, assim, levando em conta que muitas vezes eles sofreram perseguições,

ALEX: Uhum

E: mesmo o Holocausto e... não só, mas que foi o mais recente e mais... que mais aparece, você acha que isso tem alguma... alguma...

(a irmã chega e interrompe)

E: Você acha que isso tem alguma influência na sua vida hoje?

ALEX: Na minha vida? Ah eu acho que não, na minha vida mesmo não,

E: E saber da história da sua família?

ALEX: É, eu acho que... eu acho que assim, é a história da minha religião, tem a ver sim, eu me preocupo com o que aconteceu no Holocausto, mesmo não tendo nenhum parente lá, né,

E: Uhum

ALEX: nenhum descendente, mas... me preocupo, mas, na minha vida mesmo eu acho que não tem influência.

E: Uhum...e...

ALEX: E eu não sofri nenhuma perseguição ainda (rindo), então não sei...

E: E... em relação a história da sua família, de você... você falou que você sabe

ALEX: Uhum

E: da história e você acha que isso te influencia de alguma forma?

ALEX: Uhum

E: Na maneira de viver a sua vida hoje, ou de pensar...

ALEX: Ah, sim, porque eles sofreram também né, de uma forma ou de outra, não sofreram com o Holocausto, mas acabaram sendo expulsos do Egito e acabaram saindo de lá sem nada e... minha família acabou sofrendo de alguma forma, então eles não deixam de ser é... de ter sofrido e de ser batalhador, assim, e por ter recuperado a vida e ta vivo até hoje, assim,

E: Uhum

ALEX: assim, é um exemplo de vida, né, que eu levo dos meus avós, enfim, da família...

E: Uhum... (curto silêncio). Ok, tem mais alguma coisa que você acha que... você gostaria de falar ou que você lembra?

ALEX: Não sei...

E: E pros seus amigos você fala que você é judeu? Como que é?

ALEX: Fa... ah, todo mundo acha estranho, eles falam, eles acham que... tem uns que nem sabem, acham que judeu é... é um país, muitos nem sabem, né.

E: Uhum

ALEX: Aí muitos perguntam, “ah, mas cê segue? Você não come carne?” tem uns que entendem um pouco e sabem que não come carne de porco e perguntam se eu sigo e eu falo que não muito, né, não tudo,

E: Uhum

ALEX: mas sigo o máximo que der e tem uns que... que.. assim, não tem preconceito com isso, sabe, nunca tive problema com isso, na escola, em lugar nenhum

E: Uhum

ALEX: todos levam na boa, mas todo mundo sabe que eu sou (rindo).

E: Judeu...

ALEX: Tem uns que acham legal “ah, eu tenho um amigo judeu”

(risos)

ALEX: “toda série americana tem um judeu”, assim, eles falam... filme, assim...

E: Aí eles brincam...

ALEX: É...

E: Ok... mais alguma coisa?

ALEX: Só isso?

E: Só... nada de muito...

ALEX: Acho que só então...

E: Então ta, obrigada, viu?

3.4. Família 4: Vânia e Talita.

3.4.1. Filha: **Vânia**, nascida em Franca, SP, 55 anos, Psicóloga.

Resumo

Vânia começou contando que sua situação é muito difícil de definir, pois não teve uma educação judaica, nem religiosa, nem cultural, mesmo que acredite ter recebido uma educação informal do pai, que é judeu. No entanto, como sua mãe não era judia e é considerado judeu quem nasce de uma judia, seu pai respeitou essa diferença. Ela sempre via o pai rezando todas as noites com o quipá²², mas ele guardou a religião

---

²² Quipá: O significado da palavra *kipá* é "arco". É um lembrete constante da presença de Deus.

Relembra o homem de que existe alguém acima dele, de que há Alguém Maior (Deus) que o acompanha em todos os lugares e está sempre o protegendo, como o arco, e o guiando. Os sábios judeus afirmam que cobrir a cabeça também está associado à humildade, pois lembra o homem que Deus está acima de sua cabeça (intelecto) (Chabad, 2013).

só para ele e não transmitiu para os filhos. Para ela, a história da sua família, cultural e religiosa, é muito dividida: seu pai era judeu, sua mãe ortodoxa e ambos tinham vindo da Iugoslávia para o Brasil, sem a família. Além disso, Vânia recebia influências do catolicismo, que era a religião de seus amigos e ensinada na escola. A história do povo judeu a toca profundamente e ela acredita que sofre influências muito sutis, que nem consegue perceber, como por exemplo, ter uma forte sensibilidade com injustiças e odiar a discriminação. Acredita que o judaísmo a influencia mais no sentido cultural do que religioso. Ela conta que seu pai não ficava chorando o passado e sempre foi uma pessoa conciliatória. Também acredita que as dificuldades de adaptação em um país estrangeiro foram boas para seu pai, porque assim a questão do Holocausto ficou um pouco menor.

Entrevista Vânia 03/10/2012

E: entrevistadora (Milena)

VÂNIA: participante

Entrevista realizada na casa da colaboradora.

E: No mestrado eu continuo com o mesmo tema da iniciação, mas eu to... o tema do meu mestrado é “As maneiras de elaborar o trauma na memória, na vivência e na cultura de uma comunidade judaica” então, minha pergunta hoje é se você se considera judia, por ser descendente, e como que é pra você, se você se considerar (rindo) ser judia na sociedade, levando em conta também a questão do Holocausto, não só mas também as perseguições desse povo ao longo da história... essas coisas...

VÂNIA: Uhum (suspiro), olha é... é... assim, a minha.... situação é muito difícil, assim, né, de... de definir, porque não foi uma... eu não tive uma.... educação... judaica, né, nem religiosa, nem cultural, ahm, mas assim, eu não tive uma educação formal, é claro que que eu tenho, devo ter tido, né, várias influências, né, que são passadas subliminarmente, né, pelo pai, né, mas como ele num..num... não tinha uma formalidade, porque minha mãe não era judia né, e...e...e... na, na tradição judaica é considerado judeu quem nasce da...do ventre de uma judia, né

E:Uhum

VÂNIA: e meu pai respeitou isso, né, é... mas assim, desde criança eu me lembro dele... rezando toda noite,

E: Uhum

VÂNIA: né, colocando o quipá^G, né, e... e depois que eu fui crescendo, vendo a história dos meus avós, dos meus tios, que tinha todos morrido, né, que eu não, nunca con... só conheci uma prima do meu pai, né, que foi uma das poucas que... que não morreu, porque ela saiu de... de...

E: Uhum

VÂNIA: né, de... saiu do país, e... foi pra Argentina, então ela não morreu, é... então assim, era muito bom encontrar com ela, né,

E: Uhum

VÂNIA: porque era a única... o único parente do meu pai que eu conheci.

E: Uhum

VÂNIA: Né, era muito estranho não ter nenhum parente, né, e... mas acabei que... do outro lado também, porque minha mãe apesar de não ser judia veio, né, saiu do país dela, veio pra cá só com a mãe dela, era filha única também, os pais, o pai e a mãe dela eram separados, então essa história de família pra mim, né, assim, e essa formação re... cultural religiosa foi assim muito dividida, né

E: Uhum

VÂNIA: A... eu cresci ouvindo minha mãe falar do país dela, que é a Iugoslávia, que era um país dividido, né, aí eu sou serva, mas aí falava assim “ah, mas fulana é iugoslava, né mãe?” “ah mas é croata”... meu pai judeu a gente meio que nem falava porque naquela época as pessoas nem sabiam o que era isso, então assim eu nunca nem mencionei, né, porque primeiro que eu não tinha tanta informação assim, que meu pai não me passava...

E: Uhum

P: E eu não tinha nem o que falar pras pessoas, né, porque o que eu ia falar? As pessoas não conheciam, não sabiam, né, era interior, né.

E: Uhum

VÂNIA: Então não tinha contato com outros judeus, né não tinha, não tinha! Então, assim, eu não posso te falar que eu me sinto judia é... no coração, né, mas racionalmente eu me sinto, né, porque eu sei que eu tenho sangue judeu e... e a história do povo judeu me toca profundamente.

E: Uhum

VÂNIA: Né, é... então, por exemplo, eu sou uma pessoa, que odeio assim é... discriminação, né, é... injustiça,

E: Uhum

VÂNIA: né, então assim, eu sinto que que eu, que isso me... me... me toca de uma forma muito forte, né, como se... né, em algum lugar do meu ser eu... eu... sofri essa discriminação, sofri... porque assim, claro que o meu... que a minha construção, né, afetiva, foi essa, né, de não ter um vô, de não ter uma vó, por culpa de alguém que matou, né, alguém que matou essa minha família, então eu tenho esse lado, né, da revolta... né, é... mas assim, o me sentir judia é muito complicado, assim, eu entendo que eu não me sinto porque eu fui criada é...é... numa... numa mistura de... de... e ainda por cima tinha a... o catolicismo, né, que permeava toda...toda a minha vivência, né, porque as minhas amigas eram católicas né, porque a escola falava, ensinava a gente a rezar, eu aprendi, né, o Pai Nosso, Ave Maria, eu queria me batizar, né

E; Uhum

VÂNIA: na igreja... (rindo) católica, eu achava lindo, né, então é... eu não posso dizer que aí, eu sou judia porque eu não sou, né.

E: Uhum

VÂNIA: É... nem... nem... até por não ter aprendido mesmo os rituais religiosos, em casa,

E: Uhum

VÂNIA: então a formação que você não tem de criança, é... você não introjeta, você não incorpora, né.

E: Uhum

VÂNIA: E hoje eu não sinto vontade de buscar essa formação religiosa, né, eu não sinto

E: Uhum

VÂNIA: Por quê? Porque eu me sinto assim, melhor não tendo nenhuma formação, que foi o meu caso, né, não tive nenhuma formação, né, uma coisa formal, acabei me batizando na igreja ortodoxa porque minha mãe era, então tava, né, isso, tava... seria a religião da minha mãe,

E: Uhum

VÂNIA: Né, mas fiz, porque acho...sei lá, achei bonito, bacana, mas não entendi muito bem, né.

E: Aham

VÂNIA: Então assim, ritual religioso eu não aprendi, nenhum, né, nem da ortodoxa, nem da judaica, nem da católica, né.

E: Uhum

VÂNIA: Então, é... e assim, tem, ainda, ainda por cima pra completar, tem a questão do... do Pai e do Filho, né, de Deus e do Filho de Deus, Jesus, que é pros... pros católicos, né

E: Uhum

VÂNIA: e pros ortodoxos, né, que foi a outra influência que eu tive

E: Uhum

VÂNIA: até mais forte que a judaica, porque meu pai realmente não falava sobre isso

E: Uhum

VÂNIA: né, nem filosoficamente, nem... de nenhuma maneira isso era questionado dentro da minha casa, né.

E: Uhum

VÂNIA: Só depois que eu fu... vim tomar conhecimento, né, dessa diferença substancial, né, entre o judaísmo e o cristianismo, né, então eu não... eu num num não sei, não sei mesmo o que... né, assim, eu tendo hoje a... a... a acreditar mais na... não sei, não sei! Né, mas acreditar mais na existência de Jesus como homem, como uma pessoa, né, que existiu, mas não como filho de Deus,

E: Uhum

VÂNIA: né, mas aí tem toda uma influência também de... né, de... de... de... de formação intelectual, né, a própria faculdade influencia muito nessa questão, é, da racionalidade *versus* né, espiritualidade, é muito complexo, mas assim, eu até gostaria muito de me sentir alguma coisa mas infelizmente eu não me sinto nada!

(risos)

E: Entendi... e...

VÂNIA: Acho que até assim, pra, pro que você ta estudando, né, a questão cultural, como ela... como ela é importante, né, na formação, a religião, né, o judaísmo do meu pai, a religiosidade do meu pai, né, ela ac... ela... ela... né, durante o meu crescimento ela aconteceu, né, num país não judeu, com pouquíssimas pessoas em volta, né,

E: Uhum

VÂNIA: dessa mesma religião, então assim, como o cultural, ele é forte, né,

E: Uhum

VÂNIA: talvez até pro meu próprio pai, né, foi... na época parece que ele conseguiu separar, né, isso, assim, né, “eu sou judeu, só eu, minha família não, né, não tem ninguém...” ele preservou, mas pra ele, talvez até influenciado mesmo, né, pela cultura de onde ele tava vivendo naquele momento, né.

E: Uhum

VÂNIA: Interior do Brasil, né, onde não tinha... nenhum templo, né, o que já mudou por exemplo quando a gente foi morar no Rio de Janeiro, né, que lá tinha toda uma comunidade, que ele começou a freqüentar assiduamente, convidar a gente, eu minha mãe, né, foi onde que foi os meus primeiros contatos com algum ritual religioso, né, assim, é... coletivo, eu só tinha... só via meu pai rezar,

E; Uhum

VÂNIA: toda noite com o quipá, né, mas é... eu nunca tinha visto, né, isso coletivamente, e eu já era adulta! Então é... complicado!

E: Você acha que isso tem alguma influência na sua vida, no dia a dia?

VÂNIA: O judaísmo? Então, eu acho que tem, eu acho que tem, assim, uma... como eu disse, mais cultural do que religioso.

E: Uhum

VÂNIA: Né, a história, né, dos judeus como povo, me toca muito.

E: Uhum

VÂNIA: Né, quando... quando hoje eu ouço né, essa... toda essa questão é... da luta, né que existe lá na região, né, quando acontecem massacres e tal, né, eu to sempre a favor dos judeus,

E; Uhum

VÂNIA: né, é tipo... funciona mais ou menos como torcer pelo Corinthians, né, como torcer pelo Brasil

E: (ri)

VÂNIA: quando ta jogando né, eu to sempre torcendo por eles,

E: Uhum

VÂNIA: né, e... eu sei que muitas vezes eles nem tem razão, né, porque, né, lá, politicamente, né, quando, quando, acontece alguma guerra, alguma coisa lá, é, nem... nem sempre eles estão corretos, né, eles também são.... são... usam de violência, né

E: Uhum

VÂNIA: e são acusados de muita coisa, mas assim, nesse sentido eu sou meio... é... meio... como é que fala? Quando você... é tendenciosa, sabe?

E: Uhum

VÂNIA: Eu sou tendenciosa, eu sempre to torcendo por eles, achando que eles estão certos

E: Uhum

VÂNIA: mas me deixa muito triste a questão da... da guerra, né, da... da violência naquela região,

E; Uhum

VÂNIA: mas... como povo, eu admiro eles como povo, né, como cultura, são pessoas inteligentes, né, é... pra mim, são pessoas muito mais...é... muito mais desenvolvidas, né, culturalmente do que os árabes por exemplo, que eu acho, né, muito... é... acho que a religião árabe é um retrocesso, né, a maneira como eles vivenciam, né, é um retrocesso histórico-cultural, muito grande, e acho que o judaísmo não, o judaísmo não impõe esse retrocesso, né, o judeu é um povo, é... desenvolvido, né, assim, é um povo que acompanhou o seu tempo, né, o tempo do... do mundo com o um todo, né e... e os árabes são... né, bem mais, nesse sentido, menos desenvolvidos, então assim, é um povo que eu admiro, né, mas eu num num não tenho assim uma influência, não sei se eu chegar lá se eu me sentiria? Judia? Acho que não... né, acho que num... então assim, eu sempre vou ser uma simpatizante, né, mas eu acho que nunca vou me sentir como uma judia...

E: Entend...

VÂNIA: Entendeu?

E: E você acha que a história do povo judeu tem alguma influência na sua vida?

VÂNIA: Acho. Acho no sentido que eu já comentei que eu me sinto assim, uma pessoa muito...sensível a qualquer tipo de injustiça

E: Uhum

VÂNIA: Sabe? Eu sinto assim, que eu já nasci meio revoltada

E: Uhum

VÂNIA: como se aquilo eu já tivesse em algum nível assimilado, né, algum nível não racional

E: Uhum

VÂNIA: né, e... acho que até talvez tenha passado isso pro I., né, pro meu filho que ta numa fase muito assim...

E: Uhum

VÂNIA: Né? Então eu acredito que a gente sofra influências que a gente nem consegue perceber, né, que elas são muito sutis,

E: Uhum

VÂNIA: mas eu tenho essa... essa sensibilidade né, assim, que é como se eu... como se EU já tivesse sofrido,

E: Uhum

VÂNIA: né, sei lá, não sei se é uma empatia, como se eu já tivesse vivido isso, no... numa outra encarnação aí, né...

(risos)

VÂNIA: Não to dizendo que eu seja espírita, mas, né, assim, tentando explicar

E: Uhum

VÂNIA: Quem numa outra... num outro nível, né, não sei...né, se quando eu nem tinha nascido, né, se ao ser gerada, né, e tudo isso tenha de alguma forma né, transpassado aí na educação que eu recebi, mas eu sinto tudo isso muito forte, assim, né, um sentimento de... de revolta contra qualquer tipo, né, de discriminação, de... de assim, de alguém exercendo poder, né, sobre alguém com... com... com de uma maneira ditatorial,

E: Uhum

VÂNIA: né, eu sin... eu sinto que eu gostaria, que eu sou liberal e que eu gostaria, né, que o mundo fosse mais... mais assim, no dia a dia, mesmo, sabe? Nas relações,

E: Uhum

VÂNIA: né, nas relações de amizade, de amor, de trabalho, sabe, de tudo, eu sou a favor que um dê ao outro uma liberdade, né,

E: Uhum

VÂNIA: que isso não existe, né, a gente tem que ser sempre de determinado jeito porque tem sempre algum, alguém, né, sempre querendo que você seja de determinada forma

E: Uhum

VÂNIA: né, e isso pra mim é muito... eu não aceito (sorriu).

E: Uhum

VÂNIA: Então tem consequência porque eu acabo até sofrendo,

E: Uhum

VÂNIA: né, assim, no meu a dia é... eu sempre tive dificuldade de... determinadas adaptações, né, por exemplo é... eu trabalhei na USP e foi um lugar que eu não me adaptei, eu não era professora, eu era técnica, né, e a relação entre técnico e professor é extremamente ditatorial.

E: Uhum

VÂNIA: E eu não consegui aceitar isso, e outras situações aí da vida, né.

E: Uhum... entendi... como que é pra você saber a história do seu pai, a história do povo judeu?

VÂNIA: É... assim, é quase que irreal, né, assim, eu acho que, né, como eu tava te falando, durante os anos que a gente viveu no interior, é como se fosse, pra mim, assim é como se fosse um conto de fadas, assim, eu não entendia muito bem.

E: Uhum

VÂNIA: Depois, à medida que eu fui... fui crescendo, fui lendo, né, fui me informando... mas mesmo assim, sabe, ainda sinto um coisa meio... meio distante, porque eu não tava lá, né,

E; Uhum

VÂNIA: não conheço nem o país dele, né, onde isso aconteceu, o máximo que eu tenho são algumas fotos dos pais e dos irmãos dele, né.

E; Uhum

VÂNIA: Então pra mim foi sempre meio que... irreal.

E: Uhum

VÂNIA: E mesmo assim, né, como eu to te falando, tem alguma coisa, né, disso que ficou que... que dá pra explicar direito, né, mas... mas tem, né, algum sentimento, mas é muito diferente, né de... de você... é ter... vivido na carne isso, né

E: Uhum

VÂNIA: de ter sido... de ter sido... pre... né, passado literalmente por aquilo tudo, é sempre, né, assim, meio que, eu acho que quase... não igual, mas é parecido como, a maneira que a maioria das pessoas sente, né, “ah nossa, matou todo mundo? Nossa, existiu?” né?

E: Uhum

VÂNIA: Por quê? Aquela vó, aquele avô, aquelas pessoas que morreram eu não conheci, eu não conheci, né, então são... são personagens na verdade, né, personagens e... agora, eu acho que nisso tudo tem um diferencial assim, por meu pai ser do jeito que ele é,

E: Uhum

VÂNIA: eu acho que o grande... talvez o grande... o grande... a grande diferença se...né, ao grande, o grande determinante de eu não me sentir assim tão... tão próxima da tragédia, foi o fato do, de que meu pai nunca foi um homem de ficar chorando o passado

E: Uhum

VÂNIA: né, então assim, ele sempre foi uma pessoa... é... conciliatória, né, uma pessoa... eu nunca cresci ouvindo ele xingar, né, falar isso, “ah, porque o ju...” né, o... “o

nazismo isso, os alemães isso...” né, sempre, sempre que ele, quando ele contava, ele contava é... de um jeito assim, muito tranquilo, né

E: Uhum

VÂNIA: sem raiva, sem ódio, e acho que a religião que ele carrega no coração que ajuda ele, né

E; Uhum

VÂNIA: Então...

E: E você, o que você sente quando lembra dessa história?

VÂNIA: Do?

E: Da história do povo judeu, da história da sua família...

VÂNIA: É eu acho que... né, assim... é... eu sou mais um personagem aí, né, que... que ta aí né, assim, a gente não escolhe, né, a família que nasce...

E: Uhum

VÂNIA: Então é... é, assim, é muito... acho que durante muitos anos eu me senti meio que, de certa forma, uma estranha no ninho, né,

E: Uhum

VÂNIA: morando num país, que meus pais sempre, né, de alguma fo... maneira demonstravam que era culturalmente muito diferente do país que eles vieram, a dificuldade de adaptação deles, então acho que tudo isso, somado, né,

E: Uhum

VÂNIA: é... a questão do Holocausto ficou um pouco menor.

E: Uhum

VÂNIA: Sabe? Porque o que era difícil era ta num país estrangeiro e... e eu acho que pro meu pai isso que foi bom, talvez isso que foi a salvação

E: Uhum

VÂNIA: dele, né, não ficar neurótico, né, um homem... é... revoltado, um homem... frio, né, alguma coisa assim mais grave, por quê? A mudança de país, né

E: Uhum

VÂNIA: eu acho que fez com que, sabe, assim, o contato, com a cultura, com o brasileiro que é mais colo... caloroso, acolhedor

E: u hum

VÂNIA: né? Então assim, eu acho que isso, isso é... um... um padrão que todo ser humano acho que passa, né, quando cê, quando você vive um problema, é mais fácil quando você vai pra longe, né,

E: Uhum

VÂNIA: até geograficamente, o problema fica menor,

E: Uhum

VÂNIA: né, então é... é... eu acho que na mi... na nossa sobrevivência do dia a dia, né, que era... meu pai ta trabalhando, né, dele conseguir manter a família, que para ele era o mais importante,

E: Uhum

VÂNIA: né, não tinha muito espaço pra ele ficar lembrando essa história, né, então assim, ele supriu, eu acho que o fato dele casar com uma não judia, acho que até também inconscientemente ele escolheu isso, né até pra ta, pra coisa ficar menos forte mesmo, sabe, menos dolorosa, né, porque se os dois tivessem a mesma dor, né,

E: Uhum

VÂNIA: talvez ficasse mais difícil... e assim, eu conheci umas pessoas lá no Rio de Janeiro da comunidade judaica, é... que... que assim, que... que aboliram da... da vivência deles o judaísmo como religião,

E: Uhum

VÂNIA: ta? Por quê? Por causa do Holocausto. Então assim, “eu não quero mais isso”

E: Uhum

VÂNIA: “não quero mais essa religião que me traz essa desgraça”, né.

E: Uhum

VÂNIA: São pessoas que perderam a família, nós temos uma amiga, uma senhora que tem o braço tatuado de... de Auschwitz ^G.

E: Uhum

VÂNIA: Entendeu? Então, é... é... e ele num... num... ele não passou por exemplo por esse processo, ele nunca falou isso, né, “não quero saber do judaísmo”.

E: Uhum

VÂNIA: Mas ele também não ficava exaltando.

E: Ele tava envolvido no...

VÂNIA: É, como eu tava te dizendo, ele não abandonou, ele tinha a reza dele lá e tal, mas ele também não ficou tentando influenciar a gente, né.

E: Uhum

VÂNIA: “Oh, vem pro meu lado, vou te ensinar a minha religião... olha meu Deus é assim...” nunca, né

E: Uhum

VÂNIA: Então acho que, assim, hoje, por exemplo, hoje ele quer, sabe, hoje ele tenta, né, e... você vê né, que ele tenta carregar a gente lá, né (rindo) “ah, vamo, vamo, vamo” mas meu irmão não quis, eu não quero, meus filhos não quiseram... ele fica triste, mas sabe, que que eu vou fazer? Eu não sinto!

E: Uhum

VÂNIA: Essa identidade... é... religiosa.

E: Uhum

VÂNIA: É... então... sabe, assim, é... é um pouco distante meu... então você perguntou, né, o que que eu sinto por...

E: Saber da história...

VÂNIA: É... então assim, eu acho que é isso, assim, essa história, eu acho que ela não ficou assim presente,

E: Uhum

VÂNIA: né, não era uma coisa que era falada, lembrada, chorada... né, não...

E: Uhum

VÂNIA: né, a vida seguiu como se... se nada tivesse acontecido, né, eu acho que... né, eu acho... eu sempre falo né, que meu pai é a pessoa que mais se encaixa naquele conceito psicológico de resiliência, né.

E: Uhum

VÂNIA: Porque... ele veio aqui pro Brasil, parece que ele zerou, né, começou a vida como se tivesse nascido de novo, né.

E: Uhum

VÂNIA: Então... é... eu não sei como... é... hoje eu vejo que ele não perdeu de jeito nenhum esse... é... esse... sentimento interno aí de que ele é um judeu, mas naquela época eu acho que tava meio adormecido, porque ele não passou isso pra gente

E: Uhum

VÂNIA: Então... eu num... num... num... né, como te disse, é... é... muito mais racional, assim, né, eu sinto, né, que... que eu tenho uma ligação, né, eu tenho consciência que eu tenho uma ligação com esse povo, né, é... que eu não cresci nesse meio, mas que... que a história me toca, né... mas... me comove e tudo mais, né, mas assim, não sei, acho que mais, até intelectualmente, né, do que

E: Uhum

VÂNIA: emocionalmente, né, não sei também se é isso mesmo (rindo).

E: Entendi

VÂNIA: Acho que eu to precisando de conhecer lá, né?

(risos)

VÂNIA: Quem sabe eu sou tocada?

E: Conhecer lá onde?

VÂNIA: Israel

E: Israel?

VÂNIA: Quem sabe, né, eu sou tocada? Por algum...algum outro sentimento, né, que não só a racionalidade...

E: Uhum... pelo menos é uma viagem, né,

VÂNIA: Verdade... é engraçado que a gente vai falando e vai se dando conta de algumas coisas, né, a gente organiza, né o pensamento pra falar,

E: Uhum

VÂNIA: a gente se dá conta de coisas que no dia a dia você nem... nem se toca, né?

E: Não pára pra pensar...

VÂNIA: Não pára... talvez eu esteja precisando disso, né... de um... reencontro aí com... com esse passado, né?

E: Uhum

VÂNIA: Eu gostaria de ir lá e de ir na Iugoslávia.

E: Uhum

VÂNIA: Né, conhecer também...

E: Seria interessante...

VÂNIA: Quer dizer, na atual Sérvia (rindo), né, aí... acho que... acho que o sentimento viria aí bem forte... né, isso que você perguntou de... né, de povo, de... de... (ri das cachorras roncando) então, entende? Né, como eu disse, tem essa distância, né eu acho que, ser criado em outro país, né, mudou o comportamento do meu pai,

E: Uhum

VÂNIA: né, e o meu com certeza... né, mais marcado por...

E: Lá na SIRP tem um livro que eu li uma vez, peguei emprestado, chama "A árvore que meu pai catava nozes", é do Michel (alguma coisa), jornalista, ele é da família de alguém daqui...

VÂNIA: É... eu lembro que... parece que ele chegou a vir aqui pra lançar...

E: Teve uma palestra...

VÂNIA: Eu lembro...

E: Tem um exemplar lá e ele fala isso, que a família dele acho que era da Polônia

VÂNIA: Hum?

E: E aí ele foi lá, conheceu a árvore que o pai catava nozes, conheceu a casa que o pai morava

VÂNIA: Hum...

E: Uma experiência indescritível, assim...

VÂNIA: É?

E: Ele conta no livro e tal...

VÂNIA: É... eu acho, que as vezes faz falta sim, esse, esse link com o passado, que fica um buraco, assim, fica um buraco (rindo) mas... como eu disse, né, fica uma história, assim, uma história... um conto de fadas, né, minha mãe contando como era e tal... minha mãe era apaixonada pela Sérvia, sentia muito... então, isso, isso também é uma coisa marcante do meu pai, né, que ele nunca quis voltar lá,

E: Uhum

VÂNIA: na Servia, né, nunca sentiu saudade... então assim, acho meio que uma defesa dele, não falar muito desse passado

E: Uhum

VÂNIA: que é isso que eu falei, né, de vir pra cá, recomeçar uma nova vida, né? É, eu falando agora aqui também tá me caindo a ficha que talvez por um tempo ele mesmo tenha renegado, vamos dizer, essas origens

E: Uhum

VÂNIA: né, que... que acho que, na época ele precisou disso, né, pra sobreviver, porque imagina, né, perder toda e qualquer referência de família, de uma vez só

E: É...

VÂNIA: de um jeito tão... né, assim, que os parentes que fi... as pessoas, vizinhos, sei lá contaram pra ele quando ele voltou que eles viram a família entrar no caminhão daqueles de gás, né, que ficava andando e... então de repente, né, eu cresci ouvindo essa história, parece que é natural, sei lá... é... é estranho, né, porque ao mesmo tempo que eu tava dentro eu tava fora e é uma mistura muito louca, mas realmente, assim, né, falando agora eu vejo que tem esse... né, essa coisa aí meio que...faltando de repente um elo na corrente, né

E: Uhum

VÂNIA: assim, na minha história, né, de repente talvez ir, conhecer, aprender melhor, eu tenho vontade de ir no muro das lamentações, conhecer...dizem que é muito bom lá, né, a energia, é muito bom...

E: Uhum (curto silêncio). É isso... mais alguma coisa?

VÂNIA: Não... (curto silêncio). Meu pai de vez em quando fala assim “ah”, não vai ter mais nenhum [sobrenome da família]”, né, porque meu irmão que é [sobrenome] não casou e não teve filho, né, eu coloquei [sobrenome] no nome dos meus filhos por isso, né, aí eu falo pro meu pai, né, eu coloquei o nome, mas não é o nome, o sobrenome principal, é [nome completo do filho], a Talita provavelmente quando casar vai tirar o [sobrenome da família], né (curto silêncio) não sei se um dia isso vai morrer, desaparecer da história... né, da minha família...

E: (aponte para o trabalho) vai ficar pra história...

VÂNIA: É...

(risos)

E: Morrer não vai, alguma coisa vai ficar...

VÂNIA: Essas coisas são muito também de ciclos, né, as vezes lá na frente um dia algum descendente vai casar com algum judeu.

E: Uhum

VÂNIA: Né, aquelas coisas que acontecem.

E: Lá na frente...

VÂNIA: É, alguém que vai lá e retoma... nada morre não, tudo se... tudo muda, né,

E: É...

Perguntou se eu queria falar com o filho. Desliguei o gravador.

No meio tempo, contei que meu tio havia colocado por último o sobrenome da esposa nos filhos, pois o sobrenome dela se perderia e o dele não. Liguei novamente o gravador.

VÂNIA: Você tava falando da... que influência tem isso, né?

E: Uhum

VÂNIA: Então, da questão do judaísmo e uma coisa que identifica os judeus é o sobrenome.

E: Uhum

VÂNIA: É... então assim, [sobrenome da família], com esse sobrenome só vai ter judeu, não judeu com esse sobrenome... né... então são assim todos os sobrenomes de judeu. Aí como meu irmão não casou e não teve filhos, ele... meu pai, a preocupação do meu pai, atualmente, de vez em quando, ele fala sobre isso, né, “nossa, então o nome, o... o meu sobrenome vai morrer, né, o [sobrenome da família]”...

E: Uhum

VÂNIA: E eu falo pra ele que justamente por causa disso eu pus o sobrenome, [sobrenome da família] nos meus filhos, mas é claro que uma hora... eles não vão colocar [sobrenome da família] nos filhos deles, né,

E: Uhum

VÂNIA: porque vai ficando um nome muito comprido, né, e, um segundo fator, que também... eu to pensando nisso, né, assim, mais claramente agora, já pensei, né, mas assim, realmente agora fica muito claro como que... que eu tomei essa decisão mesmo sabendo que [sobrenome da família], né, aqui, no Brasil, é... seria um sobrenome que pr... pros... pros meus filhos seria difícil carregar, né, né, porque tem uma conotação, né, é... que que... que leva, claro, que sempre levou eles sofrerem é... piadas, gozações porque “ah, [sobrenome], ah, vou te comer” e outras coisas do gênero, né... é... e mesmo assim eu banquei isso, tanto é que eles falam pra mim “ai... não gosto do [sobrenome da família], a senhora não devia ter colocado...” realmen... então assim, são coisas, né, assim, né, vai... vai entender, né essa minha decisão, né.

E: Uhum

VÂNIA: Quer dizer, pra mim, foi uma coisa importante eu quis, é... homenagear meu pai ou eu quis é... tentar perpetuar é... essa parte judaica né da família

E: Uhum

VÂNIA: mesmo assim, a duras penas, a custa né, da insatisfação dos meus filhos

E: Uhum

VÂNIA: né, então quer dizer, de alguma forma isso é importante pra mim, né,

E: Uhum

VÂNIA: e aparece dessas maneiras assim, meio... assim... quando realmente a gente não pensa muito... né, “ah, sou judia”, né

E: Uhum

VÂNIA: mas... eu poderia ter tirado, eu tenho uma amiga que ela é Silva, lógico, ninguém gosta de ser Silva, né.

(risos)

VÂNIA: Ela casou, aproveitou e tirou o Silva. Eu poderia ter tirado o [sobrenome da família], eu também num... pra mim também é chato, né, ser [sobrenome] (risos), mas eu não quis, né, não tirei e ainda por cima dei pros meus filhos.

E: É...

VÂNIA: Né? Então é... não sei, né, se eu faço isso pelo meu pai

E: Uhum

VÂNIA: ou se eu faço isso pelo... judaísmo do meu pai (rindo) né, parte, que eu tenho parte...

E: Uhum

VÂNIA: Fica esse ponto de interrogação, né?

E: É...

VÂNIA: Quem sabe na sua próxima pesquisa (rindo) eu já teria...

- de doutorado (falamos juntas)

VÂNIA: Quem sabe... eu já teria resposta pra você...

E: Daqui quatro anos...

VÂNIA: “oh, eu fui pra Israel, me identifiquei, eu sou judia!”

(risos)

E: É...

VÂNIA: E tem outra coisa, viu? Vem um sentimento meio que de traição à minha mãe, sabia?

E: Uhum

VÂNIA: Que às vezes eu penso né, de ah, então “ah, eu acho legal, eu go...” eu, é, por exemplo, né as coisas que são faladas... no... no.... no... o Rasam ^G D., né veio de São Paulo pra fazer o... Rosh Hashaná ^G, né, esse ano.

E: Hum...

VÂNIA: E... e... e... eu me identifico, porque fala coisas de... que tem a ver por exemplo com Psicologia

E: Uhum

VÂNIA: né, não falam numa religião assim no vazio, né, eles falam do homem, do relacionamento, né, do que o homem sente, das... né, assim, até depois eu conversando com outras pessoas lá, né, o J. também, gosta muito que... que gosta dessa parte psicológica, ela tava falando isso, né, e... mas você sabe que até hoje eu me pego pensando nisso... “nossa, mas minha mãe ficaria muito triste porque... ela vivia falando do Jesus, “ah, por que amo Jesus, ahn, tadinho do Jesus, sofreu tanto, né, na... crucificação...”

E: Uhum

VÂNIA: Sabe? Então assim, é... é... isso é que eu te falo, a minha posição acho que é a pior, né.

E: Que é bem no meio dos dois...

VÂNIA: Bem no meio, sabe? É muito ruim... né, então assim, também pensando agora, né, que eu percebi mais claramente como eu ainda tenho, ainda tem essa divisão, né, dentro de mim, que... que... é uma divisão muito clara na... na família quando existe essa... essa... esse acordo né, ou essa... sei lá essa determinação, né da própria religião, “só é judeu quem nasce no ventre... judaico”, quer dizer, eu pra eu ser uma judia hoje, religiosamente, eu teria que me converter,

E: Uhum

VÂNIA: né, teria que fazer toda... né, os estudos, uma conversão, né, eu não sou, né, tecnicamente eu não sou... oficial... oficialmente, sei lá eu... né, então... depende de escolha

E: Uhum

VÂNIA: né, teria que ser uma escolha minha

E: Uhum

VÂNIA: e aí de repente eu fico né, me sentindo meio que... apesar que minha mãe já...

E: Fogo cruzado

VÂNIA: morreu... é... olha... olha que peso que as coisas tem, maluca... que a gente nem se dá conta... ela já morreu e eu to aqui preocupada com o que ela lá de não sei da onde, né, vai... vai pensar se me ver “nossa, ela virou judia, oh traição!” né... então... não desejo isso pra ninguém! (rindo) É muito ruim essa divisão... e aí eu fiz questão pros meus filhos não se sentirem como eu me sentia, ao mesmo tempo que eu dei o nome, né, o sobrenome do meu pai, eu fiz questão que eles seguissem a religião predominante no país que é o catolicismo

E: Uhum

VÂNIA: né, então, e que também por coincidência também estudaram, né, numa escola de religião católica, que é o [nome da escola].

E: Uhum

VÂNIA: Né, na verdade não por escolha, né, mas porque é mais próximo, né, e uma escola... né, boa...

E: Uhum

VÂNIA: Mas que, né, então eu achei bom “não, vão ter uma formação católica”, então eu fiz questão “ah, vão ser batizados”, né, porque quando eu me casei com o meu ex-marido que é católico também né, eu cheguei no padre, falando que queria casar, não, minto, falando que queria batizar a minha filha e o padre falou “ah mas você... você é católica? Você é casada na igreja?” “Não” “Então você não pode batizar sua filha” na

igreja católica, né... “ah, então tá”... mas aí depois eles cresceram e tinha um padre ali na... no [escola] que era bem aberto, né e o padre falou “não, batizo, uai, me dá a água...”

(risos)

VÂNIA: Tanto é que eles batizaram já...

E: Grandes...

VÂNIA: Grandes... e... e.... entende? Porque sabe assim, eu queria que eles não se sentissem é... tão *outsider* como eu me sentia, né.

E: Uhum

VÂNIA: Aí... não adiantou nada, porque eles também não são católicos (rindo).

E: Por opção...

VÂNIA: Não se sentem... é... não vão, não frequentam... né, então assim, é uma religião, uma... um sentimento, né, muito estranho... né, se sentir... “não, eu sou tal coisa”

E: Uhum

VÂNIA: Eu num... eu não sei o que é isso (sorrindo), né, não aconteceu comigo nem com meus filhos, então...

E: Uhum...entendi...

(curto silêncio)

VÂNIA: E...e...e... ao mesmo tempo a coisa é tão louca, né, que que... que lá em... Jerusalém, né, vão... vão todas as religiões, né,

E: Uhum

VÂNIA: porque lá que aconteceu, né, a via sacra e tudo mais...

E: Uhum

VÂNIA: Então... talvez o... né, assim, o ecumenismo seja a solução, né, das pessoas não ficarem... né, cada um... cada um tem sua religião, né, mas ter um sentido mais ecumênico...

E: Uhum

VÂNIA: Acho que seria uma solução, mas que... as pessoas não querem muito, né... porque se você ver, a religião também entra em uma questão de política, uma questão de poder... né, então... é uma questão muito complexa...

E: E pra você o povo judeu, “ser judeu” tá intimamente ligado com a religião judaica?

VÂNIA: Ai, então... é... é... é... até por conta disso, né, eu acho que assim, por eles terem, por eles não abrirem mão, né, do... daquela cidade, né, de Jerusalém, que ela

continua... sendo motivo, né dos palestinos que querem aquele pedaço de terra, então assim, hoje não tem como dissociar, né, a... a... o povo judeu da religião judaica, ta tudo misturado, né

E: Uhum

VÂNIA: mas assim, como eu disse, é um povo que eu admiro, que eu acho que tem características, é... muito... muito...que eu admiro, né, muito admiráveis...

E: Uhum

VÂNIA: E... então acho que... né, que o povo, não é só a religião

E: Uhum

VÂNIA: Tanto é que tem judeus que, muitos não são religiosos, né...

E: Uhum

VÂNIA: E são judeus... mas... mas o que eu acho que... né, como eu disse, que ge... né, que gera o conflito, né, pelo menos de uma maneira geral, as pessoas em geral é essa questão né, do... que define é a questão de Deus, né e de não... de ainda estar esperando o Salvador, de não reconhecer Jesus Cristo como Salvador... então acho que isso mobiliza mais do que... do que é... eles, né, enquanto né, cultura.

E: Uhum

VÂNIA: Eu acho que mobiliza mais essa questão religiosa, né... e tem todas umas questões aí que eu não conheço, que é da... dos... dos judeus ortodoxos, né, que... que também é um outro radicalismo... eu não sei, né, porque que existem os ortodoxos... e os ultra-ortodoxos...

(risos)

E: É... tem vários tipos de judeus...

VÂNIA: Tem vários... o ser humano é complexo...complicado...

E: É...

VÂNIA: A pessoa entrevistada pode fazer uma pergunta? (rindo)

E: Pode!

VÂNIA: Como é que você... Que religião que você é? Como é que você lida com essa... é... aproximação aí do judaísmo? Como que você... como que repercute em você?

E: Pergunta complexa (rindo)

VÂNIA: Você é católica?

E: Eu sou evangélica...

VÂNIA: Ah você é evangélica... ah, evangélico tem uma... um sentimento assim, por conta de Jerusalém, né, então... uma proximidade, né assim, com Israel... mas não com o judaísmo...

E: É, eu acho que é meio igual aos católicos....mas não sei... sei lá... acho que por conta da Bíblia, tudo também aconteceu lá...

VÂNIA: É...

E: E... e assim, eu gosto do povo, eu também sou simpatizante (rindo) eu gosto do povo, eu acho legal, acho legal as festas, a cultura, assim,

VÂNIA: Uhum

E: acho muito interessante...

VÂNIA: Hum...

E: Mas acredito em Jesus e tudo mais... e... e... eu acho que não influencia muito na minha crença religiosa, vamos dizer assim, mas me acrescenta muito, as visões de mundo... as visões de... de tudo da vida...

VÂNIA: É tão bom poder conciliar, né?

E: Eu acho... eu fico apaixonada pelas minhas entrevistas, quando eu vou transcrevendo, assim,

VÂNIA: Uhum

E: eu penso “gente! Que legal, que interessante!”

VÂNIA: Uhum

E: Eu acho muito legal a questão mesmo da tradição, de transmitir... normalmente transmite na família... né...

VÂNIA: Muito forte, né, isso...

E: É... mesmo da cultura estar relacionada com a região e por ser um povo que mesmo diante de todas as catástrofes que sofreu permanece firme e forte (rindo), enfim, permanece até hoje, mantendo...

VÂNIA: Uhum

E: Assim, uns mais outros menos, mas mantém, né, a cultura, as tradições...

VÂNIA: É...

E: Eu acho interessante...

VÂNIA: Então, eu recebo algumas coisas, né, por e-mail do... eles fazem uns estudos muito bonitos, né, lá em São Paulo... uma época eu recebia uns resumos, né, são, assim, por isso que eu falo que eu acho bacana porque são meio filosóficos, né meio...

E: Uhum

VÂNIA: Muito interessantes, muito próximos, né, da vivência da gente, né...

E: Uhum

VÂNIA: Então, talvez, até se tivesse assim mais próxima eu até fizesse alguns estudos, algumas coisas, o pessoal te chamou pra fazer lá o estudo de Cabala?

E: A Maria até chegou a comentar, mas eu to numa loucura que...

VÂNIA: É... eu também não... não que... né, não sei... gostaria até de entender o que que é... acho que ela chegou a mandar uns textos, vou até ver se eu tiro uma cópia...

Finalizamos.

3.4.2. Neta: **Talita**, nascida em Itajubá, MG, 24 anos, Estudante de Nutrição.

Resumo

Talita começou contando que não se considera muito judia, mas depois que conheceu melhor a história, em uma viagem a Israel, sua visão mudou, principalmente por estar relacionada com sua família. Ao mesmo tempo em que sente orgulho do desenvolvimento de Israel, fica triste pelos acontecimentos do passado e os do presente, mesmo que não viva essa história diretamente. Ela acredita que esta história tenha mais influência em sua vida do que possa imaginar. Exemplifica dizendo que sente necessidade de se responsabilizar pelos outros, como se tivesse, no inconsciente coletivo, o anseio de resgatar seus antepassados. Além disso, tem medo de ficar sozinha, de perder as pessoas, sempre foi muito apegada à família e é muito emotiva. Ela não se considera judia por não ser praticante, mas gostaria de ter sido mais próxima e disse que em Ribeirão Preto ainda há muito preconceito e sua mãe sempre a ensinou a não contar para todo mundo que é descendente.

Entrevista Talita 09/10/2012

E: entrevistadora (Milena)

TALITA: participante

Entrevista realizada na casa da colaboradora.

E: Eu queria saber o que significa ser judia ou “ser judeu” pra você, é... levando em conta a história do povo judeu, o Holocausto, não só, mas ao longo de toda a história, as perseguições, as dificuldades que eles enfrentaram,

TALITA: Uhum

E: ao longo da história... se é que você se considera pela descendência e...

TALITA: Uhum... Eu acho que eu não me considero tanto assim, mas eu acho que depois que eu comecei a conhecer mais da história, né, porque eu fui pra Israel, né, no meio do ano passado, já faz um ano, um pouco mais, mais de um ano já... conheci esse... mais a fundo a história...

E: Uhum

TALITA: É... é... é diferente, sabe, a visão que se tem

E: Uhum

TALITA: quando se conhece mais a fundo, qualquer assunto né e esse ainda mais que tem a ver com família tudo né...

E: Uhum

TALITA: é... as vezes dá um sentimento de injustiça,

E: Uhum

TALITA: por tudo o que aconteceu, lógico que é uma visão unilateral, deles, né, porque eu tenha conhecido a história pelo lado judeu mesmo

E: Uhum

TALITA: mas a impressão que eu tenho é... é muito injusto assim, sabe, acho que... o país, o próprio povo não seria tão desenvolvido, tão...tão... tão bem sucedido do jeito que é, eu acho que por tudo o que já aconteceu, existe ainda, né, esse povo, que tenta se juntar sempre

E: Uhum

TALITA: se não tivesse, é... se eles não fossem dignos, né... do... do amor de Deus, digamos assim, e eu me sinto assim também, né, um pouco... orgulhosa e digna de ta aqui hoje por alguma razão,

E: Uhum

TALITA: sabe, mas ao mesmo tempo, triste, assim, por tudo que já aconteceu, por tudo que ainda acontece... né, com o povo, de não ter paz... isso é uma coisa que magoa, digamos assim... né, por mais que não viva essa história direto, diretamente, quando se houve falar...né lá eu ouvi falar sobre a guerra...

E: Uhum

TALITA: e tudo assim, acaba tocando muito, mais do que uma pessoa comum que não tenha uma ligação, eu acho que a mim toca mais...

E: Uhum

TALITA: Me atinge mais, digamos assim...

E: Você acha que isso tem alguma influência na sua vida? A história...

TALITA: Eu acho que tem mais do que eu possa imaginar, não que eu saiba te dizer assim exatamente, né.

E: Uhum

TALITA: Mas talvez tenha sim... por exemplo eu to fazendo terapia agora de novo, né, na ultima sessão ela... a gente tava comentando assim, por uns problemas de família que eu venho tendo... enfim e outras coisas, eu sempre tenho muita necessidade de me responsabilizar por aquela pessoa, tentar ajudar a resgatar ela, talvez alguma... algum inconsciente coletivo aí de...de que... tentar salvar os antece... antepassados, não sei, acho que por essa história assim, sempre de tentar salvar...

E: Uhum

TALITA: Não sei, assim, é bem viajado, né, pensar assim, mas, não se, sabe, acho que tem muito mais do que eu possa imaginar, do que eu possa perceber...

E: E isso faz sentido pra você?

TALITA: Faz, eu acho que é muito forte assim a carga que a gente carrega, sabe?

E: Humm

TALITA: Eu acho que acaba tendo... eu acredito muito nisso, então...

E: Porque você falou que é bem viajado, né...

TALITA: É, então, mas eu acredito, sabe?

E: Aham

TALITA: Porque não é palpável, não é uma coisa que... linear, que faça muito sentido na hora de eu falar, assim, talvez por eu não estar com as idéias muito organizadas, não saber o tanto que isso realmente influencia,

E: Uhum

TALITA: mas eu acho que tem sim...

E: Entendi... e... que que isso tudo significa pra você? Você acha que, com relação à influência da história... como, o que que você sente, como que você percebe isso?

TALITA: Isso que você diz o que?

E: A influênci...

TALITA: Na minha vida? Então, eu acho que assim eu gostaria de saber o que isso tem de influência, talvez eu não saiba, eu acho que é mais essa questão de não saber porque que realmente isso me afeta

E: Uhum

TALITA: né, porque assim, eu tenho sentimentos, de... de orgulho também de... de... de... de tristeza mesmo, pela história já ocorrida, que aind... a atual situação, mas eu não sei até que ponto isso me afeta mesmo.

E: Uhum

TALITA: Sabe?

E: Você não se considera judia?

TALITA: Não... não...

E: Uhum é mais pela história da sua família, da...

TALITA: É... porque assim eu nunca fui praticante, eu não conheço muita coisa, sabe?

E: Uhum

TALITA: Mas gostaria de ter sido mais próxima...

E: Uhum... como que foi sua experiência em Israel?

TALITA: Ah, foi muito gostoso é um país de mais! Muito desenvolvido, sabe? Coisas incríveis eu vi lá... e... foi muito interessante ter contato com a população de lá.

E: Uhum

TALITA: Como é um povo diferente! Né, por conta do histórico, de várias guerras, tanto que o... que o guia nosso falou... que... uma pessoa de dez anos vivenciou uma guerra, uma pessoa de 50 já vivenciou cinco guerras.

E: Uhum

TALITA: Então as pessoas, elas não são calorosas e abertas igual aqui são, igual são no Brasil, né,

E: Uhum

TALITA: as pessoas lá são mais fechadas, não são simpáticas, digamos assim, mas é por conta desse histórico todo deles, né,

E: Uhum

TALITA: foi muito legal conhecer assim, de perto isso, o desenvolvimento do país, né, conhecer mais a fundo tanto o passado, quanto o presente, através do guia, né.

E: Uhum

TALITA: Nas viagens que a gente fez... a gente foi de norte a su... ao sul do país, foi muito legal assim conhecer, sabe?

E: Uhum

TALITA: E eu acho uma pena eu nunca ter sido assim mais próxima, por conta da migração, de eu ter vindo pra Ribeirão, nunca ter sido tão próxima, eu sinto, um pena, assim, digamos. Não sei como seria se eu realmente fosse judia, né, talvez aqui em

Ribeirão, né, as pessoas ainda tem muito preconceito, sabe? Né, minha mãe sempre me... me... não é ensinou assim, sempre falou, né, “não sai falando assim porque as pessoas tem preconceito”.

E: Uhum

TALITA: Né, em relação ao judeu, então eu não sei como seria se eu realmente fosse, se eu realmente me sentisse

E: Uhum

TALITA: mas ao mesmo tempo eu não me sinto católica, então... as vezes isso tem alguma influência também, sabe?

E: Você já passou por alguma situação ou sua família de preconceito ou alguma dificuldade...?

TALITA: Não...

E: Nesse sentido?

TALITA: Não, nunca passei por nada...

E: Mas também ninguém sabe (rindo)

TALITA: Ninguém sabe, entendeu? Assim, as pessoas que eu tenho mais contato acabam ficando surpresas, que aí eu conto a história do meu vô, por conta das guerras,

E:Uhum

TALITA: que ele passou e tal, mas ninguém tem preconceito direto. Nunca aconteceu nada, assim,

E: Uhum

TALITA: mas as pessoas desconhecem... as vezes comenta alguma coisa e as pessoas desconhecem a religião... não sabem, tem gente que não sabe, assim e algumas podem reagir com preconceito, outras não...

E: Uhum

TALITA: Depende de quem a gente encontra no caminho

E: Uhum... por isso que não é bom ficar falando...

TALITA: Exato, eu não falo sempre, né

E: Uhum... que mais que você tem pra me contar?

TALITA: Ah... é isso... a questão do... não sei se você quer que fale sobre a constelação familiar? Que eu comentei...

E: Pode falar!

TALITA: Porque assim, essa questão de eu não saber o tanto que me influencia realmente, né

E: Uhum

TALITA: a constelação familiar talvez seria uma...forma de descobrir isso, né... seria interessante saber o quanto que isso me afeta... né, ou não...

E: uum

TALITA: Mas eu imagino, segundo minha psicóloga, ela também imagina que tem uma carga forte (rindo) de alguma forma que eu não consigo... que ninguém consegue imaginar, na verdade, né, mas seria interessante saber...

E: Uma “carga forte” em que sentido?

TALITA: Ai, saber a maneira que a gente, que eu encaro os relacionamentos talvez, né.

E: Uhum

TALITA: Eu tenho medo também de ficar sozinha, medo de perder as pessoas,

E: Uhum

TALITA: né, eu sempre fui uma pessoa muito emotiva, na minha família, apegada... talvez isso possa ter tido influência pelo histórico de muitas perdas... que o povo tenha, que o povo tem.

E: Uhum

TALITA: Né, pode ser por isso...

E: Entendi

TALITA: Entendeu? Um exemplo assim, mais claro, né, acho que é esse... e outras coisas assim não sei... é mais em relação a isso...

E: E como que você, e que que você sente, como você se sente quando lembra da história do seu avô ou mesmo do povo judeu? Ou quando você foi pra Israel, como você se sentiu?

TALITA: Eu fiquei muito abalada, assim, sabe, quando eu fui no museu do Holocausto eu fiquei me sentindo muito mal, eu fiquei... muito mal mesmo, sabe, eu não achei que eu fosse... eu sabia que essa historia me afetava, né

E:Uhum

TALITA: o fato da história do meu vô assim eu sempre soube que sempre me deixou muito triste... mas do jeito que me afetou lá e vendo aquilo... é muito forte assim, sabe?

E: Uhum

TALITA: E acho que é isso, mais assim, que foi bem marcante pra mim....

E: Uhum

TALITA: Mas ao mesmo tempo quando a gente tava numa sinagoga ou alguma coisa mais relacionada à religião, não tenha me afetado tanto...

E: Uhum

TALITA: então, por isso que eu falo que eu não me sinto judia (rindo)

E: Ser judia significa praticar a religião? Fazer parte de um povo?

TALITA: Então... é... é... tem esses dois lados eu acho assim, acho que as duas coisas, sabe?

E: As duas coisas juntas, as duas coisas separadas?

TALITA: Então, na verdade eu não sei! Eu não sei te dizer não... isso... teoricamente... não, eu não sei se são os dois juntos... ou um ou outro... não sei!

E: Como que você definiria pra mim o que é ser judeu?

TALITA: Eu acho que é a religião, crer na religião, praticar ela, né, não somente... apesar que, teoricamente, ser judeu é fazer parte do povo, né, de Israel, então por exemplo, lá em Isarel tem os muçulmanos judeus... de Israel, israelenses, mas hoje em dia é mais um sinônimo da religião mesmo,

E: Muçulmanos judeus são pessoas que são judias e se converteram ao Islã?

TALITA: Não, é... são muçulmanos que vivem em Israel, né, mas judeu é a religião mesmo, num... acho que não tem outra definição...

E: Uhum... quer falar mais alguma coisa?

TALITA: Ah... acho que não... não... você foi pra Israel também ne?

E: Fui...

TALITA: E como que você se sentiu lá?

E: Olha é bem... é bem marcante mesmo a história... e mesmo... o museu do holocausto é muito forte...

TALITA: Você foi também? É muito forte né?

E: O Memorial do Holocausto... é muito chocante mesmo... mas não sei se é... se foi no mesmo nível o impacto, assim, não consigo mensurar...

TALITA: Aham

E: Mas eu gostei muito de ter ido, também fiquei encantada...

TALITA: É... é muito desenvolvido lá, né... eu acho incrível, assim...

E: É muito engraçado, assim, muito interessante que... você vai em Tel Aviv tem aqueles arranha-céus super ultra modernos daí meia hora você tá em Jerusalém que é tudo face de pedra, sabe, tudo...

TALITA: Completamente diferente, né

E: Parece que é... 4 mil anos atrás...

TALITA: É lindo lá né... eu achei muito lindo...

E: Eu gostei bastante... tem deserto, tem montanha, tudo ao mesmo tempo...

TALITA: E é incrível, você vê no meio do deserto umas flores, sabe? Hortas... como assim gente? Aquilo foi de mais pra mim... ver todo aquele contraste...

E: Uhum

TALITA: Né, é muito... né, isso dá orgulho, assim, de ver, depois de tudo que já passou, aquele país alcançou o que tem hoje...

E: Uhum

TALITA: Eu acho muito admirável

E: É...

TALITA: É uma pena né, que ainda exista tanto preconceito, e... guerra, assim...

E: Uhum

TALITA: Não sei, acabou que eu meio que desenvolvi um preconceito talvez assim contra os muçulmanos, por insistirem tanto em guerra, odiarem tanto assim o povo... né, não somente judeus, mas qualquer um que vai contra a religião deles, né

E: Uhum

TALITA: Mas... quem sabe um dia a paz realmente chegue...

E: É...

TALITA: Né, parece tão coisa de miss falar “paz”, né, “paz mundial”

(risos)

TALITA: Alguma coisa assim, mas é a realidade, a gente aqui no Brasil não imagina o que seja isso...

E: Uhum

TALITA: A gente não faz idéia...

E: É...

TALITA: Eu acho, sabe? É só quem vive realmente... mas foi muito legal a viagem, assim, foi bem gostoso... é isso...

E: Ok... obrigada!!!

3.5. Família 5: Zélia, André Daniel e Raquel.

3.5.1. Filha: Zélia, nascida em São Paulo, 82 anos, Aposentada (Professora Universitária).

Resumo

Zélia começou se apresentando como brasileira e contou um pouco do seu percurso acadêmico e profissional. Em seguida, contou que seus pais eram imigrantes da Romênia, que na época chamava Bessarábia. Seu pai não tinha muito estudo e chegando no Brasil trabalhou como vendedor. Sua mãe veio no ano seguinte e ela se queixava muito de antissemitismo²³, tinha muito medo dos ataques (Pogroms²⁴). Uma parte da família dos pais de Zélia mudou-se para a Argentina, outra para o Brasil e outra para os Estados Unidos. Os que permaneceram lá foram levados para trabalhos forçados. Ela acha frustrante não saber mais do que aconteceu com a família. Ela lamenta que seus pais não eram muito religiosos e nunca a obrigaram a aprender o hebraico. Ela até tem algumas fotos da família, mas não consegue ler o que está escrito atrás em hebraico e a história da família ficou “truncada”. Ela conta que morou um tempo nos Estados Unidos e lá esteve mais próxima da religião, mas no Brasil apenas mantinha os grandes feriados judaicos. Zélia afirma que tem medo de se expor e sofrer rejeição por ser judia. Às vezes sente muito orgulho, mas ao mesmo tempo, muito medo. Ela não gosta de ser diferente. Além disso, fica indignada com situações de antissemitismo. Ela soube das histórias da Segunda Guerra Mundial através de uma tia que foi levada para trabalhos forçados e depois mudou-se para o Brasil. Zélia também conta que seu pai ajudou a uma tia do marido dela a vir fugida da Alemanha na época do avanço nazista, mas no período da guerra, no Brasil, eles não recebiam quase notícia dos acontecimentos.

Entrevista Zélia 30/07/2012

E: entrevistadora (Milena)

---

²³ Antissemitismo: hostilidade aos judeus. No final do século 19 e início do século 20 foi fortemente evidente na França, Alemanha, Polônia, Rússia e outros países, e muitos judeus fugiram de perseguições, para a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Após a Primeira Guerra Mundial, a propaganda nazista na Alemanha incentivou o antissemitismo, alegando a responsabilidade dos judeus pela derrota alemã, em 1933 a perseguição aos judeus era intensa em todo o país. A ‘solução final’ concebida por Hitler deveria se materializar no holocausto, ou extermínio de toda a ‘raça’ judaica, e cerca de 4 milhões foram mortos em campos de concentração entre 1941 e 1945 (no total, estima-se que 6 milhões de judeus foram mortos pelos nazistas). O antissemitismo era forte característica da sociedade na antiga União Soviética, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, e se tornou mais evidente com fim do regime socialista. A tensão entre o povo árabe (que também é semita) e os judeus sionistas desde 1948 tem sido de natureza religiosa e geopolítica. Sobre várias formas e em diferentes segmentos, o antissemitismo subsiste no mundo contemporâneo (Folha de S. Paulo, 1996, p. 54).

²⁴ Pogroms: ataques contra minorias religiosas, raciais ou nacionais, frequentemente contra os judeus (Folha de S. Paulo, 1996, em *Sionismo*, p. 890).

ZÉLIA: participante

Entrevista realizada na casa da colaboradora.

E: Eu queria saber um pouquinho da sua história primeiro, né, me clarear da história da sua família...

ZÉLIA: Aham, eu sou brasileira, nasci em São Paulo, eu tenho 82 anos.

E: Uhum

ZÉLIA: E eu fui... eu estudei em São Paulo, na escola pública, depois estudei na USP, no Departamento de Química, eu me formei em Química.

E: Uhum

ZÉLIA: Depois eu fui... eu fui trabalhar, é... eu... eu achei, eu gostava muito de bioquímica e o curso de química lá era evidentemente química, então, depois de eu trabalhar um ano mais ou menos como... fazendo estágio no Instituto Biológico de São Paulo, eu... eu fui pro Canadá, eu consegui uma bolsa e fui pro Canadá e fiquei lá... é... dois anos e meio, mais ou menos, e aí, incentivada pelo pessoal lá eu fiz o me... eu fui só pra fazer cursos, uma coisa mais leve, mas o pessoal achou que eu tinha condição de fazer mestrado, fiz o mestrado e comecei o doutorado, depois eu... eu tava com muita saudade da família (rindo), eu tava sozinha, era a primeira vez que eu tava saído do... do país, aí eu voltei, aí um ano depois eu... eu me casei e meu marido também era pesquisador, e nós fomos então, nós fomos para os Estados Unidos e... ficamos lá, ele... tinha... ele queria fazer um PhD em Farmacologia, tava meio difícil aqui no Brasil, então nós fomos principalmente pra ele fazer o PhD e eu fui trabalhar em pesquisa nos Estados Unidos, então... ah... aí ficamos lá quatro anos.

E: Uhum

ZÉLIA: A gente acaba quase ficando lá, porque aqui as condições de emprego estavam muito ruins,

E: Uhum

ZÉLIA: mas aí nós, é... o nosso chefe antigo, o Dr. ---, nós encontramos por acaso com ele em Nova York, ele convidou meu marido pra vir pra Farmacologia daqui da Medicina, que tava... há alguns anos já funcionando... isso foi mais ou menos em 1960.

E: Uhum

ZÉLIA: Então eu vim pra Ribeirão Preto e aqui em Ribeirão Preto eu... é... eu fui contratada pela Faculdade de Farmácia pra... do Departamento de Bioquímica, que tava

começando naquela época, né, e aí eu fiquei lá e depois, quando eu comecei, o departamento era dependente da Medicina, da... da Bioquímica da Medicina, né?

E: Uhum

ZÉLIA: Mas aí teve uma série de problemas, né (rindo) e aí eu, eu fiquei encarregada de fazer, de... montar o Departamento de Bioquímica na Farmácia, e desde... e eu fiz lá uma carreira de 37 anos.

E: Olha só!

ZÉLIA: Montei o Departamento, comecei do zero, eu não tinha nem uma mesinha, nem uma cadeira pra sentar lá da Bioquímica, porque ela tava começando na Farmácia né, não tinha, e tava... e tava e também pra... Odontologia, na parte básica da Odontologia também era Bioquímica e eu montei o curso, tanto pra Farmácia quanto pra...

E: Odonto...

ZÉLIA: É... aumentou, eu consegui apare... é... equipamentos, coisa, né, e se tornou uma disciplina bastante respeitada...

E: Olha, que legal!

ZÉLIA: Então, essa é a minha carreira acadêmica, agora a minha... minha... os meus pais eram imigrantes da Romênia.

E: Uhum

ZÉLIA: Meu pai veio primeiro, aliás eles casaram lá, mas meu pai veio primeiro, ele veio em 1926 pra 7 e minha mãe devia (riu) ela devia vir logo em seguida mas ela não queria deixar os pais, a mãe, ela só tinha mãe, e aí ela demorou um pouco, ela veio em 1928

E: Uhum

ZÉLIA: E eu nasci em 1929.

E: Hum...

ZÉLIA: E... agora, não sei se... eu... tenho, eu tinha dois irmãos, um é falecido, e um é... está vivo, ele é médico em São Paulo,

E: Uhum

ZÉLIA: E... não sei se você quer mais um detalhe... familiar ou...

E: Eu queria saber, é... o que significa ser judia pra senhora levando em conta a história desse povo, que ao longo da história teve algumas perseguições, algumas dificuldades, né,

ZÉLIA: Sim...

E: enfrentando, né, mesmo porque que seus pais vieram para o Brasil, se foi por alguma dificuldade,

ZÉLIA: Ahm... bom, meu pai veio pro Brasil porque lá ele não tinha nenhuma... ele.. ele era de uma família de cinco filhos

E: Uhum

ZÉLIA: É... três homens e duas mulheres.

E: Uhum

ZÉLIA: Um dos irmãos foi pra... naturalmente também por falta de condições ele foi pro Estados Unidos e viveu lá o tempo todo, eu cheguei a conhecer esse meu tio quando eu fui pro Estados Unidos eu encontrei com ele... e ele tinha mais, as duas irmãs eram casadas, com pessoas e na... eles moravam naquela região que era uma região que chama Bessarábia.

E: Hum...

ZÉLIA: Ela muda de nome, era Rússia, Romênia, dependendo da época né (rindo).

E: Hum...

ZÉLIA: E acho que nessa época que eles viveram lá era Romena, e moravam em uma pequena cidade chamada Edeniste, meu pai morava na cidade, nesta cidade, hoje essa parte da (tosse) faz parte que eles chamam Moldávia.

E: Uhum

ZÉLIA: Sabe, entendeu? Então hoje... tem um outro “paísinho”, é a Moldávia e ele, então pai, aí meu pai também não tinha grandes é... ele era muito... ele não tinha muito estudo, mas ele era muito empreendedor, ele gostava de fazer as coisas, as vezes até mais do que ele podia, né, e ele tinha um primo aqui em São... é... em Santos, que já morava aqui há... já há algum tempo e então ele mandou essa... que eles chamam de carta de chamada, né?

E: Uhum

ZÉLIA: E aí ele veio pro Brasil, né, então, mas aí ele veio pra São Paulo e trabalhou como... como vendedor.

E: Uhum

ZÉLIA: E aí a minha... a minha mãe é... veio em 1928, agora ela se queixava muito do antissemitismo, né, então ela... ela morava num... numa vilazinha ainda menor do que aquela que meu pai morava, né?

E: Uhum

ZÉLIA: E ela... eles tinham... ela se queixava, ela contava muito do medo que eles tinham daquilo que eles chamavam de “Pogroms”, que eram ataques... os... Cossacos da Rússia e mesmo da... da România, vinham e matavam todo mundo e eram... era uma situação de... de muito medo e eles viviam na verdade como se fosse num gueto, né.

E: hum...

ZÉLIA: Eles não tinham nenhum contato com a população, e a minha... a minha vó, a mãe dela, ela tinha um pequeno negócio de... um armazém, assim, ela era viúva, e aí... então minha mãe finalmente resolveu volt... é.. vir aqui encontrar o marido e começar uma vida aqui, né.

E: Uhum

ZÉLIA: A minha... a mãe dela, minha avó era casada com um homem, que já tinha sido casado, que tinha filhos, né, ele teve um... dois... tinha dois filhos quando ele casou com a minha vó e um deles emigrou pra Argentina, então tem uma parte da família, um meio irmão da minha mãe que mora na Argentina

E: Uhum

ZÉLIA: ele tem uma família grande lá... infelizmente eu perdi o contato com eles, eu tinha... há muitos anos, quando nós fomos num congresso, lá em Buenos Aires eu encontrei com eles, mas depois nós perdemos o contato, né?

E: Uhum

ZÉLIA: ele trouxe pra Argentina o... o segun... o outro irmão dele, e também eu perdi o contato, agora, né, a minha vó com esse marido, ela teve um filho e eu não sei o destino dele, eu acho que ele... não sei se no Holocausto ele foi... se ele foi pro campo de concentração ou se como o lado dos meus pa... do meu pai, o... o marido da minha tia e o outro irmão do meu pai foram levados pra trabalhos forçados e nunca mais voltaram.

E: Uhum

ZÉLIA: Então a história de... de lado do meu pai é os... os é... os homens, meu pai é... foi pro Brasil, o outro irmão foi pros Estados Unidos, o terceiro irmão desapare... é... foi... desapareceu e o... os cunhados também foram... sumiram, não foram pra campo de concentração, eles foram pegos pra trabalhos forçados e nunca mais voltaram.

E: Uhum

ZÉLIA: Do lado da minha mãe, só esse meu tio que eu não sei o que aconteceu com ele.

E: Uhum

ZÉLIA: Agora, eles naturalmente vieram porque as condições eram hum... eram muito ruins. Os meu o... esse meu... esse irmão da minha mãe que mora na Argentina, tentou

trazer a família pra... pra Argentina, mas eles não quiseram não. E a vó também não sei como que ela morreu.

E: E como que é pra senhora saber da história da sua família?

ZÉLIA: Como?

E: Como que é pra senhora saber a história da sua família?

ZÉLIA: É... é... é... muitas vezes é... frustrante eu não saber mais do que eu sei, então tem muita coisa que.. que... eu simplesmente não sei o que aconteceu e isso é frustrante pra mim, né, agora, tem uma... um probleminha também que, alguma ou outra, é... mesmo fotografias antigas que eu tenho, tem muitas escritas em hebraico, ou na... no jargão judaico que é o Iídiche ^G

E: Uhum

ZÉLIA: e eu não... não sei (rindo) eu tentei, é... aprender, agora meus... meus pais, infelizmente, eles não eram religiosos e... eles nunca me obrigaram a... aprender a língua.

E: Uhum

ZÉLIA: O... eu entendia que o meu pai... que... eu entendia perfeitamente tanto, tanto que eles falavam em iídiche comigo e eu respondia em português, né, agora, quando, na... nessa minha vida científica, eu fui muitas vezes pro exterior e inclusive uma vez nós fomos pra Israel, passamos um ano em Israel,

E: Uhum

ZÉLIA: trabalhando em pesquisa num... Instituto que tava ligado a um hospital, né?

E: Uhum

ZÉLIA: E aí, na... eu fui numa... que eles chamam... é uma escola pra... pra emigrantes chamada UPAN, então lá eles ensinam hebraico, é, e é dirigido principalmente pro... pros imigrantes, né, eu...eu ia na própria cidadezinha onde a gente morava que o hospital nos deu uma casa por perto, mas, e o meu marido ia todo dia, depois que ele saia do laboratório ele ia pra Tel Aviv também pra... prum desses “UPANs” pra aprender a língua né.

E: Uhum

ZÉLIA: Mas é... ahm... o máximo que eu consigo ler... é impresso, é o hebraico impresso e assim, pouquíssimas palavras que eu é... eu não entendo muito bem, agora o escrito, então esse eu não entendo, não sei mesmo, então muitas dessas coisas que... fotografias, algumas cartas, algumas coisas que eu tenho da minha família, eu não consigo saber o que que é e é muito frustrante pra mim (rindo).

E: Uhum

ZÉLIA: Mas assim foi e eu... depois que eu casei eu saí de... a minha família ficou em São Paulo, eu tenho mais um irmão em São Paulo e sobrinhos, mas os contatos eram... não eram tantos, e a... então a história da família fica truncada, assim, porque a gente num...

E: Uhum... e como que é? A senhora também não segue a religião?

ZÉLIA: Ahm?

E: A senhora também não segue a religião?

ZÉLIA: Não, eu... (rindo) não é... muito... é... superficialmente, né, nós, tanto, meu marido também vem de uma família judaica, de origem alemã.

E: Uhum

ZÉLIA: Ele é falecido, há três anos, e... a família dele também num... também era que nem a minha, a gente é... mantinha os grandes feriados, por exemplo o Ano Novo, que era uma coisa muito... ou então... depois do Ano Novo tem aquele que é o Dia do Perdão, e... a Páscoa Judaica, a gente também... então na minha casa a gente mantinha só isso, mas não... não mantinha esse ritual do... do Shabat, do Shabat, não mantinha... agora, quando nós casamos, quando nós casamos e fomos pro Estados Unidos, nós sentimos necessidade, de... de... de saber alguma coisa do grupo ao qual a gente pertencia, então, quando... nós moramos em Chicago, por um certo tempo, por um ano e pouco e nós fomos, nós participamos de uma sinagoga reforme, aliás muito, foi muito b... ótima experiência que nós tivemos um entrosamento muito bom com o rabino, e depois nós fomos, aí nós fomos pra Nova Jersey, onde meu marido fez o PhD, nós moramos lá quase três anos, e... aí nós frequentávamos uma outra sinagoga, uma sinagoga liberal, né.

E: Uhum

ZÉLIA: A gente não aceita muito os ortodoxos, a gente acha que são (rindo) um exagero e não... a gente não... ele não aceitava e eu também não aceito, então a... e nesse período dos Estados Unidos, aliás nós... nós é... participamos e aprendemos muito mais da religião do que nós aprendemos nos... nos 30 anos anteriores que nós moramos no Brasil.

E: Uhum

ZÉLIA: E depois eu... aqui nós, nós participamos da SIRP, aliás é... nós, a gente é até quase que os fundadores da SIRP, as primeiras é... algumas das reuniões iniciais da SIRP foram feitas na minha casa.

E: Hum...

ZÉLIA: Então, a gente... procurava ter uma religião assim não muito fundamentalista (rindo), mas uma religião, quer dizer, que você é per... sabe que pertence a um grupo, esse grupo tem certas normas, certas leis, certas... é certas... tem uma tradição, tem uma... e a gente procura ficar dentro, mas quando há... começa haver um certo exagero (rindo) a gente não aceita, aí tem uma certa... um certo atrito, assim, sabe, então a situação é... no momento é assim. A SIRP, por exemplo, acho que ela tá (rindo) assim meio balançando

E: Uhum

ZÉLIA: É... e eu acho que tem um certo atrito entre um grupo que é mais é... conservador e um grupo que quer ser um pouco mais aberto, né

E: Uhum... e como que é pra senhora fazer parte desse povo? Ser judia?

ZÉLIA: É... eu acho que é... tem horas que eu... eu tenho... eu tenho que confessar que eu tenho medo de me expor.

E: Uhum

ZÉLIA: Eu acho que eu... eu acho que eu tenho medo mesmo, não sei por que, não de uma agressão física, mas de uma... uma rejeição, alguma coisa assim... então, é... a gente.... eu... tem horas que eu tenho muito orgulho, tem horas que eu tenho medo, tem horas que eu procuro evitar aparecer que eu sou judia, e... não sei é... (rindo) mas eu acho que a gente precisa, precisa, saber que pertence a um grupo

E: Uhum

ZÉLIA: e reconhecer as... o... as partes boas e más, por exemplo, quando nós fomos é... primeira vez que nós fomos pra Israel, é... nós fomos, eu... a minha idéia é que eu ia encontrar um país de anjos

(risos)

ZÉLIA: só tinha gente boa, só tinha gente que tinha sofrido, gente que tinha... que não fazia mal a ninguém, era injustiçado, né, mas eu morei lá um ano e eu vi que eles são gente como a gente (rindo), é uma questão, o que eu acho que é a diferença entre nós, o Brasil, um país corrupto, um país injusto, com muita miséria a... e... em relação aos outros, não é uma questão qualitativa, é uma questão quantitativa. No Brasil nós temos muito mais crime, é... muito mais corrupção e nos outros países também tem,

E: Uhum

ZÉLIA: mas... então, eu cheguei à conclusão em Israel também é um questão, é... tinha... também tinha gente ruim, nós... nós padecemos algumas coisas lá em Israel, nós tivemos alguns problemas.

E: Uhum

ZÉLIA: E... eu cheguei à conclusão que não era um país de anjos, mas também era um país de gente como a gente, mas com menos é... maldade, corrupção e coisas do tipo, do que nós tínhamos aqui.

E: Uhum

ZÉLIA: Né, e também com... muito preconceito, principalmente contra os árabes, tinha alguns... alguns elementos que no grupo, no grupo científico que a gente viveu, né, nós só tivemos contato com o pessoal do Instituto de Pesquisa e do Hospital, mas tinha alguns que eram é... violentamente anti-árabes

E: Uhum

ZÉLIA: E... agora eles também, não sei, assim, tinha uma mulher que era... virulenta, mas a família toda dela tinha sido dizimada pelos árabes, né, naquela, aquele levante que teve, naquela briga que teve em 1930 e a família dela foi toda morta e ela tinha ódio dos... e nós tínhamos um amigo árabe e ele dizia que ele sentia... muita... discriminação

E: Uhum

ZÉLIA: Então...

E: E nos lugares onde a senhora morou, a senhora sentiu alguma discriminação? Algum preconceito?

ZÉLIA: A onde? Em Israel?

E: Não... aqui, nos Estados Unidos... nos diversos países

ZÉLIA: Ah... não... não abertamente, não... não... não... não tive nenhum... nenhuma... pelo menos que fosse confirmado que teve alguma... não, não tive... não sofri discriminação... acho que minha coisa era mais a auto, minha auto (rindo)

E: Autodiscriminação?

ZÉLIA: Autodiscriminação

(risos)

E: Por que será?

ZÉLIA: Ahm?

E: Mas por que será?

ZÉLIA: Não sei... acho que...(curto silêncio) não sei... a gente quer... a gente quer ser aceita e... e... realmente eu não... não saberia dizer porque que eu... eu gosto... eu não gosto de ser diferente.

E: Uhum

ZÉLIA: E... então, e as vezes você... as vezes alguma manifestação assim... que nem por exemplo, eu tava numa... o ano passado, no fim do ano passado nós fomos passar o fim de ano de... nós fomos pra Paris, quer dizer, eu tinha... eu já tinha estado lá muitas vezes, aí eu fui com a minha filha e a minha neta, e eu achava que meu francês, eu quando eu vou num lugar eu gosto de falar a língua do lugar, eu não gosto de ficar... é... fazendo... esperando que os outros me entendam na minha língua, né, então eu fui... é... eu achava que o meu francês não tava suficientemente bom, aí eu me inscrevi na... na [escola de francês], né?

E: Uhum

ZÉLIA: Então... e lá eu... conversando com uma professora, aí eu falei... ah... e... enquanto eu tava, durante o curso eu... foi aniversário de morte do meu marido e eu... eu queria ir pra Jerusalém no Muro das Lamentações rezar... não rezar, é... ter um contato com ele (rindo) através da... do muro da... aí a... uma das professoras, quando eu falei que ia viajar, que eu não ia na aula, que eu ia viajar, aí ela “ah, então você é judia? Seu marido também era judeu?” e aquilo assim me... (ri... depois tosse) desculpe, me deu assim como se fosse... “você é uma criatura diferente”, não... não foi tomado como uma... como uma coisa natural, assim como você vai rezar na...na... sei lá, quando você vai pra Europa você vai pro santuário de Lourdes ou vai pra Fátima, ou vai pra fazer alguma coisa assim, você é... você não precisa ser muito religiosa, mas é... é uma coisa íntima, que você é... eu... eu... eu acho que o Muro das Lamentações é um lugar assim, é um lugar sagrado pra mim, e agora alguém... só porque eu ia pra lá “ah, mas você é judia?” então... é isso aí, é isso que me incomoda

E: Uhum

ZÉLIA: ser diferente.

E: Uhum

ZÉLIA: Porque você... nossa, quando vocês conversam com as pessoas, eles não falam, quando você diz por exemplo que vai pra... pra... rezar em Lourdes ou Fátima ou em coisa... ou vai pra Aparecida eles não diz “mas você é católica?” “você...” não, ah... mas os judeus... e talvez os islâmicos também, é como se fosse uma coisa entre aspas, é uma coisa... e isso pra mim é preconceito.

E: Uhum... não é natural...

ZÉLIA: Não é natural, porque eles não falam “você é católica, você é católica e...” não, é natural, você vai rezar em tal lugar e... fim de papo, não é porque você é “católica”, você não uma etiqueta.

E: Uhum

ZÉLIA: E a gente tem uma etiqueta.

E: Uhum

ZÉLIA: Entende? Então... e uma coisa que me incomoda muito que... até eu andava escrevendo umas cartas (rindo) tem um... um... editor... um... escreve artigos no Jornal [nome do jornal e do escritor], não sei se você conhece, ele é um esquerdista e ele, como todo esquerdista, ele... ele odeia Israel e... e a... ele considera que odiar Israel é odiar o Sionismo e não é antissemitismo e eu acho que é.

E: Uhum

ZÉLIA: O antissionismo é um antissemitismo disfarçado, né.

E: Uhum

ZÉLIA: Então eu (rindo) eu escrevi a carta quando ele falava mal de Israel eu escrevi a carta pro jornal, né, e uma vez eu chamei ele de antissemita e ele então depois, disfarçadamente num outro artigo ele disse “Imagine, antissemita! A gente ta falando contra um Estado agressor!” não sei o que que ele chama Israel de um Estado agressor, né?

E: Uhum

ZÉLIA: Então, é... eu fiquei muito indignada quando o presidente, o ex-presidente Lula foi pra... pra Israel e lá uma da... uma das ações da agenda dele era por uma... uma coroa no tumulto do Theodor Hetzel^G, que é o iniciador do Sionismo, né, e aquele assessor da presidência, o Marco Aurélio Garcia não... não permitiu que ele fosse colocar uma... coroa no túmulo, porque se... segundo ele não é a... que palavra que ele usou? Não é a... a... a política brasileira, né, de... é antissionista, então ele não... e aquilo me deixou muito indignada e eu acho que é uma manifestação antissemita.

E: Uhum

ZÉLIA: Né... é isso que eu penso (rindo)

E: Uhum... então algumas coisas te deixam indignada? Algumas atitudes...

ZÉLIA: Hum?

E: Algumas atitudes, algumas coisas te deixam indignada...

ZÉLIA: Deixam, deixam e... pra mim, são situações claras de... de... antissemitismo (tocou o telefone). Um minutinho só... (foi atender ao telefone)
(voltou)

E: Eu queria saber se a senhora acha que a história, os acontecimentos do passado tem alguma influência na sua vida hoje?

ZÉLIA: Hum... não, a não ser isso que eu... essas... essas é... manifestações por assim chamar (rindo) psicológicas que eu tenho, essas, não manifestações, mas uma... esses efeitos psicológicos que eu tenho com esse... com com a questão do... do judaísmo, do Holocausto, e coisa, que eu fico muito indignada quando... por exemplo... o Brasil aceita um cara que nem esse presidente do Irã que nega o Holocausto e coisa, essa é uma... não tem um efeito direto na... na... na minha vida (?), na minha vida diária, na minha vida profissional, não tem, tem só um efeito é... psíquico.

E: Uhum

ZÉLIA: Não tem nenhum efeito, é, assim, direto... (curto silêncio) eu acho que é isso.

E: Uhum... e... última pergunta (rindo)

ZÉLIA: Hum?

E: Última pergunta: como que foi pra vocês viverem esse período da Segunda Guerra? Você tava no Brasil?

ZÉLIA: Eu tava...

E: Sentiram de alguma forma? Não?

ZÉLIA: Nós tínhamos dificuldades que o povo tudo tinha na Segunda Guerra e na... eu tinha... e a gente sentia muita falta de notícias, do que acontecia lá, né.

E: Uhum

ZÉLIA: Nós só tivemos... o... soubemos assim... fatos diretos quando essa minha tia que foi pro campo de concentração,

E: Uhum

ZÉLIA: uma das, as duas irmãs do meu pai, foram pro campo de concentração. Não era um campo de concentração daqueles que eram... que o pessoal era morto, era um campo de concentração em que as pessoas sofriam fome, sofriam frio e coisa e uma das minhas tias ficou muito doente e quando terminou a guerra elas foram liberadas do campo de concentração, elas voltaram pra... pra cidade natal delas e a minha ti... uma das minhas tias tava muito doente e ela morreu logo, ela fi... ela teve no campo junto com um filho e... e...o... esse fi... e... a família do marido dela era da Rússia, então quando ela faleceu os parentes da Rússia levaram o rapaz pra morar lá, então esse menino, eu nunca mais

ouvi dele, (?) e a outra minha tia, ela... foi pra Israel, casou lá, ficou viúva e depois ela veio pro Brasil e... e... casou aqui, depois ficou viúva de novo e morreu aqui em São Paulo, né, e aí então, eu... aí ela contava as coisas que eles sofreram, como eles passavam fome ou que a... como é que eles foram levados embora da cidade, né, que foi uma limpeza étnica da cidade, os maridos já tinham sido levados pra trabalhos forçados, não... não voltaram mais.

E: Uhum

ZÉLIA: E ela... aí que eu soube mais das... mas durante o período da guerra a gente não... não sabia, não tinha notícia. Ah, tem uma história muito é uma história muito... assim, interessante, interessante não mas... da... uma tia do meu marido, a família do meu marido, todos eles eram alemães, mas eram, eles tinham imigrado pro Brasil, pro Estados Unidos, pra Argentina antes do... de que acontecesse toda essa coisa do Holocausto... e eles, é... meu marido, meu marido tinha uma tia que ela era muito ligada a... ela achava... ela tinha muito orgulho de ser alemã, né, e ela tava, ela estava no Brasil, mais ou menos na... em trinta.. em 1930 e pouco e ela tava aqui, as coisas já estavam muito ruins na Alemanha, mas ela assim mesmo, ela insistiu em voltar pra Alemanha, então ela tava já no Brasil e tudo, ela voltou pra Alemanha e depois, quando as coisas ficaram muito ruins na Alemanha, ninguém é... o meu sogro, o pai do meu marido, é... arrumou uma coisa que ninguém, ele nunca contou pra ninguém como ele tinha conseguido, na... em 1940, 41, quando a coisa tava muito feia lá na Europa, ele conseguiu que essa mulher, essa... ela era cunhada da esposa dele, da minha sogra, não sei como que ele conseguiu pra ela sair da Alemanha, ela e um grupo, eles foram levados num trem que saiu de... de Berlim, um trem é... lacrado, foi de Berlim pra Lisboa e em Lisboa eles tomaram um navio pro Brasil e ela ainda trouxe umas jóias, umas coisas que ela tinha, uns haveres que ela tinha e agora ninguém, o meu sogro nunca contou pra ninguém como que ele conseguiu, naturalmente, ele era uma pessoa excelente, uma pessoa que fazia as coisas é... assim, e nunca alardeavam o que ele fazia, então ele tinha os contatos, as coisas, ele deve ter pago, deve ter sido alguma coisa assim,

E: Uhum

ZÉLIA: e nós nunca soubemos como que essa mulher...

E: Conseguiu voltar...

ZÉLIA: Conseguiu voltar, ela veio com... porque naquela época era... o... o perigo era... era terrível!

E: Uhum

ZÉLIA: E ela conseguiu e... então ela veio pro Brasil e também, na época o Brasil teve muito problema de... é... antissemitismo, eles não davam vistos pra entrar judeus, né

E: Uhum

ZÉLIA: E não sei como meu sogro conseguiu também o visto pra ela entrar, então ele trouxe ela da Alemanha em 1941, que era o... que foi o pico da... e... e conseguiu fazer ela entrar no... no Brasil. Eu conheci ela... ela é... ela gostava muito do meu marido, também é falecida, mas é uma história assim... e nós nunca soubemos, ele nunca contou o que que ele tinha feito.

E: É... interessante, né?

ZÉLIA: Porque os outros membros da família do meu marido, ninguém, é... ela foi quase uma vítima, né,

E: Uhum

ZÉLIA: os outros não, os outros né...

E: Os outros já estavam aqui ou em outros países...

ZÉLIA: Ou na Argentina ou no Estados Unidos.

E: Entendi. Ok, tem mais alguma coisa que a senhora queira me contar a respeito disso tudo?

ZÉLIA: Não, eu acho que é uma... uma coisa muito... é um trabalho muito importante, muito bom esse seu trabalho e eu acho que deveria ser divulgado o máximo possível, né

E: Uhum

ZÉLIA: você é... vocês publi... você vai publicar o... o trabalho?

E: Uhum

ZÉLIA: E você vai defender o mestrado? Você já tá pronta pra defender?

E: Eu vou fazer o exame de qualificação agora em setembro ou outubro e a defesa no ano que vem, por volta de maio,

ZÉLIA: Uhum

E: Pretendo...

E: Uhum... mas a sua professora, ela tem alguma... porque que ela propôs esse tema, ela tem alguma...?

E: Eu que propus (rindo)

ZÉLIA: Ah, você que propôs?

E: Foi assim, em 2008 eu fui pra Israel de turismo, não sou judia, porque todo mundo pergunta (rindo), mas eu fui com uns amigos, minha família e outras famílias amigas e a

gente... aí lá tivemos contato com algumas pessoas e eu conheci um casal de jovens, que eles iam se casar e eles comentaram que os jovens não tavam mais querendo se casar, porque tinham medo de perder quem amam, por conta do Holocausto, de toda história, né, e eu fiquei com aquilo na cabeça, assim, eles não viveram, provavelmente os pais deles também não, mas eles até hoje carregam isso, né

ZÉLIA: Uhum

E: E aí eu fiz o contato, participei de algumas festas lá da SIRP, até de algumas reuniões de Shabat pra ta conhecendo o pessoal.

ZÉLIA: Humm

E: E aí, na graduação, eu fiz a monografia tamb... nesse sentido também, mas eu fiz em duas partes, uma parte mais teórica, que eu estudei quatro autores da psicologia que eram judeus e viveram no período... ai desculpa,

ZÉLIA: Aham

E: ...da Segunda Guerra e eu entrevistei a família do F.,né, ele, os dois filhos e os dois netos, pra ver as diferenças de... de perspectiva, assim.

ZÉLIA: Hum...

E: E aí, no mestrado eu quis dar continuidade, ampliar um pouquinho

ZÉLIA: Hum... Uhum então e... mas, por exemplo, numa... numa banca, é... você pretende por gente que tem algum interesse ou que tem uma...

E: Normalmente pessoas bem humanas (rindo)

ZÉLIA: É...

E: É... na minha monografia foram dois professores muito bacanas, um de Belo Horizonte, e uma daqui mesmo e... eles não... assim, é difícil a gente achar quem estude isso, né,

ZÉLIA: É, não... é... mas que...

E: Aqui em Ribeirão não tem, a minha orientadora, a linha dela é História da Psicologia e ela estuda mais é... o Brasil Colonial...

ZÉLIA: Humm

E: E tem pessoas que estudam... o grupo é bem diversificado, o grupo de pesquisa, então isso é bom também, mas... mas a linha dela não é essa. Mas aí tem... a metodologia das entrevistas é da história oral, então dá pra usar, e eu to usando também um autor de base pra análise, que chama Maurice Halbwachs, não sei se a senhora já ouviu,

ZÉLIA: Hum

E: que fala sobre a memória individual e a memória coletiva.

ZÉLIA: humm

E: E aí, tem professores nessa linha que estudam também a memória coletiva que dá pra encaixar... mas é meio...

ZÉLIA: É... e a história é... daquele dos judeus que vieram com os holandeses, que depois foram na.. lá em Pernambuco, Recife, aquela colônia judaica, que depois eles tiveram, eles foram expulsos pelos portugueses, tem alguma... alguma ligação com a Inquisição? Alguma coisa assim?

E: Não sei...

ZÉLIA: Porque teve a... inclusive, no Recife teve a primeira sinagoga...

E: Uhum

ZÉLIA: brasileira, então é uma... acho que agora eles estão fazendo, revisitalizando algumas coisas lá, a... eu também não sabia muito sobre a colônia judaica na época do domínio dos holandeses...

E: É... eu não to estudando o Brasil colonial, isso é algo que algumas pessoas do grupo, é... tem um menino que estuda os sermões de Antonio Vieira, né,

ZÉLIA: Uhum

E: tem gente que estuda algumas obras literárias, tem de tudo!

ZÉLIA: hum...

E: Tem uma menina que era pedagoga, que ela fez a história da Educação Infantil em Ribeirão Preto, tudo relacionado um pouco com história, com memória, que é o que liga a gente.

ZÉLIA: Ahm, sim...

E: Mas cada um tem uma linha diferente... mas eu vou pra Buenos Aires agora num congresso e to com bastante expectativa, porque lá tem subtemas, é um congresso de história oral da América Latina e vai ter gente de muitos lugares, só no meu grupo tem gente da Alemanha, tem gente dos Estados Unidos, um monte de gente da América Latina, inclusive Brasil, e o tema é “trauma e memória”, então tem mais gente que estuda isso... e eu fui pra um curso em São Paulo que também tinha algumas pessoas, mas o pessoal era da História, lá da FFLCH, mas a gente vai achando, mas não tem muita gente dessa área não...

ZÉLIA: Não, então, na Argentina, porque lá, segundo consta, o antissemitismo é mais virulento, né, teve aquele ataque naquela organização judaica, a ANIA, né

E: Uhum

ZÉLIA: e coisa que... e... ah, você vai, provavelmente vai ter bastante... vai ser bom... você vai num congresso?

E: É... um congresso de historia oral, que é essa metodologia, né, de... entrevistas e até de criar documentos e tal.

ZÉLIA: Uhum

E: mas eu to com expectativa de conhecer outras pessoas que estudam, né, relacionada, mesmo pra trocar figurinha (rindo),

ZÉLIA: É...

E: trocar idéias e tal.

Perguntou se sou parente de um Callegari da USP e eu disse que não. Finalizamos.

3.5.2. Neto: **André Daniel**, nascido em São Paulo, 51 anos, Tradutor de Inglês.

Resumo

Daniel começou contando que não se considera judeu e considera que não tem nenhuma religião. Disse que nunca sentiu falta e seus pais, que são cientistas, também nunca o incentivaram a buscar. Seu pai mesmo mais espiritualizado no fim da vida, antes estava mais voltado para o trabalho. Eles se mudaram para Ribeirão Preto há 50 anos e, conseqüentemente, se distanciaram da família e do judaísmo, já que antigamente não tinha a SIRP. Daniel foi obrigado pelos pais a fazer o Bar Mitzvá em São Paulo, aos 13 anos, por ser uma oportunidade de reunir a família, mas como ele cresceu sem a necessidade de religião, aquilo não fazia sentido para ele. Os pais lhe passaram um pouco da cultura judaica, mas não muito. Mas para ele “ser judeu” está intimamente ligado com a religião. Quem mais comentava com ele sobre a historia de sua família era sua avó, quando ele morou em São Paulo com ela por um tempo. Ele conta que ter “negado” o judaísmo pode estar associado a ele ter ficado sabendo que era filho adotivo, mais ou menos na mesma época. Mas em outros momentos disse que os pais não quiseram ou não conseguiram passar a religião para ele e para sua irmã (Raquel), embora na cultura judaica isso seja muito incentivado. Daniel sente que seu nome pesa, pois é um nome judeu, sendo que ele mesmo não é.

Entrevista André Daniel 26/02/2013

E: entrevistadora (Milena)

DANIEL: participante

Entrevista realizada em uma clínica de psicologia.

E: Posso te chamar de Daniel?

DANIEL: Pode...

E: Ou André? Porque sua irmã fala Daniel, né.

DANIEL: Isso, na minha família normalmente é Daniel.

E: É...

DANIEL: Quem me conhece assim, é André, porque é o primeiro nome, é mais... mais fácil...

E: É, eu fiquei confusa, porque acho que a primeira vez que eu liguei eu falei André, mas aí eu falei com sua irmã e ela falou Daniel, aí quando liguei de novo eu falei Daniel... enfim... (curto silêncio) Eu queria saber de você, se você se considera judeu, ou não? E, se você se considerar, é... como que é isso pra você, se você acha que saber da história dos judeus, das dificuldades ao longo da história, se isso tem alguma influência na sua vida hoje...

DANIEL: Bom, eu não me considero judeu, eu não me considero com... tendo alguma religião, qualquer uma que seja, porque eu fui criado assim, os meu pais, por exemplo, são cientistas, então eles vieram pra Ribeirão Preto numa época que eles tinham... iniciando a carreira deles, e meio que se afastaram da... da família, mesmo dessa ligação que eles tinham com a religião, em São Paulo que é muito mais, assim, digamos, é... a comunidade é muito maior, né...

E: Uhum

DANIEL: Vindo pra cá, é... aqui, como eu tenho 51 anos, é... 50 anos atrás praticamente.

E: Uhum...

DANIEL: é... há 50 anos atrás. E... era muito distante, não é como hoje, a facilidade que você tem pra ir e vir, a comunicação e tal, então foi afastando. Nos fomos criados sem religião.

E: Uhum

DANIEL: Meu pai teve essa... essa ligação com a religião através da família dele e a minha mãe também, tá, só que eles se casaram, segundo as leis judaicas, né, o meu nome foi dado segundo as leis judaicas etc, mas chegando aqui algo, alguma coisa se perdeu, né.

E: Uhum

DANIEL: Nós fomos criados assim, é... sem... esse, esse, essa... é... não tendo necessidade da religião, nem por parte deles, né, nem da nossa parte. Eu acho que... eu fiz a Bar Mitzvah com 13 anos, mas eu acho que foi mais pra... eu nem sabia o que eu tava fazendo, pra falar a verdade.

E: Uhum

DANIEL: Era mais assim... pra família. Meu pai, acho que tinha que é... dar alguma demonstração, de... sei lá, ou então uma oportunidade de reunir a família por ta perto, e eu tive que estudar coisas que eu nem sabia o que tava fazendo... então na realidade eu não queria fazer, eu fui praticamente obrigado a fazer.

E:Uhum

DANIEL: Então é naquela época, com 13 anos, você não tem força, argumentos, você... não da pra... discutir...

E: Uhum

DANIEL: Então eu obedeci.

E: Uhum

DANIEL: E assim foi... passou adolescência, passou... então essa instância, sem a família, mesmo tios, tias, raramente nós víamos, tivemos contato. E aí a religião também ficou afastada por isso, né, então eu cresci sem a necessidade da religião e pra mim não faz sentido religião nenhuma.

E: Uhum

DANIEL: Eu tento ensinar pros meus filhos que “ter uma religião sem ter uma religião” ou seja, você acreditar em alguma coisa, na existência, na energia, alguma coisa que rege o Universo, mas sem a necessidade da... dos mandamentos e dos ensinamentos da religião, que isso eu aprendi com o meu pai e com a minha mãe, porque eu vejo que a religião a... sendo um... algo que... milhares de anos atrás faziam sentido pra pessoas que não tinham nada, não tinham cultura, não tinham ensinamento, eram analfabetas, então elas precisavam de uma orientação.

E: Uhum

DANIEL: Então a religião foi através disso foi... ficando ligada à cultura o homem.

E: Hum...

DANIEL: Mas nós não, nós temos essa separação, essa dificuldade. Eu não consigo me ver frequentando uma religião, essas coisas de é... cultos, esse tipo de coisa, mesmo eu já acompanhei a minha mãe na SIRP, já tive... pra mim não...num... aquilo não faz sentido.

E: Uhum

DANIEL: Mas assim, a cultura judaica, um pouco também eles passaram, passaram mas não muito, não muito, principalmente pela situação, nós quatro, éramos os quatro, eu, minha irmã, meu pai e minha mãe, não tinha mais nada. Nas férias nós íamos viajar, mas não tínhamos contato com a família, eles também perderam um pouco o contato então ficou...ficamos desafortunados, neste sentido, em Ribeirão.

E: Uhum... e você acha que “ser judeu” está intimamente ligado com a religião? Porque você falou da cultura judaica...

DANIEL: Sim, na minha opinião sim, eu num...num... não ligo, não tem uma... eu vejo isso como... marca... é marcado... ou você é católico, ou é judeu, ou é... e culturalmente aqui em Ribeirão Preto nós temos, eu sei mais de dias santos católico do que as comemorações judaicas, eu não sei...

E: Uhum

DANIEL: É difícil, então... e os meus filhos também, eles cresceram assim, porque a minha mulher também não é... não foi criada com... ela nasceu católica, mas ela... perdeu a mãe muito há tempo, muito cedo, o pai... acho que desacreditou também e nós... somos meio diferentes (rindo).

E: Uhum... não seguem...

DANIEL: E os meninos também, eles não tem, eles não... são como eu,

E: Uhum

DANIEL: eu tenho três filhos e eles todos são... então somos uma família assim, que não tem religião.

E: Uhum

DANIEL: Eu não me considero perdido não, nós não somos, não nos... não... nós não nos consideramos perdidos, é como eu te falei... tem aquela....

E: Só não seguem...

DANIEL: É... a gente... sabe... que Deus, assim, é algo... inerente (falou baixinho)

E: Algo?

DANIEL: Inerente (falou alto) ao ser humano

E: Uhum... e... você acha que saber da história... acho que é sua tia que...

DANIEL: Hum...

E: Participou do Holocausto... você acha que essas histórias, esses acontecimentos,

DANIEL: Hum...

E: tem alguma influência na sua vida? Não?

DANIEL: Olha, eu acredito não... o que eu mais sabia de história, desse tipo de coisa, quem mais comentava comigo era a minha avó. A minha vó, quando eu tinha 21 anos ela faleceu, então até antes ela tinha mais contato sobre isso e... porque ela era imigrante da Europa, né, e... então, quem mais, assim, apresentou esse tipo de... de conhecimento pra gente, eu não.... não acredito não. Não... não vejo no que...

E: Uhum... e... teve uma época que acho que a SIRP era na casa da sua mãe... você chegou a ter algum contato?

DANIEL: Não, porque eu não morava em Ribeirão Preto na época, eu morava em São Paulo e eu não tive contato, pra você ter noção eu nem sabia que... foi meu pai que começou a... na minha casa, mas eu fiquei sabendo por eles mesmo, nunca... nunca participei. Eu não morava mais com eles nessa época...

E: Uhum

DANIEL: Eu morava ali na... (?)

E: Uhum... e a vida inteira você viveu é... sem buscar nenhuma religião?

DANIEL: Sem... sem... sem nenhuma. Não tivemos nenhuma orientação, não tive assim, eu crescendo... porque eu acho que isso começa desde pequeno, né, mesmo eu com 13 anos fui fazer a Bar Mitzvah, né, eu não sabia o que eu tava fazendo, tava desorientado, ou seja, o que que é isso? De repente eu to numa religião, eu tenho religião, e isso... e...

E: Uhum

DANIEL: foi aí que... eu neguei um pouco, também...

E: Uhum

DANIEL: mas eu num... por isso eu... também pelo fato, também pode ser que nós somos filhos, assim, é... eu sou filho de criação, nós, eu e a minha irmã, somos filhos adotivos,

E: Hum...

DANIEL: e também não teve talvez essa... nessa época, um pouco mais cedo a gente soube que era filho de criação e não sei se pode ter também uma coisa a ver com isso... ou não...

E: Uhum

DANIEL: Mas nessa época nós não conhecíamos ninguém da religião judaica aqui em Ribeirão Preto,

E: Uhum

DANIEL: um ou outro... não lembro... que eu me lembre, era muito pouco... não... não tenho nenhum conhecimento de pessoas assim, da religião, era um negócio assim um pouco... não sei, surreal, é como se você falasse que é de uma outra religião totalmente diferente. Porque aqui era todo mundo de uma religião só, praticamente, né.

E: Uhum

DANIEL: Meus amigos todos fizeram catecismo, da religião católica, esse tipo de coisa...

E: Então ficou mais abafado...

DANIEL: Ficou... (curto silêncio) Não é da cultura judaica, né, de assim, porque eles realmente são assim, muito incentivadores desse tipo de é... pra religião, então mas os meus pais eles não quiseram...apesar de terem crescido, serem filhos de imigrantes.

E: Uhum

DANIEL: Eles não conseguiram passar isso pra mim, pra minha irmã,

E: Uhum

DANIEL: Essa religio... religiosidade do povo judeu, que é muito religioso, né.

E: Uhum

DANIEL: Eles são...

E: Uhum...

DANIEL: E nós aqui nos sentimos meio num sertão, né, só nós quatro aqui,

E: Uhum

DANIEL: não tinha parente, praticamente nenhum,

E: Uhum

DANIEL: éramos sozinhos, os meus tios mesmo, muito pouco, muito, vi raríssimas vezes, tive pouco contato...

E: A família toda é de São Paulo?

DANIEL: Isso, de São Paulo, eu tive muito pouco contato, eles próprios tinham muito pouco contato.

E: Uhum

DANIEL: Então eles mesmos se afastaram, e acabaram afastando, consequentemente a mim e a minha irmã, junto disso, desse processo, e assim vai, como eu criei meus filhos,

E: Uhum

DANIEL: nessa parte, da religiosidade, é bem... nua pra gente...

E: Uhum

DANIEL: Eu acho que até o meu nome, assim, pesa um pouco, eu acho que pesa, assim, no sentido de, não só, não ser ju... judeu.

E: Você acha que pesa em que sentido?

DANIEL: Pesa no sentido de que é... eu não tenho essa bagagem, eu não sou considerado fi... digo assim, sou considerado porque eu fiz o... equivalente ao catecismo na religião católica é o... o... Bar Mitzvah.

E: Uhum

DANIEL: Mas no sentido de que assim, sei lá...

E: É como que você tivesse que ser judeu, mas você não é, por causa do seu nome...

DANIEL: Exatamente! Isso isso! Isso mesmo.

E: Uhum

DANIEL: Não sou!

(risos)

E: Mas você sente algum peso, alguma coisa assim, não?

DANIEL: Talvez, não sei, não... não! Assim, aparentemente não, só se for inconsciente, mas eu acho que não.

E: Uhum

DANIEL: Eu fico mais (?) pros meus filhos também, mas eu não deixo eles ficarem muito desorientados, ou seja, “Não, legal! Então não vamos acreditar em nada!” A gente vai... segue com um pouco de espiritualidade, né, minha esposa também gosta um pouco, assim, de... de sei lá, de um lado espírita, né, do espiritismo, e nós vamos fazendo um meio campo ali,

E: Uhum

DANIEL: e a gente vai se virando com ele...

E: Mas não seguem uma religião, uma tradição...

DANIEL: É... não! Se fossemos, tivéssemos, talvez, na capital, morando em São Paulo, que há outros... né?

E: Uhum

DANIEL: Que nem, meus primos frequentam escola judaica, esse tipo de coisa... eu tenho um primo, o A., que ele é... ele segue o Shabat, os... os... que eu não sei bem, mas ele é bem religioso,

E: Uhum

DANIEL: ele não sobe no elevador no Shabat, por exemplo, não aperta o... não aperta o botão do elevador.

E: Uhum

DANIEL: Então... (rindo)

E: Você acha...

DANIEL: Não sei se eu vou poder te ajudar muito nesse sentido! (rindo)

E: Não! Você me ajudou, fica tranquilo!

DANIEL: Agora... mesmo a cultura, né, mesmo a cultura eu acho que também, a cultura judaica, a cultura israelense, a cultura de Israel, eu também tive que conhecer por conta própria, eu não tive muito, assim, não me foi passado,

E: Uhum... por conta própria você fala de estudar?

DANIEL: É, de estudar, de saber, de saber algo...ah... ahn... é... por experiência própria, né, por experiência.

E: Uhum... não foi transmitido...

DANIEL: Não é...

E: ... pela família

DANIEL: É... exatamente, que não é transmitido pela família, aquelas coisas...

E: Uhum

DANIEL: Bom, minha mãe gostava de cozinhar coisas da culinária assim, faz uns pratos, da cultura judaica, isso eu me lembro dela gostar de fazer, e ela continua fazendo... era costume da minha vó... ela pegou este... esse traço, e... tem uns pratos muito gostosos que a gente come, eu acho gostoso, mas, é pouco, né... só...

E: Uhum... e tem mais alguma coisa que você queira me falar?

DANIEL: Se você quiser perguntar também fica a vontade...

E: Deixa eu ver se tem mais alguma coisa no roteiro... da história da sua família, você ouviu mais com a sua vó?

DANIEL: Ouvi... o meu vô morreu mais cedo, mas a minha vó a gente tinha assim... eu morei com ela, eu morei com ela em São Paulo e uma parte da... minha vivência lá, uma parte eu morei um pouco com ela, depois ela faleceu e eu fui morar sozinho, mas eu morei com ela...

E: Uhum

DANIEL: E ela contava as histórias antigas, da imigração, esse tipo de coisa, mas que eu me lembre... só... mesmo... olha, eu morei nove meses em Israel,

E: ah é?

DANIEL: é, morei nove meses, na época que eu tinha 10, 11 anos, meu pai foi trabalhar lá, num hospital, e ele levou a família toda. Mesmo lá, né, não tivemos nenhum contato,

por exemplo, eu nunca fui numa sinagoga lá... fui visitar o muro das lamentações, fui em muitos... pontos turísticos lá, em Jerusalém, lá... qual que é o nome?... Fomos visitar... andei bastante lá e eu... religiosidade, assim, nesse período da vida dele, ele também acho que não tinha tempo pra isso,

E: Uhum

DANIEL: então, acho que ele tava querendo crescer a carreira, tava focado, tava muito interessado, os cientistas, mesmo... mesmo lá... mas eles... ele sempre foi assim, puxando um pouco a sardinha pro lado da religião, por ter escolhido, podia ter escolhido Estados Unidos, mas ele escolheu Israel, por exemplo, é uma roupagem que ele tinha, uma ligação, mas... mas aí... ele ficou mais ligado, mais, assim, espiritualizado, mais no fim da vida.

E: Uhum

DANIEL: Acho que ele sentiu uma necessidade de ligação maior com a religião, de frequentar a SIRP, esse tipo de coisa, sentir mais a religião, mais próxima, mas só no fim da vida.

E: Uhum

DANIEL: Bom, nesse período que ele fez a SIRP, que era um período anterior, depois ele também deu uma parada, né, mas assim, ele foi um pouco envolvido, mais assim, na parte de administração, e... mas mais no fim da vida ele voltou, sentiu... a minha mãe, por exemplo, eu sinto que ela... também, não sei se ela frequenta, nem sei se ela frequenta, ela também não fala... não sei.

E: Uhum

DANIEL: Acho que é complicado as vezes, as vezes ela vai, outras vezes não... quando é pedido pra ela ajudar alguma coisa... fazer alguma coisa, colaborar com alguma coisa lá na SIRP ela vai de coração, mas, assim, por ela eu acho, eu sinto que ela não faz como não fez...

E: Uhum

DANIEL: Eu acho que agora ta mais fácil, né,

E: Uhum

DANIEL: agora ta mais fácil, a comunidade aumentou, tem mais pessoas, as pessoas se reúnem, cantam, os cantos, as pessoas rezam juntas... tem uma comunidade maior, mas assim, seria... é diferente hoje, eu acho, né, se fossemos envolvidos mais... mas aquela época aqui, nós nos sentimos nós, só... (rindo) é engraçado...

E: Porque era diferente né...

DANIEL: Ribeirão Preto era muito longe de São Paulo, hoje nem tanto, mas naquela época era um aventura vir pra cá,

E: Uhum...

DANIEL: era muito ruim...

E: Hum... (curto silêncio) Ok! Obrigada pela participação, pela disposição de vir até aqui pra conversarmos...

DANIEL: Eu que agradeço, obrigado!

3.5.3. Neta: **Raquel**, nascida em São Paulo, 49 anos, Funcionária Pública.

Resumo

Raquel começou dizendo que não frequenta a SIRP e não sabia como poderia me ajudar. Contou que se falasse que não se considera judia, seus pais ficariam muito chateados. Disse que se considera, mas não frequenta. Conhece a história, mas não sente mágoas pelo que aconteceu por meio de uma pessoa insana, sendo que poderia ter sido com qualquer outro grupo no lugar dos judeus. Não consegue olhar para a história e se sentir perseguida, como alguns se sentem, talvez por não ser tão religiosa e próxima da cultura. Para ela o judaísmo é uma religião e, acima de tudo, uma comunidade. Mas ela acredita que a religião está dentro das pessoas e que tem um deus dentro dela e não precisa seguir uma religião. Raquel acha que a história da sua família não a influencia, mesmo porque são pessoas que ela não conheceu.

Entrevista Raquel 19/02/2013

E: entrevistadora (Milena)

RAQUEL: participante

Entrevista realizada na casa da participante.

Ao entrar em casa, Raquel já começou contando que não participa muito da SIRP e que não sabia como poderia me ajudar. Expliquei a importância da entrevista ser gravada e pedi para ligar o gravador.

E: Você tava falando que não frequenta muito...

RAQUEL: Então, eu não sei o que que você vai querer saber de mim, porque eu realmente comecei a ter mais contato com a... com a SIRP, a partir do momento que eu comecei a ir com a minha mãe,

E: Uhum

RAQUEL: né, porque eu não era de ir, então assim, não sei o que você vai perguntar...

Lemos e assinamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Perguntou se eu entrevistei uma sobrevivente do Holocausto que veio dar uma palestra em Ribeirão Preto, eu respondi que ainda não tive essa oportunidade.

RAQUEL: ela ia ser interessante...

E: é...

RAQUEL: ela viveu o negócio...

E: Uhum. Você chegou a ir na palestra?

RAQUEL: Fui! Achei muito interessante.

E: é...

(terminamos de preencher o termo)

E: Eu queria saber, primeiro, se você se considera judia e, se você se considerar, o que significa ser judia pra você, como que é...

RAQUEL: (rindo) Que pergunta difícil!

E: E... levando em conta também, que ao longo da história os judeus tiveram dificuldades, perseguições, até o Holocausto, se você acha que isso tem alguma influência na sua vida...

RAQUEL: Olha, é difícil te explicar isso.

E: Uhum

RAQUEL: Se eu te falar que eu não me considero uma judia... meu pai, minha mãe vai ficar muito ofendida. Mas na verdade eu acho assim, é... como que eu vou, que eu poderia dizer isso? Eu me considero, é, mas assim, não... não frequento, não conheço algumas coisas, sei do que aconteceu, mas, por exemplo, eu tento ver isso, agora eu não sei se é porque eu não passei... teve gente na família... acho que é tios da minha mãe, do meu pai...

E: Uhum

RAQUEL: A própria família do meu pai veio fugida, meus avós, alguma coisa assim, mas eu num... eu não consigo ter aquela é... como é que fala? Achar que o... tudo bem,

aconteceu, uma coisa horrível, que poderia ter acontecido com...com... com uma outra grupo de pessoas, mas foi escolhido lá que teria que ser os judeus, sei lá como que foi a coisa, mas eu quero dizer assim, é, não... não culpo, não tenho mágoas,

E: Uhum

RAQUEL: de uma pessoa insana que fez uma coisa dessa. Assim, foi um caso... não sei se pode dizer um caso isolado, mas foi uma coisa que aconteceu por uma pessoa insana, mas não que... é... que a raiva pelos judeus... foi.. foi... ele não gostava, agora, porque também não sei, mas eu digo assim, poderia ter sido, podia ter dado na louca dele ir atrás de outro grupo

E: Uhum

RAQUEL: mas eu digo assim, eu não consigo lev... ter essa raiva como o pessoal que é mesmo, que é religioso, que tem, que acha que o pessoal é antissemita, eu não consigo enxergar isso, não sei se é pela minha ignorância a respeito do assunto

E: Uhum

RAQUEL: ou porque eu penso diferente,
(disparou o interfone)

RAQUEL: Então sabe, eu não consigo, eu não sei se é porque eu tenho uma formação religiosa, não frequentei, conheço um pouco da cultura, da religião, então, eu não consigo, as vezes eu acho que o pessoal se sente perseguido, que acha que todo mundo... né, eu já não consigo ver dessa maneira, eu com.... eu considero que assim, foi uma coisa horrível que aconteceu, uma coisa insana

E: Uhum

RAQUEL: mas eu acho que, muita gente morreu, muita gente sofreu, muita família foi destruída, entendo todo esse lado da... do sofrimento, mas eu acho que é... alimentar a raiva, o... a... o ódio que o pessoal tem, eu acho que isso não... não é bom, em nenhum, em nenhuma situação, eu acho que os extremos são ruins de qualquer situação, seja questão religiosa, questão política, econômica, o que for, o extremo é exagerado.

(filha passa e pergunta alguma coisa)

E: E você comentou que você ia com a sua mãe nas reuniões, você...

RAQUEL: É, frequento, porque minha mãe... por exemplo, a noite ela não dirige, então, a partir daí, ela começou a frequentar mais a Sociedade, inclusive ela é membro do... da... da SIRP, então eu levo, então eu comecei a me inteirar mais, a participar mais, mas mais pelo fato de eu ter que acompanhá-la do que por vontade própria, entendeu?

E: Uhum

RAQUEL: Mas assim, me considero uma judia, mas assim, não praticante. Não sei... as... como é que fala? O rituais, as... como é que fala? Como que eu poderia dizer? Aquele negocio que não pode isso, não pode... não...

E: Uhum... você considera pela descendência?

RAQUEL: Isso, pelo fato dos meus pais, meus avós, os meus pais... eu não fui casada... não casei com um judeu, inclusive eu casei só no civil, porque aqui em Ribeirão, mesmo... primeiro, acho que, como na maioria das religiões, a mulher é muito discriminada, como, por exemplo, o homem tem que fazer a tal da Bar Mitzvah, a mulher, não é obrigada. Por morar longe, aqui, na época, quando eu era menina, nunca teve Sinagoga, nunca teve... não existia a SIRP, então a gente num... eu não fiz, eu não frequentava, né, e.... aí por, em respeito, em consideração aos meus pais, à família, que... eu não... eu não casei na igreja, casei só no civil, mas eu casei com um católico.

E: Uhum

RAQUEL: Né, e meus pais nunca se opuseram que a gen... nem eles, nunca foram fanáticos, eles respeitam, comemoram as datas

E: Uhum

RAQUEL: também nunca foi aquele pessoal bitolado.

E: Uhum

RAQUEL: Então, eu acho que, na verdade eu acho que a religião tá dentro da gente, na cabeça da gente,

E: Uhum

RAQUEL: eu não acho que você... tudo bem, é... (rindo) a... o judaísmo é um... é uma religião, mas acima de tudo é um grupo, é um, é uma comunidade, é um... e... mas eu não... não participo, assim, participo esporadicamente, acho... acho que todas elas, todas as religiões, independente do que aconteceu ou possa acontecer, pra mim elas são muito... tem uma certa hipocrisia nas coisas, então, eu acredito num deus dentro de mim, eu tenho uma fé nas coisas que eu penso, mas não... tenho um deus dentro de mim, não preciso ser judia, católica, protestante, não... entendeu?

E: Uhum

RAQUEL: Sou, respeito, mas... é isso.

E: Uhum... e você acha que saber da história, dos seus tios, avós, mesmo da sua família, tem alguma influência na sua vida? Mesmo não participando tanto...

RAQUEL: Ah, não sei, eu acho importante que isso seja passado de geração pra geração, pra humanidade conhecer o que aconteceu e que não se repita, mas eu acho

que... isso, talvez influenciou na vida dos... pais... dos meus avós, dos meus pais, a mim, diretamente, porque são pessoas que também eu nem conheci, afetou assim, pelo fato da atrocidade, a coisa horrível que aconteceu, mas assim, não, mesmo porque eu convivi muito pouco

E: Uhum

RAQUEL: né, nunca foi muito exigido, em compensação, por exemplo, minha mãe tem uma fi... o... os filhos de um irmão que mora lá em São Paulo, todo mundo é muito religioso, todo mundo... entendeu? Mas foi criado nessas condições, eu não...

E: Uhum

RAQUEL: Então, o pouco que eu conheço eu procuro ver, conhecer, pelo que minha mãe conta, pelo que conta a história, pelo que o pessoal conta, e tudo essas coisas,

E: Uhum

RAQUEL: mas assim, acho que influenciar na minha vida de um... acho que não

E: Uhum... entendi. E tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre estes assuntos?

RAQUEL: Acho que não

E: Então tá... é só isso... obrigada!!

(anotei os dados)

E: Sua mãe comentou que as reuniões da SIRP eram na casa dela...

RAQUEL: É, no começo era...

E: E você participava?

RAQUEL: Não, na época eu era casada... não participava.

Finalizamos.

4. A MEMÓRIA COLETIVA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.

“Mude suas opiniões, mantenha seus princípios.

Troque suas folhas, mantenha suas raízes.”

(Victor Hugo)

Ao olhar para as entrevistas notamos que há uma riqueza pela diversidade e semelhança: são pessoas da mesma família ou de famílias diferentes, mas que percebem e elaboram a experiência de suas famílias de modos distintos, particulares, complementares e às vezes parecidos, o que enriquece a análise e é muito útil para a reflexão, servindo-nos de modelo em alguns aspectos da vida.

Diante da pergunta “O que significa ser judeu para você...?”, os participantes foram convidados a olharem para o grupo, mas ao mesmo tempo para si mesmos. Ao terem contato com uma pessoa diferente (entrevistadora), as histórias precisaram ser lembradas para serem contadas, podendo ocorrer um processo de ressignificação: novos sentidos sendo gerados, surgimento de novas reflexões e até novas interpretações. Eles mesmos apontam que no cotidiano não pensavam sobre o tema:

Ahm... então... são questões, eu acho que... assim, que a gente não se coloca no dia a dia, mas são questões importantes, né? (Maria, 21/05/2012).

“Eu acho que nunca parei pra pensar nisso direito...” (Fernando, 04/07/2012).

É engraçado que a gente vai falando e vai se dando conta de algumas coisas, né, a gente organiza, né o pensamento pra falar, a gente se dá conta de coisas que no dia a dia você nem... nem se toca, né? (Entrevistadora: Não para pra pensar...) Não para... talvez eu esteja precisando disso, né... de um... reencontro aí com... com esse passado, né? (Vânia, 03/10/2012).

Podemos perceber a necessidade de um grupo para respaldar essa memória, mesmo porque, ao se contar junto, ocorre a elaboração da memória e esta se consolida. A construção da memória coletiva auxilia a comunidade judaica e a maioria das famílias entrevistadas a não perderem a cultura, religião, tradições etc. ao longo do tempo, diferentemente do que aconteceu com outros povos que se misturaram com outras

sociedades e foram extintos, como por exemplo, incas, astecas e até mesmo os índios do continente americano, de modo geral.

Zanini (2004, citado por Rabinovich, 2013) interpreta em seu estudo que, quando há ausência de uma história identitária, a família é o elo que permite o indivíduo refazer a história coletiva de seu grupo e refazer a si mesmo. Esse respaldo da identidade pode ser feito através da família, dos amigos, da própria SIRP e até de outras instituições judaicas. A memória não está restrita à lembrança das pessoas, bem como em suas narrativas, mas está presente em vários aspectos do cotidiano. Talita e Josy, por exemplo, tiveram suas identidades reforçadas quando conheceram Israel. Um dado interessante é que há um programa chamado Taglit²⁵, que possibilita jovens de origem judaica, de 18 a 26, filhos de pai ou mãe judeus, viajarem a Israel, para que tenham a oportunidade de conhecer suas origens.

Isso nos leva a pensar sobre essa necessidade e/ou busca de manutenção das origens e tradições por parte dos judeus. Como dito na maioria das entrevistas, eles tem o costume e transmitir as tradições e ensinamentos para os filhos e, mesmo que não sigam a religião, filhos de mãe judia são judeus. Esta é uma característica forte deste povo e está associada à memória coletiva.

Além disso, mesmo que alguns não se preocupem em transmitir as tradições, eles enfatizam a “obrigação” de passar o sangue e/ou sobrenome judeu para que não se perca:

Pra mim [colocar o sobrenome nos filhos], foi uma coisa importante, eu quis é... homenagear meu pai ou eu quis é... tentar perpetuar é... essa parte judaica né da família (...) então quer dizer, de alguma forma isso é importante pra mim, né (...) não sei, né, se eu faço isso pelo meu pai ou se eu faço isso pelo... judaísmo do meu pai (rindo) né, parte, que eu tenho parte... Fica esse ponto de interrogação, né? (Vânia, 03/10/2012)

As vezes eu penso “ah, sou judeu eu tenho que se... continuar é... levando pelo menos o nome do meio né? Que é nome dos meus avós, o sangue pra frente” mas não de tipo passar ensinamento da religião assim.

---

²⁵ “Taglit-Birthright Israel oferece como presente, uma viagem educativa a Israel, para jovens judeus entre 18 a 26 anos. Os fundadores do Taglit-Birthright Israel criaram este programa, que proporciona a milhares de jovens judeus de todo o mundo, uma incrível vivência, a fim de diminuir a crescente divisão entre Israel e comunidades judaicas ao redor do mundo, para reforçar o sentimento de solidariedade e fortalecer a identidade judaica dos participantes e sua conexão com o povo judeu.”

(Fonte: www.taglit-birthrightisrael.com, acessado em 13/04/2013).

As vezes eu sinto que é alguma coisa, como se eu tivesse que continuar, passando para as próximas gerações, porque... parece que virou tipo... uma religião que... se lá, foi quase destruída, né, na época da Segunda Guerra e agora, tipo, não tem muitos judeus, aí, que eu teria que com minha... tipo, como se fosse uma obrigação eu é... eu viver como judeu, né, passar pros meus descendentes, tal... mas... sei lá, eu não me preocupo muito, assim, acho até legal, a idéia de poder passar e tal, mas não sinto que é algo que a minha família impõe em mim, na parte da minha mãe (Fernando, 04/07/2012).

Eu vi filmes, é... estudei, sei da história... lá na SIRP a gente sempre fazia reuniões, tudo, eu sei o quanto é importante passar isso pros filhos e... assim, dar continuidade, dessa maneira que eu te falei, assim, deixando o livre-arbítrio deles também escolherem o que eles querem (Iracy, 25/07/2012).

Eu acho que... isso que tem na religião judaica é legal de... passar todos os costumes de pais pra filhos, sabe? E não necessariamente tipo ir numa igreja, aprender lá e tal, as vezes é muito da família passar, sabe? Dos amigos passarem... (Josy, 01/08/2012).

Nesse sentido, parece haver um embate: ao mesmo tempo que sentem essa necessidade de permanecer e dar continuidade ao povo judeu, os participantes vivem no contexto brasileiro e, mais especificamente em uma cidade do interior de São Paulo, onde a comunidade judaica não é muito forte e expressiva. Com isso, eles recebem influência de várias direções: da memória coletiva relacionada à família de origem; de pertencer ao povo judeu; da relacionada à religião (judaísmo); de outras religiões (como o catolicismo, por exemplo); e do povo brasileiro, considerando que o contexto em que vivem e se desenvolvem apresenta uma mistura de crenças e costumes.

Sanchis (2012), apresenta essa característica do Brasil e do povo brasileiro: o sincretismo, que é uma “porosidade das identidades”, ou seja “uma tendência relacional transformadora das identidades” (p. 29). Ao mesmo tempo que os entrevistados são descendentes de judeus e carregam consigo algumas características, crenças e tendências culturais deste povo, eles também são brasileiros, alguns estudaram em colégios católicos (Iracy, Vânia e Talita), tiveram influências de familiares e amigos de outras religiões e também sofrem a influência cultural do Brasil e da cidade onde vivem:

O me sentir judia é muito complicado, assim, eu entendo que eu não me sinto porque eu fui criada é...é... numa... numa mistura de... de... e ainda por cima tinha a... o catolicismo, né, que permeava toda...toda a minha vivência, né, porque as minhas amigas eram católicas né, porque a escola falava, ensinava a gente a rezar, eu aprendi, né, o Pai Nosso, Ave Maria, eu queria me batizar, né. (...)

É muito ruim essa divisão [pai judeu e mãe ortodoxa]... e aí eu fiz questão pros meus filhos não se sentirem como eu me sentia, ao mesmo tempo que eu dei o nome, né, o sobrenome do meu pai, eu fiz questão que eles seguissem a religião predominante no país que é o catolicismo (Vânia, 03/10/2012).

Meus amigos todos fizeram catecismo, da religião católica, esse tipo de coisa... (Daniel, 26/02/2013).

Eles vão em igreja católica a grande maioria dos meus amigos (Calebe, 04/07/2012).

Aí eu lembro assim, que a gente comemorava Páscoa católica e Páscoa judaica comemorava ahm... as festas todas do calendário normal católico e tinha as festas todas do calendário judaico que a gente comemorava. E quando tinha Natal, a gente comemorava Natal, meu pai dava presente pra gente... então, eu sinto assim, eu, minhas amigas, a gente meio que respirava o ar das duas coisas.É... acho que mais a comunidade judaica entendia o que era viver num país católico do que talvez ahn, a... o contexto maior entendesse o que era a comunidade judaica, porque a comunidade judaica é muito fechada, hoje acho que nem tanto, acho que há um tempo atrás era mais. (...)

É... eu não sei se pela convivência com meu marido, que é de uma tradição cristã, mas, por exemplo, a mãe dele é espírita, o irmão dele é pastor evangélico, o que é uma coisa muito do Brasil também, eu acho (rindo), que é um sincre... sincretismo religioso, que se fala? (Maria, 21/05/2012).

Outro aspecto interessante é que muitas vezes eles atribuem a si ideias ou até mesmo “lembranças” de um passado que não viveram, mas que faz parte da história de vida de seus antecedentes (Halbwachs, 2006). É importante observar que em alguns momentos eles falam, por exemplo, “*nós* superamos” ao relatar que o povo judeu superou as perseguições e dificuldades enfrentadas no Holocausto. Em outros momentos fala-se “*eles* tem esse costume”, ao relatar sobre determinado costume judaico. Ou seja, em alguns momentos os depoentes se incluem no grupo de pertença (judeu), mesmo que não tenham passado por determinada situação e em outros momentos este olhar é “de fora”, como se não pertencessem ao grupo:

Foi um... um... horror, uma coisa horrível, e... e mesmo assim o povo judeu não... não... não se... não... não perdeu a... a sua fé, a sua conduta, né, *eles* passaram por tudo aquilo e... continuam... (...)

E *nós* superamos, acho que de uma maneira brilhante! Né? Assim, sem perder o... a dignidade, e...e... a fé, e... tudo mais, e os costumes, dentro do que a gente pode fazer [itálico nosso] (Iracy, 25/07/2012).

Diante de todas as dificuldades que *nós* já passamos, ter sobrevivido a tudo isso, como se diz, é um povo escolhido por Deus [itálico nosso] (Antônio, 16/07/2012).

Ah, a família do meu pai é toda judia, né, *eles* são do Egito e meu pai nasceu lá né, e ma tia minha, aí *eles* tiveram que sair de lá, eles foram expulsos em 60... que ano mãe? (pergunta para a mãe que estava na sala ao lado) 65. (...)

Eles sofreram também né, de uma forma ou de outra, não sofreram com o Holocausto, mas acabaram sendo expulsos do Egito e acabaram saindo de lá sem nada e... minha família acabou sofrendo de alguma forma, então *eles* não deixam de ser é... de ter sofrido e de ser batalhador, assim, e por ter recuperado a vida e ta vivo até hoje, assim, assim, é um exemplo de vida, né, que eu levo dos meus avós, enfim, da família... (Alex, 01/08/2012).

Aí ela [tia] contava as coisas que *eles* sofreram, como *eles* passavam fome ou que a... como é que eles foram levados embora da cidade, né, que foi uma limpeza étnica da cidade, os maridos já tinham sido levados pra trabalhos forçados, não... não voltaram mais. (...)

Porque você sabe da história né (rindo), não é bem assim, né, todo mundo culpa o povo judeu, mas por uma pessoa?! Então *nós* também... também deveríamos culpar um monte né, porque, por exemplo, onde é o Vaticano, que eram os romanos que... bom, você sabe, não quero entrar em detalhes... Então é isso, sabe, sempre tem alguém que, por mais que a gente não queira, sempre tem alguém que ainda acha coisas assim, ignorante, né, não procura saber, nem nada e fala mal dos judeus [itálico nosso] (Patrícia, 18/07/2012).

Alguns, ao contar a história de sua família tiveram por base os próprios relatos dos antecedentes. Outros, tiveram que buscar em livros, já que os pais ou avós não contaram as experiências ou contaram de maneira restrita.

Independente da forma como obtiveram as informações, todos, exceto Raquel e Daniel, contaram algo sobre as histórias de suas famílias e algumas vezes se colocavam nelas. Em outros momentos narravam com “olhar de fora”. De qualquer forma, a história narrada pela família se mistura com a dos livros, mas não deixa de ser uma memória coletiva dos acontecimentos.

Assim, percebemos que a memória coletiva é presente nos relatos dos participantes, já que suas percepções e lembranças estão, de alguma forma, vinculadas ao grupo de pertença. Obviamente, consideramos que a própria pergunta da entrevistadora, por sugerir um tema específico, possa ter influenciado suas respostas.

A maioria dos depoimentos é baseada nos relatos orais, isto é, no que ouviram dos pais ou avós sobre a história da família e do povo que participam. Esta característica

marcante deles transmitirem ao longo das gerações as crenças e tradições, conserva a memória coletiva do povo judeu.

4.1. A memória do silêncio.

*“Se não soubermos esquecer,
nunca estaremos livres de tristeza.”*
(Textos Judaicos)

Através dos relatos dos descendentes podemos encontrar características pessoais e alguns recursos utilizados pelos sobreviventes para elaborar os traumas: mudar-se de país, não ficar apegado ao passado, ser bem-humorado, alegrar-se com as pequenas conquistas do dia-a-dia, entre outras.

Através das percepções e dos relatos dos participantes, notamos o quanto os pais e/ou avós se fortaleceram diante das dificuldades. Mesmo tendo que abandonar suas casas, mudar de país sem levar quase nada, ter que começar a vida “do zero”, eles superaram e conseguiram se adaptar bem na “nova vida”. Isso reflete uma força *na e pela* diversidade, ou seja, se fortaleceram com o acontecimento, eles “pegaram o limão e fizeram uma limonada”. Uma ilustração que isso me remete é a do avião: diante da mesma circunstância – o vento – ele sobe ou desce, de acordo com a maneira que ele posiciona suas asas. Atualmente as dificuldades tem sido apresentadas e encaradas pelas pessoas como se fossem maiores do que realmente são e muitos, ao invés de se fortalecerem e crescerem com elas, se enfraquecem e sucumbem.

Apesar de toda essa superação por parte dos imigrantes, a maioria dos descendentes disse sentir falta de que os pais ou avós contassem mais abertamente sobre suas vivências. Isso mostra que, para a maioria, houve essa necessidade de silenciar suas experiências passadas.

Eu não tinha tanta informação assim, que meu pai não me passava...
(Vânia, 03/10/2012)

mas os contatos eram... não eram tantos, e a... então a história da família fica truncada (Zélia, 30/07/2012).

Os meus pais vieram pro Brasil por causa da guerra, né, quer dizer, eles nunca, sabe, conversaram muito a respeito comigo porque eu acho que

eles não queriam que a gente tivesse uma imagem ruim da vida (Patrícia, 18/07/2012).

Talvez por serem dolorosas, talvez por serem vergonhosas ou até mesmo por não as considerarem importantes. O motivo nós não sabemos. Mas guardar as informações, seja por defesa pessoal, seja para preservar os descendentes, é visto por Maria, por exemplo, como algo prejudicial:

Pelo fato de ele ter passado a adolescência fugindo, ter passado muitas dificuldade, ele tinha uma saúde meia frágil, (...) então assim, eu acho que... ta certo que são muitas dificuldades que eles passam, né, mas o fato também de, não querer lembrar, não falar do que aconteceu, de guardar tudo isso pra ele, ele não compartilhava com a minha mãe, eles não contavam muito as coisas do que aconteceu pra gente e eu acho que isso também ajudou ele a ficar mais frágil (Maria, 21/05/2012).

Realmente, a lembrança, o esquecimento e o silêncio compõem a memória. O fato de não se lembrarem ou silenciarem o que aconteceu, não significa que não tem memória, mas pelo contrário, é apenas uma de suas faces que se revela. Fernando aponta que, quando fazia alguma pergunta, o avô não respondia, mudava de assunto ou fingia que não tinha ouvido. E ao pensar sobre esta dificuldade do pai de compartilhar, Maria acaba encontrando um sentido para sua própria história:

Eu fico pensando as vezes, da...da questão de... o que é que é... meu pai passou, né? Por que que... pra ele era tão difícil? Ahm... transmitir essas coisas pra gente? É... como ele educou a gente? Eu e meus irmãos... é... assim, a... forma como eu fui criada, e como isso me levou a... num segundo momento, buscar as minhas raízes, né? (Maria, 21/05/2012).

Às vezes, mesmo que os descendentes saibam parte da história, eles próprios desejam esquecer:

Ai, sempre tem, né, um pouco, por mais que a gente queira esquecer, ta muito... ainda, né? Ainda mais agora, nós conseguimos o dia da lembrança, né, não sei se você sabe, pra que isso nunca mais aconteça, com ninguém, né, eu não quero com ninguém (Patrícia, 18/07/2012).

Já Vânia, vê a mudança de país e o “silêncio” do pai como a “salvação” para ele:

Porque o que era difícil era ta num país estrangeiro e... e eu acho que pro meu pai isso que foi bom, talvez isso que foi a salvação dele, né, não ficar neurótico, né, um homem... é... revoltado, um homem... frio,

né, alguma coisa assim mais grave, por quê? (...) quando você vive um problema, é mais fácil quando você vai pra longe, né, até geograficamente, o problema fica menor (...).

Isso também é uma coisa marcante do meu pai, né, que *ele nunca quis voltar lá, na Servia, né, nunca sentiu saudade...* então assim, acho meio que uma defesa dele, não falar muito desse passado que é isso que eu falei, né, de vir pra cá, recomeçar uma nova vida, né? É, eu falando agora aqui também tá me caindo a ficha que talvez por um tempo ele mesmo tenha renegado, vamos dizer, essas origens, né, que... que acho que, na época ele precisou disso, né, pra sobreviver, porque imagina, né, perder toda e qualquer referência de família, de uma vez só... [itálico nosso] (Vânia, 03/10/2012).

Outro aspecto a se considerar é a boa adaptação dos pais/avôs no Brasil. Cavnac (2001) aponta, em seu trabalho com nordestinos migrantes, que quando há uma identificação com o novo local e a migração é satisfatória, o sentimento de identificação com o grupo de origem desaparece, há uma “identificação com o novo local de vida e uma reapropriação do espaço, através da negação de suas raízes” (p.79, citado por Rabinovich, 2013). Em outras palavras, ao se adaptarem no Brasil, conseguem começar de novo, trabalhar, conquistar bens, aumentar a família e viverem de uma maneira mais “tranquila”, sem perseguições e grandes conflitos, os judeus imigrantes podem ter se identificado com o grupo brasileiro. Não acreditamos que tenham negado suas raízes, uma vez que mantiveram suas crenças e tradições, mesmo que estas tenham ficado adormecidas por um tempo:

religiosidade, assim, nesse período da vida dele, ele também acho que não tinha tempo pra isso então, acho que ele tava querendo crescer a carreira, tava focado, tava muito interessado, os cientistas, mesmo... mesmo lá... mas eles... ele sempre foi assim, puxando um pouco a sardinha pro lado da religião, por ter escolhido, podia ter escolhido Estados Unidos, mas ele escolheu Israel, por exemplo, é uma roupagem que ele tinha, uma ligação, mas... mas aí... ele ficou mais ligado, mais, assim, espiritualizado, mais no fim da vida (Daniel, 26/02/2013).

talvez até pro meu próprio pai, né, foi... na época parece que ele conseguiu separar, né, isso, assim, né, “eu sou judeu, só eu, minha família não, né, não tem ninguém...” ele preservou, mas pra ele, talvez até influenciado mesmo, né, pela cultura de onde ele tava vivendo naquele momento, né. Interior do Brasil, né, onde não tinha... nenhum templo, né, o que já mudou por exemplo quando a gente foi morar no Rio de Janeiro, né, que lá tinha toda uma comunidade, que ele começou a frequentar assiduamente, convidar a gente, eu minha mãe, né, foi onde que foi os meus primeiros contatos com algum ritual religioso, né, assim, é... coletivo, eu só tinha... só via meu pai rezar, toda noite com o quipá, né, mas é... eu nunca tinha visto, né, isso coletivamente, e eu já era adulta! Então é... complicado! (...)

Hoje eu vejo que ele não perdeu de jeito nenhum esse... é... esse... sentimento interno aí de que ele é um judeu, mas naquela época eu acho que tava meio adormecido, porque ele não passou isso pra gente (Vânia, 03/10/2013).

No entanto, percebemos que tiveram dificuldades de transmitir suas experiências, crenças religiosas e tradições para as próximas gerações.

É interessante observar que a família de Antônio parece estar mais bem resolvida com as questões do que aconteceu no passado e, também, com o sentimento de pertença ao judaísmo. Isso pode ser decorrente da conversão de sua mulher e ambos seguirem a religião e a transmitirem para os filhos. Mas também, pode remeter à mãe de Antônio ainda estar viva e contar suas experiências do passado para ele e seus filhos. O fato de ela contar e de eles terem acesso a essas vivências, faz com que haja uma continuidade, um fechamento, uma elaboração também por parte deles, por saberem suas origens e que, embora sua família tenha sofrido, é uma família “guerreira”, “batalhadora”. Isso ajuda na constituição deles próprios.

é forte, é ruim por um lado, porque... saber que eles podiam ter construído toda uma vida lá e terem crescido lá, meu pai principalmente, minha vó sempre fala que ela gostava muito de lá, ela até hoje mantém bastante costume, tipo, é... culinária, o sotaque dela você percebe que ela não perdeu até hoje, assim, só que... é ruim por esse lado, mas é bom saber que eles tiveram força, continuaram e até hoje tão... tão aí, a família inteira, sabe? Não perdeu e tal... é bom saber que eu tenho uma família guerreira, mas... é ruim porque... é ruim (rindo) ninguém gosta de ser expulso e sair assim, perdendo tudo (Josy, 01/08/2012).

Diferentemente de Vânia, a qual mostra que sente como se faltasse um “elo na corrente”, por não saber direito do passado da família:

É... eu acho, que as vezes faz falta sim, esse, esse link com o passado, que fica um buraco, assim, fica um buraco (rindo) mas... como eu disse, né, fica uma história, assim, uma história... um conto de fadas (...)
As pessoas, vizinhos, sei lá contaram pra ele quando ele voltou que eles viram a família entrar no caminhão daqueles de gás, né, que ficava andando e... então de repente, né, eu cresci ouvindo essa história, parece que é natural, sei lá... é... é estranho, né, porque ao mesmo tempo que eu tava dentro eu tava fora e é uma mistura muito louca, mas realmente, assim, né, falando agora eu vejo que tem esse... né, essa coisa aí meio que...faltando de repente um elo na corrente, né, assim, na minha história, né, de repente talvez ir, conhecer, aprender melhor (Vânia, 03/10/2012).

4.2. As mudanças no decorrer das gerações.

*“O ancião merece respeito não pelos cabelos brancos ou pela idade,
mas pelas tarefas e empenhos, trabalhos e suores
do caminho já percorrido na vida.”*

(Textos Judaicos)

Diante das narrativas podemos perceber diferenças no modo de pensar e viver das três gerações: 1ª) pais (imigrantes); 2ª) filhos; 3ª) netos. Essas diferenças podem resultar tanto dos distintos momentos históricos que viveram, quanto pelas experiências de vida, a maturidade, os valores que vão mudando ou sendo construídos e consolidados ao longo da vida. Como mostramos anteriormente, alguns dos pais ficaram mais religiosos no final da vida e até alguns dos filhos também tiveram esse caminho, como por exemplo, Patrícia e Maria.

Eu fui criada na... na religião judaica, como os meus pais, os dois eram, né, e antigamente também tinha uma coisa, as mulheres não iam muito à Sinagoga, a não ser em algumas ocasiões mais específicas, né, (...) Então, agora que eu to mais velha... é... a gente ficou assim, mais religiosa, vamos dizer assim, né? Porque uma, que eu casei, assim, com 17 anos, com um não judeu, então eu fiquei até um pouco revoltada assim com meus pais, né, porque eles não queriam porque aí já vai afastando, né, como afastou realmente, né (rindo) (Patrícia, 18/07/2012)

Assim como Iracy, Maria teve um momento de busca por outras religiões e respostas:

Teve uma época que, simplesmente eu... eu... eu não seguia mais nada do judaísmo e isso é uma coisa que eu lembro que aconteceu com muita gente, na adolescência. (...) De alguma forma eu sentia falta de algumas respostas pra algumas perguntas que eu num... num tava encontrando nessa coisa é... da comunidade judaica misturada com povo, com tradição, com religião, com cultura... algumas coisas me davam respostas, e outras não. Ai eu fui buscar essas coisas... ah... em outras filosofias... espirituais. Então foi muito bom, eu conheci muita coisa, muita coisa me acrescentou, algumas coisas me deram as respostas... mas... é... ainda... a... acho que até hoje eu ainda to buscando algumas coisas em relação a isso (rindo). É... ahm... assim, de alguma forma, eu acho que meus pais perceberam isso, tanto em mim, nos meus irmãos, nas minhas colegas, toda essa geração e, eu vejo assim, que a geração dos netos, por exemplo, eu sou neta dos meus avós que fugiram da perseguição da Primeira Guerra, e sou filha do meu pai, né, que fugiu da perseguição da Segunda Guerra, quer dizer, essa geração que nasceu no pós-guerra teve mais facilidade pra assimilar o contexto da Diáspora a gente não sentiu tanto o preconceito, nem a discriminação, nem a perseguição, eu acho que a

geração que tá aí... tá mais integrada nas comunidades, sabe? E... acabou que tem um pouco mais de liberdade de falar o que é o judaísmo e até de querer saber outras religiões, de onde estão vivendo... (Maria, 21/05/2012).

No entanto, ambas retomaram suas origens, aliás, Iracy diz: “Na verdade eu nunca sai, né, eu só tive a escolha e a liberdade de, assim... eu acho isso...” (25/07/2012).

É interessante observar que as entrevistas dos filhos foram mais longas do que as dos netos e houve maior riqueza de detalhes. Isso mostra o distanciamento do tema ao longo das gerações ou a diferença de olhar das próprias gerações, por conta da idade ser diferente: os contextos sociais, políticos e as próprias experiências são diferentes.

O impacto das experiências enfrentadas gerou reações diferentes nos sobreviventes e nos descendentes. A partir dos relatos, a maioria dos pais teve o movimento de “fechamento”, no sentido de apenas aceitarem que seus filhos se casassem com pessoas do mesmo grupo de pertença (judeus) por conta das perseguições que sofreram. Já os filhos, tiveram um movimento de abertura para o diferente, casando-se com pessoas de outras religiões e /ou culturas, mostrando uma atitude integradora: todos os filhos, exceto Zélia, se casaram com católicos: Maria, Patrícia, Vânia e Antônio; a esposa deste, porém, se converteu ao judaísmo. Os netos que já se casaram – Daniel e Raquel – também se casaram com pessoas católicas.

Isso pode ter acontecido tanto pela dificuldade de encontrar pessoas do mesmo grupo para se relacionarem, mas também pela busca do diferente, de acrescentar à cultura, de não discriminar e não ser discriminado. Além do mais, os filhos, enquanto brasileiros, que não sofreram perseguições e cujo círculo de relacionamentos era maior e mais diversificado, as possibilidades de casarem com judeus diminuía. Também, o apego às tradições e “pode ou não pode” do judaísmo era menor para os filhos e netos:

Mas então, na adolescência a gente começa a questionar as coisas, então começou a coisa a ficar complicada porque aí então eu tava na escola, que não era da comunidade judaica, (...) então começa a ter paquera, começa a ter namorado, começa a querer sair em outros ambientes e aí começa “não, aí não pode”, “mas por que que não pode?”, “ah, porque tem que namorar com quem é judeu”, “mas porque tem que namorar com quem é judeu?” “ah, porque sempre foi assim e sempre vai continuar sendo” (risos) (Entrevistadora: Manter a tradição...) E... mas aí começou a cair a ficha: “mas por que tem que ser separado?” aí começou a vir a coisa de “porque os judeus eram perseguidos, porque tem que se fechar pra se preservar”... (...)

Ahn... aí...eu sei que... na época eu comecei, na adolescência, a questionar muito essa coisa da religião, acho que mais em função, não pela religião em si, mas pela questão da tradição e dos “não pode” (...)

Nisso da educação falar que não pode se casar com quem não é judeu, só que muitas pessoas estavam casando porque não tavam aceitando esse tipo de discriminação, quer dizer, a minha geração, percebeu o quanto a geração dos pais foi discriminado, então assim, por que que a gente ia fazer uma discriminação com o outro? Aí a gente acabou que não aceitou e a gente acabou tendo... alguns casamentos fora da comunidade judaica (Maria, 21/05/2012).

Então tinha bastante essa coisa, né, não pode misturar com outro sangue, judeu com judeu e ponto final, tem que seguir as tradições. E hoje isso ta passando e... ah, pelo menos eu nunca fui obrigado a nada (Fernando, 04/07/2012).

Me considero uma judia, mas assim, não praticante. Não sei... as... como é que fala? O rituais, as... como é que fala? Como que eu poderia dizer? Aquele negocio que não pode isso, não pode... não... (Raquel, 19/02/2013).

Como podemos perceber, a questão das influências religiosas, e o próprio sentimento de pertença ao povo judeu também variam de acordo com as gerações. Além de suas próprias experiências, Maria, por exemplo, acredita que seus filhos também vão encontrar seus respectivos caminhos com o tempo:

aí os nossos filhos a gente ass... educou na religião judaica. É, só que assim, já é um fenômeno que eu acho que acontece com essa terceira geração: pelo fato deles participarem da educação da tradição judaica e tem toda a tradição católica da família do meu marido, dos avós, tios e sobrinhos, e o contexto de escola e... e... o Brasil, onde a gente vive, então eles tem muito mais presente um referencial desde pequeno dessas duas coisas e eles questionam essas duas coisas, e eles tão indo por um caminho deles muito interessante! (Maria, 21/05/2012)

Já Patrícia, lamenta por seus filhos não seguirem:

Não... não sei... eu me sinto um pouco poten... IMpotente (com ênfase no “im”), né, por não conseguir que meus filhos seguissem a religião. Mas é por eles também tem influência do pai, né, que é católico, mas não assim, fervoroso, ele é católico porque também os pais deles eram, é, né, o pai deles, né, a minha filha parece que se interessou mais, mas depois, sabe, ficou, assim, também desmotivada... É... sei lá! Mas graças a Deus ela *não proibiu* da minha neta fazer o Bar Mitzvah que eu acho muito interessante, como eu falei pra você, falei pra ela “você não tem nada a perder, você querendo ou não querendo você é judia” [itálico nosso] (Patrícia, 18/07/2012).

Mas Iracy aponta que encontrou essa liberdade na própria mãe:

Assim como minha mãe me deixou livre pra seguir o que eu... quando eu quis estudar “ah, vo... vou saber um pouco do espiritismo, vou saber um pouco do... é... referente à igreja católica, vou saber um pouco do

candomblé... eu quero saber, vou investigar... pra seguir aquilo que eu acredito” (Iracý, 25/07/2012).

De uma forma ou de outra, os laços com as tradições dos pais/avós foram se afrouxando. Este distanciamento maior por parte dos netos também pode ter resultado da escolha dos filhos de casarem com não judeus. No entanto, vale lembrar que Zélia se casou com um judeu e eles também não transmitiram para seus filhos a cultura e religião judaica – talvez pelo fato de serem adotados, como Daniel pondera em outro momento. Daniel complementa que, mesmo que tenha feito o Bar Mitzvah, para ele não tinha sentido, pois não tinha sido ensinado pelos pais até então.

Meu pai teve essa... essa ligação com a religião através da família dele e a minha mãe também, tá, só que eles se casaram, segundo as leis judaicas, né, o meu nome foi dado segundo as leis judaicas etc, mas chegando aqui algo, alguma coisa se perdeu, né. *Nós fomos criados assim, é... sem.... esse, esse, essa... é... não tendo necessidade da religião, nem por parte deles, né, nem da nossa parte.* Eu acho que... eu fiz a Bar Mitzvah com 13 anos, mas eu acho que foi mais pra... eu nem sabia o que eu tava fazendo, pra falar a verdade. Era mais assim... pra família. Meu pai, acho que tinha que é... dar alguma demonstração, de... sei lá, ou então uma oportunidade de reunir a família por ta perto, *e eu tive que estudar coisas que eu nem sabia o que tava fazendo...* então na realidade eu não queria fazer, eu fui praticamente obrigado a fazer [itálico nosso] (Daniel, 26/02/2013).

Outra questão interessante é que os pais foram apresentados como pessoas mais conformadas, no sentido de aceitarem mais as situações e tirarem bom proveito delas. Já os filhos parecem ser mais revoltados, intolerantes com a injustiça, não só contra os judeus, mas contra o ser humano, de modo geral. Os netos lamentam, mas não parecem ficar tão “revoltados” como seus pais.

Seguem exemplos da postura das três gerações. Primeira geração:

mas por outro lado, ele, talvez por não encarar as dificuldades que ele passou como uma coisa muito problemática, meu pai tinha um senso de humor muito assim... desenvolvido! Tanto é que às vezes eu fico pensando “como é que ele podia ser tão alegre, tão feliz, tão brincalhão, tão... espírito pra cima, tendo passado por tudo o que ele passou?” Nunca a gente via ele resmungando, lamentando, sabe, sempre aceitando as coisas e tentando ver o que fa... tipo assim, eu falo, meu pai pegava o limão e fazia uma limonada, sempre dava um jeito de...de.. fazer alguma coisa de...de útil, de... de diferente de algum problema que aparecia (Maria, 21/05/2012).

não era uma coisa que era falada, lembrada, chorada... né, não... né, a vida seguiu como se... se nada tivesse acontecido, né, eu acho que... né, eu acho... eu sempre falo né, que meu pai é a pessoa que mais se encaixa naquele conceito psicológico de resiliência, né (Vânia, 03/10/2012).

Segunda geração:

Sabe? Eu sinto assim, que eu já nasci meio revoltada como se aquilo eu já tivesse em algum nível assimilado, né, algum nível não racional (...) mas eu tenho essa... essa sensibilidade né, assim, que é como se eu... como se EU já tivesse sofrido, (...) mas eu sinto tudo isso muito forte, assim, né, um sentimento de... de revolta contra qualquer tipo, né, de discriminação, de... de assim, de alguém exercendo poder, né, sobre alguém com... com... com de uma maneira ditatorial (Vânia, 03/10/2012).

Terceira geração:

Acho assim, é lamentável o que aconteceu porque cê vê ser humano matando ser humano, : né, e... por interesses pessoais, políticos, ou... de poder, né e... como que pode, assim, eu acho que... eu acho um absurdo matar... da maneira que foi feito, né, o Holocausto, assim, porque você vê, eram milhares de... de judeus (Iraci, 25/07/2012).

Mas ao mesmo tempo, triste, assim, por tudo que já aconteceu, por tudo que ainda acontece... né, com o povo, de não ter paz (Talita, 09/10/2012).

É forte, é ruim por um lado, porque... saber que eles podiam ter construído toda uma vida lá e terem crescido lá (...) mas é bom saber que eles tiveram força, continuaram e até hoje tão... tão aí, a família inteira, sabe? (Josy, 01/08/2012).

Por fim, não podemos afirmar que a maneira deles elaborarem o trauma e superarem as dificuldades seja moldada pelo fato de serem judeus. No entanto, a própria crença, cultura e as tradições transmitidas (por exemplo, “ser o povo escolhido por Deus”) também influenciam as características e comportamentos pessoais.

4.3. Orgulho x Medo.

Os participantes, de modo geral, disseram que no Brasil e em Ribeirão Preto não sofreram preconceitos. Fernando, Calebe, Alex e Josy disseram que contam para os amigos mais próximos que são judeus e eles acham legal, mas muitos desconhecem o que é “ser judeu”. Alguns se interessam e fazem perguntas; outros somente brincam,

“zoam”, na escola. Eles são jovens e é comum na fase da adolescência essas brincadeiras, por isso não se incomodam com isso.

Antigamente eu até não gostava porque era visto tipo “ah, olha o judeu”, tipo, não é o Fernando, é o judeu, mas já passou, aí... as vezes é... por brincadeira de amigo, tipo “ô judeu, que não sei o quê...” (Fernando, 04/07/2012).

mas sigo o máximo que der e tem uns que... que.. assim, não tem preconceito com isso, sabe, nunca tive problema com isso, na escola, em lugar nenhum todos levam na boa, mas todo mundo sabe que eu sou (rindo) (Alex, 01/08/2012).

Mas no geral eles não contam com tanta frequência e para desconhecidos. Talita também disse que não fica contando para todo mundo que é judia, pois tem medo de preconceito.

Não sei como seria se eu realmente fosse judia, né, talvez aqui em Ribeirão, né, as pessoas ainda tem muito preconceito, sabe? Né, minha mãe sempre me... me... não é ensinou assim, sempre falou, né, “não sai falando assim porque as pessoas tem preconceito” (Talita, 09/10/2012).

Já os mais velhos apresentam uma postura mais receosa de se identificarem enquanto judeus. Já tiveram experiências de contar para pessoas e elas reagirem com preconceito. Também disseram que em Ribeirão Preto as pessoas desconhecem esta religião e apresentam atitudes diferentes. Patrícia conta que sua filha teve um professor antissemita e se sentiu muito sufocada. Mas Iracy não mencionou esta situação.

Ah, sempre tem um pouco, né, sempre tem, a gente fica com medo, né, assim, eu gostaria de falar pra todo mundo que eu sou judia e eu falo, na maio... a maioria das pessoas, mas eu sempre fíco, “nossa, será que né, não é uma pessoa, assim, que detesta?” (...) eu apresentei [um ex-namorado para meu irmão], né, “olha, esse é meu irmão mais velho, esse é um amigo...” ele falou assim “ah, foi esse aí que ajudou matar Jesus?”. Nossa, aquilo me chocou muito, sabe, eu fiquei muito magoada (Patrícia, 18/07/2012).

E... então, aí, eu já ouvi que agora eu ouvi que isso, daqui de Ribeirão, o pessoal não sabe... não tem noção do que que é... “ah, qual sua religião?” “sou judia” “nossa, você judia? Você que matou Jesus?” Sabe? Assim, aí você já fica assim, né, fala poxa, num... num... não sabe... ainda em São Paulo o pessoal tem mais conhecimento (Iracy, 25/07/2012).

Esta ambivalência é bem presente nos relatos dos participantes: ao mesmo tempo que tem orgulho de pertencer a este povo e/ou à religião judaica, na maioria das vezes eles não contam para as pessoas, pois não sabem se vão se deparar com um antissemita. Isso mostra que, por mais que o Brasil seja conhecido como um país com baixos índices de discriminação, o receio de sofrer preconceito e discriminação ainda existe; mesmo mais diluído ao longo das gerações, ainda permanece.

Às vezes não é tanto a questão do preconceito ou da discriminação em si, mas os incomoda *ser* ou *se sentir* “diferente” ou não “comum”, igual às pessoas com quem convivem e que são de outras religiões. Pensando no que Cuesta (2008) aborda sobre a história contemporânea, eles se encaixariam como os “contramitos” – o estrangeiro, o emigrante, o diferente, o “outro”:

quando eu falei que ia viajar, que eu não ia na aula, que eu ia viajar, aí ela “ah, então você é judia? Seu marido também era judeu?” e aquilo assim me... (ri... depois tosse) desculpe, me deu assim como se fosse... “você é uma criatura diferente”, não... não foi tomado como uma... como uma coisa natural, Porque você... nossa, quando vocês conversam com as pessoas, eles não falam, quando você diz por exemplo que vai pra... pra... rezar em Lourdes ou Fátima ou em coisa... ou vai pra Aparecida eles não diz “mas você é católica?” “você...” não, ah... mas os judeus... e talvez os islâmicos também, é como se fosse uma coisa entre aspas, é uma coisa... e isso pra mim é preconceito (...)
Não é natural, porque eles não falam “você é católica, você é católica e...” não, é natural, você vai rezar em tal lugar e... fim de papo, não é porque você é “católica”, você não uma etiqueta. E a gente tem uma etiqueta (Zélia, 30/07/2012).

então, eu acho assim, eu tenho orgulho, mas tenho medo tenho medo... tenho orgulho da religião que eu tenho, sigo, tenho fé, acredito, mas... eu tenho medo, assim, de publicar, de divulgar, de falar “ó...” eu num...num... num chego é... falando quem eu sou, assim, mesmo porque eu acho que um rótulo, é... e ruim, né... Assim, então, eu sou uma pessoa normal, sou um ser humano como qualquer outro (Iraci, 25/07/2012).

Às vezes o preconceito ou a discriminação não vem necessariamente de fora, mas de dentro:

Ah... não... não abertamente, não... não... não... não tive nenhum... nenhuma... pelo menos que fosse confirmado que teve alguma... não, não tive... não sofri discriminação... acho que minha coisa era mais a auto, minha auto (rindo) (Entrevistadora: Autodiscriminação?) Autodiscriminação (risos) (Entrevistadora: Por que será?) Não sei... acho que...(curto silêncio) não sei... a gente quer... a gente quer ser

aceita e... e... realmente eu não... não saberia dizer porque que eu... eu gosto... eu não gosto de ser diferente (Zélia, 30/07/2012).

Ao olhar para a história de seus pais/avós, alguns descendentes se sentem orgulhosos por pertencerem a uma família guerreira, batalhadora, que não se rende facilmente, mas supera as dificuldades da vida. Isso acaba gerando a responsabilidade ou até mesmo o sentimento de “obrigação” de não desistir diante das dificuldades, mas sempre lutar e seguir em frente.

Ah... a única coisa que que... assim, que eu penso dessa época é.. é nunca... nunca desistir com as...com as dificuldades, assim, né, sempre ta lutado, mesmo com as dificuldades, sempre ta lutando e seguindo em frente, porque pior do que eles passaram eu sei que eu não vou passar, então se eles conseguiram (tosse), eu acho que eu tenho a obrigação de conseguir alguma coisa também de não desistir com as dificuldades (Antônio, 16/07/2012).

O orgulho de pertencer a um povo que superou as perseguições e o Holocausto de uma maneira brilhante, sem perder a dignidade, a fé e os costumes, também está presente. Ao verem o desenvolvimento de Israel e judeus espalhados pelo mundo todo preservando as tradições, se alegram por pertencerem a este povo. Mas há também a consciência de que tudo isso é conquistado com trabalho, garra, “nada cai do céu”:

Eu me sinto assim também, né, um pouco... orgulhosa e digna de ta aqui hoje por alguma razão (Talita, 09/10/2012).

É.... enriquecedor, né, porque apesar de todo o sofrimento que meus pais passaram na época, nós tamo aqui né? Tamo aqui, conseguimos vencer, conseguimos formar família, aumentar a família, né? (...)
E, não só eu, toda a minha família, assim, graças a Deus, praticamente todos estão bem no Brasil, tanto no Brasil como nos Estados Unidos e tudo isso graças ao trabalho e esforço de cada um, né, nada cai do céu pra nós (Antônio, 16/07/2012).

Ao mesmo tempo há, em alguns, sentimentos de revolta, indignação, tristeza, pelo fato de seus antecedentes terem sofrido de maneira tão gratuita pelo simples fato de serem judeus. Saber destes acontecimentos toca mais em quem é judeu do que em quem não é. Mas, por outro lado, o sentimento de superação e força do povo judeu também é presente e os fortalece.

E tudo assim, acaba tocando muito, mais do que uma pessoa comum que não tenha uma ligação, eu acho que a mim toca mais... (Talita, 09/10/2012).

No dia a dia não...num... num é uma coisa que eu fico pensando sempre, mas é uma coisa que eu levo, assim, é... como, como vida mesmo, sabe? Nunca desistir, sempre que... você tomar uma rasteira, assim, levantar e... continuar de novo, sempre ter força, sabe? Porque acho que o povo judeu é um povo de muita força, sempre, na história inteira, desde escravidão, até o Holocausto, tudo, sabe? (...)

Eu acho que assim, é... mexe muito, acho que quem, pra quem se considera judeu, acho que tudo isso mexe muito, igual, as vezes, do Holocausto mesmo, eu não tenho ninguém na minha família que passou por lá e tal, mas é uma coisa que... (...) eu acho que influencia muito na minha vida assim, nessa questão de... lembrança, sabe, de... ver como é que foi o passado, como foi sofrido, isso dói, mesmo que eu não tenha passado por lá, mesmo que ninguém da minha família tenha passado (Josy, 01/08/2012).

4.4. O pertencer ao povo judeu.

*“Educa a criança no caminho em que deve andar;
e até quando envelhecer não se desviará dele.”*
(Provérbios 22:6)

O sentimento de pertença ao povo judeu está atrelado a vários aspectos. “Na religião judaica se mistura muito religião, com tradição, com cultura, com povo, com Estado” (Maria, 21/05/2012). Como já apresentamos, há questões religiosas, mas também de descendência, de “sangue judeu”. Por isso o casamento entre judeus é tão importante, embora essa importância tem sido questionada no decorrer das gerações.

Já ta passando aquela fase, tipo... judeu casa com judeu que antigamente tinha, na época da minha mãe tinha, né, meus avós não queriam deixar ela casar com meu pai, que meu pai é católico, então tinha bastante essa coisa, né, não pode misturar com outro sangue, judeu com judeu e ponto final, tem que seguir as tradições. E hoje isso ta passando e... ah, pelo menos eu nunca fui obrigado a nada em relação à religião, como eu tinha falado... não sei, acho que significa como... ah... mais como um clã, que... eu tenho que fazer parte e dar continuidade nele, parece mais isso pra mim... (Fernando, 04/07/2012).

A necessidade de passar pra frente costumes, o sobrenome da família, e as tradições são importantes. a tradição parece estar associada não só aos costumes, mas à transmissão valores, crenças, religião, cultura, caráter, entre outros.

Determinados participantes apresentam que “ser judeu” é participar de uma religião, um estilo de vida, de orgulho pelo passado. Outros apresentam a ideia de fazer parte de um povo, cultura e tradição. Alguns tem dificuldade de se considerarem judeus porque não seguem nem as tradições culturais e nem as religiosas, se considerarem apenas pela descendência, por ter “sangue judeu”. Já a maioria relata que judeu é filho de mãe judia, seja pela descendência ou pela religião. A seguir, optamos por mostrar alguns dos relatos que eles mesmos fazem sobre a religião, os valores, os costumes e a descendência pelo sangue.

A importância de transmitir para os filhos os ensinamentos aparece mais uma vez:

No livrinho do Shabat, ta escrito que a gente tem que transmitir aos filhos, aos netos, pra que nunca morra o... o judaísmo, né, (...) então a gente sempre tem que, né, assim, procurar fazer alguma coisa pelo menos, né, pra que os nossos filhos tenham uma ideia do que é ser judeu, né (Patrícia, 18/07/2012).

Eu acho que a gente tem que dar base, que foi o que minha mãe fez, sempre ela, sempre acreditou muito, sempre teve muita fé e tudo pra... quanto... assim, em qualquer situação ela sempre deixou muito... muito forte a fé dela, a crença dela, e sempre deixou isso muito bem claro “Deus ta sempre com a gente, não faça nada de errado porque eu não to vendo, mas Deus ta vendo” (Iraci, 25/07/2012).

E aí eu fico pensando na forma como que eu to criando meus filhos, né? Também o contexto e o momento que eu to em função da família que eu construí, que é um pouco... assim, é, aberta, nessas questões, mas... a forma que ahm... pros meninos, a questão da religião ainda não é presente, né? E... ahm... que eles ainda não precisam fazer... eles ainda não tem essa necessidade dessa busca, que eu acho que em algum momento da vida deles eles vai ter, né? (...) E eu to muito curiosa pra saber como vai ser com os meus filhos (risos) (Maria, 21/05/2012).

eu fiz questão que eles seguissem a religião predominante no país que é o catolicismo (...) Porque sabe assim, eu queria que eles não se sentissem é... tão *outsider* como eu me sentia, né. Aí... não adiantou nada, porque eles também não são católicos (rindo). Não se sentem... é... não vão, não frequentam... né, então assim, é uma religião, uma... um sentimento, né, muito estranho... né, se sentir... “não, eu sou tal coisa”. Eu num... eu não sei o que é isso (sorrindo), né, não aconteceu comigo nem com meus filhos, então... (Vânia, 03/10/2012).

Seguem algumas maneiras que eles encontraram de seguir a religião judaica. Os relatos falam por si só: o amor pela religião *versus* as dificuldades de identificação; dificuldades de seguir no Brasil *versus* as tentativas de seguirem ao máximo, entre

outros aspectos. Isso mostra mais uma vez a diversidade de posicionamento dos entrevistados:

Eu tive a sorte de... aqui no Brasil e nascer numa família que eles continuam, né, não deixou morrer isso, nós continuamos e preservamos e é, eu acho que é a fé mesmo, a crença é acreditar num Deus único, é seguir os 10 mandamentos, assim, da, né, né, de tentar da melhor maneira possível seguir os dez mandamentos assim, e... o que da pra gente fazer a gente faz, o que não dá a gente não faz (...) assim, aqui, nós somos judeus liberais, tem os ortodoxos que são... eles seguem ao pé da letra (Iraci, 25/07/2012).

Então pra mim é isso, é ser predestinado. É uma religião bonita, que segue a Deus, tem todos os preceitos, os Dez Mandamentos, e... é uma religião focada no bem, claro, todas são, mas a gente tenta seguir ao máximo (Antônio, 16/07/2012)

Eu acabei indo buscar o misticismo judaico (...) a Cabala é muito diferente ahn... do judaísmo tradicional ou judaísmo liberal ou mesmo judaísmo ortodoxo, ele segue muito a fonte do antigo testamento, assim, da palavra de Deus. Então é... é buscar na fonte mesmo, na origem, o que é Deus, o que é o homem, e o que é que a gente ta fazendo aqui no mundo o que é, o que é que a gente pode fazer com nosso trabalho, enquanto ser humano e como se comunicar com Deus. Então isso pra mim foi uma descoberta muito... muito profunda! (tosse) E aí superou tudo, superou tudo, em relação a... a... aquelas ahn... aquelas questões do judaísmo enquanto tradição, enquanto povo, enquanto religião, enquanto cultura... porque ta muito ahn... muito antes, assim, supera tudo isso, né, então é uma busca do homem, ahm... enquanto agente de mudanças no mundo e aí res... ahn é assim, ahn é assim, eu respondi umas perguntas, não todas, ainda tenho perguntas, ainda to buscando, acho que é sempre assim (Maria, 21/05/2012).

(Entrevistadora: A senhora também não segue a religião?) Não, eu... (rindo) não é... muito... é... superficialmente, né, nós, tanto, meu marido também vem de uma família judaica, de origem alemã (...) a família dele também num... também era que nem a minha, a gente é... mantinha os grandes feriados, por exemplo o Ano Novo, que era uma coisa muito... ou então... depois do Ano Novo tem aquele que é o Dia do Perdão, e... a Páscoa Judaica, a gente também... então na minha casa a gente mantinha só isso, mas não... não mantinha esse ritual do... do Shabat, do Shabat, não mantinha... agora, quando nós casamos, quando nós casamos e fomos pro Estados Unidos (...) e nesse período dos Estados Unidos, aliás nós... nós é... participamos e aprendemos muito mais da religião do que nós aprendemos nos... nos 30 anos anteriores que nós moramos no Brasil (...) Então, a gente... procurava ter uma religião assim não muito fundamentalista (rindo), mas uma religião, quer dizer, que você é per... sabe que pertence a um grupo, esse grupo tem certas normas, certas leis, certas... é certas... tem uma tradição, tem uma... e a gente procura ficar dentro, mas quando há... começa haver um certo exagero (rindo) a gente não aceita (Zélia, 30/07/2012).

O judaísmo é um... é uma religião, mas acima de tudo é um grupo, é um, é uma comunidade, é um... e... mas eu não... não participo, assim, participo esporadicamente, acho... acho que todas elas, todas as religiões, independente do que aconteceu ou possa acontecer, pra mim elas são muito... tem uma certa hipocrisia nas coisas, então, eu acredito num deus dentro de mim, eu tenho uma fé nas coisas que eu penso, mas não... tenho um deus dentro de mim, não preciso ser judia, católica, protestante, não... entendeu? (Raquel, 19/02/2013).

Né, em relação ao judeu, então eu não sei como seria se eu realmente fosse, se eu realmente me sentisse, mas ao mesmo tempo eu não me sinto católica, então... as vezes isso tem alguma influência também, sabe? (Talita, 09/10/2012).

Alguns valores também estão associados com a religião judaica. Antônio apresenta o judaísmo como uma religião voltada para o bem:

É uma religião bonita, que segue a Deus, tem todos os preceitos, os Dez Mandamentos, e... é uma religião focada no bem, claro, todas são, mas a gente tenta seguir ao máximo (Antônio, 16/07/2012).

Iraci também apresenta valores relacionados à experiência e à religião judaica e tenta transmitir aos filhos os valores que recebeu:

Acho que tudo, tudo que se vive, que se passa, é importante, importante pra gente ser o que se é hoje, assim, pra gente ter o conhecimento que tem hoje, os valores de hoje (...)
Eu tento criar os meus filhos da melhor maneira possível, com dignidade, trabalhando honestamente, entendeu? E passando valores morais pra eles, assim, do que eles devem ou não devem fazer (...)
E... e isso vai, continua assim, é...vai passando, né, assim, os valores, é, a gente valorizar, assim, o que tem valor realmente, né, porque eu acho que poder, cargos, é... e assim, dinheiro, isso vem e vai. Agora, assim, o caráter, o que você acredita, os valores do que você passa, do que é certo, do que é errado, isso não tem dinheiro que compre, não tem... Acho que é conhecimento, que, né, um avô passa...como..."ó, como é que você vai fazer pra sobreviver, pra ganhar o seu pão de cada dia, se você prosperar, se você é... tiver sucesso naquilo" entendeu? "melhor, mas siga esse caminho, faça a coisa... dessa maneira, trabalhando, conquistando, subindo um degrauzinho de cada vez, né, não puxando o tapete de ninguém" (rindo), né? Os valores, assim, eu acho que isso vem daí, do judaísmo (Iraci, 25/07/2012).

Além do mais, alguns também apresentam uma tristeza com relação às desigualdades sociais, sofrimento de pessoas, violência, assassinatos e não só os que são feitos contra os judeus, mas contra todos os seres humanos.

Sabe, não consigo ver uns com tantas casas, outros, morando em baixo da ponte, sabe? Muita crueldade, crianças que não conseguem estudar, porque tem os pais assim, né, aí, eu, eu fico muito revoltada, sinceramente. Nem novela eu assisto, né, mas eu fico...assim, muito nervosa, (começa a rir) meu filho fala “mãe, mas a senhora fica nervosa com tudo”, mas eu fico porque eu vejo que é muita maldade e geralmente quem faz o mal é que ganha (Patrícia, 18/07/2012).

Fora isso, algumas características foram apresentadas como próprias do povo judeu e tendo alguma influência na vida dos entrevistados: o hábito de um judeu ajudar aos outros, principalmente os da família; os valores com relação ao caráter e o conhecimento transmitido e a preocupação e valorização dos estudos, já que o conhecimento é a única coisa garantida que a pessoa pode levar consigo quando tiver que fugir de uma perseguição.

Quanto ao costume de “judeu casar com judeu”, Vânia, Maria e Raquel disseram que não casaram na igreja católica, mas só no civil.

O padre falou “ah mas você... você é católica? Você é casada na igreja?” “Não” (Vânia, 03/10/2012).

Aí por, em respeito, em consideração aos meus pais, à família, que... eu não... eu não casei na igreja, casei só no civil, mas eu casei com um católico. Né, e meus pais nunca se opuseram que a gen... nem eles, nunca foram fanáticos, eles respeitam, comemoram as datas, também nunca foi aquele pessoal bitolado. Então, eu acho que, na verdade eu acho que a religião tá dentro da gente, na cabeça da gente, eu não acho que você... tudo bem, é... (rindo) a... o judaísmo é um... é uma religião, mas acima de tudo é um grupo, é um, é uma comunidade, ... tenho um deus dentro de mim, não preciso ser judia, católica, protestante, não... entendeu? (Raquel, 19/02/2012).

E aí a gente conversou com os meus pais e nós casamos só no civil. Eu falei assim “bom, a gente... ensina uma tradição pros nossos filhos”... como a família do [meu marido] toda é do interior de São Paulo, e a gente morando em São Paulo tava muito mais perto da minha família então... acabou que ele participava de tudo da tradição, meio que ele, assim, entrou no esquema, né, então ele participa de todas as festas, de todas as... coisas e... então assim, formalmente não participou de nenhum processo de conversão, tudo... mas informalmente ele, assim, se inseriu no contexto. E aí os nossos filhos a gente ass... educou na religião judaica (Maria, 21/05/2012).

Patrícia, embora não relate, parece também não ter casado na igreja católica. Mas sua escolha de se casar com um católico trouxe consequências mais severas que para as outras: sua mãe ficou três anos sem conversar com ela e ela se arrependeu de não ter acatado o conselho dos pais:

Eu casei, assim, com 17 anos, com um não judeu, então eu fiquei até um pouco revoltada assim com meus pais, né, porque eles não queriam porque aí já vai afastando, né, como afastou realmente, né (rindo) então eu, por exemplo, eu casei com um não judeu, espanhol ainda, um homem mais velho do que eu dez anos, né, que não tem muita importância, mas sempre tem, né, de outro nível, essas coisas, né, que *os pais sempre querem o melhor para os filhos*. E... demorou muito, a minha mãe, por exemplo, ficou três anos sem conversar comigo, de jeito nenhum, não queria saber, falou “olha, quando você casar com esse moço, você morreu pra mim”, agora meu pai era uma pessoa mais assim pacata, mais inteligente talvez, né, e ele, sabe, ele, assim, abençoou a gente, falou “não adianta, eu sei que quando a gente gosta de alguém o amor num... não é... não tem fronteiras, não se deve proibir, nem nada, porque quanto mais proíbe, como eu vi que você... foi casar com ele, né, querendo ou não querendo, sendo menor de idade, né”. Então eu... sabe, eu passei muito assim, fiquei muito decepcionada, né, porque além de magoar meus pais, eu vi que não era nada daquilo (Patrícia, 18/07/2012).

De modo geral, a maneira como os descendentes diretos (filhos) enxergam o “ser judeu” – povo ou religião – influencia na maneira de viverem e de passarem para a próxima. Por exemplo, Patrícia considera muito importante passar a religião para os filhos e fica um pouco frustrada por seus filhos não seguirem. Mas não significa que seus filhos terão a mesma percepção dos pais: Iracy, vê mais a questão da descendência, independente da religião e passa para seus filhos a questão cultural, oferecendo a religião como “opção”. Assim, alguns valores e crenças vão sendo transformados ao longo das gerações.

Assim como tem é... o... como tem os negros, como tem japoneses, como tem né? É... como eu te falei, eu acho que o judaísmo não é só uma religião, é como se fosse “ó, sou negra? Não, sou judia” entendeu? Porque se... por exemplo, é... eles fizessem uma lista ou... uma seleção, como foi feita, de quem é ou quem não é, eu sei que eu estaria na lista de quem é... Entendeu? E não só por opção, por descendência, ascendência... (Iracy, 25/07/2012).

Ai eu acho que não só nascer numa família judia, porque tem muita gente que gosta da religião e... não é judia, ta se convertendo e as vezes é mais judeu do que uma pessoa que nasceu e não segue nada, não sabe nada, não sabe nem o que é Shabat direito, então... eu acho que muito mais do que nascer numa família judia ou se converter pra religião judaica, é você entender a história, saber... é, ter sua... sua fé, sabe? Tipo, ah, não sei, acho que é isso, de... ter a essência mesmo e querer, gostar, ir atrás, mesmo que você não possa seguir tudo, mas, no seu alcance... acho que isso é, ser muito mais judeu do que alguém que nasce e não ta nem aí, igual qualquer outra religião, sabe? (Josy, 01/08/2012).

Agora, filho de judeu, judeuzinho é? Não necessariamente. Os filhos de mãe judia se consideram judeus, mesmo que não sigam o judaísmo (Patrícia, Maria, Zélia, Antônio, Fernando, Calebe e Iracy). Josy e Alex também se consideram, já que sua mãe é convertida. No entanto, Vânia não se considera, pois seu pai era judeu e sua mãe não. Daniel não se considera, embora seu nome tenha um peso, por ser “nome de judeu”, ele é filho adotivo e nunca sentiu a necessidade da religião. Já Raquel que, segundo Daniel, também é filha adotiva, se considera uma “judia não praticante”.

É importante considerar que quando a religião ou cultura é transmitida pelos pais para a criança, quando há uma prática constante da família, provavelmente ela vai continuar estas práticas. Mesmo que saia, busque outras religiões ou filosofias, em algum momento acaba voltando, como é o caso de Maria e Iracy. Mas, quando não se aprende desde pequeno, é mais difícil que o adulto venha a aderir à cultura e/ou religião e até mesmo de se considerar judeu.

Então assim, ritual religioso eu não aprendi, nenhum, né, nem da ortodoxa, nem da judaica, nem da católica, né.
Então a formação que você não tem de criança, é... você não introjeta, você não incorpora, né (Vânia, 03/10/2012).

Eles não conseguiram passar isso pra mim, pra minha irmã, essa religio... religiosidade do povo judeu, que é muito religioso.
Não tivemos nenhuma orientação, não tive assim, eu crescendo... porque eu acho que isso começa desde pequeno (Daniel, 26/02/2013).

Vânia e Talita lamentam não terem sido mais aproximadas da cultura e religião quando eram mais novas, pois agora não se sentem judias, embora sintam influências indiretas em suas vidas hoje. Na família de Maria, seus filhos foram educados na tradição judaica, embora estejam inseridos no contexto brasileiro e tenham recebido também influência católica da família do pai. Eles conhecem e questionam as duas religiões: judaica e católica e se dizem “ateus”. Patrícia lamenta que os filhos não seguem, embora Iracy disse que segue. Vale ressaltar que nestas três famílias houve influência do catolicismo nos netos, com isso, os filhos receberam influências de ambos os lados.

Já Zélia e seu marido, que também era judeu, não transmitiram os ensinamentos da religião e da cultura para os filhos e Daniel lamenta não ter sido mais aproximado. Apenas na família de Antônio todos se consideram judeus e seguem a religião judaica.

Alex parece não se identificar com o povo, mas apenas com a religião judaica. Talvez pelo fato da mãe não ser judia por descendência, mas ser convertida.

4.5. Envolvimento com a SIRP.

Alguns dos participantes são mais envolvidos com a SIRP, outros não são muito, mas a frequentam de vez em quando. Fernando, Calebe, Daniel e Raquel não frequentam e não apresentam interesse pela religião.

Com a criação do Dia da Memória, reconhecido pela Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, a SIRP apresenta um movimento de elaboração e construção e, de acordo com Schwarzstein (2011), quando uma comunidade reconhece os acontecimentos traumáticos e os utiliza na constituição de sua identidade, a memória coletiva se mantém e as memórias individuais encaixam dentro do contexto. Neste sentido, a sociedade Israelita ajuda a manter a identidade e a memória de seus membros. Pensando mais além, ela pode até influenciar na memória e nas representações do indivíduo, nesta busca de perpetuar a lembrança do trauma.

Os membros da SIRP, com exceção do pai de Vânia, não passaram pela situação traumática em si, mas muitos são descendentes de judeus e alguns são convertidos ao judaísmo. No entanto, nas principais festas que eles comemoram, sempre há a lembrança dos acontecimentos do passado do povo judeu, bem como orações e canções que remetem a estas vivências.

Alguns dos participantes relatam que seguir o judaísmo em Ribeirão Preto é mais difícil, pois não tem muitas pessoas envolvidas, diferente de São Paulo. Outros se envolveram mais na SIRP do que se envolviam em São Paulo.

Patrícia participa desde o começo e é bastante ativa. Iracy esteve mais envolvida em outra época, mas ainda se considera participante. Mesmo não frequentando muito a SIRP recentemente, ela se inclui no povo judeu e no próprio grupo de ribeirão Preto; ela é judia porque sua mãe é judia e seus filhos também são judeus, querendo ou não, fazem parte deste povo.

Pelo fato das reuniões do Shabat serem de sexta a noite, alguns não conseguem participar, pois estudam ou trabalha. Outros trabalham aos sábados, que deveriam ser “guardados” pelos judeus. Assim, eles vão se adaptando e se envolvendo “o máximo que dá”, de acordo com suas condições de vida.

Maria se envolve bastante e já foi até presidente em uma época. Antônio e sua família também são bastante envolvidos e inclusive sua filha (Josy) é a professora de dança hebraica. Vânia e Talita participam apenas de algumas festas, a pedido do pai/avô.

Embora as reuniões iniciais foram na casa de Zélia, ela participa raramente das atividades da SIRP e seus filhos também não participam, exceto quando Raquel precisa levá-la e acaba esperando lá mesmo.

Na própria SIRP encontramos diferenças de possibilidades de envolvimento e diferentes crenças. Há famílias que não mantiveram as tradições judaicas, participando apenas um ou outro membro da família. Enquanto umas se envolvem mais ativamente, outras participam só das principais festas. Enfim, mesmo dentro da SIRP aparece característica sincrética do Brasil e “é esse jeito de ser gente, diferente de grupo para grupo, que constitui a cultura” (Sanchis, 2012, p. 21).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A luz é especialmente apreciada após a escuridão.”

(Textos Judaicos)

Nosso objetivo nesse trabalho era estudar como a comunidade judaica vive a memória coletiva e a relação desta com a construção da identidade individual. Neste processo da construção da identidade, observamos alguns aspectos: a necessidade de contar ou silenciar; como eles enfrentam os eventos traumáticos; como eles preservam ou deixam de preservar a religião e as tradições; as mudanças ao longo das gerações; a relação com o trabalho e com o meio em que vivem; os valores herdados e transmitidos para as próximas gerações, entre outros que surgiram nas narrativas dos participantes.

Vale ressaltar que as entrevistas teriam infindáveis conteúdos para serem explorados e apenas alguns destes aspectos foram abordados neste estudo.

O conceito de memória coletiva iluminou a maneira de olharmos para os participantes e seus relatos. Possibilitou que olhássemos o que ficou do passado no grupo estudado e o que este grupo fez com o passado (Le Goff, 1992).

Como o objeto de estudo eram descendentes de judeus que imigraram para o Brasil, inicialmente nossas expectativas estavam um pouco mais direcionadas para as experiências traumáticas, o sofrimento e o apego ao passado. No entanto, nossos entrevistados mostraram um movimento forte de superação e resiliência por parte de seus antecedentes, que imigraram para o Brasil, capacidade para começar “do zero”, “sem nada”, aumentar a família e conquistarem uma estabilidade. Nos relatos, eles mostraram uma vida bem adaptada no Brasil. Este é um fenômeno interessante que pode ser mais explorado.

De modo geral, a motivação de perseverar diante das dificuldades da vida é vista como fruto da história de superação dos antecedentes judeus. Não só pela experiência do Holocausto, mas também pelas diversas perseguições enfrentadas ao longo da história deste povo. Saber desta história das guerras, das perseguições, mexe muito com quem é judeu. Mesmo que não tenha ninguém da família que passou pelo Holocausto, os descendentes de judeus ficam muito tocados ao ouvir as histórias; segundo eles, ficam mais tocados do que os que não são descendentes.

O que faz com que eles se comovam mais? Seria a identificação?

O que os seus antecedentes (que ainda estão vivos) falaria sobre esse assunto?

Como seria estudar o trauma e a superação entrevistando pessoas que realmente passaram por situações traumatizadoras? Como eles reagiriam e como transmitiriam (ou não) para as próximas gerações?

Como seriam os discursos dos que vivem em Israel e passaram ou estão sujeitos a passarem por situações traumáticas?

*“Por vezes a curiosidade abre novos horizontes, quando não,
acende a chama do entusiasmo para procurá-los.”*
(Textos Judaicos)

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benadiba, L. (2007). *“Historia Oral. Relatos y Memorias”* Editorial Maipue, Buenos Aires, p.71.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed., São Paulo: Companhia das Letras.
- Callegari, M. (2010a). *A experiência do trauma e de seu enfrentamento em autores da Psicologia Contemporânea*. Ribeirão Preto, FFCLRP/USP, 2010. Monografia (Orientadora: Prof.^a Titular Marina Massimi).
- Callegari, M. (2010b). *Vivências do trauma na Segunda Guerra Mundial: Elaboração da experiência e memória em membros de uma comunidade judaica e descendentes*. Ribeirão Preto, FFCLRP/USP, 2010. Monografia (Orientadora: Prof.^a Titular Marina Massimi).
- Callegari, M. & Massimi, M. (2012). Las Posibilidades de Elaboración del Trauma en la Memoria, la Vivencia y la Cultura de una Comunidad Judía. In: *XVII Congreso Internacional de Historia Oral*, 17, 2012, Buenos Aires, Anais do Baires, 2012, subtema 10: Memoria y trauma. Buenos Aires, Argentina. ISBN 978-987-1642-17-5.
- Chabad (2013). Disponível em: <<http://www.pt.chabad.org/>>. Acesso em: 17 abr. 2013.
- Congregação Israelita Paulista (2013). Disponível em: <<http://www.cip.org.br/>>. Acesso em: 16 abr. 2013.
- Cosentino, M. C. & Massimi, M. (no prelo). A experiência de autores judeus da psicologia sobreviventes do holocausto. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro.
- Cuesta, J. B. (2008). *La Odisea de la Memoria*. Alianza Editorial, S. A., Madrid.
- Dosse, F. (2001) *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate de sentido* (trad. Ivone Castilho Benedetti). Editora UNESP: São Paulo.
- Edwards, D.; Potter, J. & Middleton, D. (1992). Toward a discursive psychology of remembering. *The Psychologist*, Loughborough University of Technology. October, 1992, pp. 441-455.

Fernandes, F.; Luft, C. P.; Guimarães, E. M. (1997) *Dicionário Brasileiro Globo*. 47 ed. São Paulo: Globo.

Ferreira, M. M. (2002). História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 03, n.5, julho-dezembro, p.314-332. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2011.

Folha de S. Paulo (1996). *Nova Enciclopédia Ilustrada Folha: A Enciclopédia das Enciclopédias*. São Paulo: Empresa Folha da Manhã S.A., 2 v.

Halbwachs, M.(2006). *A Memória Coletiva* (trad. B. Sidou) São Paulo: Centauro. (Original publicado em 1968).

Le Goff, J. (1992) *História e Memória* (trad. Bernardo Leitão) 2.ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP.

Levy, S. D. (2006). *Oito relatos SOBRE VIVER antes, durante e depois do Holocausto por homens e mulheres acolhidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Federação Israelita do Rio de Janeiro.

Meihy, J. C. S. B. & Holanda, F. (2007). *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto.

Rabinovich, E. P. (2013). *Os herdeiros da colônia Philippon: trajetória de uma família de judeus imigrantes no Rio Grande do Sul*. Tese de Pós-Doutorado junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo (mimeo).

Sanchis, P. (2012). O “som Brasil”: uma tessitura sincrética? *Psicologia, cultura e história: perspectivas em diálogo*, Marina Massimi (organizadora). Rio de Janeiro: Outras Letras.

Schwarzstein, D. (2001). História Oral, memória e histórias traumáticas, *História Oral*, v.4, p. 73-83.

Foto Capa: Armin Bachor – “Le peuple de Dieu vit!”

ANEXOS**ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para maiores de idade.**

Eu _____, RG _____, concordo em participar _____ do projeto de pesquisa “As possibilidades de Elaboração do Trauma na Memória, na Vivência e na Cultura de uma Comunidade Judaica”, desenvolvido por Milena Callegari, RG 43.529.343-6, estudante de pós-graduação em Psicologia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, sob orientação da Profª Titular Marina Massimi.

Estou informado de que objetivo principal deste projeto é analisar as repercussões do trauma na vida do indivíduo que sofreu e de seus descendentes, baseado na História Oral de judeus e/ou descendentes de judeus que viveram no período da II Guerra Mundial, nascidos no Brasil e contatados pela Sociedade Israelita de Ribeirão Preto.

As entrevistas realizadas serão gravadas. Estou ciente de que quando a pesquisa for divulgada não haverá identificação pessoal, uma vez que será mantido sigilo absoluto, e que posso interromper a participação em qualquer momento. Sei também que a pesquisa não oferece, a nenhum dos participantes e à Sociedade Israelita de Ribeirão Preto, riscos, bem como custos ou benefícios diretos.

Sabendo disto, concordo em participar.

_____, _____ de _____ de 20____.

_____.

Nome e assinatura

Profª Titular MARINA MASSIMI

Tel. 16-3602-3802

Fax. 16-3602-4835

E-mail: mmarina@ffclrp.usp.br

MILENA CALLEGARI

(pesquisadora responsável)

Tel. 16-81324553

E-mail: milena_callegari@yahoo.com.br

Depto de Psicologia - FFCLRP
Universidade de São Paulo
Av. Bandeirantes, 3900 / Monte Alegre
14040-901 - Ribeirão Preto - SP

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menores de idade.

Eu _____, RG _____, concordo em participar _____ do projeto de pesquisa “As possibilidades de Elaboração do Trauma na Memória, na Vivência e na Cultura de uma Comunidade Judaica”, desenvolvido por Milena Callegari, RG 43.529.343-6, estudante de pós-graduação em Psicologia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, sob orientação da Profª Titular Marina Massimi.

Estou informado de que objetivo principal deste projeto é analisar as repercussões do trauma na vida do indivíduo que sofreu e de seus descendentes, baseado na História Oral de judeus e/ou descendentes de judeus que viveram no período da II Guerra Mundial, nascidos no Brasil e contatados pela Sociedade Israelita de Ribeirão Preto.

As entrevistas realizadas serão gravadas. Estou ciente de que quando a pesquisa for divulgada não haverá identificação pessoal, uma vez que será mantido sigilo absoluto, e que posso interromper a participação em qualquer momento. Sei também que a pesquisa não oferece, a nenhum dos participantes e à Sociedade Israelita de Ribeirão Preto, riscos, bem como custos ou benefícios diretos.

Sabendo disto, concordo em participar.

_____, _____ de _____ de 20____.

_____.

Nome e assinatura

_____.

Nome, RG e assinatura do responsável.

Profª Titular MARINA MASSIMI

Tel. 16-3602-3802

Fax. 16-3602-4835

E-mail: mmarina@ffclrp.usp.br

MILENA CALLEGARI

(pesquisadora responsável)

Tel. 16-81324553

E-mail: milena_callegari@yahoo.com.br

Depto de Psicologia - FFCLRP
Universidade de São Paulo
Av. Bandeirantes, 3900 / Monte Alegre
14040-901 - Ribeirão Preto - SP

ANEXO C – Roteiro das Entrevistas.

Pergunta central:

O que significa o “ser judeu” para você? Levando em conta que isso pode levar a perseguições, traumas, Holocausto etc., no dia a dia, na maneira de viver a vida.

Considerações explicativas:

O trauma acontece quando a pessoa passa por uma situação desagradável e difícil de lidar, quando sofre preconceito, quando sofre um acidente ou alguma situação que gera medo, temor e as vezes até pânico.

Como o povo judeu sofreu algumas situações difíceis na sua história e até hoje sofre alguns tipos de perseguição ou preconceito, queria saber como é para você fazer parte desse povo, no seu dia a dia, na sua família, trabalho, escola... enfim, nos lugares que você frequenta.

Meu trabalho é na área de história e memória e tem o objetivo de estudar como o indivíduo pode lidar com o trauma ao longo da vida, ou seja, como os acontecimentos históricos podem influenciar na vida da pessoa.

Caso alguns temas não sejam abordados nas narrativas, poderão ser feitas as seguintes perguntas:

Seu pai/ avô costumava contar as histórias da vida, da guerra?

Como é para você saber da história de seus pais /avós?

O que isso significa para você?

O que você sente quando lembra?

Você acha que isto pode ter alguma influência na sua vida hoje?

Dados pessoais (preencher):

Nome:

Data de nascimento:

Cidade onde nasceu:

Profissão: